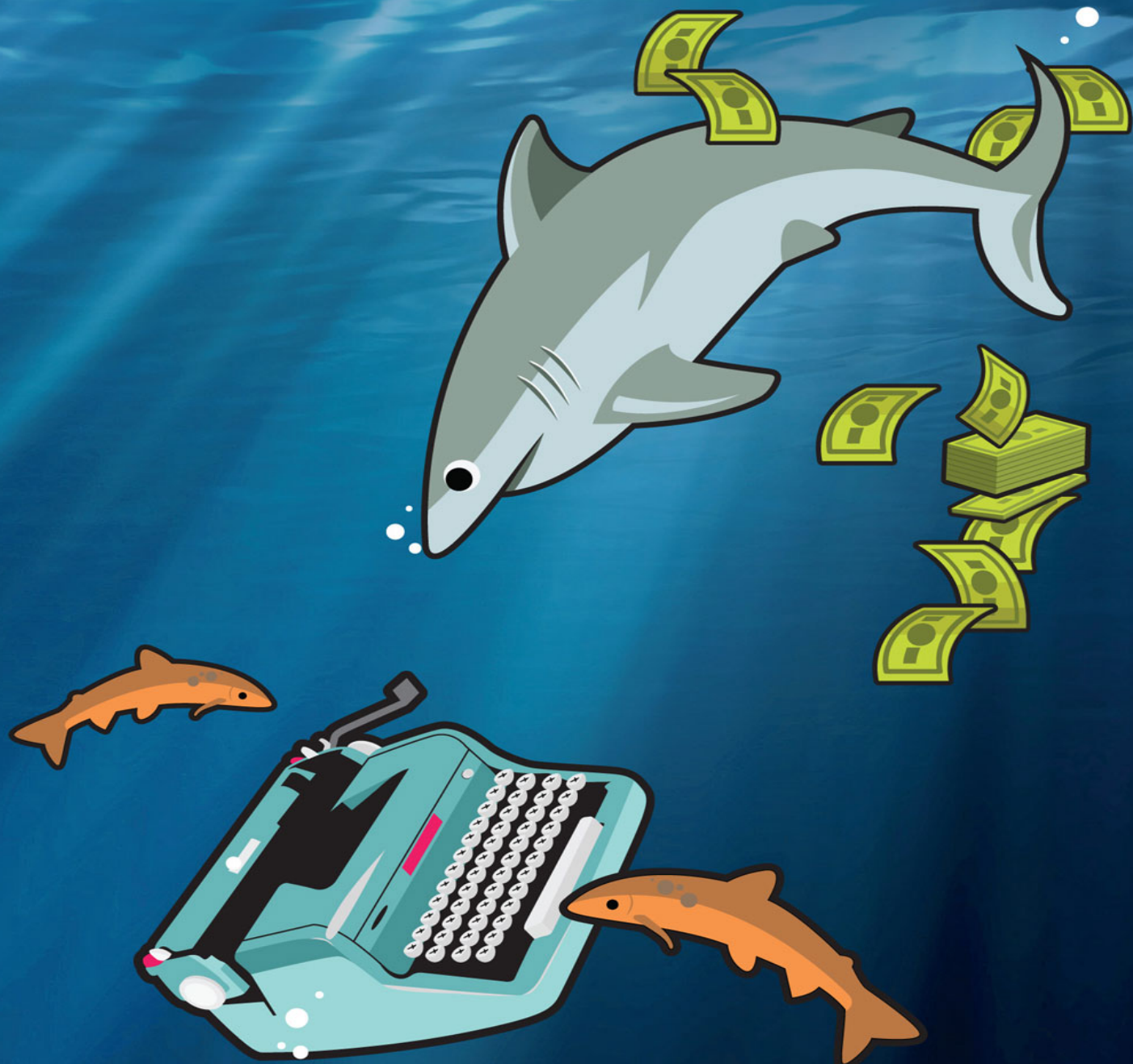


Do autor da série O MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS
1 milhão de livros vendidos no Brasil



O SALMÃO DA DÚVIDA

DOUGLAS ADAMS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O SALMÃO DA DÚVIDA



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

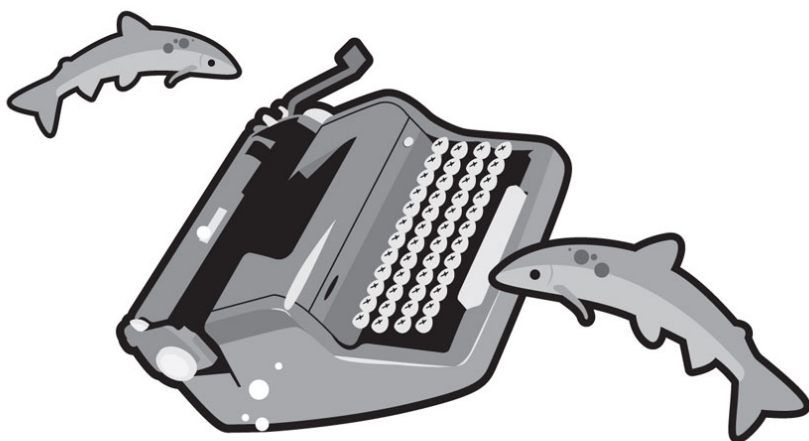
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta

figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



O SALMÃO DA DÚVIDA

DOUGLAS ADAMS



Título original: *The Salmon of Doubt*

Copyright © 2002 por Completely Unexpected Production Ltd.

Copyright da introdução © 2002 por Stephen Fry

Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução

Fabiano Morais

preparo de originais

Alice Dias

revisão

Juliana Souza e Marlon Magno

projeto gráfico e diagramação

DTPhoenix Editorial

capa

www.crushed.co.uk

adaptação de capa

Ana Paula Daudt Brandão

adaptação para ebook

SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A176s

Adams, Douglas, 1952- 2001

O salmão da dúvida [recurso eletrônico] / Douglas Adams [tradução de Fabiano Morais]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital

Tradução de: The Salmon of Doubt

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-284-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção científica inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Morais, Fabiano. II. Título.

14-11237

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia – 04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Polly

Nota do editor

Eu conheci Douglas Adams em 1990. Recém-nomeado editor dele na Harmony Books, peguei um avião para Londres em busca do atrasadíssimo quinto volume da série *O Mochileiro das Galáxias*, intitulado *Praticamente Inofensiva*. Assim que a porta da casa de Adams em Islington foi aberta e eu entrei, um homem grande e empolgado veio descendo uma longa escada aos pulos, me cumprimentando calorosamente e estendendo algumas páginas para mim. “Dê uma olhada nisso e me diga o que acha”, falou ele por cima do ombro enquanto saltitava de volta escada acima. Uma hora depois, lá estava ele novamente, com mais páginas na mão, ansioso por saber minha opinião sobre a primeira leva. E assim passamos a tarde, alternando silenciosos períodos de leitura com mais idas e vindas saltitantes, mais conversas e páginas novas. Era dessa maneira, conforme eu viria a descobrir, que ele mais gostava de trabalhar.

Em setembro de 2001, quatro meses depois da morte trágica e inesperada de Adams, recebi um telefonema do agente dele, Ed Victor. Um amigo havia preservado o conteúdo dos seus adorados computadores Macintosh; estaria eu interessado em fazer uma triagem dos arquivos para ver se havia algo que pudesse se transformar em livro? Alguns dias depois, recebi um pacote e, com a curiosidade atiçada, comecei a abri-lo.

A primeira coisa em que pensei foi que o amigo em questão, Chris Ogle, havia tomado para si uma tarefa hercúlea – e, de fato, foi isso que ele fez. O CD em que os escritos de Douglas haviam sido gravados continha 2.597 itens, desde arquivos enormes que continham o texto integral dos seus livros até cartas em nome da organização Save the Rhino, uma das principais entidades que ele apoiava. Havia também vislumbres fascinantes de dezenas de ideias para livros, filmes e programas de TV; alguns não passavam de uma ou outra frase, enquanto outros chegavam a ter meia dúzia de páginas. Pude encontrar, além disso, rascunhos de palestras, textos que ele tinha escrito para seu site, apresentações para vários livros e eventos, assim como reflexões sobre assuntos que o fascinavam: música, tecnologia, ciências, espécies em vias de extinção, viagens e uísque *single malt* (para citar apenas alguns). Por fim, deparei também com dezenas de versões do novo romance com que Douglas havia se debatido durante boa parte da década anterior. Destrinchar esse material para chegar à versão que você encontrará na terceira parte deste livro se mostraria o meu maior desafio. Isso pode dar a entender que foi um trabalho difícil. Mas não foi. Assim que as perguntas surgiam, elas pareciam se responder sozinhas.

Concebido como um terceiro volume da série Dirk Gently, o romance inacabado de Douglas a princípio se chamaria *A Spoon Too Short* (Uma colher curta demais), informação que se mantém inalterada em seus arquivos até agosto de 1993. A partir daí, as pastas se referem ao romance como *The Salmon of Doubt* (O salmão da dúvida) e são subdivididas em três categorias. Da mais antiga à mais recente, elas são as seguintes: “The Old Salmon”, “The Salmon of Doubt” e “LA/Rhino/Solar Ranting”. Depois de ler essas diferentes versões, concluí que, para o propósito deste livro, Douglas estaria mais bem-servido se eu fizesse uma combinação do que havia de melhor em todo o material, não importando a data em que tivesse

sido escrito – basicamente o que eu teria sugerido a ele caso ainda estivesse vivo. Assim, da versão intitulada “The Old Salmon”, recuperei o que é agora o primeiro capítulo. Os seis capítulos seguintes foram retirados integralmente da segunda (e mais longa) versão, “The Salmon of Doubt”. Então, visando obter maior clareza narrativa, incluí dois dos três capítulos da versão mais recente “LA/Rhino/Solar Ranting” (que se tornaram os capítulos oito e nove). Para o capítulo dez, voltei ao último capítulo de “The Salmon of Doubt”; então finalizei com o último capítulo de “LA/Rhino/Solar Ranting”, que foi a última coisa que Douglas escreveu. Para dar uma ideia do que ele tinha planejado para o resto do romance, antes de tudo isso transcrevi um fax que Douglas enviara à sua agente londrina, Sue Freestone, que trabalhou lado a lado com ele desde o seu primeiro livro.

Inspirado pela leitura desses tesouros, solicitei a inestimável ajuda da assistente pessoal de Douglas, Sophie Astin, para ampliar minha busca. Existiriam outras preciosidades que pudéssemos incluir em um livro-tributo à vida dele? Acabei descobrindo que, durante os períodos ociosos entre livros ou megaprojetos multimídia, Douglas escreveu artigos para jornais e revistas. Esses materiais, aliados aos textos do CD, formaram o magnífico acervo que deu origem a este livro.

A tarefa seguinte foi separar o joio do trigo, o que não envolveu nem um pinga de objetividade. Sophie Astin, Ed Victor e a esposa de Douglas, Jane Belson, sugeriram os seus textos favoritos, e então eu simplesmente escolhi os que mais me agradavam. Quando Robbie Stamp, amigo e sócio de Douglas, sugeriu que o livro seguisse a estrutura do site do autor (“A vida, o universo e tudo mais”), todas as peças se encaixaram. Para minha alegria, o arco da obra reunida assumiu a distinta trajetória da vida criativa curta, porém extraordinariamente rica, de Douglas Adams.

Minha última visita a Douglas aconteceu na Califórnia. Lembro-me de nossa caminhada vespertina ao longo da praia de Santa Barbara, pontuada pelas corridas que apostávamos com sua filha Polly, então com 6 anos. Eu nunca o tinha visto tão feliz, e nada indicava que aqueles seriam nossos últimos momentos juntos. Desde a sua morte, ele tem voltado à minha memória com espantosa frequência, algo que parece acontecer com muitos dos que conviveram com ele. Sua presença ainda é sentida com uma força incrível quase um ano depois do seu falecimento, e não posso deixar de pensar que ele teve algo a ver com a enorme facilidade com que fizemos este livro. Sei que Douglas teria desejado ardentemente que você gostasse de lê-lo, e espero que assim seja.

Peter Guzzardi, Chapel Hill, Carolina do Norte

12 de fevereiro de 2002

Introdução

Este é um típico “momento Douglas” para mim. Momentos Douglas geralmente envolvem:

- Computadores Macintosh
- Prazos impossíveis de cumprir
- Ed Victor, agente de Douglas
- Espécies em vias de extinção
- Hotéis cinco estrelas caros demais

Estou digitando em um computador (Macintosh) enquanto luto contra um prazo impossível de cumprir, imposto por Ed Victor. Será que eu poderia escrever a introdução para *O salmão da dívida* até terça-feira que vem?

Estou hospedado no mais ridiculamente luxuoso hotel do Peru, o Miraflores Park Hotel, em Lima, curtindo cestas de frutas embrulhadas em celofane e uma garrafa de Louis Roederer enquanto me preparo para me embrenhar no interior do país em busca dos ursos-de-óculos, um dos mamíferos mais ameaçados e incompreendidos do planeta.

Como estou em um hotel caro, há internet banda larga em todos os quartos e eu acabei de assistir a um filme de duas horas de duração em meu computador. Nele apareceu Steve Jobs, o CEO da Apple,

fazendo sua palestra de abertura da Macintosh Expo, em São Francisco. O Imperador da Informática Cool acabara de revelar ao mundo o novo iMac, e eu não pude telefonar ou mandar um e-mail para Douglas para conversarmos a respeito. Foi lançado um novo hardware revolucionário, sexy e espetacular da Apple, e Douglas não poderá vê-lo. Assim como não pôde ouvir música num iPod ou brincar com o iPhoto. Para qualquer um que tenha conhecido Douglas – e incluo aqui seus milhões de leitores –, a tristeza e a injustiça disso não poderiam ser mais óbvias. É lamentável para Douglas, porque ele perdeu a chance de ver as Maiores Novidades; é lamentável para nós, porque as Maiores Novidades já não poderão ser celebradas pelo celebrado Poeta das Maiores Novidades.

Eu gosto de saber o que pensar, entende? Quero saber como são as novas máquinas. Sim, posso usar meus próprios olhos e minha própria sensibilidade, mas acabei me acostumando com os insights mais refinados que Douglas tinha para oferecer ao fazer isso por mim. Ele teria saído com a metáfora perfeita, o epíteto exato, a analogia suprema. E não só quando o assunto eram as Maiores Novidades, é claro. Douglas conseguiria encontrar uma maneira de relacionar o comportamento e o caráter estranhamente dócil dos ursos-de-óculos tanto a experiências humanas que nos são familiares quanto a conceitos científicos abstratos. Grande parte do mundo em que vivemos foi visto através dos olhos dele e, conseqüentemente, se tornou mais clara. O que quer dizer que o próprio caos e a absurda falta de clareza do mundo se tornaram mais claras. Nunca tínhamos percebido direito quanto o universo era contraditório e louco, ou como a raça humana pode ser ridícula e idiota, até Douglas nos explicar com seu estilo agradável, paradoxal e nada impositivo que o distingue como um dos grandes. Acabei de ir ao banheiro e notei que o sabonete daqui (hermeticamente fechado naquele tipo de embalagem oval de plástico indestrutível, impossível de abrir, que os

hotéis oferecem para o conforto de seus hóspedes) não se chama simplesmente sabonete: ele é, na verdade, uma Barra Facial de Amêndoas. Isso teria rendido um e-mail para Douglas no mesmo instante, e a resposta dele, que eu jamais receberei, teria me feito passar meia hora rindo e dançando pelo quarto de hotel.

Todos ouviram falar, nas tristes semanas que se seguiram à sua chocante e injusta morte, sobre como Douglas era um excelente escritor cômico, sobre como era amplo o seu leque de interesses e sobre a enorme popularidade de sua obra. Este livro mostra que ele também era um ótimo professor. Assim como o pôr do sol nunca mais foi da mesma cor ou do mesmo formato desde que Turner voltou seu olhos para ele, um lêmure e uma xícara de chá nunca mais serão os mesmos graças ao olhar aguçado e curioso de Douglas Adams.

É muito injusto pedir a alguém para escrever uma introdução para um livro quando este livro contém uma introdução simplesmente brilhante sobre o problema de escrever introduções para livros. Mais injusto ainda é pedir que alguém escreva uma introdução para a obra póstuma de um dos maiores escritores cômicos do nosso tempo, quando o livro sobre o qual você precisa escrever contém a introdução definitiva à obra póstuma do maior escritor cômico de todos os tempos: a apresentação que Douglas escreveu para *Sunset at Blandings*, de P. G. Wodehouse, é simplesmente genial. Não que isso tenha lhe passado pela cabeça quando ele a escreveu. De jeito nenhum.

Douglas não era nenhum grande exemplo de modéstia britânica, mas isso tampouco quer dizer que fosse vaidoso ou arrogante. A paixão dele por transmitir suas ideias e seus interesses, no entanto, podia muito bem deixar você preso ao telefone, a uma mesa de jantar ou dentro de um banheiro por horas a fio em detrimento de qualquer outra companhia ou outro assunto. Nesse sentido, e não acho que esteja sendo desrespeitoso ao dizer isso, uma conversa mano a mano,

tête-à-tête com Douglas podia ser cansativa e confusa para qualquer um que não conseguisse acompanhar os saltos frenéticos de uma ideia para outra. Mas ele era tão incapaz de escrever de forma confusa quanto de executar uma pirueta perfeita – e, acredite, poucos seres humanos além de Douglas Noel Adams nasceram tão incapazes de executar piruetas sem destruírem a mobília e colocarem em risco a segurança de espectadores inocentes.

Ele era um escritor. Existem aqueles que escrevem de vez em quando e fazem isso bem, e existem escritores. Douglas, e é inútil tentar oferecer aqui qualquer explicação ou dissecação deste fato, nasceu, cresceu e continuou sendo um escritor até o dia de sua morte prematura. Nos últimos dez anos de sua vida, ele não exerceu a função de romancista, mas nem por um segundo deixou de ser um escritor. É exatamente este alegre fato que *O salmão da dívida* vem celebrar. Quer fosse na preparação de palestras, em eventuais incursões no texto jornalístico ou em artigos para publicações científicas ou técnicas, a habilidade natural de Douglas para colocar palavras umas atrás das outras no intuito de despertar, encantar, ludibriar, informar ou divertir os leitores nunca o abandonou. O estilo dele não tem nada de egocêntrico, e cada figura de linguagem e cada truque são usados apenas quando servem ao propósito do texto. Acredito que, ao ler este livro, você fique espantado com a aparente (e totalmente enganosa) simplicidade do estilo de Douglas. Mas, como no caso de Wodehouse, a facilidade e a leveza com que o motor autoral dele corre são o resultado de uma grande quantidade de ajustes muito bem-feitos.

Douglas possui em comum com uma restrita gama de artistas (entre eles novamente Wodehouse) a capacidade de fazer os leitores sentirem que o autor está falando com eles, e somente com eles: acredito que isso explique em parte a imensa força e o fervor da sua “base de fãs”, se me permitem usar uma expressão horrenda. Quando

você admira um quadro de Velázquez, ouve uma peça de Mozart, lê Dickens ou ri das piadas de Billy Connolly, só para citar quatro nomes aleatoriamente (sempre é preciso gastar horas de reflexão para citar nomes aleatoriamente para defender um argumento), você percebe que o que eles fizeram foi feito para o mundo e o resultado é, naturalmente, magnífico. Quando você vê uma ilustração de William Blake, ouve Bach, lê Douglas Adams ou assiste a uma apresentação de Eddie Izzard, tem a impressão de que talvez seja a única pessoa na face da Terra que os entende de verdade. Eles são admirados por quase todos, é claro, mas ninguém está tão em sintonia com o artista quanto você. Essa é minha teoria. A obra de Douglas não é a grande arte de Bach ou o vigoroso universo pessoal de Blake, óbvio, mas acredito que meu ponto se sustente mesmo assim. É como se apaixonar. Quando você lê uma frase especialmente brilhante de Adams, sua vontade é cutucar o ombro do estranho mais próximo e mostrar para ele. O estranho pode até rir e parecer gostar do que está escrito, mas você se agarra à ideia de que ele não entendeu exatamente a força e a qualidade do texto, não tanto quanto você – da mesma forma que seus amigos também não se apaixonam (graças a Deus) pela pessoa sobre a qual você não para de falar um minuto.

Você está prestes a entrar no mundo sagaz, provocador, benevolente, hilariante e viciante de Douglas Adams. Não devore tudo de uma vez só – como Douglas fazia com sua adorada comida japonesa; o que parece leve e fácil de digerir é muito mais sutil e nutritivo do que pode parecer.

Muitas vezes é melhor deixar a última gaveta da escrivaninha dos escritores recém-falecidos trancada a sete chaves; no caso de Douglas, e estou certo de que você irá concordar com isso, arrombar essa gaveta (ou, no caso dele, as obscuras subpastas no seu computador) valeu muito, muito a pena. Chris Ogle; Peter Guzzardi; Jane, esposa de Douglas; e sua assistente Sophie Astin fizeram um trabalho

extraordinário. Um mundo sem Douglas é bem menos agradável do que um mundo com Douglas, mas o fato de *O salmão da dívida* ter vindo à tona ajuda a aliviar a pungente tristeza da sua partida repentina.

Stephen Fry,
janeiro de 2002



* A VIDA *

Caro editor,

o suor escorria pelo meu rosto e pingava no meu colo, deixando minhas roupas molhadas e grudadas. Eu estava ali, andando pra lá e pra cá, observando. Tremia violentamente enquanto olhava a pequena fresta, esperando – uma espera eterna. Enterrava as unhas na minha própria carne ao cerrar as mãos. Passava o braço sobre o rosto quente, molhado, pelo qual o suor escorria. O suspense era insuportável. Mordi o lábio para tentar parar de tremer devido ao terrível fardo da ansiedade. De repente, a fresta se abriu e uma correspondência caiu através dela. Apanhei meu exemplar da Eagle e rasguei a embalagem.

Meu suplício havia terminado por mais uma semana!

*D. N. Adams (12), Brentwood,
Essex, 23 de janeiro, 1965
Eagle e Boys' World Magazine*

[Nota do editor: Na década de 1960, The Eagle era uma revista britânica de ficção científica de grande popularidade. Esta carta é o primeiro texto publicado de Douglas Adams, então com 12 anos, de que se tem notícia.]



As vozes dos nossos dias passados

Lembro-me vagamente dos meus tempos de escola. Eles eram o que estava acontecendo enquanto eu tentava escutar os Beatles.

Quando “Can’t Buy Me Love” foi lançada, eu tinha 12 anos. Fugi da escola na hora do recreio, comprei o disco e invadi a sala da supervisora porque lá havia uma vitrola. Então coloquei o disco para tocar, baixo o suficiente para não ser flagrado, mas alto o bastante para escutar com a orelha colada à caixa de som. Então coloquei para tocar novamente a fim de escutar com a outra orelha. Depois troquei o lado e fiz o mesmo com “You Can’t Do That”. Foi então que o supervisor-geral me descobriu e me colocou de castigo, o que já era de se esperar. Mas me pareceu um pequeno preço a se pagar pelo que agora percebo ser arte.

Na época eu não sabia que era arte, é lógico. Só sabia que os Beatles eram a coisa mais empolgante do universo. Esse nem sempre era um ponto de vista fácil de sustentar. Primeiro, você precisava brigar com os fãs dos Stones, o que era complicado, porque eles jogavam sujo. Depois era necessário brigar com os adultos, pais e professores, que diziam que você estava desperdiçando seu tempo e seu dinheiro da mesada num lixo que seria largado em algum canto na semana seguinte.

Eu tinha dificuldade em entender por que me diziam isso. Eu cantava no coro da escola, portanto tinha um bom ouvido para harmonia e contraponto, e me parecia claro que os Beatles eram algo extraordinariamente bem-sacado. Eu ficava pasmo que ninguém mais conseguisse perceber isto: harmonias e linhas melódicas que nunca tinham sido *ouvidas* antes na música pop. Era óbvio que os Beatles estavam colocando todas aquelas coisas em suas canções como uma espécie de piada interna, e a ideia de que alguém pudesse se divertir dessa forma me parecia fascinante.

Outra coisa que me encantava nos Beatles é que eles estavam sempre me confundindo. Eles lançavam um novo álbum e, durante algumas audições, eu ficava sem reação, perdido. Então, pouco a pouco, a coisa começava a fazer sentido na minha cabeça. Eu percebia que a minha confusão vinha do fato de estar ouvindo algo simplesmente diferente de tudo o que qualquer outra pessoa tivesse feito antes. “Another Girl”, “Good Day Sunshine” e a extraordinária “Drive My Car” são tão familiares agora que preciso fazer um esforço considerável para me lembrar de como me pareceram estranhas quando as ouvi pela primeira vez. Os Beatles não estavam apenas escrevendo canções; eles estavam inventando a própria mídia com a qual trabalhavam.

Nunca tive a oportunidade de vê-los. Difícil de acreditar, eu sei. Eu estava vivo na época em que eles faziam shows, mas nunca fui vê-los. Costumo tocar nesse assunto com bastante frequência. Não queira ir para São Francisco comigo, ou eu vou insistir em lhe mostrar o Candlestick Park e chorar pitangas sobre como em 1966 os Beatles fizeram sua última apresentação ali, pouco antes de eu despertar para o fato de que shows de rock eram coisas às quais você podia ir.

Certa vez, um colega de escola arranjou convites para assistirmos à gravação do programa de David Frost, mas acabamos não indo. Eu assisti ao programa pela TV naquela noite; os Beatles foram uma das atrações e tocaram “Hey Jude”. Fiquei quase um ano doente. Outro dia, resolvi não ir para Londres, então eles tocaram em cima de um prédio na Savile Row. Nem me peça para falar sobre isso. Nunca.

Bem, os anos passaram. Os Beatles passaram. Mas Paul McCartney continuou firme e forte. Alguns meses atrás, o guitarrista Robbie McIntosh me telefonou e disse: “Nós vamos tocar no Mean Fiddler daqui a alguns dias, não quer vir?”

Ora, essa é uma das perguntas mais idiotas que já ouvi na vida, e acho que demorei alguns instantes para entender o que ele queria

dizer. O Mean Fiddler, para os que não sabem, é um pub numa área não muito agradável da zona noroeste de Londres, com um espaço nos fundos para bandas se apresentarem que deve comportar umas duzentas pessoas.

Foi a palavra “nós” que me deixou temporariamente confuso, pois eu sabia que na época Robbie estava na banda de Paul McCartney, que por sua vez eu não imaginava que tocasse em pubs. Já que pelo jeito Paul McCartney *tocava* em pubs, seria uma idiotice pensar que eu não cortaria minha própria perna para poder ir. E eu fui.

Paul McCartney ficou diante de duzentas pessoas em um pub e tocou canções que, imagino, nunca havia tocado em público. “Here, There and Everywhere” e “Blackbird”, só para citar duas. *Eu* já toquei “Blackbird” em pubs, para você ter uma ideia. Passei semanas aprendendo a tocá-la na guitarra quando deveria estar estudando para as provas finais do ensino médio. Quase me perguntei se não estava tendo alucinações.

Houve dois momentos de perplexidade absoluta. Um foi o bis, que veio na forma de uma apresentação impecável, explosiva, de, acredite se quiser, “Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band”. (Lembre-se de que isso foi em um *pub*.) E o outro foi quando tocaram uma das maiores canções de rock and roll de todos os tempos, “Can’t Buy Me Love”, que eu ouvi pela primeira vez agachado na sala da supervisora da minha escola, com a orelha colada à caixa de som de uma vitrola Dansette.

As pessoas gostam de fazer perguntas do tipo: “Em que época você mais gostaria de ter vivido e por quê?” Durante a Renascença Italiana? Na Viena de Mozart? Na Inglaterra de Shakespeare? Pessoalmente, eu gostaria de ter vivido na época de Bach. Mas tenho um sério problema em responder isso, pelo seguinte: se tivesse vivido em qualquer outro período da História, significaria perder os Beatles, e acho, com toda a sinceridade, que eu não seria capaz disso. Mozart,

Bach e Shakespeare estão sempre conosco, mas eu cresci com os Beatles e não sei se existe algo que tenha me afetado mais do que isso.

Então Paul McCartney faz 50 anos amanhã. Feliz aniversário, Paul. Eu não perderia isso por nada deste mundo.

The London Sunday Times, 17 de junho de 1992



Brentwood School

Eu passei doze anos da minha vida na Brentwood School. E eles foram, no geral, com seus devidos altos e baixos, muito agradáveis: bastante felizes, ligeiramente estranhos e um pouco mais esportivos do que eu gostaria na época, mas repletos de boa (e às vezes altamente excêntrica) instrução. Na verdade, somente mais tarde pude perceber a qualidade do ensino que recebi em Brentwood – especialmente em inglês e em física (por estranho que pareça). No entanto, tudo o que aconteceu nesses 12 anos é, para mim, ofuscado pela lembrança de uma experiência pavorosa e traumatizante. Estou me referindo ao episódio das Calças Curtas. Permita-me explicar.

Eu sempre fui absurdamente, ridiculamente alto. Para você ter uma ideia, sempre que saíamos em excursão para Lugares Interessantes e Educativos, o professor responsável pelo grupo não dizia “Encontrem-se debaixo da torre do relógio” ou “Encontrem-se debaixo do Memorial de Guerra”, mas sim “Encontrem-se debaixo de Adams”. Eu era no mínimo tão visível quanto qualquer outra coisa no horizonte e podia ser reposicionado à vontade. Quando, na aula de

física, o professor nos pedia que demonstrássemos a teoria de Galileu de que dois corpos de massas diferentes caem na mesma velocidade, era eu quem ficava encarregado de largar a bola de críquete e a ervilha, já que fazer isso era mais rápido do que subir até o segundo andar e jogá-las da janela. Eu sempre fui maior do que todo mundo. Quando estava apenas começando minha trajetória escolar, aos 7 anos, fui me apresentar para outro garoto recém-chegado aproximando-me dele por trás e, no espírito do experimento físico, larguei uma bola de críquete em sua cabeça, dizendo: “Oi, eu me chamo Adams, e você?” Tenho certeza de que essa é a lembrança mais pavorosa e traumatizante que Robert Neary tem.

Durante o ensino fundamental, onde passei cinco dos meus doze anos, todos usávamos calças curtas: bermudas cinzentas com blazers no verão e, no inverno, paletós de tweed mesclados e... calças curtas. Existe, é claro, um excelente motivo para se usar calças curtas quando se é criança, mesmo no auge do inverno britânico. Segundo a revista *Wired*, só deverão existir tecidos que se regeneram sozinhos por volta do ano 2020, porém, desde que saímos das florestas ou dos pântanos em que vivíamos 5 milhões de anos atrás, temos *joelhos* autorregenerativos.

Por isso, usar calças curtas fazia sentido. Embora todos tivessem que usá-las, no meu caso começou a ficar um pouco ridículo. O fato de eu ser mais alto do que os outros meninos não me incomodava muito. O problema era ser mais alto do que os professores – e usar calças curtas. Minha mãe chegou a implorar ao diretor que ele abrisse uma exceção para mim. Mas Jack Higgs, sempre justo, porém firme, disse não: dentro de apenas seis meses eu passaria para o ensino médio, assim como todos os demais alunos, e poderia usar calças compridas. Eu teria que esperar.

Finalmente terminei o fundamental. Então, duas semanas antes de começar o ensino médio, mamãe me levou a uma loja para comprar

um uniforme completo com calças compridas. E adivinhe só? Eles não tinham calças longas o suficiente para mim. Deixe-me repetir, para que você possa sentir o absoluto horror da situação da mesma forma que eu senti naquele dia de verão de 1964, parado na loja da escola. Eles *não tinham* calças longas o suficiente para mim. Teriam que fazê-las sob medida. Isso levaria seis semanas. *Seis* semanas. Seis menos dois eram, conforme tinham nos ensinado de forma tão meticulosa e diligente, quatro. O que significava que, durante quatro semanas inteiras do ano letivo seguinte, eu seria o único menino a usar calças curtas. Ao longo das semanas, criei o hábito de atravessar a rua sem olhar para os dois lados, brincar com facas de cozinha sem o menor cuidado e não me manter afastado das portas dos trens nas estações, mas, infelizmente, sou abençoado pela sorte, então tive que enfrentar a dura realidade: quatro semanas da maior humilhação e do maior constrangimento conhecidos pelo homem – ou, melhor dizendo, pela criatura mais fácil de humilhar e constranger de todas: um menino de 12 anos alto demais. Todo mundo já teve um daqueles pesadelos em que de repente percebe que está pelado no meio da rua. Acredite: isto foi pior, e não era um sonho.

A partir daí, a história perde a graça, porque um mês depois recebi minhas calças e fui aceito de volta nos círculos respeitáveis da sociedade. Mas não se engane, eu ainda carrego as cicatrizes dentro de mim – e, embora me esforce ao máximo para tomar o mundo pelas rédeas, escrevendo best-sellers e... (bem, é basicamente isso, para dizer a verdade), se em algum momento eu parecer desajustado, antissocial, triste e corcunda aleijado emocional (quando digo isso, estou pensando acima de tudo nas manhãs de domingo de fevereiro), a culpa é toda dessas quatro semanas em que fui obrigado a usar calças curtas em setembro de 1964.



Y

“Por quê?” é a uma pergunta que incomoda tanto as pessoas que uma letra do alfabeto em língua inglesa foi inteiramente dedicada a ela. Estou falando do ípsilon, que em inglês se pronuncia “Why?” – ou seja, “por quê?”.

O alfabeto não é “A B C D Quê? Quando? Como?”, mas termina assim: “V W X ‘Por quê?’ Z.”

“Por quê?” introduz as perguntas mais difíceis de serem respondidas. Você não fica todo enrolado quando alguém lhe pergunta: “Que horas são?”, “Quando começou a batalha de 1066?” ou “Como o cinto de segurança funciona quando você pisa no freio, papai?”. Responder isso é fácil: “Sete e trinta e cinco da noite”, “Às dez e quinze da manhã” e “Não faça perguntas idiotas”.

Mas quando você ouve “Por quê?” já sabe que está com algumas das perguntas mais irrespondíveis da vida nas mãos, como “Por que nascemos?”, “Por que morremos?” ou “Por que recebemos tanto lixo eletrônico?”.

Ou esta aqui:

“Quer ir para a cama comigo?”

“Por quê?”

Só existe uma boa resposta a esta pergunta, e talvez devêssemos incluí-la no alfabeto também. Espaço é o que não falta. “Por quê” não precisa ser a última palavra; não é nem mesmo a última letra.

E se o alfabeto em vez de terminar com “V W X Why? (Por quê?) Z”, terminasse com “V W X Why Not? (Por que não?) Z”?

Não faça perguntas idiotas.

In: *Hockney's Alphabet* (Faber & Faber)



*The Meaning of Liff** surgiu por causa de um trabalho de inglês que eu tive que fazer na escola, que acabaria se tornando, quinze anos depois, um jogo criado por John Lloyd e por mim. Tínhamos passado a tarde inteira com alguns amigos em uma taberna grega brincando de “o que é, o que é” e bebendo *retsina*, até que precisamos inventar um jogo em que não fosse necessário ficar muito tempo de pé.

O jogo consistia simplesmente no seguinte (tinha que ser simples; já era tarde demais para regras complexas): uma pessoa dizia o nome de uma cidade e então outra dava um significado novo para a palavra. Era isso. Só mesmo estando lá.

Logo descobrimos que havia uma grande quantidade de experiências, ideias e situações que todos conhecíamos, mas que nunca tinham sido devidamente identificadas porque não existia uma palavra para elas. São todas do tipo “já aconteceu com você de...”, “sabe aquela sensação que você tem quando...” ou “sempre pensei que era só comigo, mas...”. A única coisa que faltava era uma palavra para identificá-las.

Portanto, o ligeiro desconforto que você sente ao se sentar em um assento que ainda está quente da bunda de outra pessoa é tão real quanto a sensação que experimenta quando um elefante gigante fora de controle vem correndo para cima de você, mas, até o momento, só esta última tinha uma palavra para descrevê-la. Agora, as duas sensações têm nome. A primeira é “shoeburismo” – derivada da cidade Shoeburyness; e a segunda, naturalmente, é medo.

Começamos a reunir mais dessas palavras e desses conceitos, e foi então que percebemos como o *Oxford Dictionary of English* é extremamente arbitrário em sua seleção de verbetes. Ele simplesmente deixa de fora uma enorme parcela de experiências humanas. Como, por exemplo, estar parado na cozinha se perguntando o que você foi fazer lá. Todo mundo faz isso, mas como não existe – ou não existia – uma palavra para descrever a situação, todos pensam que é algo que só eles fazem e, portanto, são mais idiotas do que os outros. É reconfortante perceber que todo mundo é tão idiota quanto você e que, quando ficamos parados na cozinha tentando descobrir o que fomos fazer lá, estamos todos “wokando” – derivado da cidade de Woking.

Pouco a pouco, pequenas pilhas de fichas de arquivo com essas palavras foram se acumulando na última gaveta da escrivaninha de John Lloyd e qualquer um que ouvisse falar nelas acrescentava os próprios conceitos.

Elas vieram à tona pela primeira vez quando John Lloyd estava reunindo material para o calendário *Not 1982* e não conseguia saber o que colocar no rodapé das páginas (muitas vezes no meio delas, assim como nos cabeçalhos). Então ele abriu a gaveta, escolheu mais ou menos uma dúzia das melhores palavras novas e as incluiu no livro sob o nome *Oxtail English Dictionary*. Elas logo se tornaram uma das partes mais populares do *Not 1982*, e o sucesso da ideia numa escala tão pequena fez sugerir a possibilidade de se fazer um livro inteiro dedicado a ela – e eis que surgiu *The Meaning of Liff*, o resultado de uma vida inteira dedicada ao estudo e à documentação do comportamento humano.

In: *Pan Promotion News 54*, outubro de 1983



Meu nariz

Minha mãe tinha um nariz muito longo e o do meu pai era muito largo, enquanto eu fiquei com uma combinação dos dois. Ele é enorme. A única pessoa que conheci com um nariz consideravelmente maior do que o meu foi um diretor da escola em que estudei quando criança. Além disso, ele também tinha olhinhos minúsculos e quase nenhum queixo, além de ser ridiculamente magro. Ele parecia uma mistura de flamingo com um daqueles ancinhos antigos. Andava meio torto, como se pudesse cair a qualquer momento. Ele se escondia bastante.

Eu também tinha vontade de me esconder. Na infância, caçoaram de mim durante anos sem piedade por causa do meu nariz, até o dia em que me vi de perfil em dois espelhos inclinados um em relação ao outro e tive que admitir que era uma visão deveras engraçada. A partir daí, as pessoas pararam de implicar comigo por causa do meu nariz e passaram a implicar com o fato de eu usar palavras como “deveras”, mania que por sinal não perdi até hoje.

Uma das características mais curiosas do meu nariz é que ele não admite a entrada de ar. Sei que isso pode ser difícil de entender ou até de acreditar. É um problema que carrego comigo há muito tempo, desde os tempos de criança, quando morava na casa da minha avó. Ela era a representante local da RSPCA, a tradicional sociedade protetora dos animais, o que significava que a casa estava sempre cheia de cães e gatos gravemente feridos e até um ou outro texugo, arminho ou pombo.

Alguns dos animais tinham sido vítimas de maus-tratos físicos; outros, de maus-tratos psicológicos. Graças a eles acabei vítima de um

sério problema de déficit de atenção. Como o ar estava sempre cheio de pelos de animais e poeira, meu nariz ficava constantemente congestionado, escorrendo sem parar, e eu espirrava de 15 em 15 segundos. Qualquer pensamento que eu não pudesse explorar, desenvolver e levar a uma conclusão lógica nesses 15 segundos de intervalo seria forçosamente expelido da minha cabeça junto com uma bela quantidade de catarro.

Há quem diga que eu costumo pensar e escrever usando frases de efeito curtas. Se existe alguma verdade nessa crítica, então é quase certo que criei o hábito enquanto morava com a minha avó.

Consegui escapar da casa dela quando entrei para o internato, onde, pela primeira vez na vida, pude respirar. Essa recém-descoberta e abençoada liberdade se estendeu por duas semanas, quando tive que aprender a jogar rúgbi. Decorridos os primeiros cinco minutos da primeira partida que joguei na vida, consegui quebrar o nariz com meu próprio joelho, o que, embora tenha sido claramente uma grande proeza, teve o mesmo efeito que aquelas catástrofes geológicas têm em civilizações inteiras nos romances de H. Rider Haggard: me isolar do mundo exterior para sempre.

Vários otorrinolaringologistas embarcaram em grandes expedições espeleológicas pelas minhas cavidades nasais e a maioria voltou perplexa. Os que não voltaram perplexos nunca voltaram, portanto são parte do problema, não da solução.

O único motivo que me levou a cogitar experimentar cocaína foi o alerta de que a droga corrói o septo nasal. Se achasse que a cocaína fosse mesmo conseguir perfurar o meu septo, eu teria enfiado com o maior prazer quantidades cavalares da droga pelo meu nariz e a deixado corroê-lo quanto quisesse. Mas acabei desistindo da ideia quando vi que amigos que de fato cheiravam quantidades cavalares de cocaína tinham um déficit de atenção ainda pior que o meu.

Hoje já estou basicamente resignado com o fato de que meu nariz é decorativo, e não funcional. Como o telescópio espacial Hubble, ele é uma extraordinária façanha de engenharia, mas no fundo não serve para nada; a não ser, talvez, para algumas piadinhas infames.

Esquire, verão de 1991



O livro que mudou minha vida

1. Título

O relojoeiro cego

2. Autor

Richard Dawkins

3. Quando você o leu pela primeira vez?

Na época em que foi lançado. Por volta de 1990, acho eu.

4. Por que ele o impressionou tanto?

É como escancarar a porta e as janelas de um quarto escuro e abafado. Você percebe que normalmente vivemos à base de um monte de ideias mal digeridas, especialmente se você tem alguma formação artística. Nós entendemos “mais ou menos” a evolução, embora no fundo achemos que deve haver algo mais além dela. Alguns de nós até achamos que existe “algum tipo” de deus, o que resolve as partes que parecem um pouquinho improváveis. Dawkins oferece um facho de luz e uma lufada

de ar fresco, e nos mostra que existe uma clareza fascinante na estrutura da evolução. Se não conseguimos enxergá-la, então literalmente não sabemos nada sobre quem somos e de onde viemos.

5. Já o releu? Se sim, quantas vezes?

Já, uma ou duas vezes. Mas sempre volto a dar uma lida em algumas partes.

6. A sensação é a mesma de quando o leu pela primeira vez?

Sim. O processo de evolução é tão contrário às nossas habituais suposições intuitivas a respeito do mundo que ler sobre isso sempre acaba me dando um novo choque de realidade.

7. Você recomenda a leitura ou é uma paixão particular?

Recomendo-o para toda e qualquer pessoa.



Maggie e Trudie

Devo dizer, antes de tudo, que não tenho uma relação estável com cachorro algum. Não posso me responsabilizar por dar comida a um cão, oferecer-lhe um lugar para dormir, cuidar dele, encontrar um canil para deixá-lo quando for viajar, catar suas pulgas ou providenciar que algum de seus órgãos internos seja extirpado quando a presença dele começar a me incomodar. Não sou, em suma, dono de um cachorro.

Por outro lado, tenho uma espécie de relação furtiva e ilícita com uma cadela, ou melhor, com duas cadelas. E, conseqüentemente,

acho que sei um pouco como é ser amante de alguém.

Elas não são minhas vizinhas de porta. Não vivem sequer na mesma... bem, eu ia dizer rua para provocar um pouco você, mas vamos deixar de enrolação. Elas vivem em Santa Fé, no Novo México, que é um excelente lugar para um cachorro, ou para qualquer pessoa, viver. Se você nunca visitou ou passou algum tempo lá, deixe-me dizer o seguinte: você é um completo idiota. Eu próprio era um completo idiota até cerca de um ano atrás, quando uma combinação de circunstâncias que não quero explicar agora me levou a ficar hospedado na casa de um amigo nos confins do deserto ao norte de Santa Fé para escrever um roteiro. Para você ter uma ideia do tipo de lugar sobre o qual estou falando, eu poderia citar à exaustão o deserto, a altitude, a luminosidade e as joias de prata e turquesa, mas o melhor que posso fazer é simplesmente mencionar uma placa de trânsito na autoestrada de Albuquerque. Ela diz, em letras garrafais, VENTOS FORTES e, em letras menores, PODEM OCORRER.

Nunca conheci meus vizinhos. Eles viviam a cerca de um quilômetro, no topo da duna seguinte, mas assim que comecei a sair para minha corrida/jogging/leve caminhada matinal conheci suas cadelas, que ficaram tão instantânea e delirantemente felizes em me ver que me perguntei se já não teríamos nos conhecido em vidas passadas. (Shirley MacLaine também morava lá perto e elas talvez tivessem assimilado essas ideias esquisitas só por conta da proximidade.)

Elas se chamavam Maggie e Trudie. Trudie tinha uma aparência estúpida, era um poodle francês grande e preto que se movia como se tivesse sido desenhado por Walt Disney: saltitando de uma maneira que era enfatizada por suas orelhas enormes e caídas e seu rabo curto que parecia uma planta ornamental. Sua pelagem consistia em uma manta de cachos pretos compactos, que aumentavam ainda mais o

efeito Disney por darem a impressão de que ela era totalmente desprovida de qualquer tipo de perversidade. Sua maneira de mostrar, todas as manhãs, que estava delirantemente feliz em me ver era fazer algo que sempre achei que se chamasse “firula”, quando na verdade se chama “festinha”. (Somente há pouco descobri o meu engano, e terei que repassar em minha mente cenas inteiras da minha vida para ver que confusões posso ter causado ou que gafes posso ter cometido.) “Fazer festinha” significa pular para cima com as quatro patas ao mesmo tempo. Um conselho: não morra antes de ver um grande poodle preto fazendo isso na neve.

Maggie, por sua vez, tinha outra maneira de transmitir, todas as manhãs, que estava delirantemente feliz em me ver: ela mordida o pescoço de Trudie. Essa também era sua maneira de transmitir que estava delirantemente feliz com a perspectiva de sair para passear e de mostrar que estava adorando o passeio. Era sua maneira de transmitir que queria entrar em casa e que queria sair de casa. Morder o pescoço de forma contínua e brincalhona era, em suma, o que Trudie fazia da vida.

Maggie era uma cadela bonita. Não era um poodle, mas sim de uma raça que estava sempre na ponta da minha língua. Não sou muito bom com raças de cães, mas Maggie era uma daquelas mais clássicas e óbvias: de pelo liso, preto e castanho, mais para cão de caça, tipo um beagle grande. Como se chama mesmo? Labrador? Spaniel? Elkhound? Samoieda? Decidi perguntar ao meu amigo Michael, produtor de cinema, assim que achei que já o conhecia bem o suficiente para admitir que não conseguia descobrir qual era a raça de Maggie, por mais óbvia que fosse.

– Maggie – disse ele, com seu sotaque texano arrastado e sério – é uma vira-lata.

Então, todas as manhãs nós três saíamos juntos: eu, o escritor inglês grandalhão; Trudie, a poodle; e Maggie, a vira-lata. Eu saía

para minha corrida/jogging/leve caminhada pela ampla trilha de terra batida que atravessava as dunas vermelhas e secas; Trudy saltitava alegremente pelo caminho, pra lá e pra cá, batendo as orelhas; e Maggie a seguia de perto, mordendo o pescoço dela. Era incrível como Trudy levava isso na esportiva e com toda a resignação, mas de vez em quando, sem o menor aviso, ficava monumentalmente farta. Nessas horas, executava uma repentina pirueta no ar e aterrissava com as quatro patas no chão, encarando Maggie com um olhar fulminante. Maggie então se sentava na mesma hora e começava a morder a própria pata traseira direita, como se já estivesse de saco cheio de Trudy.

Então começavam tudo de novo e saíam correndo, rolando e dando cambalhotas, perseguindo e mordendo uma à outra pelas dunas afora, pela grama e pelos arbustos rasteiros. De vez em quando paravam de forma inexplicável, como se as duas tivessem ficado ao mesmo tempo sem saber o que fazer. Em seguida, olhavam para algum ponto indefinido por alguns instantes, constrangidas, antes de recomeçar a brincadeira.

E qual era o meu papel nisso tudo? Bem, nenhum. Elas me ignoravam completamente por todos os vinte ou trinta minutos. O que não tinha problema algum, é claro; eu não ligava. Mas era intrigante, porque todas as manhãs bem cedo elas apareciam na minha casa, arranhando as portas e latindo até eu me levantar e ir levá-las para passear. Se qualquer coisa perturbasse esse ritual cotidiano, como se eu precisasse ir à cidade, sair para encontrar alguém, voltar para a Inglaterra ou coisa parecida, elas mergulhavam na mais profunda tristeza e simplesmente não sabiam o que fazer. Por mais que me ignorassem por completo sempre que íamos caminhar juntos, eram incapazes de ir sem mim. Isso revelava que aquelas cadelas que nem eram minhas tinham uma forte inclinação para a filosofia, pois haviam percebido que eu precisava estar lá para que elas pudessem me ignorar

devidamente. Você não pode ignorar alguém que não está por perto, porque não é isso que “ignorar” significa.

Descobri que a capacidade de reflexão delas era ainda mais profunda quando Victoria, a namorada de Michael, me disse que uma vez, quando estava na minha casa, tentou jogar uma bola para Maggie e Trudie trazerem de volta. As cadelas ficaram sentadas com cara de tacho, observando a bola subir rumo ao céu, cair e sair rolando pelo chão até parar. Victoria me disse que a mensagem que captou disso foi: “Nós não fazemos esse tipo de coisa. Andamos com escritores.”

O que era verdade. Elas ficavam comigo o dia inteiro, todos os dias. Mas, tal como os escritores, os cães que andam com eles não são muito fãs da parte de escrever. Rondavam os meus pés o dia inteiro e tiravam meu cotovelo do caminho com o focinho quando eu estava digitando, descansavam os queixos no meu colo e me olhavam com cara de pidonas, na esperança de que eu tivesse o bom senso de sair para uma caminhada – para que elas pudessem me ignorar completamente.

E então, ao fim da tarde, voltavam trotando para as suas casas de verdade para serem alimentadas, beberem água e irem dormir. O que me parecia um ótimo esquema, pois eu ficava com todo o prazer da companhia delas, que era considerável, sem ter nenhuma das responsabilidades. E esse continuou a ser um ótimo esquema até o dia em que Maggie apareceu uma bela manhã pronta e disposta a me ignorar sozinha. Sem Trudie. Trudie não estava com ela. Fiquei chocado. Não sabia o que havia acontecido e não tinha como descobrir, porque ela não era minha. Ela teria sido atropelada por um caminhão? Será que estava caída em algum lugar, sangrando à beira da estrada? Maggie parecia agitada e preocupada. Devia saber onde estava Trudie, pensei, e o que havia acontecido com ela. O melhor a fazer era segui-la, como se eu fosse a Lassie. Calcei meus tênis de corrida e saí às pressas. Nós andamos por quilômetros, vagando pelo

deserto em busca de Trudie, seguindo pelo caminho mais sinuoso possível. Com o tempo, percebi que Maggie não estava procurando Trudie, mas sim me ignorando, algo que eu estava atrapalhando ao tentar segui-la o tempo todo, em vez de simplesmente fazer o meu caminho de sempre. Acabei voltando para casa, e Maggie se sentou aos meus pés, amuada. Não havia nada que eu pudesse fazer, ninguém a quem pudesse telefonar, uma vez que Trudie não era minha. Tudo o que podia fazer, como um amante, era ficar sentado, preocupando-me em silêncio. Não consegui comer. Depois que Maggie subiu a duna de volta para a casa naquela noite, dormi mal.

E pela manhã elas estavam de volta. As duas. Só que algo terrível havia acontecido. Trudie tinha ido ao cabeleireiro. Todo o seu pelo havia sido tosado até ficar com uns dois milímetros de tamanho, com alguns tufos mais gordinhos para enfeitar a cabeça, as orelhas e o rabo. Fiquei indignado. Ela estava medonha. Saímos para caminhar mas, francamente, eu estava constrangido. Ela jamais estaria daquele jeito se fosse minha.

Alguns dias depois, tive que voltar para a Inglaterra. Tentei explicar isso para as cadelas, prepará-las para quando chegasse a hora, mas elas estavam em negação. Na manhã em que fui embora, ficaram me olhando colocar as malas no bagageiro da picape, mas não se aproximaram, demonstrando um enorme interesse por outro cachorro em vez disso. Simplesmente me ignoraram. Eu voltei para casa, sentindo-me estranho.

Seis semanas depois, voltei a Santa Fé para trabalhar em uma segunda versão do roteiro. Não podia simplesmente aparecer na casa delas e buscá-las. Tive que ficar zanzando pelo quintal dos fundos, dando o máximo de bandeira possível e fazendo todo tipo de sons agudos que os cães costumam notar. De repente, elas captaram a mensagem e vieram correndo pelo deserto coberto de neve para me ver. Quando chegaram perto, começaram a se bater nas paredes da

casa de tanta empolgação. Mas não havia muito o que fazer além de sair para um rápido e saudável “vamos ignorá-lo” na neve. Trudie saltitou na neve, Maggie mordeu seu pescoço, e assim fomos nós. Após três semanas, tive que ir embora outra vez. Voltarei para vê-las em algum momento deste ano, mas sei muito bem que sou o Outro Humano. Mais cedo ou mais tarde, terei que assumir um compromisso com um cão só meu.

Animal Passions

(ed. Alan Coren; Robson Books, setembro de 1994).



As regras

Na antiga União Soviética, costumava-se dizer que tudo o que não era proibido era obrigatório; o único problema era se lembrar o que era o quê. No Ocidente, nós sempre nos gabamos de ter mais bom senso e uma visão um pouco mais relaxada das coisas, mas nos esquecemos de que o bom senso muitas vezes também pode ser bastante arbitrário. Você precisa saber as regras. Especialmente se tem o hábito de viajar.

Alguns anos atrás (posso lhe dizer exatamente quando, na verdade: foi no começo de 1994), tive um pequeno problema com a polícia. Eu seguia de carro pela Westway em direção ao centro de Londres com minha esposa, que estava grávida de seis meses, quando usei a pista central para fazer uma ultrapassagem. Sinceramente, dentro das circunstâncias não foi nenhuma barbearagem inconsequente; o tráfego fluía de modo a permitir isso. Mas, ainda

assim, me vi sendo parado por um carro da polícia. O policial fez sinal para que o seguisse para fora da autoestrada e – para minha surpresa – me fez parar atrás da viatura *bem numa curva* na pista de acesso, onde todos poderíamos sair dos veículos e ter uma pequena conversa sobre meu crime hediondo. Fiquei chocado. Carros, caminhões e vans pegavam aquela via de acesso e nenhum deles, tenho certeza, esperava encontrar dois carros *parados* ali. Qualquer um daqueles veículos poderia muito bem ter batido na traseira do meu carro – com minha esposa grávida dentro. Aquilo foi uma loucura assustadora. Fiz questão de dizer isso ao policial, que, tal como a maioria dos que trabalham na polícia, via a coisa de outra forma.

O argumento dele era que usar a pista central para fazer uma ultrapassagem era potencialmente perigoso. Por quê? Porque é o que diz a lei. Mas ficar parado em uma curva cega numa via de acesso não era perigoso, uma vez que eu estava ali por ordem da polícia; o que tornava o fato legal e, portanto (e essa era a parte difícil de engolir), seguro.

Meu argumento era que eu aceitava ter feito (de forma bastante segura) uma manobra que era ilegal aos olhos das leis britânicas, mas aquela situação – estarmos parados em uma curva cega no meio de uma pista de alta velocidade – colocava nossas vidas em risco aos olhos das leis da física que regem o universo.

O argumento seguinte do policial foi que eu não estava no universo, mas sim na Inglaterra, algo que por sinal já haviam me dito antes. Desisti de tentar vencer a discussão e concordei com tudo simplesmente para podermos sair dali.

Na verdade, eu só usei a pista central para ultrapassar outro carro porque estou muito acostumado a dirigir nos Estados Unidos, onde todo mundo exercita regularmente seu direito constitucional de dirigir na pista em que bem entender. Na lei americana, usar a pista

central para fazer uma ultrapassagem (quando as condições de tráfego permitem) é perfeitamente legal, perfeitamente normal e, portanto, perfeitamente seguro.

Mas já vou lhe dizer o que não é.

Uma vez eu estava em São Francisco e estacionei na única vaga disponível, que por acaso ficava do outro lado da rua. A lei caiu como um raio sobre mim.

Será que eu não percebia como era arriscada a manobra que tinha acabado de fazer? Olhei para o agente da lei, um tanto confuso. O que eu havia feito de errado?

Segundo o guarda, eu tinha estacionado na contramão do tráfego.

Intrigado, olhei para os dois lados da rua. Que tráfego? Perguntei.

“O tráfego que estaria aqui”, disse ele, “se houvesse algum tráfego”.

Isso pareceu um pouco metafísico demais até para mim, então expliquei, meio sem jeito, que na Inglaterra nós estacionamos em qualquer lugar em que haja uma vaga disponível e não dávamos tanta importância ao lado da rua em que ela estivesse. Ele me encarou com uma expressão horrorizada, como se eu tivesse sorte de ter saído vivo de um país em que as pessoas estacionam seus carros de forma tão ensandecida e perigosa – e me multou em seguida. Claramente, ele preferiria ter me deportado antes que minhas ideias subversivas trouxessem o caos e a anarquia para ruas que normalmente não precisavam lidar com nada mais alarmante do que alguns simples fuzis. Estes que, como bem sabemos, são perfeitamente legais nos Estados Unidos, e sem os quais eles seriam invadidos por manadas de cervos, governantes ditatoriais e contrabandistas de chá britânicos.

Meu falecido amigo Graham Chapman, um motorista na melhor das hipóteses excêntrico, costumava explorar essa incompatibilidade entre os hábitos de condução britânicos e americanos carregando sempre sua carteira de motorista dos dois países. Sempre que era

parado nos Estados Unidos, sacava a carteira britânica, e vice-versa. Também dizia que estava a caminho do aeroporto para deixar o país, o que sempre acabava se mostrando uma notícia tão bem-vinda que o policial suspirava aliviado, liberando-o em seguida.

Porém, embora os desentendimentos entre europeus e americanos sejam frequentes, pelo menos tivemos décadas de intercâmbio de filmes e programas de TV para ajudar a nos acostumarmos uns com os outros. Para além dessas fronteiras, você não pode fazer absolutamente nenhuma suposição. Na China, por exemplo, o poeta James Fenton certa vez foi autuado por ter um farol na sua bicicleta. “Onde iríamos parar”, perguntou o guarda, com severidade, “se todos fizessem isso?”.

No entanto, o exemplo mais extremo que conheço de algo ser totalmente proibido em um país e perfeitamente normal em outro é uma história em que eu mesmo mal consigo acreditar, embora minha prima jure que seja verdade. Ela viveu durante muitos anos em Tóquio e conta que soube de um homem que estava sendo processado por ter invadido a calçada com o carro, batido na vitrine de uma loja e matado dois pedestres. A defesa usou como argumento para pedir atenuação da pena o fato de ele estar totalmente bêbado na ocasião.

Quais são as regras que você precisa saber quando estiver saindo do país? O que é obrigatório em um lugar e proibido no outro? O bom senso não vai lhe dizer. Nós é que precisamos dizer uns aos outros.

The Independent on Sunday, janeiro de 2000



Apresentação do concerto do Procol Harum no Barbican

Senhoras e senhores,

qualquer um que me conheça saberá quanto é emocionante para mim estar aqui esta noite para apresentar esta banda. Sou um grande fã de Gary Brooker e do Procol Harum há trinta anos, quando eles surpreenderam o mundo surgindo totalmente do nada com um dos maiores hits já produzidos por quem quer seja, sob qualquer circunstância. Em seguida, surpreenderam ainda mais o mundo quando se soube que eles vinham de Southend, e não de Detroit, como todos pensavam. Então, tornaram a surpreendê-lo com sua total incapacidade de lançar um álbum até quatro meses depois do lançamento de seu primeiro single, sob o argumento de que ainda não o haviam composto. Para completar, numa jogada de marketing de sagacidade e engenhosidade sem paralelos, também deixaram “A Whiter Shade of Pale” de fora do álbum. Nunca fizeram nada da forma mais simples e direta, como qualquer um que já tenha tentado acompanhar os acordes de “A Rum Tale” está careca de saber.

Agora, eles surtiram um efeito muito, muito particular na minha vida. Foi uma canção deles, que imagino que alguns de vocês aqui conheçam, chamada “Grand Hotel”. Sempre que estou escrevendo, gosto de ter música ao fundo, e numa ocasião em especial era “Grand Hotel” que estava tocando. Essa canção sempre me interessou porque, enquanto a letra de Keith Reid é toda sobre esse hotel muito bonito – com sua prataria, seus candelabros e coisas do gênero –, de repente, no meio dela surge um estrondoso clímax orquestrado que parece não ter a ver com nada. Sempre me perguntei o que era todo aquele estardalhaço acontecendo ao fundo. Acabei chegando à seguinte conclusão: “É como se estivesse havendo algum tipo de espetáculo de cabaré. Algo grandioso e extraordinário, como... bem, como o fim do

universo.” E foi daí que surgiu a ideia de *O Restaurante no Fim do Universo* – da canção “Grand Hotel”.

Bem, mas chega de falar de mim. Teremos uma grande noite pela frente. Não existe nenhum outro grupo que se compare a eles. E esta noite tenho o prazer de anunciar que a Orquestra Sinfônica de Londres irá acompanhá-los. Então, gostaria que dessem as boas-vindas à Orquestra Sinfônica de Londres; ao Chameleon Arts Chorus; ao Procol Harum; ao grande maestro Nicholas Dodd; e ao cavalheiro-acadêmico-músico, e se não me engano agora também contra-almirante, Gary Brooker. Muito obrigado.

Concerto do Procol Harum e
da Orquestra Sinfônica de Londres, 9 de fevereiro de 1996



Curas para a ressaca

O que estaremos todos tentando fazer no próximo sábado? Não promessas de Ano-Novo, se tivermos um pingo de vergonha na cara. Sempre fracassamos tão redondamente em cumprir todas elas logo no início do ano seguinte, então ninguém vai querer aumentar mais ainda a própria sensação de incapacidade ao fazer promessas de novo milênio – só para vê-las fracassar, relativamente falando, mil vezes mais cedo do que o normal.

Mas – se o leitor me permite uma pequena digressão (se você prefere que eu não faça digressões, talvez esteja lendo a coluna errada) – parece haver uma ótima explicação para nunca conseguirmos cumprir nossas promessas de Ano-Novo, além da óbvia e desprezível

ausência de força de vontade. É a seguinte: nós não conseguimos nos lembrar delas. Simples assim. E se por acaso chegarmos a anotá-las, provavelmente também não nos lembraremos de onde deixamos o papel. Por estranho que pareça, esse mesmo pedaço de papel costuma reaparecer exatamente um ano depois, quando estamos procurando algum lugar para escrever nossas inúteis tentativas de colocar a vida em ordem no ano seguinte. Isto, ao que tudo indica, não é uma coincidência.

Aproveitando, vocês também não acham a expressão “ao que tudo indica” incrivelmente útil? Ela permite interligar de forma rápida, sucinta e categórica afirmações aleatórias e normalmente desconexas sem precisarmos explicar de onde tiramos a ideia ou o que nos dá tanta certeza. É incrível. E muito melhor do que outras expressões parecidas, como “eu li em algum lugar que...” ou a risível “dizem que...”, pois sugere que qualquer lenda urbana fajuta que você esteja tentando emplacar é na verdade baseada em descobertas recentes e revolucionárias, nas quais você inclusive teve um papel fundamental. Embora, como nos outros casos, o que você esteja dizendo *na verdade* não tenha fundamento algum. Enfim, onde é que eu estava mesmo?

Parece que o álcool afeta o cérebro de alguma forma. Bem, disso nós já sabemos, é claro, e os que ainda não sabem um dia irão descobrir. Mas esse efeito se dá em vários níveis diferentes, e aí está o xis da questão. O cérebro (ao que tudo indica) organiza suas memórias formando uma espécie de holograma. Para recuperar uma imagem, você precisa recriar as exatas condições em que ela foi registrada. No caso de um holograma, o que faz isso é a luz; no caso do cérebro, pode ser (ao que tudo indica) a quantidade de álcool em que ele está boiando. As coisas que acontecem à sua volta ou que, para o seu pavor, você diz ou faz sob a influência do álcool só lhe voltarão à memória quando você estiver sob a influência da mesmíssima quantidade de álcool novamente. Essas lembranças ficam

totalmente fora do alcance da sua mente normal e sóbria. É por isso que, depois de perder a linha em uma noitada, você é o único que não faz a menor ideia de ter falado algo grosseiro e estúpido para uma pessoa pela qual tem muito, ou pelo menos algum, carinho. Somente semanas, meses ou, no caso da véspera de Ano-Novo, exatamente um ano mais tarde é que a ocasião lhe volta à mente como um murro na boca do estômago, fazendo-o entender por que as pessoas têm evitado você e olhado nos seus olhos com uma expressão gélida há tanto tempo. Isso geralmente resulta em você dizendo “Ai, meu Deus” para si mesmo em voz alta e indo em busca de uma bebida forte, o que o leva ao próximo estado de embriaguez, durante o qual, naturalmente, novas e chocantes surpresas estão para acontecer.

O mesmo se aplica à situação inversa. Certas memórias só serão reativadas se você voltar ao mesmíssimo estado de desidratação em que os eventos originais ocorreram. Daí o problema das promessas de Ano-Novo, de você nunca se lembrar das promessas que fez, ou mesmo onde as anotou, até chegar o mesmo momento no ano seguinte, quando você lamentavelmente se recorda da sua total incapacidade de cumpri-las por mais de cerca de sete minutos.

Então o que é preciso para se resolver esse problema terrível que se perpetua sozinho? Bem, a resposta mais óbvia é autodisciplina. Respeito incondicional a uma rotina de alimentação à base de vegetais cozidos no vapor, água, longas caminhadas, atividades físicas regulares, dormir e acordar cedo, algum tipo de óleo aromático ou coisa parecida. Mas, falando sério, a coisa que mais queremos no dia de Ano-Novo, e que tentaremos desesperadamente lembrar, é uma maneira de curar a ressaca – de preferência uma que não envolva um mergulho em um lago congelado. O problema é que nunca nos lembramos dela quando precisamos. Isso acontece porque ouvimos falar delas quando não precisamos, o que não ajuda em nada, pelos mesmos motivos mencionados acima. Imagens repugnantes

envolvendo gemas de ovos e Tabasco irão rodopiar pelo seu cérebro, mas você não estará em condições de organizar suas ideias. E é por isso que devemos, urgentemente, organizá-las agora, enquanto ainda há tempo. Portanto, este é um apelo por métodos bons e eficazes para revigorar o cérebro que não incluam uma cirurgia intracraniana. Enviem suas curas para a ressaca para www.h2g2.com. E que os próximos mil anos sejam especialmente bons para você e seus descendentes.

The Independent on Sunday, dezembro de 1999



Minhas bebidas favoritas

Adoro uísque em todos os sentidos. Adoro a aparência do líquido na garrafa, aquele dourado-vivo dele. Adoro os rótulos enfileirados na prateleira – os kilts, as espadas escocesas e ovelhas ligeiramente fora de foco. Adoro a sensação que tenho por saber que o uísque é uma bebida que – ao contrário, por exemplo, da vodca de Warrington – se confunde com a cultura e a história do local em que é destilada. Adoro especialmente o aroma defumado e turfoso dos *single malts*. Na verdade, a única coisa que não gosto no uísque é o fato de que, se eu tomar um gole que seja, sinto uma dor lancinante que começa atrás do meu globo ocular esquerdo e vai até a ponta do meu cotovelo direito, e começo a andar de um jeito esquisito, trombando com as pessoas e rosnando para a mobília. Sendo assim, aprendi a desviar minha atenção para outras bebidas.

Gosto muito de margaritas, mas elas me fazem comprar coisas muito idiotas. Sempre que tomo algumas, acordo pela manhã com medo do que posso encontrar no andar de baixo. A pior delas foi um lápis de 1,8 metro e uma borracha indiana de sessenta centímetros de largura que mandei vir de Nova York graças a uma bebedeira inconsequente. O mais confuso foi que elas chegaram à minha casa várias semanas depois de mim, então topei com elas numa bela manhã depois de ter tomado apenas uma taça de Chianti com minha pizza da noite.

Agora só bebo martínis quando vou a Nova York, pois eles são muito elegantes, sofisticados e nova-iorquinos, mas também porque me tornam incapaz de fazer qualquer idiotice – ou qualquer outra coisa, por sinal, embora eu às vezes acabe conversando com muita propriedade sobre cromodinâmica quântica e criação de porcos.

Gosto de Blood Marys, mas só tomo quando estou em aeroportos. Não tenho explicação para isso. Nunca me passa pela cabeça tomar um Blood Mary em circunstâncias normais, mas me coloque no saguão de um aeroporto e eu vou atrás de uma vodca com suco de tomate tão rápido quanto um rato fugindo de um navio prestes a afundar. Sempre chego ao meu destino algumas horas depois com a cabeça latejando por causa do *jet lag*.

Em casa, tendo a beber o que estiver na geladeira, o que em geral é muito pouco. Minha geladeira tem uma característica peculiar: você coloca uma garrafa de um bom champanhe nela e, quando vai procurá-la, encontra uma garrafa de vinho branco vagabundo no lugar. Ainda não descobri como isso acontece, mas geralmente me dou por satisfeito com um copo da bebida mais entediante do mundo, a única que consigo beber sem qualquer efeito colateral: um gim-tônica.

The Independent on Sunday, dezembro de 1990



Introdução à coletânea de roteiros da série do *Mochileiro* para rádio

Adoro ter essas pequenas conversas com o leitor no início dos livros. Para ser franco, isso é a mais completa mentira. O que realmente acontece é que você está arrancando os cabelos para terminar, ou pelo menos começar, um livro que prometeu entregar sete meses atrás, quando começa a receber faxes lhe perguntando se não poderia escrever mais uma introdução curtinha para um livro em que você se lembra muito bem de ter escrito “Fim” por volta de 1981. É coisa rápida, promete o fax, não vai tomar nem dois minutos do seu tempo. Ah, não vai mesmo tomar dois minutos. Vai tomar umas 13 horas. Você vai perder outro jantar, sua mulher vai parar de falar com você, e o novo livro ficará tão atrasado que você vai ter que desistir dos seus planos de passar as férias acampando nos Pirineus – o que é mais um motivo para sua mulher parar de falar com você, especialmente porque o acampamento de férias foi ideia sua, e não dela, e ela só topou ir porque você queria, e agora ela terá que ir sozinha, apesar de você saber perfeitamente que ela odeia acampar. (Eu também, por sinal. Estou inventando esta parte.)

E então mais faxes chegam pedindo outra introdução, desta vez para uma reedição em um só volume de todos os meus livros, sendo que já escrevi introduções individuais para cada um deles. Com o tempo, descubro que já escrevi tantas introduções que alguém as reuniu em um livro só para elas e me pediu para escrever uma introdução. Assim, perco mais um jantar e também uma viagem para mergulhar nos Açores, e descubro que minha mulher deixou de falar

comigo porque, na verdade, agora está casada com outra pessoa. (Também estou inventando esta parte, até onde sei.)

Na época em que eu costumava poder ir a festas, ou, melhor dizendo, na época em que eu tinha só uns dois livros publicados e essa coisa de escrever introduções ainda não havia se tornado uma atividade em tempo integral, eu economizava bastante tempo quando descobria que dois amigos não se conheciam e eu podia simplesmente dizer a eles: “Peter, esta é Paula; Paula, este é Peter. Por que vocês não se apresentam um ao outro?” Isso geralmente funcionava às mil maravilhas, e quando você menos esperava Peter e Paula haviam se tornado um casal feliz que saíam de férias para esquiar nos Alpes franceses junto com sua mulher e o segundo marido dela.

Pois bem, querido leitor. Esta é a reedição de aniversário da coletânea de roteiros originais da série de rádio *O Guia do Mochileiro das Galáxias*. Por que vocês não se apresentam um ao outro?

Adorei esta nossa pequena conversa.

Introdução à edição de 10º aniversário de
The Original Hitchhiker Radio Scripts (Harmony Books, maio de
1995)



O que um aspirante a escritor deve fazer para se tornar um escritor profissional?

Antes de tudo, tenha em mente que é muito difícil, que escrever é um trabalho penoso e solitário, e que, ainda por cima, a não ser que você tenha muita sorte, paga mal. É melhor você querer muito, mas muito mesmo, fazer isso. Depois, precisa escrever alguma coisa. Se

você não estiver decidido a escrever somente romances, sugiro que comece escrevendo para o rádio. Ainda é *relativamente* fácil conseguir espaço nessa mídia, já que paga uma miséria. Mas é excelente para escritores, por depender tanto da imaginação do ouvinte.



Assuntos pendentes do século

Faltam só mais alguns dias. Acho importante não deixarmos um século para trás, e ainda mais um milênio, sem limpar a sujeira que fizemos; e claramente ainda temos assuntos para resolver. Sugiro que a comunidade mundial tente identificar quais assuntos são esses e veja se, em um esforço conjunto, não conseguimos dar um jeito neles para que possamos aproveitar as comemorações de ano-novo com uma sensação de missão cumprida.

Mas, primeiro, uma mensagem para os pedantes.

Sim, eu sei que todos vocês acham que o novo milênio só vai começar em 2001, e não no ano 2000, e vocês são um pé no saco por causa disso. Na verdade, estão tão empolgados com a oportunidade de estarem mais certos do que o resto do mundo que acabam se esquecendo do mais importante: **NÃO FAZ A MENOR DIFERENÇA!** A comemoração do milênio não passa de uma desculpa para dizer “Uau! Vejam só que legal!” quando todos os dígitos do calendário mudarem.

Que outro sentido poderia haver *além desse*? Dez (assim como todos os seus múltiplos) é um número arbitrário. Primeiro de janeiro é uma data arbitrária. E se você por acaso acha que o nascimento de Jesus Cristo é um momento significativo, então a única coisa que

podemos dizer com alguma certeza é que não foi no ano 1 d.C. que ele aconteceu. Ou no ano 0 d.C, se o ano anterior tivesse sido chamado assim (o que, como todos sabemos porque os pedantes não param de repetir, não é o caso).

Além disso, como nos lembram os historiadores (um grupo *muito* mais interessante do que o dos pedantes), o calendário foi modificado tantas vezes ao longo dos anos que toda essa história fica duplamente sem sentido.

Pense comigo: faz relativamente pouco tempo que conseguimos definir com precisão e padronizar nosso processo de marcação do tempo e das datas, com o auxílio de relógios atômicos e outras ferramentas do gênero. E, em primeiro de janeiro de 2000 (se acreditarmos nos profetas do apocalipse), todos os nossos computadores irão entrar em pane e nos mergulhar em uma nova Idade da Pedra (ou não, quem sabe?). Assim sendo, me parece que a meia-noite do dia 31 de dezembro de 1999 é o único momento concreto e confiável em toda essa lamentável bagunça, de modo que talvez devêssemos comemorar um pouquinho a ocasião. Então, em vez de dizer que estamos enganados quanto ao final do milênio (ou bilênio), por que não dizer que nossos ancestrais se enganaram quanto ao *começo* dele, e que nós apenas arrumamos essa bagunça antes de nós mesmos começarmos outra? Além do mais, quem se importa? É só uma desculpa para uma festa.

Mas, primeiro, os assuntos pendentes.

Um Assunto Pendente especialmente incômodo que me ocorreu um dia desses, quando estava cantando com minha filha de 5 anos, tem a ver com a letra da canção “Dó, Ré, Mi”, do filme *A noviça rebelde*. Não que vá causar uma crise em nível global, mas ainda assim fico intrigado sempre que a ouço, *e ela não deveria ser tão complicada assim*.

Mas é.

Pense comigo.

Os versos da letra trazem os nomes de cada uma das notas musicais e lhes dá um sentido: “*Dó* é pena de alguém; *Ré*, eu ando para trás”, etc. Até aí, tudo bem. “*Mi* assim eu chamo a mim; *Fá*, de fato eu sou capaz.” Nenhum problema. Não estou dizendo que é brilhante, mas é um conceito tão bom quanto qualquer outro e, até o momento, vem funcionando de forma consistente. E então nos aproximamos da reta final. “*Sol*, que brilha no verão; *Lá* é lá no cafundó.” Sim, ok. “*Si* indica condição...” O quê? Como é que é? “*Si*, indica condição...” Que tipo de verso é esse?

Bem, é óbvio que tipo de verso ele é. É um tapa-buraco. Um tapa-buraco é algo que um escritor põe no texto quando não consegue pensar em nada melhor no momento, mas volta para consertar depois. Então, imagino que o autor da letra tenha simplesmente enfiado “*Si* indica condição” ali e pensado em dar outra olhada na manhã seguinte.

Só que, quando voltou ao texto na manhã seguinte, não conseguiu pensar em nada melhor. E nem na outra manhã. Ah, mas não é possível, é tão simples. Não é? “*Si*... indica... indica... o quê?”

Consigo imaginar os ensaios se aproximando. O dia da gravação cada vez mais perto. Talvez ele consiga dar um jeito em cima da hora. E se um dos membros do elenco tiver uma ideia melhor? Mas não. Ninguém consegue consertar o verso. E, pouco a pouco, um rele tapa-buraco vai ficando ali para sempre, e agora é parte da canção, do filme e de tudo relacionado aos dois.

Não pode ser tão difícil. Que tal esta sugestão? “*Si* é... é...” – bem, não consigo pensar em nada agora, mas se o mundo inteiro se unir talvez possamos encontrar uma solução. E acho que não deveríamos deixar o século terminar com uma canção tão popular em um estado tão lastimável e constrangedor.

O que mais? Bem, o que *você* acha? Quais são as coisas que realmente devemos consertar nesses últimos dois meses, antes que os dígitos mudem e nós tenhamos um monte de problemas novos em folha com que lidar? A fome no mundo? Onde esconder suas velhas fitas cassete para que ninguém no século XXI tenha que vê-las novamente? Enviem suas sugestões, e respostas, para www.h2g2.com.

The Independent on Sunday, novembro de 1999



A equipe dos sonhos

Elenco cinematográfico dos sonhos: Sean Connery como Deus; John Cleese como o anjo Gabriel; e Goldie Hawn como Trudie, a irmã mais nova de Madre Teresa. Com a participação especial de Bob Hoskins como detetive Phil Makepiece.

Grupo de rock dos sonhos: Meu grupo de rock dos sonhos não existe mais porque o guitarrista base deles foi morto a tiros. Mas eu manteria o baixista porque ele é, sem sombra de dúvida, o melhor de todos. Talvez haja outros mais pirotécnicos, mas, por uma questão de musicalidade genuína, inventividade e pegada, ninguém supera McCartney. Ele também dividiria os vocais com Gary Brooker, a maior voz do rock and roll britânico e um baita pianista. Dois guitarristas solo (eles podem se revezar na base): Dave Gilmour, que eu sempre quis ouvir tocar com Gary Brooker, pois os dois têm uma queda para a dramaticidade e linhas melódicas ascendentes; e Robbie McIntosh, que é ao mesmo tempo um grande blueseiro e um prodígio

do violão acústico. Baterista: Steve Gadd (não se lembram de “50 Ways”?). Quando você reúne uma banda dessa magnitude, tem que dar um jeito de colocar o maestro Ray Cooper na percussão, embora também seja bastante tentador incluir aquela percussionista incrível que toca com o Van Morrison e cujo nome eu não sei. Cordas? Metais? Orquestra Filarmônica Real? Um grupo de jazz de Nova Orleans? Para tudo isso, você vai precisar do mago dos sintetizadores Paul “Wix” Wickens. E de um caminhão dos grandes.

Amantes dos sonhos: O grupo feminino de gaitistas de foles The Dagenham Girl Pipers. Com todo o devido respeito e amor à minha querida esposa, por mais amorosa ou carinhosa que ela possa ser, há algumas coisas que somente uma grande banda de gaitistas de foles pode fazer por você.

Projeto dos sonhos: Se eu tivesse recursos financeiros ilimitados, adoraria patrocinar um grande projeto de pesquisa sobre as origens do homem, a transição do macaco para o homem moderno. Alguns anos atrás, fiquei fascinado com a Hipótese do Macaco Aquático, a teoria de que, durante essa época de transição, nossos ancestrais passaram um período em um ambiente semiaquático. Já vi essa ideia ser ridicularizada várias vezes, mas nunca refutada de maneira convincente. Adoraria descobrir a verdade, seja ela qual for.

Carreira alternativa dos sonhos: Zoologista, músico de rock, programador de software.

Férias dos sonhos: Mergulho livre na Austrália, para além da Grande Barreira de Corais até a maravilhosa limpidez do Mar de Coral: mergulho no Cod Hole, mergulho com tubarões, mergulho para visitar navios naufragados, depois mergulho com os enormes

tubarões-baleia e, finalmente, mergulho na Baía dos Tubarões com os golfinhos. Para completar, um pulinho em Hong Kong para jantar antes de voltar para casa.

Casa dos sonhos: Algo grande e espaçoso em alguma praia, provavelmente no extremo norte de Queensland, com muita vida selvagem ao redor e interligado ao resto do mundo por meio de internet banda larga. Também um barco e uma picape.

Cozinha dos sonhos: Se precisasse escolher a comida típica de um só país para comer pelo resto da vida, escolheria a japonesa.

Dia de folga dos sonhos: Isso eu já tive, na verdade. Foi em 1968: eu e um amigo decidimos matar um dia de aula, fomos para Londres e vimos *2001 – Uma odisseia no espaço* no Cinerama à tarde e um concerto de Simon & Garfunkel no Albert Hall à noite.

The Observer, 10 de março de 1995



Onde você busca inspiração para os seus livros?

Eu digo a mim mesmo que não posso tomar outra xícara de café antes de ter mais uma ideia.



Introdução para a versão em quadrinhos de *O Guia do Mochileiro das Galáxias*

As pessoas estão sempre me perguntando de onde tiro minhas ideias; às vezes umas 87 vezes por dia. É um problema comum para escritores e o certo a se fazer diante dessa pergunta é respirar fundo, controlar seus batimentos cardíacos, preencher a mente com imagens serenas e tranquilizadoras de pássaros cantando e campos floridos e então tentar dizer “Bem, que interessante você ter perguntado isso...” antes de ter um colapso nervoso e pôr-se a chorar descontroladamente.

A verdade é que eu não sei de onde vêm as ideias, nem sequer onde procurá-las. Nenhum escritor sabe. Quer dizer, isso não é bem verdade. Se estiver escrevendo um livro sobre os hábitos de acasalamento dos suínos, você vai ter algumas ideias relativamente boas andando por um chiqueiro; mas se seu campo é a ficção, a única resposta é: beber muito mais café do que devia e comprar uma mesa que não desabe quando você bater com a cabeça nela.

Estou exagerando, é claro. Esse é o meu trabalho. Existem algumas ideias que me recordo exatamente de onde surgiram. Pelo menos acho que sim; mas posso estar inventando. Esse também é meu trabalho. Quando preciso escrever algo importante, costumo ouvir a mesma música várias vezes seguidas. Não enquanto estou de fato escrevendo, é claro – tem que haver bastante silêncio nessa hora –, mas enquanto estou indo buscar outra xícara de café; preparando uma torrada; limpando meus óculos; tentando encontrar outro cartucho de tinta para a impressora; ou trocando as cordas da minha guitarra; tirando as xícaras de café e limpando as migalhas de torrada de cima da mesa; ou indo ao banheiro para ficar meia hora sentado lá dentro, pensando. Ou seja, o dia quase inteiro. O resultado é que muitas das minhas ideias vêm de canções. Bem, pelo menos duas delas vieram.

Para ser exato, apenas uma delas veio de uma canção, mas mantenho o hábito de escutá-las só para o caso de funcionar de novo, o que nunca vai acontecer, mas não importa.

Então agora você sabe como é. Simples, não?

In: *O Guia do Mochileiro das Galáxias* (edição de colecionador),
DC Comics, maio de 1997



Entrevista para a Virgin.net

Se existe alguém que sabe alguma coisa sobre viagens, só pode ser o cara que comeu hambúrguer com fritas no restaurante no fim do universo. Fomos atrás de Douglas Adams em seu novo lar nos Estados Unidos, de onde ele acompanha as filmagens da adaptação para o cinema de seu livro O Guia do Mochileiro das Galáxias.

Quais foram as melhores férias de sua infância?

Minhas viagens de férias nessa época eram bem modestas – e o ponto alto foram as duas semanas que passei na ilha de Wight quando tinha uns 6 anos. Lembro-me de ter pescado o que eu jurava ser um linguado, embora o peixe fosse do tamanho de um selo postal e tenha morrido assim que tentei fazer dele meu bichinho de estimação.

Voltou lá alguma vez?

Estive novamente na ilha de Wight uma vez. Fiquei em um hotel em que a maior atração da noite era apagar as luzes do restaurante e

ficar assistindo a uma família de texugos brincar no gramado.

Quando você viajou sem os seus pais pela primeira vez?

Fiz uma viagem pela Europa aos 18 anos.

Qual foi o itinerário?

Visitei Áustria, Itália, Iugoslávia e Turquia, fiquei em albergues e campings, suplementando minha dieta com visitas gratuitas a cervejarias artesanais. A visita a Istambul foi especialmente maravilhosa, mas acabei pegando uma terrível intoxicação alimentar e tive que voltar à Inglaterra de trem, dormindo no corredor bem ao lado do banheiro. Ah, bons tempos...

Foi a alguns desses lugares novamente?

Sim, houve uma ocasião em que eu estava indo para Austrália e decidi, por impulso, parar em Istambul. Mas, desta vez, peguei um táxi na saída do aeroporto e fiquei em um bom hotel, em vez de pegar carona na traseira de um caminhão e dormir no quarto dos fundos de uma pensão barata desprovida de qualquer magia. Passei alguns dias andando pela cidade, tentando evitar os vendedores de tapetes, e então fui embora.

Qual é o lugar mais remoto ou bizarro em que já foi parar?

A ilha de Páscoa é, naturalmente, o lugar mais remoto da Terra, famoso por ser mais longe de qualquer lugar do que qualquer outro lugar. Por isso mesmo é tão estranho que eu tenha ido parar lá totalmente por acaso e ficado apenas cerca de uma hora. Aprendi uma lição muito valiosa com isso: sempre leia o seu bilhete de embarque.

E por que foi parar lá?

Peguei um avião de Santiago para Sidney e estava um pouco cansado, pois tinha passado as duas semanas anteriores correndo atrás de focas, e não me dei conta do itinerário do voo até o piloto mencionar que estávamos prestes a fazer uma parada de uma hora na ilha de Páscoa.

Havia uma pequena frota de micro-ônibus no aeroporto, que deveriam nos levar para uma rápida olhada em uma das estátuas mais próximas enquanto o avião reabastecia. Fiquei muito frustrado; se tivesse prestado atenção no dia anterior, teria trocado o bilhete e ficado uns dias lá.

Qual é a sua cidade preferida? O que mais o fascina nela?

Em minha imaginação, é Florença, mas só por conta das lembranças das viagens que fiz para lá nos meus tempos de estudante, passando dias encantado com o sol, os vinhos baratos e a arte. Visitas mais recentes mancharam essas memórias com engarrafamentos e poluição.

Então agora acho que minha cidade preferida é uma bem pequena: Santa Fé, no Novo México. Adoro o ar rarefeito do deserto, as margaritas e o guacamole, as fivelas de prata e a sensação de que as pessoas sentadas à mesa ao lado no café são provavelmente ganhadoras do Prêmio Nobel.

Quando foi a última vez que pediu carona?

Cerca de dez anos atrás, na ilha de Rodrigues, no oceano Índico. Para se locomover pela cidade, a única maneira era pedir carona. Não havia transporte público, mas algumas pessoas tinham Land Rovers, então você simplesmente precisava torcer para elas passarem. Acabei de bermuda em uma floresta e havia esquecido de levar meu repelente de mosquitos. Consequentemente, passei a noite mais agonizante da minha vida.

Qual foi seu lugar favorito quando estava na estrada para fazer o Last Chance to See?

Madagascar – embora na verdade lá tenha sido uma espécie de prelúdio para o projeto. Adorei a floresta, os lêmures e o jeito caloroso das pessoas.

Em sua opinião, qual é a estrutura mais interessante da galáxia feita pelo homem?

A barragem que está sendo construída nas Três Gargantas no rio Yangtzé. Embora talvez “desconcertante” seja a melhor palavra. Barragens nunca fazem o que são projetadas para fazer, mas geram uma devastação inacreditável. Mesmo assim, continuamos a construí-las, e não consigo deixar de me perguntar por quê. Estou convencido de que, se voltarmos o suficiente na história da espécie humana, vamos encontrar alguns genes de castor se misturando ao nosso genoma em algum momento. É a única explicação que faz sentido.

Já esteve lá?

Desde o início da construção que não vou ao Yangtzé. Nunca quis ver aquilo.

E a estrutura natural mais interessante?

O peixe gigante, de 3.200 quilômetros de comprimento, em órbita ao redor de Júpiter, segundo o confiável relato publicado no *Weekly World News*. A fotografia era muito convincente, e estou surpreso que jornais mais respeitadas, como o *New Scientist* ou mesmo *The Sun* não tenham publicado mais detalhes. O mundo precisa saber disso.

Se você tivesse que dizer que um lugar “parece que acabou de cair do espaço sideral”, que lugar seria esse?

Fiordland, na ilha Sul da Nova Zelândia. Um impossível aglomerado de montanhas, cataratas, lagos e gelo – provavelmente o lugar mais extraordinário que já vi.

Se pudesse ir para qualquer ponto do universo agora, para onde iria, como chegaria lá e quem e o quê levaria com você?

Um local que me vem à mente é Europa, uma das dezesseis luas de Júpiter. É um dos corpos celestes mais misteriosos de todo o sistema solar, pelo qual autores de ficção científica têm muito apreço, uma vez que é um dos poucos lugares conhecidos que teoricamente poderiam abrigar alguma forma de vida. Há também certas bizarrices em sua estrutura que levaram a especulações mirabolantes de que ela poderia ser artificial. Além disso, nas noites em que o alinhamento das órbitas é favorável, você deve ter uma ótima visão do peixe.

Entrevista feita por Claire Smith,
Virgin.net, Ltd., 22 de setembro de 1999



Montado nas arraias

Cada país é como um tipo diferente de pessoa. Os Estados Unidos são como um adolescente revoltado, o Canadá é como uma mulher inteligente de 35 anos. A Austrália é como Jack Nicholson – ela para bem na sua frente e ri muito alto na sua cara, de forma altamente ameaçadora e cativante. Na verdade, é menos um país e mais uma espécie de fina camada de civilização semidelirante que vive ao redor de um vasto deserto, repleto de calor, poeira e criaturas saltitantes.

Se você disser à maioria dos australianos que gosta do país deles, receberá como resposta uma risada irônica e algo como “Bem, depois disto aqui não tem mais nada, não é mesmo?”, que é o tipo de coisa preocupante que eles costumam falar. Você não entende *bem* o que querem dizer, mas fica preocupado com a possibilidade de terem razão.

Só o fato de saber que o país está ali, à espreita, do outro lado do mundo, onde ninguém consegue ver, já é estranhamente perturbador – e estou sempre atrás de desculpas para ir até lá, nem que seja só para ficar de olho. Por acaso, também adoro a Austrália. Não conheço a maior parte do país, mas há um lugar que eu sempre quis visitar, onde tenho um frustrante assunto pendente.

Então, poucas semanas atrás, encontrei a desculpa de que precisava para tanto.

Eu estava na Inglaterra. Dava para saber que era a Inglaterra porque eu estava sentado na chuva, debaixo de um cobertor molhado em um descampado lamacento, ouvindo alguma orquestra vagabunda tocar hits de trilhas sonoras de filmes americanos. Existe *algum outro lugar no mundo* em que as pessoas façam uma coisa dessas? Fazem isso na Itália? Na Terra do Fogo? Na ilha de Baffin? Não. Nem no Japão, onde um dos passatempos nacionais envolve arrancar os próprios intestinos com uma faca, acho que chegariam a tanto.

Entre pancadas de chuva e trompetes, engatei uma conversa com um cara simpático que eu descobri ser vizinho de porta da minha irmã lá em Warwickshire. Seu nome era Martin Pemberton e ele era inventor e designer. Dentre as coisas que havia inventado ou projetado, contou-me, estavam várias peças fundamentais de vagões de metrô, um maravilhoso modelo de torradeira e um Sub Bug.

O que, perguntei educadamente, seria um Sub Bug?

Um Sub Bug, explicou ele, era uma espécie de veículo subaquático a jato. Mais ou menos no formato da parte dianteira de um

golfinho. Você se agarra à parte de trás e ele o impulsiona pelo mar adentro até 9 metros de profundidade, no máximo. Lembram-se daqueles veículos do filme *007 contra a chantagem atômica*? Um pouco como aquilo. Ótimo para explorar recifes de corais.

Não sei se foi exatamente isso que ele disse. Talvez tenha dito “o mar azul-celeste” ou “as límpidas profundezas do oceano”. Provavelmente também não, mas essa foi a imagem que me veio enquanto eu estava sentado no meio do temporal e via um guarda-chuva perdido passar voando pelo palco.

Eu tinha que experimentar aquilo. Falei isso para Martin. Talvez tenha até me engalfinhado com ele e pressionado meu joelho em sua traqueia, não lembro direito, mas o que importa é que ele disse que ficaria encantado em me deixar usar um Sub Bug. A única questão era: onde? Eu poderia *usá-lo* em qualquer lugar, até mesmo na piscina pública mais próxima. Mas não. O bom seria testá-lo na Austrália, na Grande Barreira de Corais. Precisava de um motivo capaz de convencer alguma revista incauta a patrocinar a viagem para que eu pudesse fazer isso – acredite, essa é a melhor maneira de viajar.

Então me lembrei do meu assunto pendente na Austrália.

Dez anos antes, eu tinha visitado uma ilha no arquipélago de Whitsunday, na extremidade sul da Barreira de Corais. Um lugar terrível, chamado ilha de Hayman. A ilha em si era linda, mas o resort que havia sido construído nela, não. Acabei indo parar lá por engano, exausto após uma turnê promocional de um dos meus livros. Detestei aquele hotel. O folheto ostentava palavras como “cosmopolita”, “majestoso” e “sofisticado”, o que significava música de elevador saindo das palmeiras e festas temáticas todas as noites. Durante o dia, eu ficava sentado à beira da piscina me embebedando lentamente com um drinque chamado Tequila Sunrise e ouvindo as conversas das mesas mais próximas, que pareciam ser quase sempre sobre acidentes de trânsito envolvendo veículos de carga pesada.

Quando anoitecia, cambaleava de volta para o meu quarto para evitar ver australianos totalmente bêbados criando confusão com suas saias havaianas, seus chapéus de caubói ou fosse qual fosse o tema da noite, e ficava assistindo aos filmes da série Mad Max na TV. Eles também mostravam um monte de acidentes de trânsito, muitos dos quais envolvendo veículos de carga pesada. Também não conseguia encontrar nada para ler. A livraria do hotel só tinha dois livros decentes e eu tinha escrito ambos.

Cheguei a conversar uma vez com um casal de australianos na praia. Falei: “Olá, eu sou Douglas, vocês não odeiam essa música de elevador?” Eles responderam que, na verdade, não. Achavam muito cosmopolita, majestosa e sofisticada. Eles viviam em uma fazenda de ovinos cerca de 1.400 quilômetros a oeste de Brisbane, onde tudo o que ouviam, disseram-me, era nada. Falei que isso me parecia ótimo, ao que eles disseram que se tornava bastante tedioso com o tempo, e que um pouco de música de elevador ao fundo era um bálsamo para as suas almas. Recusaram-se a concordar com meu argumento de que era como se estivessem enfiando carne enlatada em nossos ouvidos o dia inteiro e, depois disso, a conversa foi morrendo aos poucos.

Consegui fugir da ilha de Hayman e acabei em um barco de mergulho em Hook Reef, onde passei a melhor semana da minha vida, explorando os corais, mergulhando com uma enorme variedade de peixes, golfinhos, tubarões e até uma baleia-anã.

Somente depois de ter ido embora da ilha de Hayman que fiquei sabendo de algo muito importante que havia deixado de fazer quando estava lá.

Existe uma baía escondida do outro lado da ilha, chamada Manta Ray (Arraia-Jamanta), que, como o nome diz, é repleta de arraias-jamanta. Elas são como enormes e graciosos tapetes voadores submarinos, um dos animais mais belos do mundo. O homem que me contou a respeito desse lugar disse que elas são criaturas tão dóceis e

pacíficas que podem até mesmo deixar as pessoas montarem em suas costas debaixo d'água.

E eu tinha perdido essa oportunidade. Passei dez anos me remoendo por dentro por causa disso.

Nesse meio-tempo, ouvi falar que a ilha de Hayman passara por uma mudança radical. Ela havia sido comprada pela companhia aérea australiana Ansett, que gastou zilhões de dólares para arrancar a música de elevador das palmeiras e transformar o resort em algo que não era apenas cosmopolita, majestoso, sofisticado, etc., como também absurdamente caro e, pelo que todos diziam, muito bom na verdade.

Ali estava, pensei, o motivo de que eu precisava. Iria levar um Sub Bug até as ilhas de Hayman, encontrar uma arraia-jamanta amigável e fazer um test-drive comparativo. E então escreveria um artigo sobre isso.

Ora, qualquer pessoa sã e racional diria que essa era uma ideia totalmente idiota – e muitas disseram, aliás. No entanto, aqui está o artigo: um test-drive comparativo entre o Sub Bug, um veículo subaquático a jato para uma pessoa, e uma arraia-jamanta gigante.

Deu certo?

Adivinhe.

Mas não pude deixar de ser invadido pela ridícula insensatez da ideia ao vermos a gigantesca caixa prateada de 40 quilos que continha o Sub Bug sendo transportada pela pista de decolagem do aeroporto da ilha de Hamilton. Lá estava, percebi, a grande diferença entre dizer às pessoas na Inglaterra que eu *iria* para a Austrália fazer um test-drive comparativo entre um Sub Bug e uma arraia-jamanta, e dizer às pessoas na Austrália que eu tinha *ido* fazer um test-drive comparativo, etc. De repente, me senti um perfeito inglês idiota que todos odiariam, desprezariam e para o qual apontariam na rua, fadado a ser alvo de chacota e piadinhas infames.

Minha mulher, Jane, me explicou com toda a paciência que eu sempre ficava paranoico depois de longas viagens de avião, sugerindo que eu apenas tomasse um drinque e relaxasse.

A ilha de Hamilton é um ótimo exemplo do que não fazer com uma bela ilha subtropical à beira de uma das maiores maravilhas do mundo natural, que é cobri-la de pavorosos arranha-céus de arquitetura duvidosa e vender cerveja, camisetas e cartões-postais mostrando como ela costumava ser linda antes de todas as lojas de cartões-postais chegarem. De todo modo, não ficaríamos ali mais do que alguns minutos. Esperando por nós no píer bem ao lado do pequeno aeroporto, estava o *Sun Goddess*, que era o tipo de barco branco reluzente em que James Bond sempre parecia passar mais tempo do que devia, levando-se em conta que ele na verdade devia ser um funcionário público. A embarcação tinha sido enviada para levar os hóspedes até a ilha de Hayman e esse foi o primeiro indicativo de quanto as coisas tinham mudado.

Fomos graciosamente conduzidos a bordo. Um dos tripulantes nos ofereceu taças de champanhe enquanto outro ficava parado diante das portas de vidro deslizantes que conduziam ao interior climatizado.

Sua função era abri-las para nós. Ele explicou que isso havia se tornado necessário porque, infelizmente, as portas não se abriam sozinhas. Alguns dos seus hóspedes japoneses simplesmente ficavam parados diante delas por vários minutos, cada vez mais perplexos e à beira de um ataque de pânico, até que alguém viesse abri-las manualmente.

O trajeto levou cerca de uma hora, o barco navegando pelo mar escuro, que brilhava sob o sol forte, sem esforço aparente. Ilhas menores e verdejantes passavam ao longe. Fiquei observando o longo rastro que deixávamos para trás e que o mar logo engolia de volta. Beberiquei meu champanhe e pensei em uma velha ponte que existe em Sturminster Newton, no condado de Dorset. Nela ainda há uma

placa de ferro alertando que qualquer pessoa que danifique ou deprede a ponte de alguma maneira estará sujeita à pena de deportação. Para a Austrália. Diga-se de passagem que Sturminster Newton é uma cidade muito simpática, mas muito me espanta que aquela ponte ainda esteja de pé.

Jane, que é muito melhor em ler guias turísticos do que eu (sempre os leio no caminho de volta para ver o que perdi, e o resultado é geralmente chocante), descobriu algo maravilhoso no que estava lendo no momento. Sabia, perguntou ela, que Brisbane foi fundada originalmente como uma colônia para detentos que haviam cometido crimes *depois de terem chegado à Austrália?*

Passei uma boa meia hora digerindo essa simples informação. Era sensacional. Lá estávamos nós, britânicos, pobres criaturas cinzentas e encharcadas de chuva, amontoados debaixo do céu nublado do norte que gotejava como um pano de prato imundo, tratando de condenar aqueles que queríamos punir da forma mais severa a passarem o resto de seus dias sob o sol quente da costa do mar da Tasmânia, na extremidade sul da Grande Barreira de Corais, onde talvez eles pudessem até surfar um pouco, se quisessem. Não é de espantar que os australianos tenham um tipo especial de sorriso que dedicam exclusivamente aos ingleses.

Vista do alto-mar, a ilha de Hayman parecia deserta, apenas uma colina grande e verde cercada de praias de areia branca contra um mar azul-escuro. Somente de muito perto era possível ver o longo e baixo hotel aninhado entre as palmeiras. Quase não há ângulo que permita que se tenha uma boa visão dele, uma vez que o resort está praticamente soterrado pelo que parece um feroz aglomerado de plantas caseiras gigantes. Ele vai serpeando e se embrenhando pela vegetação: colunas, fontes, pátios cobertos pelas copas das árvores, terraços para pegar sol, lojinhas discretas que vendem caríssimos

bibelôs com etiquetas de grife que você teria que tirar com todo o cuidado e piscinas ostensivamente grandes.

Era fabuloso. Nós o adoramos logo de cara. Era exatamente o tipo de lugar que vinte anos atrás me faria desprezar qualquer um que fosse para lá. Uma das grandes vantagens de ficar mais velho e conseguir coisas como viagens de férias gratuitas é finalmente poder fazer tudo aquilo que você achava desprezível que outras pessoas fizessem: ficar sentado no terraço com um par de óculos escuros que custam praticamente um ano de bolsa de estudos, pedir algo ridículo para o serviço de quarto só por capricho, ser paparicado e servido como se fosse um rei pelos funcionários (e, preste atenção, esta é uma parte muito importante e significativa do que acontece com você na ilha de Hayman), que não dizem apenas “sem problema” quando você lhes agradece por terem completado sua taça de champanhe, mas sim “*nenhum* problema”. Eles sinceramente querem que você – e só você, não alguma velha gorda sentada com um chapéu de sol, mas *especialmente* você – sinta que não tem *nenhum* problema naquele mundo maravilhoso em que teve a sorte de ir parar. Sério. Pode acreditar. Nós nem mesmo desprezamos você. *Sério. Nenhum* problema.

Quem dera fosse verdade. Eu tinha um problema, é claro: o meu Sub Bug. Aquela coisa gigantesca, que eu tinha carregado por uma distância dez vezes maior que a percorrida por Moisés quando carregou os filhos de Israel, só para ver como ela era comparada à arraia-jamanta como meio de transporte submarino. O veículo tinha sido descarregado do barco sem alarde, em sua imensa caixa prateada, e guardado discretamente no centro de mergulho, onde ninguém pudesse vê-lo ou fazer especulações sobre sua utilidade.

O telefone tocou no meu quarto. O quarto era muitíssimo agradável, por sinal. Estou certo de que você quer saber como ele era, já que ficamos nele às suas custas. Não era enorme, mas era bastante

confortável, ensolarado e decorado com bom gosto em tons pastéis. Nossa parte favorita era a sacada que dava para o mar, pois ela possuía um toldo que podia ser baixado pressionando um interruptor. O interruptor tinha duas configurações. Você podia deixá-lo em AUTO, o que fazia o toldo baixar sozinho sempre que o sol se pusesse, ou em MANUEL (*sic*), o que fazia com que, imaginamos, um pequeno e incompetente criado português aparecesse para baixá-lo no seu lugar. Achamos isso muito engraçado. Rimos, rimos e rimos e bebemos mais uma taça de champanhe. Depois rimos mais um pouco e o telefone tocou.

– O Sub Bug do senhor está pronto – disse a voz.

– Ah, sim – falei. – Sim, o... hã... Sub Bug. Muito obrigado. Tudo bem, então?

– Não se preocupe – disse a voz. – *Nenhum* problema.

– Ah. Tudo bem.

– Se o senhor quiser, pode ir ao centro de mergulho pela manhã. Podemos retirá-lo, ver como ele funciona, levá-lo para dar uma volta, o que o senhor preferir. Faremos todo o possível para ajudá-lo.

– Ah. Obrigado. Muito obrigado.

– *Nenhum* problema.

A voz era muito cordial e tranquilizadora. Minha paranoia diminuiu um pouco. Então, saímos para jantar.

O resort tinha quatro restaurantes. Acabamos escolhendo o de frutos do mar, que se chamava Oriental Seafood. Frutos do mar na Austrália parecem consistir basicamente de perca-gigante, Moreton Bay bugs e o resto.

– Moreton Bay bugs – disse nossa sorridente garçonete chinesa – são como lagostas, só que deste tamanho. – Ela separou seus dois

indicadores uns oito centímetros. – Nós esmagamos a cabeça deles. É uma delícia. Vocês vão gostar.

Não gostamos muito, para dizer a verdade. O restaurante era elegante, com sua decoração em preto e branco estilo japonês, mas a comida era mais bonita do que saborosa – e o som ambiente era música de elevador. Por um instante, tive a sensação de que o fantasma da velha e cafona ilha de Hayman assombrava seu glamoroso e requintado novo lar. Havia também um restaurante polinésio, um italiano e o mais caro de todos, o La Fontaine, um restaurante francês que resolvemos deixar para a última das quatro noites, embora tivéssemos lá nossas dúvidas. Geralmente prefiro pratos típicos, e a ideia da alta cozinha francesa sendo transportada até ali não me inspirava muita confiança. Ainda assim, esforcei-me para manter a mente aberta, uma vez que uma das melhores refeições que fiz na vida foi caranguejo no vapor e chateaubriand de zebu preparado no sul de Madagascar por um chef que tinha estudado na França. Por outro lado, a França havia infestado Madagascar por 75 anos e transmitido ao país seu legado de habilidade culinária e terrível burocracia. No fim das contas, decidimos dar pelo menos uma olhada no La Fontaine na quarta noite. No caminho até lá, atravessamos quilômetros de carpete instalado de forma impecável, passamos por pianos de cauda, candelabros e reproduções de móveis estilo Luís XVI. Quebrei a cabeça para tentar lembrar se alguma dissidência da corte francesa do século XVIII não teria se estabelecido, por pouco tempo que fosse, na região da Grande Barreira de Corais. Na volta, perguntei a Jane, que é historiadora, e ela me garantiu que eu estava falando uma grande bobagem, então fomos para a cama.

Fomos acordados às 7h30 em ponto na manhã seguinte e, diga-se de passagem, em todas as outras manhãs por uma gaivota que se empoleirou em nossa sacada e executou seu habitual grasnido para nos tirar da cama. Depois de tomarmos o café da manhã, fomos ao

centro de mergulho, que ficava a cerca de um quilômetro do hotel, onde encontramos Ian Green.

Era Ian quem tinha me telefonado na noite anterior. Era o encarregado de tudo relacionado aos mergulhos na ilha de Hayman, e seria difícil imaginar pessoa mais prestativa e simpática do que ele. Tiramos o Sub Bug da caixa e o observamos reluzir sob a luz do sol.

Como já disse, ele tem o formato da parte dianteira de um golfinho. A parte central é azul e mais para a frente destacam-se duas pequenas barbatanas amarelas, uma de cada lado, que podem ser giradas alguns graus de modo a guiar o Sub Bug para cima ou para baixo. Nas costas dele há duas alças grandes para você se segurar enquanto o Sub Bug o transporta pela água. Os botões que dão a partida e controlam a subida ou descida do veículo ficam ao alcance dos seus polegares. Dentro do Bug há um cilindro de ar comprimido – um tanque de mergulho comum – que fornece a energia necessária para girar as duas hélices que o impulsionam para a frente, além de transportar ar através de um tubo flexível até um regulador que fica solto. Um regulador é aquilo que você enfia na boca para receber oxigênio enquanto está mergulhando. O sentido dessa configuração toda é que você só necessita de uma máscara e pés de pato; não precisa carregar um tanque de mergulho nas próprias costas, uma vez que receberá o ar diretamente do Sub Bug. O veículo é projetado de forma a permitir que você mesmo determine a profundidade máxima que pretende atingir. De todo modo, o limite é de 9 metros.

Ian havia recebido uma pilha de faxes de Martin Pemberton com instruções de montagem e estava muito confiante de que conseguiria segui-las.

– Nenhum problema – disse ele, antes de me perguntar quais eram meus planos.

Falei que talvez fosse uma boa ideia fazer um teste em águas rasas antes de irmos para mar aberto.

– Nenhum problema – repetiu ele.

Comentei então que poderíamos levar o Bug conosco na expedição de mergulho que sairia da ilha na manhã seguinte.

– Nenhum problema – falou ele pela terceira vez.

– Daí pensei em experimentá-lo um pouco, ver se me acostumo, e dar uma volta pelo recife para ver o que ele é capaz de fazer.

– Nenhum problema.

– E depois, hã, por causa desse artigo que tenho que escrever, no qual pretendo relatar uma espécie de test-drive comparativo, quero tentar fazer a mesma coisa com uma arraia-jamanta.

– Não, senhor – disse ele. – Nenhuma chance.

Imagino que deveria ter previsto isso.

Ou talvez tenha sido melhor assim. Se tivesse previsto, não estaria parado ali vestindo metade de uma roupa de mergulho, olhando para o mar da Tasmânia reluzente e pensando “Que droga”. Em vez disso, estaria sentado à toa no meu escritório em Islington, perguntando-me se já tinha “trabalhado” o suficiente para poder sair e fazer uma boquinha.

A questão era muito simples. Como alguém que passou mais de dois anos trabalhando em projetos ecológicos, a primeira coisa que eu deveria saber é que não se pode incomodar os animais. Dez anos atrás, quando ouvi falar das arraias-jamanta pela primeira vez, talvez não houvesse problema em tentar tocar em uma delas, mas agora é diferente. De jeito nenhum. Não é permitido tocar no recife. Não se pode levar nada dali. Nenhuma concha ou coral que seja. Não se pode encostar nos peixes, exceto uns poucos que se pode alimentar. E certamente não é permitido bancar o espertinho e tentar surfar em uma arraia-jamanta.

– De todo modo, é muito difícil que o senhor consiga chegar perto de uma delas – falou Ian. – São criaturas muito tímidas. Talvez algumas pessoas tenham conseguido montar em uma arraia-jamanta no passado, mas imagino que seja muito difícil. E agora simplesmente não podemos permitir.

– Certo – falei, um tanto constrangido. – Entendo perfeitamente. Acho que não tinha pensado direito no assunto.

– Mas podemos nos divertir um pouco com o Sub Bug – falou Ian. – Nenhum problema. Também podemos tirar umas fotos. É uma bela câmera essa que o senhor tem aí.

E então chegamos à outra parte bastante constrangedora dessa história sobre a qual tenho mantido total silêncio até agora. Uma filial da Nikon na Inglaterra teve a bondade de me emprestar para essa viagem uma câmera subaquática com foco automático Nikonos AF SR nova em folha, ou seja, o equipamento fotográfico mais sexy e cobiçado do mundo, que vale cerca de 15 mil libras. A câmera é simplesmente um maravilhoso e brilhante exemplo de tecnologia. Sério. Se você pretende tirar fotografias debaixo d'água, é o que há de melhor. Uma coisa de louco. Mas por que estou me alongando tanto nisso? Bem, passo muito tempo trabalhando com computadores e, como estou habituado a usar Mac, quase nunca me dou ao trabalho de ler manuais, portanto... não me dei trabalho de ler o manual dessa câmera.

Percebi isso quando fui pegar as fotos reveladas.

Por favor... não quero mais falar nesse assunto, exceto para dizer muito obrigado, Nikon. A câmera de vocês é realmente espetacular, e espero mesmo que me deixem pegá-la emprestada novamente algum dia. Não tornarei a falar sobre a câmera neste artigo.

Pegamos uma pequena embarcação até uma ilhota deserta a cerca de 10 minutos do hotel. Ian e eu passamos mais ou menos uma hora brincando com o Bug, o que foi agradável. Deparamos com alguns problemas – um grão de areia numa válvula e coisas do gênero. Descobrimos que o Bug não funcionava bem em águas muito rasas quando precisava ir contra a maré. Bem, no dia seguinte o levaríamos para águas mais profundas. Jane ficou tomando sol na praia e lendo um livro. Algum tempo depois, embarcamos de volta e retornamos à ilha de Hayman. Não é nenhuma grande história, eu sei, mas o que me motiva a contá-la mesmo assim é que ela ainda está muito viva em minha memória. E às vezes acho que uma das desvantagens de se morar em Islington, por exemplo, é não ter acesso imediato a ilhotas em que você possa passar a tarde brincando com Sub Bugs. Dói um pouco pensar nisso, na verdade. Não temos sequer uma ponte decente para depredar.

Havia umas dez pessoas no barco de mergulho na manhã seguinte. O hotel é tão espaçoso e amplo que você não costuma ver muito os outros hóspedes, mas foi curioso começar a perceber quantos deles eram japoneses. Do tipo que anda de mãos dadas e olha nos olhos. A ilha de Hayman, acabamos descobrindo, era um destino muito procurado por japoneses em lua de mel.

O Sub Bug foi acomodado na popa da embarcação, e eu fiquei olhando para ele durante a viagem de uma hora até o recife. Quase nenhuma das ilhas da Barreira de Corais fica no próprio recife, com exceção da ilha de Heron. A única maneira de chegar lá é de barco. Eu estava muito empolgado. Exceto por alguns mergulhos em piscinas para não perder a prática, aquele seria meu primeiro mergulho livre propriamente dito em anos. É algo que eu adoro fazer. Sou uma dessas pessoas fascinadas pela possibilidade de voar, e

o mergulho livre é a coisa mais próxima disso que conheço. E para alguém de 1,98 metro e menos gracioso do que o príncipe de Gales, para pegar um nome ao acaso, a sensação de se ver livre da gravidade é extasiante. Além disso, costumo vomitar quando volto à superfície, o que é uma ótima maneira de abrir o apetite.

Chegamos ao recife, atracamos, vestimos as roupas apropriadas e nos preparamos para mergulhar. Quando a maré está baixa, o recife geralmente fica acima da superfície da água. Dá até para andar sobre ele, embora atualmente isso seja desaconselhável, por conta dos danos que isso pode provocar. No entanto, mesmo quando a maré está alta, explorá-lo não configura um mergulho de grande profundidade. A maior parte do que há para ver está nos primeiros 10 metros, e praticamente não há motivo para descer abaixo de 20. A maior profundidade que se pode alcançar em um mergulho livre é algo em torno de 27 metros, mas não faz muito sentido ir tão fundo. A essa profundidade, geralmente se veem pedras nuas em vez de corais, e a lei de Boyle determina que você consome o seu ar muito mais rápido lá embaixo. Além disso, você vai precisar passar muito mais tempo na superfície se não quiser sofrer uma embolia. O Sub Bug o mantém a uma segura profundidade máxima de 9 metros.

Antes de experimentá-lo, eu quis dar um mergulho comum para conhecer o local. De dois em dois, colocamos nossas máscaras, atravessamos o convés até a popa da embarcação e caímos na água em meio a uma profusão de bolhas. Um barco de mergulho atracado sempre chama atenção de muitos dos peixes da área, que imaginam, em geral com razão, que serão alimentados. Se tiver sorte, você verá o maori bodião, que é uma extraordinária criatura verde-oliva do tamanho de uma mala de viagem. Esses peixes têm bocas grandes e protuberantes e uma testa maciça e igualmente pronunciada, mas o motivo para terem maori no nome, conforme lhe dirá qualquer

australiano em tom de desculpas, é uma marca que eles trazem na testa que parece uma pintura. Os australianos já não são mais racistas.

Havia uma boa quantidade de maoris bodiões em volta do barco e eu cometi o erro de parar entre dois deles e alguns pedaços de pão que alguém tinha atirado do barco. Os bichos não tiveram o menor pudor em me atropelar para chegar à comida.

Então, fui até o recife, nadando com facilidade ao redor do barco durante um tempo para me readaptar a estar submerso. Em seguida, voltei a bordo para pegar o Sub Bug. Juntos, eu e Ian o colocamos dentro d'água. Eu me posicionei atrás do veículo e dei a partida. Uma das características mais curiosas do mergulho livre é que o traje e o equipamento parecem muito pesados, trambolhudos e difíceis de manejar na superfície – o que é uma das coisas que costumam assustar os principiantes –, mas, depois que você entra com eles na água, tudo começa a fluir de maneira suave e fácil. O truque é fazer o mínimo de esforço possível para conservar oxigênio. Ou seja, é quase por definição o esporte menos aeróbico que existe. Não vai deixar você em forma.

A princípio, fiquei desapontado com o fato de o Sub Bug não me transportar mais rápido do que eu podia nadar. Estávamos descendo bem devagar, mas, assim que comecei a me acostumar novamente com a lentidão com que tudo acontece debaixo d'água, passei a gostar das longas e vagarosas curvas, como movimentos de balé, que ele permite que você faça na água por estar totalmente esticado atrás do veículo, em vez de nadando na posição normal, com os braços estendidos ao longo do corpo ou sobre o peito. Com o equipamento, contornar o recife foi como esquiar em câmera ultralenta – uma ideia quase zen, na verdade. Comecei a gostar muito da experiência, embora depois de 15 minutos eu já estivesse com a sensação de que havia esgotado as possibilidades e ansioso para nadar por conta própria outra vez. Imagino que o Sub Bug seja mais apropriado para pessoas

que querem ter uma experiência de mergulho, mas sem terem que se preocupar em aprender a usar coletes de flutuação e tudo o mais.

Voltei à superfície e puxamos o trambolho de volta para o barco. Bem, eu tinha andando no Sub Bug. Mas, durante o almoço, preocupado com o fracasso total do meu plano absurdo de fazer um test-drive comparativo, conversei sobre o assunto com Ian e Jane.

“Acho que vou ter que fazer a comparação em termos mais ou menos conceituais”, falei. “E vamos precisar de um sistema de pontuação. Obviamente, o Sub Bug ganha alguns pontos por ser portátil. Você pode levá-lo em um avião, o que não poderia fazer com uma arraia-jamanta, ou pelo menos não com uma arraia-jamanta de que você goste, embora a princípio gostemos de todas as arraias-jamantas, não? A sua arraia-jamanta seria muito mais rápida e manobrável, e você não precisaria encher o tanque dela a cada vinte minutos. Mas existe um aspecto em que o Sub Bug ganha de lavada: você pode montar nele sem problemas. Acho que temos que lhe dar bastante crédito por isso, se estivermos pensando nele como um meio de transporte. Mas também podemos olhar para a coisa toda por outro ângulo. O motivo pelo qual você não pode montar em uma arraia-jamanta é ecológico, e sob todos os aspectos ecológicos ela vence, sem sombra de dúvida. Na verdade, qualquer meio de transporte que você *na verdade não pode usar* traria um grande benefício ecológico, vocês não acham?”

Ian assentiu com simpatia.

– Você se importa se eu voltar a ler meu livro agora? – perguntou Jane.

Para o mergulho da tarde, Ian disse que queria me levar para um lugar diferente. Eu lhe perguntei por que e ele foi evasivo. Por fim, mergulhamos juntos e fomos batendo pernas lentamente em direção a

outro lado da barreira. Quando chegamos lá, a área plana do recife estava a cerca de 1,20 metro da superfície e a luz do sol salpicava suavemente as formas e cores extraordinárias dos corais cérebro, dos corais chifre-de-veado, das algas marinhas e das anêmonas. As coisas que vemos debaixo d'água muitas vezes parecem uma paródia louca daquelas que vemos na superfície. Lembro-me de ter pensando, quando mergulhei ali pela primeira vez, anos atrás, que as pessoas costumavam ter tudo aquilo sobre os consoles de suas lareiras na década de 1950. Demorei um pouco para me livrar da ideia de que um recife não passava de um monte de objetos de decoração kitsch.

Nunca consegui aprender os nomes de muitos peixes. Sempre os estudo com afinco quando estou no barco e esqueço tudo uma semana depois. Mas seria capaz de ficar horas observando a estonteante variedade de suas formas e seus movimentos; se o oxigênio permitisse, é claro.

E assim fui em frente, devagar, logo abaixo da superfície. Poucos metros adiante, o recife começava a descer gradualmente até se tornar um amplo vale. O fundo era extenso, escuro e plano. Ian estava apontando em determinada direção, mas eu não sabia por quê. Tudo o que via era uma ausência de corais interessantes. E então, enquanto olhava, o chão negro do vale se ergueu lentamente e começou a flutuar para longe. Ao se mover, suas pontas ondularam de leve e eu pude ver que a parte de baixo era branca como a neve. Fiquei petrificado ao perceber que estava diante de uma arraia-jamanta gigante de 2,50 metros de largura.

Ela então se inclinou para o lado, fazendo uma curva aberta e ampla. Parecia se mover de forma espetacularmente vagarosa e eu estava louco para alcançá-la. Desci pela lateral do recife para segui-la. Ian gesticulou para que eu me movesse devagar, para não assustar a criatura. Logo percebi que seu tamanho enganava e que ela se movia muito mais depressa do que parecia. Ela tornou a se inclinar,

contornando o recife, e pude ver suas formas com mais clareza. Seu formato era o mesmo de um diamante. A cauda não era longa como a de uma arraia comum. E a parte mais extraordinária do seu corpo era a cabeça. Onde você esperaria que houvesse uma cabeça, era como se alguém tivesse dado uma mordida e arrancado um pedaço dali. Das duas pontas da frente – as beiradas da “mordida”, se é que estou sendo claro –, pendiam dois chifres, ligeiramente dobrados para baixo. E, na base de cada um deles, havia um olho grande e negro.

Enquanto ela se movia, batendo e ondulando suas nadadeiras gigantes, minha sensação era de estar observando a coisa mais linda e extraordinária que já tinha visto na vida. Há quem diga que elas se parecem com aqueles aviões bombardeiros invisíveis ao radar, mas essa é uma imagem muito cruel para uma criatura tão majestosa, graciosa e benigna.

Eu a segui à medida que ela contornava a parede do recife. Não consegui acompanhá-la de perto, mas suas curvas eram tão abertas que eu só precisava nadar distâncias relativamente curtas ao redor da barreira para não perdê-la de vista. Ela deu duas, três voltas no recife e então finalmente desapareceu, fazendo-me pensar que a havia perdido de vez. Parei e olhei ao meu redor. Ela já não estava mais lá. Fiquei triste, mas maravilhado com o que tinha acabado de ver. Então minha visão periférica captou uma sombra se movendo no fundo do mar. Ergui os olhos, despreparado para o que vi em seguida.

A arraia-jamanta planou por sobre a superfície do recife logo acima de mim, só que, desta vez, outras duas vinham em seu encalço. Juntas, as três criaturas imensas, movendo-se em perfeita e ondulante harmonia, como se acompanhassem os trilhos de uma montanha-russa invisível, afastaram-se rapidamente de mim até se perderem ao longe na escuridão das águas.

Fiquei muito calado naquela noite, enquanto guardávamos o Sub Bug de volta em sua grande caixa prateada. Por fim, agradei a Ian por

me levar até a arraia-jamanta e disse que entendia por que era proibido montar nelas.

– Ah, não tem problema, amigo – disse ele. – Nenhum problema.

1992



Quais são seus autores preferidos?

Charles Dickens, Jane Austen, Kurt Vonnegut, P. G. Wodehouse, Ruth Rendell.



Introdução a *Sunset at Blandings*

Este é o último – e inacabado – livro de P. G. Wodehouse. Inacabado não apenas no sentido de que a história é interrompida de repente, o que por si só é de cortar o coração para nós que amamos este homem e sua obra, mas também no sentido mais importante, de que o próprio texto encontra-se inacabado. Para Wodehouse, a primeira versão de um texto servia para organizar os ingredientes fundamentais da história – a estrutura da trama, os personagens e suas idas e vindas, as montanhas que eles escalam e os precipícios de onde caem. No estágio seguinte da escrita – o implacável processo de revisão, refinamento e aperfeiçoamento – é que seus livros se transformavam nos prodígios de linguagem que todos conhecemos e

amamos. Quando estava escrevendo uma obra, ele costumava afixar as páginas na parede do seu escritório. As páginas que achava que estavam boas eram afixadas na fileira mais alta, enquanto as que ainda precisavam ser reescritas eram colocadas mais embaixo. Sua meta era estar com o manuscrito inteiro na fileira de cima antes de entregá-lo para a editora. Grande parte de *Sunset at Blanding* provavelmente ainda estava lá embaixo. Era uma obra em desenvolvimento. Muitos dos trechos são apenas tapa-buracos para o que viria em revisões posteriores – as imagens e os conceitos deslumbrantes que mandariam as páginas direto para as fileiras de cima.

A pergunta é: será que, ainda assim, é possível encontrar em *Sunset at Blanding* provas de que Wodehouse era um grande gênio? Bem, para ser franco, não muitas. Não só por se tratar de uma obra inacabada, mas também porque, quando foi escrita, ele já era um homem de 93 anos. A essa idade, acredito que você já tenha conquistado o direito de ter escrito suas melhores obras no passado. De certa forma, Wodehouse foi vítima da própria longevidade extrema (ele nasceu no ano da morte de Darwin e ainda estava em atividade bem depois de os Beatles se separarem) e acabou fazendo o papel de Pierre Menard para o seu próprio Cervantes. (Não vou explicar essa para você. Se não sabe do que estou falando, deveria ler o conto de Jorge Luis Borges chamado “Pierre Menard, autor do Quixote”. Ele tem apenas seis páginas, e você vai querer me mandar um cartão de agradecimento pela indicação.) Mas vale a pena ler o *Sunset at Blanding* – graças justamente à sua incompletude, você tem a sensação de estar repentina e inesperadamente observando um mestre em plena ação. Mais ou menos como ver os baldes de tinta e andaimos sendo carregados para dentro e para fora da Capela Sistina.

Mestre? Grande gênio? Ah, sim. Uma das maiores alegrias da língua inglesa é o fato de um seus mais sublimes artífices, um dos caras que se elevava acima de todos os outros, ser um piadista.

Embora isso não deva causar tanta surpresa. Quem mais poderíamos colocar nessa lista? Austen, é claro, Dickens e Chaucer. O único incapaz de fazer uma piada mesmo que sua vida dependesse disso seria Shakespeare.

Afinal, vamos ser sinceros por um instante. Não há nada pior do que assistir a um certo tipo de ator britânico tentando bravamente ser engraçado no papel de, por exemplo, Dogberry em *Muito barulho por nada*. É de cortar os pulsos. Nós até tentamos encobrir o vexame chamando o artifício cômico que ele emprega de *malapropismo* – termo derivado do nome de uma personagem de Sheridan, a Sra. Malaprop, que faz a mesmíssima coisa, só que de forma engraçada, na peça *The Rivals* [Os sinais]. E nem me venham dizer que isso tem algo a ver com o fato de Shakespeare tê-la escrito no século XVI. Que diferença faz isso? Chaucer não tinha a menor dificuldade em ser hilariante muito antes disso, no século XIV, quando nosso jeito de falar era ainda mais pomposo.

Talvez exatamente porque nosso maior gênio literário seja incapaz de fazer graça, nós tenhamos decidido que ser engraçado não conta. O que não é nada bom para Wodehouse (como se ele se importasse), uma vez que toda a sua genialidade estava em ser engraçado, e sê-lo de forma tão sublime a ponto de ofuscar qualquer poesia. A precisão com que ele joga simultaneamente com cada um dos aspectos que compõem uma palavra – sua semântica, sua sonoridade, seu ritmo e todo o seu leque de associações idiomáticas e conotações – faria Keats assobiar de admiração. Acho que Keats se orgulharia de ter escrito “... o sorriso desapareceu de seu rosto como o suspiro de uma navalha” ou que a risada de Honoria Glossop soava como “uma cavalaria atravessando uma ponte de latão”.

O que Wodehouse escreve é pura sinfonia linguística. Não importa nem um pouco que seus enredos sejam eternas variações de sequestros de porcos, mordomos arrogantes e golpes absurdos. Ele é o

maior *músico* da língua inglesa, e o que os músicos fazem se não explorar variações sobre um mesmo tema? Na verdade, o *enredo* dos livros me parece ser maravilhosamente irrelevante. A beleza não precisa ser *sobre* nada. Sobre o que é um vaso? Sobre o que é um pôr do sol ou uma flor? *Sobre o que*, por sinal, é o concerto nº 23 para piano de Mozart? Há quem diga que toda arte tende a se aproximar da condição da música, e a música não é *sobre* nada – exceto quando ela não é muito boa. Música para cinema é sobre alguma coisa. A música-tema do filme de guerra *The Dam Busters* é sobre alguma coisa. Uma fuga de Bach, por outro lado, é pura forma, pura beleza e puro ludismo – e não sei se, em termos de arte e grandes feitos da humanidade, existe muita coisa além de uma fuga de Bach. Talvez a teoria eletrodinâmica quântica. Talvez o conto *Uncle Fred Flits By*, de Wodehouse. Não tenho certeza.

Evelyn Waugh, se não me engano, comparou o mundo de Wodehouse a um Éden pré-expulsão, e é verdade que, com *Sunset at Blandings*, ele conseguiu criar e sustentar um Paraíso totalmente inocente e benigno, um desafio que, como vale lembrar, representou uma famosa derrota para John Milton, provavelmente por ele ter tentado demais fazer o mesmo. Como Milton, Wodehouse busca fora de seu Paraíso metáforas que possam torná-lo mais real para os seus leitores. Mas enquanto Milton as busca de forma confusa no mundo dos deuses e heróis clássicos, as imagens de Wodehouse são vividamente reais: “Ela examinava o cofre, ligeiramente ofegante, como um molho de queijo derretido prestes a chegar ao ponto de fervura.” “O bigode do duque subia e descia como algas na maré baixa.” Quando se trata de criar metáforas (está bem, está bem, símiles, se você faz tanta questão), ninguém supera o Mestre. É claro que Wodehouse nunca colocou sobre os próprios ombros a responsabilidade de justificar os desígnios de Deus para o Homem,

mas apenas a de fazer o Homem, durante algumas horas, irrevogavelmente mais feliz.

Wodehouse é melhor do que Milton? Bem, é óbvio que esta é uma comparação absurda, mas sei quem eu escolheria para continuar comigo no cesto do balão, não só pela companhia, mas pela própria arte.

Nós, fãs de Wodehouse, gostamos muito de telefonar uns para os outros para falar de novas descobertas. Mas talvez façamos um desserviço ao grande homem quando soltamos nossas citações favoritas em público – como, por exemplo, “gelo se formou nas encostas mais elevadas do mordomo”; “como tantos outros americanos ricos, ele havia se casado cedo e várias vezes seguidas, saltando de loura em loura como um cabrito montês saltando de rochedo em rochedo”; ou, minha preferida dos últimos tempos, “Ele se virou num pulo cheio de culpa, como um bailarino pego de surpresa enquanto colocava água no leite do gato” –, pois, por mais inegavelmente maravilhosas que sejam, elas são um pouco como um peixe empalhado em cima de uma lareira. Você precisa vê-las no contexto para desfrutar do efeito completo. Em seu devido contexto, a frase de Freddie Threepwood “Trago aqui neste saco alguns simples ratos” é o ápice de um dos momentos mais sublimes de toda a literatura inglesa, mas você não tem como saber disso lendo-a de forma isolada.

Shakespeare? Milton? Keats? Como posso juntar o autor de *Pearls, Girls and Monty Bodkin* e *Pigs Have Wings* com esses homens na mesma frase? Wodehouse não é um autor sério!

Ele não precisa ser sério. Ele é melhor do que isso. Está nos limites da estratosfera do que a mente humana é capaz de fazer, acima da tragédia e da gravidade de pensamento, onde você encontrará Bach, Mozart, Einstein, Feynman e Louis Armstrong, no âmbito do puro e criativo bom-humor.

Introdução a *Sunset at Blandings*
(Penguin Books)



Chá

Um ou dois americanos já me perguntaram por que os ingleses gostam tanto de chá, já que, para eles, essa não parece ser uma bebida muito saborosa. A questão é que, para entender, é preciso prepará-lo da maneira certa.

Existe um princípio muito simples que é o seguinte: para obter o verdadeiro sabor do chá, a água deve estar fervENDO (não fervIDA) quando entra em contato com as folhas. Se a água estiver apenas quente, ele ficará insípido. É por isso que nós possuímos todos aqueles rituais estranhos, como pré-aquecer o bule (para que água fervente da chaleira não esfrie rápido demais ao ser colocada nele). É por isso que o hábito americano de levar uma xícara, um saquinho de chá e um bule de água quente à mesa é simplesmente a forma mais garantida de se preparar um líquido ralo, insosso e aguado que ninguém com um pingo de juízo iria querer beber. Os americanos nunca conseguem entender por que os ingleses dão tanta importância ao chá porque a maioria deles NUNCA TOMOU UMA XÍCARA DE CHÁ DECENTE. Mas, para dizer a verdade, a maioria dos ingleses também já não sabe preparar um bom chá e prefere beber café instantâneo barato, o que é uma pena, além de dar aos americanos a impressão de que os britânicos não entendem nada de bebidas estimulantes quentes.

Então, o melhor conselho que posso dar a qualquer americano que esteja indo à Inglaterra é o seguinte: vá a uma loja e compre uma caixa de chá Earl Grey. Volte para casa e ferva água numa chaleira. Quando ela começar a ferver, abra o pacote e dê uma cheirada. Cuidado – você pode ficar um pouco tonto, mas isso é perfeitamente legal. Quando a água levantar fervura, despeje um pouco dela em um bule, mexa a água dentro dela e coloque-a de volta na chaleira. Deposite dois (ou três, dependendo do tamanho do bule) saquinhos de chá dentro do bule. (Se eu estivesse realmente tentando lhe mostrar o caminho da retidão, diria para usar folhas soltas em vez de sachês, mas vamos devagar.) Deixe ferver novamente a água da chaleira e então a despeje (ainda fervendo) no bule, o mais rápido possível. Deixe a mistura descansar por dois ou três minutos e então sirva-a em uma xícara. Algumas pessoas irão dizer que você não deveria acrescentar leite a uma xícara de Earl Grey, e sim apenas uma fatia de limão. Elas que se danem. Gosto de leite no meu. Se você achar que também vai gostar, talvez seja melhor colocar um pouco no fundo da xícara antes de servir. ** Se o acrescentar a uma xícara de chá quente, irá esquentar o leite. Caso prefira uma fatia de limão, então, bem, acrescente uma fatia de limão.

Beba. Após alguns instantes você começará a achar que, no fim das contas, o lugar em que foi parar talvez não seja tão estranho quanto parece.

12 de maio de 1999



A escalada do rinoceronte

Ondas de calor equatorial vêm do asfalto em minha direção. Estamos na curta estação das chuvas do Quênia, mas o sol evaporou a umidade matinal em questão de minutos. Estou coberto de filtro solar, a estrada se estende a perder de vista em meio à névoa de calor e minhas pernas até que estão se acostumando bem ao seu novo ambiente. Salpicados ao longo da estrada, à minha frente e atrás de mim, estão os demais caminhantes, alguns andando a passos vigorosos, outros como se estivessem apenas passeando, mas todos, na verdade, na mesma velocidade. Um deles veste uma grande couraça cinza esculpida à mão, feita de um tecido plástico esticado sobre uma estrutura de metal. Um grande chifre balança de um lado para outro à sua frente. A coisa é uma grotesca, porém estranhamente bonita, caricatura de rinoceronte que se move a passadas rápidas e decididas. O sol castiga. Caminhões passam perigosamente perto de nós. Os motoristas gritam e sorriem para o nosso rinoceronte. Quando passamos por caminhões que claramente tombaram para o lado e caíram no acostamento, sempre nos perguntamos se tivemos algo a ver com o acidente.

Os demais caminhantes vêm andando há vários dias, desde o litoral de Mombasa, ao longo da rodovia principal, até a parada em Voi, o centro local do universo. Juntei-me a eles na noite passada, vindo de Land Rover de Nairóbi com minha irmã Jane, que vem fazendo trabalho voluntário para uma sociedade protetora dos rinocerontes, Save the Rhino International, justamente a organização que estamos ali para apoiar. O plano é seguirmos pela estrada até o asfalto desaparecer aos poucos, à medida que nos aproximarmos da fronteira com a Tanzânia.

Do outro lado da fronteira, ergue-se o monte Kilimanjaro, a montanha mais alta do mundo. O propósito da expedição é escalá-lo até o cume – um pequeno bando de ingleses andando quilômetros por dia debaixo do sol do meio-dia e se revezando na enorme roupa de

rinoceronte. Os cachorros já desistiram de nos acompanhar há muito tempo.

Que história é essa, imagino que você esteja pensando, de “a montanha mais alta do mundo”? O Everest, naturalmente, merece no mínimo uma menção honrosa nessa categoria, não? Bem, depende do ponto de vista. É claro que o monte Everest ergue-se a maciços 8.848m acima do nível do mar, o que é impressionante, claro. Mas se você for escalar o Everest, considerando que esteja com um guia confiável, provavelmente começará em algum ponto dos Himalaias. Qualquer lugar nos Himalaias já é alto pra burro, portanto, pelo que dizem, escalar o restinho que falta até o topo do Everest não passa de um breve e tranquilo passeio. A maneira de tornar a coisa interessante hoje em dia é fazê-la sem oxigênio, só de cuecas, ou algo parecido.

Mas o Kilimanjaro não faz parte de nenhuma grande cordilheira como o Everest. Foi preciso muito tempo para que se descobrisse qual parte do Himalaia era a mais alta, e a descoberta foi feita, se não me engano, de uma mesa em Londres. Já o Kilimanjaro não tem esse problema. Ele é um monte vulcânico e solitário, cercado apenas por algumas pequenas colinas sem importância. Quando você finalmente consegue ver o Killy em meio às nuvens que o ocultam no horizonte, seu sangue gela nas veias de repente. “Ah”, você diz enfim, “você quer dizer acima das nuvens”. Sua cabeça se volta o máximo possível para cima. “Oh, meu Deus...” Da base ao cume, é a maior montanha do mundo. E certamente uma péssima coisa para se escalar usando uma fantasia de rinoceronte. Essa ideia maluca foi dada meses atrás pelos fundadores da Save the Rhino, David Stirling e Johnny Roberts, e a princípio eu não tinha entendido aonde eles queriam chegar com aquilo. Começaram falando que tinham conseguido um conjunto inteiro de fantasias de rinoceronte que Ralph Steadman havia desenhado para uma ópera, e que elas seriam perfeitas para se usar numa escalada ao longo do Kilimanjaro. Já tinham sido usadas, David

contou para me tranquilizar, durante a maratona de Nova York. “Vai causar um grande impacto”, disseram eles. “Pode acreditar. Sério.”

Comecei a perceber quanto isso era verdade quando nos aproximamos do primeiro vilarejo do dia, e talvez este seja um bom momento para explicar o propósito de toda essa expedição. Ele não era, na verdade, para levantar dinheiro para a preservação dos rinocerontes. Esses animais, que costumavam existir aos montes nas planícies da África Oriental, agora são lamentavelmente raros, mas no Quênia eles se encontram tão bem conservados quanto possível em qualquer parte da África. O Serviço de Vida Selvagem no Quênia, coordenado por Richard Leakey, consiste em oito mil soldados bem-treinados, equipados, armados e motivados; em suma, uma força formidável. Formidável até demais, para alguns de seus opositores. Hoje, a caça ilegal no Quênia, oficialmente, “deixou de ser um problema”. Mas a conservação da espécie é um trabalho em constante evolução, e começamos a perceber que o simples fato de ir à África para dizer aos nativos que eles não devem fazer com a vida selvagem o mesmo que nós fizemos com a nossa, e que estamos ali para garantir que isso não aconteça, é uma atitude que, para dizer o mínimo, precisa ser mais cuidadosa.

As comunidades que vivem às margens dos grandes parques nacionais enfrentam uma dura realidade. Seus habitantes são pobres e desnutridos, suas terras são restringidas pelos parques e quando eventualmente um leão ou elefante foge da reserva são eles quem sofrem. Argumentos sobre a necessidade de preservar a diversidade genética do planeta podem parecer um tanto abstratos para alguém que acabou de perder a terra que cultivava para alimentar sua família ou, ainda pior, que acabou de perder um de seus familiares. A longo prazo, a conservação não pode ser imposta por estrangeiros, passando por cima das necessidades da população local. Se alguém vai cuidar da

vida selvagem da região, no fim das contas devem ser os nativos – e alguém precisa cuidar deles.

No nosso roteiro estava previsto que passaríamos por alguns lugares antes de chegar aos grandes parques nacionais de Tsavo Oriental e Ocidental; eram as pessoas que viviam nessas áreas que tínhamos ido visitar e ajudar. A quantia de 100 mil libras que esperávamos arrecadar com a caminhada seria investida na construção de salas de aula, em livros para bibliotecas e no financiamento de outros projetos sociais. Queríamos mostrar àquelas pessoas que a vida selvagem, apesar dos problemas que podia gerar, também era capaz de beneficiá-las.

Enquanto nos aproximávamos do nosso primeiro vilarejo do dia, o rinoceronte, com Todd Jones dentro, ia na frente. Todos nós nos revezávamos vestindo a fantasia durante uma hora cada um, e você logo aprendia a identificar quem estava nela só pela maneira como o rinoceronte se movia. Se andasse lentamente, como se estivesse passeando, então era Giles quem estava dentro. Giles é um ex-aluno do internato de Gordonstoun e sócia de Hugh Grant que havia passado seus últimos anos viajando de carona pela África com o próprio paraquedas. Sua tática consistia em aparecer em campos de aviação com esse paraquedas, encontrar alguém que estivesse voando mais ou menos na direção em que ele pretendia ir, pedir uma carona e, quando lhe desse na telha, simplesmente saltar do avião. Pelo que se sabia, sua namorada era uma supermodelo que de alguns em alguns meses descobria onde ele estava, pegava um voo até lá e depois (agora estou especulando) mandava que ele tomasse um banho e fosse encontrá-la em seu quarto de hotel.

Se o rinoceronte caminhasse alegremente, então era Tom quem estava dentro. Tom era um homem alto, que parecia ter saído de um romance de Wodehouse e tinha o biotipo totalmente errado para a

África – ele tinha aquele ar cordial de um membro da pequena nobreza agrária.

Se o rinoceronte andasse a passos rápidos e agitados, era Todd o seu ocupante. Todd só não era um inglês maluco porque era do País de Gales. Estava encarregado das roupas de rinoceronte e as havia usado na ópera para a qual tinham sido confeccionadas e durante a qual teve que carregar sopranos muito pesadas nas costas. Ele me disse que originalmente queria ser veterinário, mas em vez disso acabou sendo uma série de animais diferentes. Sempre que você vir um filme, um programa de TV ou um comercial que mostre alguém vestido de animal, provavelmente é Todd quem está lá. “Eu participei de *As crônicas de Nárnia*”, contou-me ele, acrescentando em seguida: “Adivinhe qual dos animais eu era?” Certa noite, Todd me mostrou fotos da sua família. Havia uma linda fotografia de sua mulher, uma de sua filha pequena, uma de seu filho bebê e, por fim, uma de um centauro azul-claro. Era ele, fantasiado de forma bem convincente.

Enquanto Todd/rinoceronte seguia em frente, multidões de crianças surgiam nas ruas à nossa frente e vinham correndo em nossa direção, cantando, dançando e gritando “Rinoceronte! Rinoceronte! Rinoceronte!”. Logo fomos cercados e escoltados até a praça do vilarejo, onde uma recepção havia sido preparada para nós. Todos os moradores tinham vindo nos receber com enorme empolgação. Sentamos ali, ofegantes por conta do calor e bebendo litros de água mineral, e assistimos a um espetáculo de dança e um coral sinceramente incrível, as duas apresentações feitas por crianças. Quando digo crianças, não estou falando só de meninos e meninas de 7 anos, mas de 17 também. É estranho que não tenhamos uma palavra conveniente que englobe toda essa faixa etária. “Jovenzinhos?” Condescendente demais. “Molecada?” Não. “Menores?” Parece que acabaram de invadir um depósito e roubar alguma coisa. Crianças, então. As crianças tinham composto uma música sobre rinocerontes,

que então cantaram para nós. Nos bastidores, Giles discretamente tinha substituído Todd na fantasia e, depois de um tempo, se juntou à dança, rebolando e se balançando de um lado para outro, perseguindo as crianças e brincando com elas até finalmente escapar para trás de uma árvore por alguns instantes para fumar um cigarro. Em seguida, e com um pouco menos de entusiasmo, assistimos a uma série de discursos que alguns figurões locais apareceram para fazer. Para onde quer que fôssemos, havia figurões loucos para terem suas imagens associadas a nós.

Aos poucos, fui começando a entender o sentido da fantasia. Havia meses que o vilarejo vinha aguardando ansiosamente e se preparando para a chegada do rinoceronte e do resto da equipe. A Escalada do Rinoceronte, como a batizamos, tornou-se o principal evento do ano, um carnaval, uma grande festa e um feriado. Aquela visita seria lembrada pelos habitantes locais, especialmente pelas crianças, por anos a fio, causando um impacto que a chegada de um bando de almofadinhas ingleses de chapéu na cabeça jamais conseguiria causar.

Acabada a cerimônia, fomos levados para visitar a escola do vilarejo. Como a maior parte das construções ali, ela era feita de blocos de cimento e estava inacabada. As portas e janelas eram buracos vazios, a mobília era composta por não mais que alguns bancos precários e algumas mesas de cavalete. Em cima destas, estavam dispostas dezenas de ilustrações da vida selvagem local que as crianças haviam feito; nossa tarefa era julgá-las e premiar as melhores. O prêmio consistia em bonés de beisebol do nosso grupo e, independentemente de quem vencesse, nos certificávamos de que cada morador do vilarejo ganhasse o seu chapéu. Então, assim que recebêssemos o dinheiro do patrocínio, terminaríamos de construir a escola para eles.

Quando finalmente fomos embora, as crianças nos acompanharam por vários quilômetros, dançando ao nosso redor, rindo e cantando canções improvisadas – assim que uma delas começava, as outras logo pegavam o espírito da coisa e cantavam junto.

Dizer isso parece estranhamente antiquado, não parece? Soa muito ingênuo e piegas ficar falando sobre crianças rindo, dançando e cantando juntas quando todos sabemos muito bem que o que crianças fazem na vida real é rosnar para nós e usar drogas. Mas essas crianças/jovens/menores, e todas as outras que encontramos durante nossa viagem, nos pareceram felizes de uma maneira que nós do Ocidente achamos quase constrangedora.

Por fim, as últimas crianças ficaram para trás. O Land Rover que nos prestava assistência passou devagar por nós, distribuindo latinhas de Coca-Cola e Fanta. Jim, nosso fotógrafo, estava sentado na traseira, tirando fotos de nós com sua Canon EOS 1, uma máquina que venho cobiçando desde a primeira vez que a vi. Keis, nosso cinegrafista holandês, apoiava sua Sony de três chips no ombro e fazia uma panorâmica da fileira de caminhantes. Eu me pergunto se existe algum lugar no Ocidente em que seja possível encontrar uma centena de crianças cantando e dançando daquele jeito.

No dia seguinte, visto pela primeira vez a fantasia de rinoceronte. Sou grande demais para ela, de modo que minhas pernas despontam ridiculamente da parte de trás, o que me faz parecer um *tempura* de camarão gigante. Do lado de dentro, o calor e o cheiro de suor antigo e desinfetante é quase insuportável até você pegar o jeito da coisa. Todd fica o tempo todo ao meu lado, determinado a me manter entretido em uma conversa. Depois de um tempo, percebo que ele está me monitorando para ver se vou desmaiar. Todd é um bom homem e eu gosto muito dele. Ele toma conta das pessoas, e mais ainda da sua adorada fantasia de rinoceronte.

Quando paro por alguns instantes para jogar uma água no rosto, acabo vendo um reflexo de mim mesmo na janela do Land Rover. Pareço inimaginavelmente idiota e não consigo deixar de pensar que existe algo de muito estranho nesse esquema de patrocínios para esse tipo de expedições. Elas são sempre por boas causas: pesquisas sobre a cura do câncer, combate à fome, preservação de animais selvagens, etc., mas o acordo parece ser sempre o seguinte: “Ok, você está tentando angariar fundos para essa causa muito digna, e entendo que seja uma questão de extrema importância e que vidas ou até espécies inteiras estejam em jogo, de modo que algo precisa ser feito com urgência, mas, bem... não sei... Que tal o seguinte: você faz algo totalmente absurdo e idiota e talvez um pouco perigoso, e aí eu lhe dou algum dinheiro.”

Acompanhei a caminhada por uma semana apenas. Não cheguei a escalar o Kilimanjaro, embora tenha conseguido vê-lo. Fiquei bastante desapontado por não ter podido subi-lo, embora, depois de ver o tamanho dele, eu deva dizer que não fiquei *tão* desapontado assim. Mas vi brevemente um dos milhares de rinocerontes que costumavam vagar por aquela região, e me perguntei se ele teria ao menos alguma noção de que as coisas não andavam lá muito bem em seu mundo. Os seres humanos estão neste planeta há apenas um milhão de anos e, nesse meio-tempo, enfrentamos diversas ameaças à nossa sobrevivência: fome, epidemias, guerras, vírus. Rinocerontes andam por aqui há 40 milhões de anos e só uma ameaça os levou à beira da extinção: os seres humanos. Não somos a única espécie que causou devastação em todo o resto do planeta, e podemos dizer a nosso favor que somos a única que tomou consciência das consequências do seu comportamento e tentou fazer algo a respeito. Mas uma coisa é certa, reflito, enquanto recoloco minha fantasia em uma postura confortável para andar e aperto os olhos para ver além do chifre de plástico balançante: às vezes nossas formas de tentar são muito estranhas.



Somente para crianças

Você precisa saber a diferença entre uma sexta-feira e um ovo de feira. A diferença na verdade é muito simples, mas não deixa de ser importante. A sexta-feira vem no final da semana, enquanto o ovo da feira vem da galinha. Mas, como acontece com quase tudo, essa não é a única diferença. Um ovo de feira você pode quebrar e fritar em uma frigideira. Já com a sexta-feira não dá pra fazer isso, é lógico, embora você possa fritar um ovo de feira *na* sexta-feira. Você também pode fritar ovos de feira numa quinta-feira, se preferir, ou numa panela. Aí já complica um pouco, mas faz algum sentido se você parar para pensar.

Também é bom saber a diferença entre uma calota polar e um calor de rachar. Essa é bem fácil. Embora as duas coisas soem bem parecidas, elas acontecem em lugares tão diferentes do mundo que é muito simples diferenciá-las. Se você estiver em algum lugar do Círculo Polar Ártico, provavelmente o que está vendo é uma calota polar, enquanto se estiver em um lugar quente e seco como Madagascar ou México, é bem provável que esteja sentindo um calor de rachar.

Se estiver em Madagascar, é bem capaz de você ver um lêmure. Existe um monte de tipos diferentes de lêmures, e quase todos vivem por lá. Madagascar é uma ilha – uma ilha muito grande: muito, muito maior do que o seu boné, mas não tão grande quanto a Lua.

A Lua é muito maior do que parece. É bom se lembrar disso porque, da próxima vez que estiver olhando para ela, você poderá dizer com uma voz grave e misteriosa “A Lua é *muito* maior do que parece”, e as pessoas vão achar que você é uma pessoa esperta que já pensou muito sobre o assunto.

Existe um tipo específico de lêmure que se chama mococo. Ninguém sabe por que esse é o nome dele, e gerações de cientistas foram incapazes de desvendar o mistério. Um dia, uma pessoa muito, muito sabida provavelmente irá descobrir por que ele se chama mococo. Mas se essa pessoa for sabida *mesmo*, ela vai contar só para os amigos mais próximos e pedir que eles guardem segredo, porque senão todo mundo vai saber também e ninguém mais vai perceber quanto a primeira pessoa a descobrir era sabida.

Mais duas coisas que você deve saber diferenciar: uma seta e um celta. A primeira você pode seguir se estiver dirigindo um carro ou andando de bicicleta para saber o caminho, e o segundo é um povo que viveu séculos atrás na Inglaterra e costumava usar pinturas azuis no corpo em vez de roupas. Geralmente é bem fácil diferenciar as duas coisas, mas, se você tiver algum problema em pronunciar o “l”, pode causar uma grande confusão: imagine acabar seguindo de bicicleta um sujeito pintado de azul ou passar a noite com um monte de druidas porque seguiu por engano uma celta.

Os druidas faziam parte desse povo que viveu séculos atrás, os celtas. Eles costumavam usar túnicas brancas longas e tinham uma opinião muito firme sobre como o Sol era maravilhoso. Você sabe o que é uma opinião? Imagino que alguém na sua família deva ter uma, então você pode pedir que eles lhe expliquem o que é. Pedir a opinião de outras pessoas é uma ótima maneira de fazer amigos. Dar a sua própria opinião também pode funcionar, mas nem sempre tão bem quanto pedir as de alguém.

Hoje em dia, a maioria das pessoas já sabe como o Sol é maravilhoso, então já não há tantos druidas quanto antigamente, mas ainda existem alguns poucos para o caso de esquecermos de vez em quando. Se você topa com alguém vestindo uma longa túnica branca e falando muito sobre o Sol, é bem capaz de ter encontrado um druida. Se ele tiver uns dois mil anos de idade, pode ter certeza de que sim.

Se a pessoa que você encontrou estiver usando uma roupa branca um pouco mais curta, com botões na frente, então talvez seja um astrônomo, não um druida. Se for o caso, uma das coisas que você pode perguntar a ele é qual a distância entre o Sol e a Terra. A resposta provavelmente vai deixar você de queixo caído. Se isso não acontecer, então diga que ele não explicou muito bem. Depois que ele lhe disser qual é a distância entre o Sol e a Terra, pergunte qual é a distância entre a Terra e algumas das estrelas do céu. Isso *sim* vai surpreender você. Caso não consiga encontrar um astrônomo sozinho, peça aos seus pais que procurem um para você. Nem todos usam roupas brancas, o que às vezes torna um pouco difícil diferenciá-los. Alguns usam calças jeans ou até ternos.

Quando alguém diz que precisa de um maçarico, é bem provável que esteja falando daquela ferramenta que a gente usa para soldar metais. Mas se a mesma pessoa disser que viu um maçarico passar voando, só pode estar se referindo a uma espécie de ave migratória. “Ave” é uma palavra que nós usamos bastante, e é por isso que ela é tão fácil de se falar. A maioria das palavras que usamos com frequência, como *casa*, *carro* e *árvore* são fáceis de se falar. *Migratória* já é uma palavra que não usamos tanto, então quando a pronunciamos parece que estamos com uma bala de caramelo grudada nos dentes. Se as aves se chamassem “migratórias” em vez de “aves”, desconfio que falaríamos bem menos delas. Diríamos “Olhe, um cachorro!”, ou “Ali, um gato!”, mas se uma migratória passasse voando provavelmente

diríamos apenas “Acho que está na hora do lanche” e não lhe daríamos a menor bola, por mais legal que ela fosse.

Mas *migratória* não significa que uma coisa está grudada em outra com caramelo. Significa que alguma coisa passa parte do ano em um país e a outra parte em outro.



Concerto de Brandenburgo nº 5

Por mais avançadas que sejam nossas descobertas e nossos níveis de compreensão, parece que sempre encontramos as pegadas de Bach pelo caminho. Quando vemos imagens de estranhos elementos matemáticos escondidos no mundo natural – paisagens fractais, os círculos concêntricos em perpétuo desdobramento do Conjunto de Mandelbrot, a sequência de Fibonacci, que descreve o padrão de crescimento das folhas no caule de uma planta, os atratores estranhos que latejam no coração do caos –, são sempre as vertiginosas espirais de Bach que nos vêm à mente.

Há quem diga que a complexidade de Bach o torna frio. Eu acredito no oposto. Quando ouço a interação das partes em uma peça polifônica de Bach, cada trecho individual se apodera de uma sensação distinta em minha mente, e elas mergulham em simultâneas e interconectadas montanhas-russas de emoção. Uma parte pode estar cantarolando baixinho para si mesma, outra entregue a um frenesi arrebatador, outra choramingando em um canto, outra dançando. Conflitos surgem, ouvem-se risos, acessos de raiva. A paz é restaurada. As partes podem ser totalmente diferentes, porém todas estão unidas

de forma inseparável. São tão emocionalmente complexas quanto uma família.

E agora, no momento em que descobrimos que cada mente individual é uma família composta de diferentes partes, todas trabalhando separadas, porém em uníssono, para criar os lampejos fugazes a que chamamos de consciência, temos mais uma vez a impressão de que Bach esteve aqui antes de nós.

Quando você ouve o Concerto de Brandenburgo nº 5 não precisa de um especialista em música para lhe dizer que algo novo e diferente está acontecendo. Mesmo dois séculos e três quartos depois de ele ter sido novidade, é possível ouvir a inconfundível energia pulsante de um mestre no auge de suas capacidades fazendo algo fantástico e ousado com total autoconfiança. Quando Bach o compôs, ele optou pelo cravo em vez da viola que geralmente tocava em seus conjuntos. Este foi um período feliz e produtivo, em que ele estava cercado de bons músicos. O cravo tradicionalmente assume um papel secundário, de apoio, nesse tipo de composição – mas não desta vez. Bach botou pra quebrar com ele.

Ao escutar o primeiro movimento, você ouve algo estranho, novo e aterrorizante começar a ganhar vida. Talvez um mecanismo gigantesco ou até mesmo um grande cavalo sendo preparado para uma tarefa hercúlea, cercado por (é impossível não recorrer a um monte de metáforas quando tentamos que linguagem escrita faça jus à música) uma flotilha de ajudantes em plena atividade ao seu redor. Você pode ouvi-lo entrar em movimento, começar a trotar, andar a meio-galope aqui e ali, começar a se empolgar um pouco, e então experimentar dar uma corrida enquanto seus ajudantes o incentivam a seguir em frente, acompanhando-o com a respiração presa. Ele então retorna, dá mais uma breve volta... e os demais instrumentos caem em silêncio. Fica ali, livre e sozinho, arrastando os cascos no chão, respirando pesado, recuperando as forças, trotando adiante...

E então lá vai ele outra vez – correndo... ganhando velocidade... voando... subindo... escalando... dando o máximo de si... ofegando... jogando-se de um lado para outro, galopando... seus cascos batendo no chão... batendo... batendo... libertando-se de repente, lançando-se adiante com sofreguidão e, por fim, depois de uma última e inesperada pequena subida de tom na linha de baixo, ele volta para casa, livre. O refrão faz seu retorno triunfal e tudo acaba, restando apenas o choro e a dança (ou seja, o segundo e o terceiro movimentos).

A familiaridade dos concertos de Brandenburgo não deve nos impedir de enxergar sua magnitude. Estou convencido de que Bach é o maior gênio que já andou entre nós e os concertos de Brandenburgo foram o que ele compôs quando estava feliz.

Penguin Classics, v. 27: Bach – Concertos de Brandenburgo nº 5 e nº 6, Concerto para Violino em Lá Menor (Orquestra de Câmara Inglesa, conduzida por Benjamin Britten)

* *The Meaning of Liff* e seu sucessor, *The Deeper Meaning of Liff*, são livros escritos a quatro mãos por Douglas Adams e John Lloyd.

** Isto é socialmente incorreto. A maneira socialmente correta de servir chá é acrescentar o leite depois. Na maioria dos casos, o que é socialmente correto não tem nada a ver com a razão, a lógica ou a física. Para dizer a verdade, os ingleses em geral consideram socialmente incorreto saber coisas ou pensar sobre elas. É bom ter isso em mente durante a sua visita à Inglaterra.



O UNIVERSO *



Frank, o Vândalo

O Macintosh foi lançado cinco anos atrás e parece que faz mais ou menos o mesmo tempo que os pedreiros estão trabalhando na minha casa. Outro dia alguém me perguntou o que eles estavam fazendo e eu expliquei que vinha tentando reunir coragem para lhes perguntar a mesma coisa.

O que torna a situação ainda mais complicada é o fato de um deles se chamar Frank, o Vândalo. Quer dizer, seus amigos – se é que ele tem algum que não esteja no hospital – o chamam de Frank; e eu o chamo de Frank, o Vândalo, porque todas as vezes que precisa instalar uma fiação elétrica ele destrói tudo que houver pelo caminho: reboco, madeiramento, encanamentos, linhas telefônicas, móveis, até outras instalações elétricas que ele mesmo havia colocado por causa de ataques anteriores. Todos me garantem que ele é um eletricista muito bom, embora talvez não seja tão bom assim como ser humano. Mas não era disso que eu queria falar e acabei perdendo o fio da meada justamente porque Frank cortou a energia desde que salvei este texto pela última vez. Então, onde eu estava mesmo? Ah, sim.

A casa estava em situação de miséria quando a comprei. Não tanto quanto depois de Frank passar por aqui, mas, ainda assim, mal passava de uma casca vazia em que paredes, pisos e encanamentos precisavam ser colocados. Quando paredes precisam ser erguidas, um especialista

(ou pelo menos é o que dizem – não estou tão seguro quanto a isso, mas, em princípio, é um especialista) em alvenaria vem à minha casa para erguê-las. Quando preciso de pisos, escadas, armários e tudo mais, um carpinteiro, assobiando uma alegre canção de carpinteiro, aparece para fazer o serviço. Então vem um encanador e faz a sua parte de encanamentos. Por último, vem Frank, o Vândalo, para instalar algumas fiações e, naturalmente, o carpinteiro, o encanador, etc. precisam voltar para fazer uma série de reparos. Agora vou ter que parar de falar de Frank porque ele não faz parte da analogia que estou tentando construir. É só que ele anda perturbando um pouco minha mente no momento, de modo que é difícil não ficar irritado quando ele está na casa. Então esqueça Frank. Você tem sorte. Pode fazer isso.

Mas a questão é a seguinte. A casa está aqui. Terminar de construir esta casa é o objetivo de todo esse trabalho. Se eu quiser que algo seja feito nela, pego o telefone (supondo que Frank não tenha cortado a linha enquanto tentava chegar a um interruptor de luz) e alguém aparece aqui e faz.

Se eu quiser colocar uns armários, não preciso desmantelar a casa inteira, enviá-la para o carpinteiro, montar tudo de novo para que ele entenda, pedir que ele trabalhe nela, depois desmonte a casa toda de novo, envie-a de volta para mim e monte-a como estava antes para que possa funcionar como um espaço em que eu consiga morar.

Então por que preciso fazer isso com meu computador? Deixe-me explicar de uma maneira que faça sentido. Por que, quando estou trabalhando em um documento em um processador de textos, sempre deparo com o mesmo problema? Se eu quiser fazer qualquer outra coisa com o documento, preciso desmantelá-lo virtualmente e enviá-lo para outro processador de textos que tenha o recurso de que preciso que o outro não tem. (Por que não uso apenas o segundo processador de textos? Ora, porque ele não tem outros recursos que o

primeiro possui, é lógico.) Ou, se quiser inserir uma imagem no texto, preciso abrir um programa totalmente diferente e criar a imagem nele, depois passar por toda a lenga-lenga de descobrir que, por algum motivo, o processador de textos que estou usando não sabe como lidar com imagens naquele formato, ou até sabe, mas fica todo lerdo ou faz a máquina dar pau. No fim das contas, preciso colar todas as partes diferentes no PageMaker, que então se recusa a imprimir o documento por algum motivo.

Não quero saber de arquivos PICT. Não quero saber de arquivos TIFF. (Sério. Eles me dão arrepios.) Não quero ter que ficar pensando em que extensão de arquivo preciso pedir para o MacWrite II salvar meu trabalho para que o Nisus possa abri-lo e rodá-lo. Pelo amor de Deus, eu sou um usuário de Mac. Não deveria ser tão difícil assim.

O Mac começou como uma ideia maravilhosamente simples e elegante (coloque tão pouca memória nas máquinas que elas não vão conseguir fazer muita coisa de qualquer maneira), e já está mais do que na hora de aplicar essa simplicidade ao sistema que se tornou muito mais poderoso e complexo.

O que quero é apenas o seguinte:

1. Ligar o computador.
2. Trabalhar.
3. Me divertir um pouco, desde que tenha feito o suficiente do número 2 – o que é raro, mas esse é outro problema.

Quando digo “trabalhar”, estou falando de começar a digitar na tela e, se me der na telha de acrescentar um desenho, poder acrescentar um desenho. Ou poder importar algo do meu scanner direto para a tela; ou enviar algo que esteja ali para outra pessoa. Ou fazer o som da melodia que acabei de compor no Mac ser executado em um sintetizador. Ou... bem, a lista é obviamente infinita. E se eu

precisasse de alguma ferramenta específica para fazer algo complexo, seria só pedir. Só isso. Eu nunca deveria ter que largar o que estou fazendo, a não ser que tenha terminado o trabalho em questão (até parece, diriam meus editores) ou queira fazer outra coisa completamente diferente.

Estou falando da morte do “aplicativo”. Não me refiro às vezes em que eles fecham inesperadamente, mas ao fato de já estar na hora de nos livrarmos deles. E ter acesso às ferramentas de que preciso deveria ser tão simples quanto apertar um botão no HyperCard.

Ah! O HyperCard!

Sei que não pega muito bem dizer isso, uma vez que um monte de gente acha que o HyperCard não é poderoso o bastante para fazer algo de útil. Ele é, afinal, uma primeira incursão numa ideia que ainda está engatinhando. A lista de coisas que você *não* pode fazer nele é quase tão longa quanto a lista de macros do Nisus. (O que são todas aquelas coisas? O simples gesto de abrir o menu de macros daquele programa causa quedas de luz em toda a região norte de Londres.) Mas é uma ideia sensacional e eu adoraria ver algo parecido se tornar o ambiente de trabalho do Mac. Você quer o poder de processamento de números do Excel? É só copiar e colar. Quer uma animação? Copie e cole o Director. Não gosta do Director? (Você deve ser louco. Ele é ótimo.) Copie e cole as partes que goste de qualquer outra ferramenta de animação que estiver à mão.

Ou até re programe a ferramenta.

Se ela estiver devidamente programada em um código orientado para objetos, deve ser tão fácil de reprogramar quanto é o HyperTalk. (Está bem. Não dá para programar o HyperTalk. Deve ser mais fácil de programar a ferramenta do que o HyperTalk, bastando mover o cursor até a parte que deseja e clicar.) Não deveríamos precisar ser tiranizados por programadores de aplicativos que não têm a menor ideia de como pessoas de verdade fazem seus trabalhos, mas sim

sermos capazes de simplesmente pegar as partes que nos interessam e colá-las onde fosse necessário.

Já falei um pouco sobre eletricitas. Agora, gostaria de falar sobre armários. Sobre um armário em especial. É um que fica no canto do meu escritório. Não ousou entrar nele, porque sei que, se entrar, não sairei até o fim da tarde; e, quando enfim saísse, seria como um homem triste e amargurado que perdera uma batalha contra uma monstruosa serpente negra e enfurecida. A monstruosa serpente negra e enfurecida em questão é uma pilha de um metro de altura de cabos, que ao mesmo tempo me provoca e me assombra. Ela me provoca porque sabe que, seja qual for o cabo de que eu precise em um determinado momento para conectar uma velharia específica qualquer a outra velharia específica qualquer, não conseguirei encontrá-lo em nenhuma parte de suas entranhas emaranhadas; e me assombra porque eu sei que ela tem razão.

Eu odeio cabos. Eles me odeiam também, porque sabem que um dia irei simplesmente entrar naquele armário com um lança-chamas e me livrar de todos eles. Enquanto isso não acontece, os cabos estão determinados a extrair de mim o máximo de sofrimento e frustração que puderem. Não precisamos desses desgraçados. Não deveríamos precisar deles.

Veja a minha atual situação, por exemplo. Para me proteger de Frank, o Vândalo, eu transferi este artigo para o meu Mac portátil (Eu sei, eu sei, você me odeia. Mas um dia todos teremos um. Eles vão ficar mais baratos, confie em mim. Ou melhor, não confie em mim, confie na Apple. Tá, tudo bem, já entendi. Será que agora podemos voltar ao que eu estava falando?) e ainda tomei a precaução extra de levá-lo até a casa de um amigo, isolada eletricamente de qualquer coisa que Frank possa estar fazendo.

Quando voltar para casa com o artigo terminado, posso copiá-lo em um disquete – supondo que consiga encontrar algum no

amontoado de capítulos inacabados em cima da minha mesa – e depois passá-lo para o meu Mac principal e imprimi-lo (novamente supondo que Frank não tenha chegado perto da minha rede AppleTalk com sua motosserra). Ou posso tentar brigar com o monstro dentro do armário até encontrar outro conector AppleTalk em alguma parte das suas entranhas. Ou posso me enfiar debaixo da mesa e desconectar a AppleTalk do Iix para conectá-la ao portátil. Ou... já deu para ter uma ideia, é ridículo. Dickens não precisava se enfiar debaixo da mesa para tentar encaixar o plugue certo na entrada certa. Basta olhar para a extensão de sua obra completa em uma prateleira para ver que ele nunca precisou se preocupar com isso.

Tudo o que quero é imprimir a partir do meu computador portátil (meu pobre bebê). Na verdade, isso não é tudo o que quero. Quero poder transferir regularmente os arquivos da minha lista de contatos do portátil para o Iix e vice-versa. E todos os meus atuais capítulos inacabados. E qualquer outra coisa em que eu ainda estiver mexendo, que é justamente o motivo pelo qual meus capítulos inacabados continuam inacabados. Em outras palavras, quero que o conteúdo do meu portátil se materialize na área de trabalho do meu Iix. Não quero ter que lutar com monstros no armário e depois ainda ter que ficar mexendo no servidor TOPS sempre que quiser que isso aconteça. Vou lhe dizer tudo o que quero ter que fazer para que o conteúdo todo do meu portátil apareça na área de trabalho do meu Iix.

Quero apenas levá-lo para o mesmo quarto em que o outro está.

E bum. Lá está ele. Na minha área de trabalho.

Estou falando de tecnologia infravermelha. Ou talvez de micro-ondas. Não me interessa, assim como não me interessam arquivos PICT, TIFF, RTF, SYLK ou qualquer outro acrônimo que só sirva para dizer: “Nós temos um problema complicado, então desenvolvemos uma solução complicada para ele.”

Mas quero deixar uma coisa bem clara. Eu adoro o meu Macintosh, ou melhor, minha família de sei lá quantos Macs que acumulei impulsivamente ao longo dos anos. Adoro-os desde a primeira vez em que vi um deles no escritório da Infocom em Boston, em 1983. A coisa que mais me manteve fascinado e hipnotizado por esses computadores durante todo esse tempo foi a ideia que mora no coração do seu design: “Não existe problema tão complicado a ponto de não ser possível encontrar uma solução simples para ele, desde que você o encare da maneira certa.” Ou, em outras palavras: “O futuro do poder dos computadores está na pura simplicidade.” Então, meus dois maiores desejos para a década de 1990 são que os desenvolvedores de sistemas Macintosh voltem novamente seus olhos para esse futuro, e que Frank, o Vândalo, saia da minha casa.

Revista MacUser, 1989



Construa e eles virão

Lembro-me da primeira vez que vi um PC, computador pessoal. Foi em uma Lasky's, na Tottenham Court Road, e ele se chamava Commodore PET. Era bem grande, em formato piramidal, com uma tela no topo mais ou menos do tamanho de uma barra de chocolate. Fiquei zanzando em volta dele por um tempo, fascinado. Mas não adiantou. Por mais que me esforçasse, eu não conseguia enxergar nenhuma utilidade que um computador pudesse ter na vida ou no trabalho de um escritor. No entanto, pude sentir as primeiras faíscas

de um sentimento que cresceria em mim a ponto de dar um novo sentido à expressão “renda disponível”.

O motivo de não conseguir imaginar qual a sua utilidade era eu ter uma ideia muito limitada de o que um computador era na verdade – como qualquer pessoa na época. Achava que fosse uma espécie de calculadora mais complexa. E, durante um tempo, era justamente para isso que os computadores “pessoais” (um termo enganoso aplicado a quase todas as máquinas que vimos surgir até agora) eram fabricados: para serem supercalculadoras com uma longa lista de recursos.

Então, à medida que nossa capacidade de manipular números com essas máquinas se aprimorava, começamos a nos perguntar o que poderia acontecer se fizéssemos os números corresponderem a outras coisas, como, por exemplo, as letras do alfabeto.

Bingo! Um avanço extraordinário que mudaria o mundo! Então percebemos quanto tínhamos sido cegos em pensar que aquela coisa era apenas uma calculadora. Era algo muito mais empolgante. Era uma máquina de escrever!

Então começamos a desenvolver computadores como se fossem supermáquinas de escrever. Com uma longa e cada vez mais incompreensível lista de recursos. Usuários do Microsoft Word sabem muito bem do que eu estou falando.

O próximo salto veio quando começamos a fazer esses números, que agora eram processados dentro das máquinas a uma velocidade alucinante, corresponderem aos elementos visuais de uma representação gráfica. Pixels.

Arrá!, pensamos. No fim das contas, um computador era muito mais empolgante até do que uma máquina de escrever. Ele era um televisor! Com uma máquina de escrever grudada na frente!

E agora, com a Rede Mundial de Computadores (a única coisa que conheço cuja versão abreviada – www – leva o triplo de tempo para

se falar do que o termo original), nós temos mais um empolgante novo modelo de computador em mãos. Ele se tornou um catálogo. Um enorme catálogo repleto de páginas em flash que cantam, dançam, saltitam e fazem “bipe”.

Mas é claro que os computadores não são nada disso. Essas são coisas do mundo real com as quais já estávamos familiarizados e que simulamos no computador para que possamos usar a coisa.

O que nos revela algo muito interessante.

O computador é, na verdade, um simulador.

Quando percebermos isso, iremos nos dar conta de que podemos simular qualquer coisa nele. Não só as que estamos acostumados a simular no mundo real, mas as que o mundo real na verdade nos impede de fazer.

O que um catálogo nos impede de fazer?

Bem, para começar, o trabalho dele é convencer as pessoas a comprar o que você tem para vender, e sua maneira de fazer isso é ser o mais chamativo e sedutor possível e só dizer aos outros o que você quer que eles saibam. Não dá para fazer perguntas a um catálogo. A maioria dos sites de empresas é assim. Veja a BMW, por exemplo. A página dela na internet é linda, cheia de estilo, mas não tira nenhuma das suas dúvidas. Não lhe permite descobrir quais foram as experiências de outras pessoas que compraram um carro BMW, quais problemas um modelo específico pode ou não ter, se eles são confiáveis, quanto consomem de gasolina, como andam na chuva, ou nada parecido. Em outras palavras, nada do que você realmente quer saber. Você pode mandar um e-mail para eles, mas a sua resposta – ou a de qualquer outro usuário – não será publicada no site. É claro que existem várias páginas em que as pessoas compartilham exatamente esse tipo de informação, e para chegar a elas bastam alguns cliques, mas você não vai encontrar uma só palavra sobre elas no site da BMW. Na verdade, se quiser informações precisas e sérias sobre

BMW's, o último lugar em que irá encontrá-las é no site www.bmw.com. Ele é um catálogo.

O mesmo vale para a British Airways. Seu site irá lhe dizer tudo o que você quiser sobre voos da British Airways, exceto quais outras companhias atendem aos mesmos destinos que eles. Então, se quiser ver quais são suas opções, você vai a um dos inúmeros sites que lhe dão essa informação. O que é ruim para a British Airways, pois eles nunca chegam a saber o que você de fato estava procurando ou como o que eles oferecem se compara à oferta da concorrência. E, como essa informação é muito valiosa, precisam despachar equipes de pessoas com pranchetas nas mãos para tentar descobrir, por mais que todo mundo minta para pessoas com pranchetas nas mãos.

Quem até agora acertou em cheio nesse sentido foi o pessoal da Amazon. Você volta à página deles porque ela está sempre repleta de informações compartilhadas. Quanto mais informações, mais pessoas visitam o site, e quanto mais pessoas visitam o site, mais informação elas geram e mais livros a Amazon vende. Obviamente, eles não têm medo de abrir seu espaço para debates porque, ao contrário da BMW, não são responsáveis pelos produtos que vendem. A BMW e a British Airways ainda vão precisar de muito tempo e muita coragem para perceber que são *parte* da comunidade que consome seus produtos.

Mas até a Amazon só percebeu parte da questão. Como as lojas do mundo real, eles só registram as vendas que de fato realizam. E quanto às vendas que não realizam e não sabem que deixaram de realizar justamente por isso? Um dia desses acessei a Amazon porque queria encomendar o *Romeu e Julieta* de 1968, dirigido pelo Zeffirelli, em DVD. Descobri que ele não existe. Poderia ter comprado em VHS, mas esse não era o formato que eu queria. Não havia maneira de registrar que eu tinha acessado o site em busca de algo que queria comprar, mas que eles não tinham o produto em questão. Só pude escolher (ou não escolher) entre o que estava disponível. Não pude

dizer o que *realmente* queria. Então escrevi para eles a respeito e, adivinhe só, agora você pode. Eles são mesmo espertos assim. Agora, a Amazon pode repassar aos estúdios informações sobre aquilo pelo qual realmente há *demand*a no mercado. E com base em outra – não totalmente desinteressada – sugestão minha, eles abrirão uma enquete sobre quais livros as pessoas mais gostariam que fossem adaptados para o cinema. Esse é o tipo de informação que ninguém jamais pôde coletar antes.

Mas vamos levar a coisa um pouco mais longe. Quantas vezes, enquanto folheava um catálogo ou folheto promocional, você já pensou: “Bem que alguém poderia escrever um livro sobre...”, “E se alguém fizesse uma bicicleta com um...”, ou “Por que ninguém inventa uma chave de fenda que...”, “Por que não fazem um desses em azul?”. Um catálogo não pode lhe dar as respostas para essas perguntas, mas a internet, sim.

O que você adoraria ter, se alguém tivesse o senso de oportunidade para produzir? Envie suas sugestões para www.h2g2.com.

The Independent on Sunday, novembro de 1999

* * *

Eu criei um conjunto de regras que descrevem nossas reações às novas tecnologias:

1. Tudo o que já está no mundo quando você nasce é normal, corriqueiro e nada mais do que parte natural da maneira como o mundo funciona.

2. Tudo o que é inventado entre os seus 15 e 35 anos é novo, empolgante e revolucionário, e pode, inclusive, se tornar sua carreira profissional.
3. Tudo o que é inventado depois dos seus 35 anos vai contra a ordem natural das coisas.



Entrevista à *American Atheists*

AMERICAN ATHEISTS: Sr. Adams, o senhor já foi descrito como um “ateísta radical”. Concorda com essa afirmação?

DNA: Concordo. Acho que uso o termo *radical* sem grandes pretensões, só por uma questão de ênfase. Se você se descreve como “ateu”, algumas pessoas acabam dizendo: “Você não quer dizer ‘agnóstico’?” Daí tenho que responder que quero dizer *ateu* mesmo. Eu realmente não acredito que exista um deus – na verdade, estou convencido de que não existe um deus (há uma sutil diferença). Não vejo evidência alguma, por menor que seja, do contrário. É mais fácil dizer que sou um ateu radical, só para deixar claro que estou falando sério, que pensei muito no assunto e que esta é uma opinião firme que eu tenho. É engraçado que tantas pessoas fiquem genuinamente surpresas ao ouvirem esse ponto de vista sendo expressado com tanta convicção. Na Inglaterra, parece que passamos de um anglicanismo vago e indefinido para um agnosticismo vago e indefinido – e acredito que ambos indiquem um desejo de não pensar muito nas coisas.

As pessoas então geralmente dizem: “Mas você não acha melhor continuar agnóstico, por via das dúvidas?” Isso, para mim, é um sinal

de tolice e falta de bom senso tão grande que costumo sair pela tangente em vez de ser sugado para essa conversa. (Se, no fim das contas, eu tiver me enganado durante todo esse tempo e de fato existir um deus; e se, além disso, ele se deixar convencer por esse tipo de distinção mesquinha, legalista, à la Bill Clinton, então acho que preferiria não adorá-lo, de qualquer maneira.)

Outros virão perguntar como eu posso afirmar saber isso. *Acreditar-que-não-existe-um-deus* não é tão irracional, arrogante, etc. quanto *acreditar-que-existe-um-deus*? A isso eu respondo que *não* por vários motivos. Primeiro, eu não *acredito-que-não-existe-um-deus*. Não vejo o que a crença pode ter a ver com isso. Eu acredito ou não em minha filha de 4 anos quando ela me diz que não foi ela quem fez aquela sujeira toda no chão. Acredito na justiça e na igualdade (embora não saiba exatamente como vamos alcançá-las, além de continuarmos tentando contra todas as probabilidades). Também acredito que a Inglaterra deveria entrar para o Mercado Comum Europeu. Estou longe de ser um economista, portanto não posso defender a questão fervorosamente diante de alguém que seja, mas, o pouco que sei, e que é reforçado por uma bela dose de intuição, me dá fortes indícios de que este é o melhor caminho. Posso muito bem estar errado, e sei disso. Esses me parecem usos legítimos do verbo *acreditar*. Como carapaça para proteger ideias irracionais relacionadas a questionamentos legítimos, no entanto, acho que esse mesmo verbo tem muita culpa no cartório. Então, eu não *acredito-que-não-existe-um-deus*. Estou, por outro lado, *convencido* de que não existe um deus, o que é uma afirmação totalmente diferente e me leva para o meu segundo motivo.

Não aceito a postura em voga hoje em dia de que qualquer ponto de vista é automaticamente tão digno de respeito quanto qualquer ponto de vista oposto sobre o mesmo tema. Eu afirmo que a Lua é feita de rochas. Se alguém me disser “Bem, mas por acaso você já

esteve lá? Se não viu com seus próprios olhos, então a minha afirmação de que ela é feita de queijo de castor norueguês é tão válida quanto a sua”, então eu nem vou me dar ao trabalho de discutir. Existe uma coisa chamada ônus da prova e, no caso de Deus, assim como no caso da composição da Lua, a situação se inverteu drasticamente. Deus costumava ser a melhor explicação que nós tínhamos, mas agora temos outras muito melhores. Ele já não serve de explicação para tudo, tornando-se, em vez disso, algo que necessita de uma quantidade incomensurável de explicações. Então não acho que estar convencido de que não existe um deus seja um ponto de vista tão irracional ou arrogante quanto a crença na existência dele. E também não acho que esse seja um caso que exija imparcialidade.

AMERICAN ATHEISTS: Há quanto tempo você é ateu, e o que o levou a isso?

DNA: Bem, é uma história bastante piégas. Na adolescência, eu era um cristão devoto. Fui criado assim. Cheguei a ser coroinha, para dizer a verdade. Então um dia, quando tinha uns 18 anos, topei com um pregador na rua e, por educação, parei para ouvi-lo. Enquanto escutava, comecei a me dar conta de que as coisas que ele dizia não faziam o menor sentido e que era melhor eu pensar um pouco melhor naquilo tudo.

Quer dizer, estou resumindo. Quando digo que percebi que o que ele falava não fazia o menor sentido, estou querendo dizer o seguinte: nos anos que passei estudando história, física, latim, matemática, aprendi (do jeito mais difícil) alguma coisa sobre critérios argumentativos, lógicos, de plausibilidade, etc. Na verdade, tínhamos acabado de estudar os diferentes tipos de falácia lógica, e de repente ficou claro para mim que esses critérios simplesmente não

pareciam se aplicar quando o assunto era religião. Na educação religiosa, devíamos ouvir respeitosamente argumentos que, se fossem apresentados para defender algo como, sei lá, por que as Leis do Milho foram revogadas na época em que isso aconteceu, teriam sido motivo de piada por serem tolos, infantis e – em termos de lógica e plausibilidade – simplesmente errados. Por que isso acontecia?

Bem, ao longo da História, embora a compreensão dos acontecimentos, da causa e do efeito seja uma questão de interpretação (e embora a interpretação seja em muitos sentidos uma questão de opinião), ainda assim essas opiniões e interpretações são apuradas exaustivamente sob o fogo cruzado implacável dos argumentos e contra-argumentos, e as ideias que resistem são submetidas a uma nova rodada de desafios factuais e lógicos pela geração seguinte de historiadores. *As opiniões não são todas iguais.* Algumas são muito mais concretas, sofisticadas e bem-fundamentadas em termos lógicos e argumentativos do que outras.

Então, eu já era familiarizado e (temo dizer) aceitava a visão de que você não pode aplicar a lógica da física à religião, que esta última lidava com tipos diferentes de “verdades” (o que atualmente considero uma grande besteira, mas prosseguindo...). O que me espantou, no entanto, foi perceber quanto os argumentos em defesa das ideias religiosas eram frágeis e tolos se comparados à concretude dos argumentos de algo tão interpretativo e repleto de pontos de vista quanto a História. Na verdade, eles eram constrangedoramente infantis. Nunca foram submetidos ao tipo de contestação direta que é praxe em qualquer área do pensamento que se possa imaginar. Por que não? Porque eles não se sustentariam. Então me tornei agnóstico. E pensei, pensei, pensei sem parar. Mas não havia muito em que me basear, então não cheguei a nenhuma conclusão. Tinha fortes dúvidas em relação à ideia de Deus, mas não sabia o suficiente sobre nada para ter qualquer outro tipo de explicação provisória para, bem, a vida, o

universo e tudo mais. Mas continuei insistindo, e continuei lendo e pensando. Em algum momento dos meus 30 e poucos anos, conheci a biologia evolucionária, especificamente os livros *O gene egoísta* e *O relojoeiro cego*, de Richard Dawkins, e de repente (acho que na minha segunda leitura de *O gene egoísta*) tudo fez sentido. Era um conceito extraordinariamente simples, mas que dava origem a toda a infinita e desconcertante complexidade da vida. O respeito que essa revelação inspirou em mim fez com que o respeito que as pessoas atribuem à experiência religiosa parecesse bobo. Para mim, a compreensão sempre vai ser muito mais digna de respeito do que a ignorância.

AMERICAN ATHEISTS: Você faz alusão ao seu ateísmo no discurso que fez para os seus fãs (“... essa foi uma das poucas vezes em que realmente acreditei em Deus”). Seus leitores, amigos e colegas de trabalho sabem que você é ateu? Quantas pessoas em seus círculos de amizade e profissional também são ateias?

DNA: Essa é uma pergunta um pouco intrigante para mim e acho que existe uma diferença cultural envolvida. Na Inglaterra, não há muito problema em ser ateu. O que existe é um pequeno desconforto em relação a pessoas que expressem de forma categórica um determinado ponto de vista, quando talvez neutralidade e indiferença fossem consideradas mais adequadas – o que explica a preferência pelo agnosticismo em relação ao ateísmo. E o salto do agnosticismo para o ateísmo exige um comprometimento e um esforço intelectual muito maiores do que as pessoas estão preparadas para assumir. Muitas das pessoas que conheço e encontro são cientistas, e nesse círculo o ateísmo é a norma. Quanto às outras, eu diria que são quase todas agnósticas e muito poucas ateias. Se eu fosse vasculhar meus amigos, familiares e colegas para descobrir quem acredita em Deus, provavelmente encontraria um ou outro entre os mais velhos e (para

ser totalmente franco) com níveis mais baixos de escolaridade. Existe uma ou outra exceção. (Quase escrevi, por hábito, “exceção honrosa”, mas não acho que seja o caso.)

AMERICAN ATHEISTS: Com que frequência fãs, amigos ou colegas tentam “salvar” você do ateísmo?

DNA: Nunca. Nós simplesmente não temos esse tipo de fundamentalismo na Inglaterra. Bem, talvez isso não seja bem verdade. Mas (e vou soar extremamente arrogante agora), acho que não tenho muito contato com esse tipo de pessoa, da mesma forma que não tenho muito contato com quem assiste a novelas ou lê revistas de fofoca. E como você reage a uma coisa dessas? Eu nem me dou o trabalho.

AMERICAN ATHEISTS: Você já enfrentou problemas em sua vida profissional por conta do seu ateísmo?

DNA: De forma alguma. A simples ideia me parece inconcebível.

AMERICAN ATHEISTS: Há diversas referências cômicas a Deus e à religião em seus livros (“... dois mil anos depois que um homem foi pregado num pedaço de madeira”). Até que ponto o ateísmo influenciou sua escrita? Onde suas ideias pessoais sobre a religião encontram-se refletidas de forma mais precisa?

DNA: Sou fascinado pela religião. (O que é totalmente diferente de acreditar nela!) Ela tem um efeito enorme sobre as questões humanas. O que ela é? O que representa? Por que a inventamos? Como está se desenvolvendo hoje em dia? O que será dela? Adoro ficar remoendo

essas perguntas. Pensei tanto no assunto ao longo dos anos que é inevitável que esse fascínio transborde na minha escrita.

AMERICAN ATHEISTS: Que mensagem gostaria de deixar para os seus leitores ateus?

DNA: Oi! Como vão vocês?

In: *The American Atheist* 37, nº 1
(entrevista conduzida por David Silverman)

* * *

Quais são os benefícios de conversar com seus fãs por e-mail?

É mais rápido, mais fácil e não preciso lamber nada.



Previendo o futuro

Tentar prever o futuro é um trabalho ingrato. Porém, cada vez mais é algo que precisamos fazer, pois o mundo vem mudando cada vez mais rápido e precisamos ter alguma ideia de como vai ser o futuro – já que teremos que viver nele, provavelmente na semana que vem.

Estranhamente, a própria indústria que é a principal impulsionadora desse ritmo alucinante de mudanças – a da

informática – costuma ser muito ruim em fazer previsões para o futuro. Existem duas coisas em especial que ela não conseguiu prever: a primeira foi o advento da internet, que, em um tempo extraordinariamente curto, tornou-se a razão de ser dela mesma; a segunda foi o fato de que o século iria acabar.

Então como nós, que estamos à beira de um novo milênio, erguendo os olhos para a reluzente falésia de mudança que surge à nossa frente como os macacos de Kubrick urrando diante do grande monólito negro, podemos ter a mínima esperança de adivinhar o que está por vir? Computadores moleculares, computadores quânticos – o que podemos ousar dizer a respeito deles? Nós nos enganamos quanto aos trens, quanto aos aviões, quanto ao rádio, quanto aos telefones, quanto a... bem, quanto a uma lista tão imensa de coisas que não seria má ideia desencavar um exemplar de um livro chamado *The Experts Speak* (Com a palavra, os especialistas), de Christopher Cerf e Victor Navasky.

É uma coletânea de previsões abalizadas feitas no passado que acabaram por se mostrar maravilhosamente equivocadas, muitas vezes quase na mesma hora. Irving Fisher, professor de economia na Universidade Yale, afirmou, em 17 de outubro de 1929, que “as ações da bolsa alcançaram aquilo que parece ser um patamar definitivamente elevado”. Sem falar no executivo da Decca, que declarou a respeito dos Beatles, em 1962: “Não gosto do som deles. Grupos com guitarras estão com os dias contados.” E mais uma: “Bill Clinton irá perder para qualquer republicano que não fique babando no palco”, disse *The Wall Street Journal*, em 1995. É um livro bem grande que você pode ler às gargalhadas por horas e horas no banheiro.

O mais estranho é que não estamos ficando nem um pouco melhores nisso. Sorrimos com um ar de superioridade quando ouvimos que Lord Kelvin disse, em 1897, que “o rádio não tem

futuro”. Porém, é mais surpreendente ainda descobrir que Ken Olsen, presidente da Digital Equipment Corporation, afirmou em 1977: “Não há o menor motivo para uma pessoa ter um computador em casa.” Até Bill Gates, que tomou como missão provar que este homem estava redondamente enganado, disse que não acreditava que alguém pudesse precisar de mais de 640k de memória em seu computador. Tente rodar o Word em até vinte vezes mais memória do que isso.

Seria interessante manter um registro permanente de previsões e ver se conseguimos identificar as mais ridículas enquanto elas mal colocam suas cabecinhas para fora. Deparei com uma dessas recentemente. Um tal Sr. Wayne Leuck, diretor de engenharia de uma companhia telefônica americana, colocando-se contra o desenvolvimento de conexões sem fio para transferência de dados em alta velocidade, disse: “Você poderia usá-las em seu carro a 100km/h, mas duvido que muitas pessoas irão querer fazer isso.” Espere só para ver. Essa declaração irá voltar para assombrá-lo. Navegação via satélite. Internet sem fio. Assim que começarmos a mapear localizações físicas e transportá-las para espaços de compartilhamentos de informações, iremos desencadear um novo crescimento explosivo em aplicativos de internet.

Pelo menos é o que *eu* prevejo. Posso, é claro, estar totalmente enganado. Stewart Brand, em seu excelente livro *O relógio do longo agora*, propõe que mantenhamos um registro das previsões e dos argumentos da sociedade em uma biblioteca ao longo de 10 mil anos. Mas também seria interessante ver como as coisas se desenrolam no curto prazo. No começo de cada ano, a mídia tende a fazer mil previsões do que irá acontecer durante o novo ano que se inicia. Dois dias depois, naturalmente, elas já foram esquecidas e nós nunca chegamos a comprová-las. Então, gostaria de convidar os leitores a enviarem suas próprias previsões – ou quaisquer outras que encontrem

em publicações impressas – do que vai acontecer nos próximos cinco anos. Quando enviaremos missões para Marte? Quando alcançaremos a paz na Irlanda e no Oriente Médio? Quando a bolha das empresas pontocom irá explodir?

Nós iremos publicá-las na internet, onde ficarão durante todo esse período, para que possamos compará-las ao que acontecer de fato. Prever o futuro é um trabalho ingrato, mas qualquer trabalho pode ser aprimorado quando você pode acompanhar seu progresso.

The Independent on Sunday, novembro de 1999



Há uma nova geração de cadeiras de escritório inteligentes chegando ao mercado que têm a virtude de não possuir qualquer tipo de botão ou alavanca. Todo o sistema de molas e suportes que aprendemos a desenvolver continua ali, mas ela se ajusta à sua postura e aos seus movimentos automaticamente, sem que você tenha que ficar lhe dizendo o que fazer. Bem, então deixe-me fazer uma previsão: no dia em que tivermos programas de computador que funcionem assim, o mundo será, sem dúvida, um lugar melhor e mais feliz.



O pequeno computador

Minha curiosidade preferida é que Branwell Brontë, irmão de Emily e Charlotte, morreu de pé, recostado em uma lareira, só para provar que era possível.

Isso não é bem verdade. Minha curiosidade preferida *de todos os tempos* é o fato de que preguiças jovens são tão desastradas que muitas vezes agarram os próprios braços e pernas em vez de galhos, o que as faz cair das árvores. Mas isso não é importante para o que tenho em mente agora porque diz respeito a preguiças; já a curiosidade sobre Branwell Brontë diz respeito a escritores, vontade de morrer e fazer coisas só para provar que é possível – e tudo isso está relacionado à minha situação atual de forma francamente assustadora.

Sou um escritor e estou com vontade de morrer, como você também estaria se tivesse acabado de sair de um voo para Grand Rapids, Michigan, a alguma hora ridícula da madrugada, só para descobrir que terá que esperar mais três horas para entrar no seu quarto de hotel. Na verdade, o simples fato de ter vindo a Grand Rapids já seria suficiente. Se você nasceu lá, então, por favor, faça de conta que estou brincando. Qualquer outra pessoa certamente perceberá que estou falando sério.

Sem ter para onde ir, estou de pé, recostado em uma lareira. Bem, em uma espécie de lareira. Não sei bem o que é, na verdade. É feita de metal e algum tipo de plástico e provavelmente foi projetada por algum arquiteto depois de uma péssima noite na cidade. Isso me lembra de outra de minhas curiosidades preferidas: existe um grande desvio na ferrovia Transiberiana porque quando o czar (não sei qual czar foi, pois não estou em casa, mas recostado em algo vergonhosamente horrível em Michigan e não há livro algum à vista) decretou que a ferrovia fosse construída, ele riscou uma linha no mapa com uma régua. Mas um pedacinho da régua estava quebrado.

Estou recostado em um equívoco arquitetônico inominável, e não estou escrevendo em um Mac. Poderia até fazer isso, se meu PowerBook não estivesse sem bateria (engraçado que uma coisa tenha “power” no nome e seu maior problema seja a falta de energia). Eu trouxe o cabo de força comigo, mas não tenho como plugá-lo em lugar nenhum. Embora a fonte de alimentação seja universal, o que é muito inteligente, ela não tem um plugue universal. Em vez disso, tem embutido um plugue de três pinos grande e trambolhudo nos moldes britânicos, o que significa que, se você se esquecer de comprar um adaptador antes de sair do aeroporto, está totalmente ferrado. É impossível comprar adaptadores para plugues britânicos fora da Inglaterra. Confie em mim. Eu já tentei quando passei por um problema parecido com meu velho Mac portátil. (Não vou fazer nenhuma piada sobre o Mac portátil. Afinal de contas, a Apple já fez muitas delas por conta própria. Droga. Eu falei que não iria fazer isso.) Acabei tendo que comprar um cabo de força americano. Ou melhor, tentando comprar um. Não foi possível. Eles só vinham junto com um Mac portátil novo. Fiquei carregando um Mac morto comigo pra lá e pra cá por dez dias e acabei usando-o como apoio para comer meus sanduíches, já que ele era um pouco mais leve de carregar do que uma mesa. (Droga, fiz de novo.)

Mas não tenho esse mesmo problema com o meu PowerBook. Não sou um idiota completo. Trouxe um adaptador desta vez. Só que sou meio idiota, porque ele está na minha mala, que eu acabei de entregar ao carregador durante o check-in no hotel enquanto espero três horas para o meu quarto ficar pronto.

Então o que estou fazendo? Escrevendo à mão? Você só pode estar brincando. Depois de dez anos usando processadores de texto, eu nem sei mais escrever à mão. Deveria saber, é claro: a princípio, escrever à mão é como comer de pauzinho: uma vez que você pega o jeito, nunca mais esquece. A questão é que tive muito mais prática

com pauzinhos ao longo da vida do que com canetas, então não, não estou escrevendo à mão. Tampouco estou falando em um daqueles terríveis minigravadores que continuam gravando sem parar enquanto você procura desesperadamente algo para dizer. Pressionar o botão para desligar aquela porcaria é o único jeito de ligar o seu cérebro de volta.

Não. O que estou fazendo é o seguinte: estou sentando em uma cadeira escrevendo isto no meu novo palmtop Psion Series 3a. Comprei um no free shop do aeroporto, pelo mais simples e puro capricho, e devo dizer que ele é bom. Funciona.

Posso dizer só uma coisinha sobre os free shops antes de continuar falando sobre o Psion? Não é que as coisas não sejam mais baratas lá. Elas são. Minimamente. Você vai economizar uns míseros trocados. É claro que depois pode perder uma grana preta em taxas se não perceber que precisa declarar à alfândega qualquer coisa que tiver comprado lá assim que voltar ao seu país. Os produtos só são realmente livres de impostos se você pretender passar o resto da vida dentro de um avião. Então, o que acontece quando você compra alguma coisa em uma loja Duty Free por pouco menos do que compraria em uma loja de rua? Bem, significa que a maior parte do dinheiro economizado em impostos vai para o bolso das próprias lojas em vez de ajudar a pagar pelo serviço público de saúde (e por submarinos nucleares). Então por que eu comprei meu Psion em um free shop? Porque sou um idiota completo, ora essa.

Enfim. Atualização de status: Arranjaram um quarto para mim. Eu tirei meu adaptador da mala. Meu PowerBook está carregando. Ainda não estou usando-o porque agora estou deitado na banheira. Então, ainda estou usando o Psion. Nunca tinha escrito nada na banheira antes. Papel fica úmido por causa do vapor, canetas não escrevem viradas para cima, máquinas de escrever machucam a barriga e, se

você está disposto a usar um PowerBook em uma banheira, imagino que ele não seja seu.

Então o negócio é o seguinte: é possível. Você pode escrever em um palmtop, algo que eu não tinha percebido antes. Uma vez tentei escrever em um Sharp Wizard, mas não deu certo porque o teclado era em ordem alfabética, o que é impraticável. O princípio por trás da decisão de incluir um teclado alfabético se baseia em um mal-entendido. Acredito que a ideia seja a seguinte: nem todos estão familiarizados com o padrão *qwerty*, mas todos estão familiarizados com o alfabeto. Isso é verdade, mas também irrelevante. As pessoas conhecem o alfabeto como uma série unidimensional de letras, não como um conjunto bidimensional, de modo que acabarão catando milho de qualquer maneira. Então por que não usar o padrão *qwerty*, comum em quase todos os computadores e máquinas de escrever, e deixar as pessoas que o conhecem se aproveitarem disso?

Também experimentei o modelo maior do Sharp Wizard, o 8200, que tem um teclado *qwerty*, mas não a função de quebra de linha. Dá pra acreditar nisso? Hoje em dia, até lousas mágicas têm função de quebra de linha.

O outro problema com qualquer palmtop é que, obviamente, o teclado é pequeno demais para os seus dedos. É aí que a coisa se complica, porque não tem jeito. Se um aparelho é pequeno o suficiente para caber no seu bolso, vai ser pequeno demais para você digitar nele. De todo modo, descobri a solução. Desculpe-me se você já sabia disso; devo ter sido a última pessoa no mundo a descobrir. Enfim, a saída é a seguinte: é preciso segurar o palmtop com as duas mãos e digitar com os polegares. Sério. Funciona. É um pouco estranho no começo, e suas mãos doem um pouco por acionarem músculos que não estão habituadas a usar, mas você se acostuma surpreendentemente rápido: digitei mil palavras agora mesmo.

Bem, isso gera algumas perguntas interessantes. (Bem, são interessantes para mim. Fiquem à vontade.) Que alternativas de inserção de dados existem por aí? Eu estou tão empolgado quanto qualquer pessoa com a perspectiva de aparelhos ativados por comandos de voz e caneta tátil, mas você sabe tão bem quanto eu que essas coisas raramente funcionam tão bem na prática quanto na teoria, pelo menos por enquanto. O tempo que se gasta brigando com tecnologias que ainda não funcionam direito simplesmente não vale o esforço para o usuário final. O dia em que você poderá dizer “Abra a porta do compartimento número 2, Hal” e ter a confiança de que Hal irá entender que você quer ficar à deriva nos arredores de Júpiter ainda está muito distante. E suspeito que também falte muito para eu poder ditar um artigo como este e receber como resultado algo decifrável. Todos já vimos o velho esquete cômico em que uma secretária anota absolutamente tudo que seu chefe diz, inclusive as partes em que ele fala “não escreva isto” ou “elimine esta última frase”. Acho que vamos ter que aturar muitas burrices desse tipo antes de conseguirmos fazer a coisa funcionar como deve. Quanto a canetas táteis, bem, como falei acima, dez anos usando processadores de textos fizeram minha caligrafia deteriorar a tal ponto que nem eu mesmo consigo lê-la, então juro que não sei se um computador teria alguma chance de compreendê-la. Será que me dou o trabalho de apontar a ironia disso tudo? Acho que não.

Então, por enquanto, somos obrigados a voltar aos teclados – e teclados, por enquanto, significam *qwerty*. Mas esse padrão, como bem sabemos, foi originalmente desenvolvido para desacelerar os datilógrafos, para que as teclas não ficassem presas. É propositalmente ineficaz. No entanto, todas as tentativas de substituí-lo por algo mais eficiente, como o teclado Dvorak, fracassaram. As pessoas já estão habituadas ao padrão *qwerty*, e não têm qualquer grande incentivo para desejarem mudar. O teclado Dvorak e outros do tipo podem até

ser melhores, mas o padrão *qwerty* é, ou pelo menos tem sido até agora, bom o suficiente. “Se não está quebrado, pra quê consertar?” é um princípio muito sensato, por mais que eu o tenha ignorado completamente por toda a minha vida.

Acredito, no entanto, que finalmente chegamos a um ponto em que existe um forte incentivo para reinventarmos o teclado. Hoje, palmtops são o centro das atenções. A Apple, a Microsoft e todos os outros estão começando a ficar empolgados com assistentes pessoais digitais e coisas do gênero e, depois de usar este Psion Series 3 durante algumas horas, eu também. A tecnologia é extraordinária, e este é só começo daquele momento crucial em que algo deixa de ser apenas um novo brinquedo divertido para começar a se tornar algo que você pode usar a sério numa banheira. Há anos que todos sabemos que o padrão *qwerty* não é o ideal. Acho que agora chegamos àquele ponto importante em que ele não é sequer bom o suficiente. Àquele ponto importante em que ele não é sequer bom o suficiente. (Sim, acabei de copiar e colar o mesmo texto!) Espero que os desenvolvedores de sistemas não tenham se deixado abalar pelo fracasso do teclado Dvorak. Espero que estejam analisando de perto a maneira como as pessoas seguram palmtops, onde seus dedos pousam e se encaixam e como toda a funcionalidade do teclado deve ser repensada. Eu gostaria muito que as articulações dos meus polegares não estivessem duras e doloridas agora. Eu provei que é possível, mas, como Branwell Brontë, espero não repetir o mesmo truque amanhã.

As coisas que não funcionam chamam nossa atenção. As que funcionam, nem tanto. Computadores chamam nossa atenção, mas

não ligamos para moedas. E-books chamam nossa atenção; já livros, nem damos bola para eles.



Coisinhas balançantes

Acho que está na hora de declararmos guerra às coisinhas balançantes. Chegou mais uma pelo correio hoje pela manhã. Encomendei um novo leitor óptico de CD em uma loja americana e, como vivo em um lugar remoto e estranho chamado Outro País, e também porque viajo como um pombo-correio, fiz questão de me informar, ao encomendar o produto, se ele vinha com uma fonte de alimentação universal.

Uma fonte de alimentação universal é o acessório que faz com que, independentemente do país em que você esteja – ou mesmo que não saiba em que país está (um problema mais comum do que você imagina) –, baste plugar o Mac em uma tomada para que ele descubra sozinho. Chamamos este princípio de Plug and Play. Ou pelo menos é como a Microsoft o chama, porque ainda não o entendeu direito. No mundo dos Macs, ele existe há tanto tempo que nem pensamos em lhe dar um nome. Hoje em dia, um monte de equipamentos periféricos também vem com fontes de alimentação universais, mas nem todos. Foi por isso que perguntei.

– Vem, sim, senhor – disse Scott, o assistente de vendas.

– Tem certeza de que ele inclui uma fonte de alimentação universal?

– Sim, senhor – repetiu Scott. – Ele inclui uma fonte de alimentação universal.

– Certeza absoluta?

– Sim, senhor.

Esta manhã, o produto chegou. A primeira coisa que notei foi que ele não vinha com uma fonte de alimentação universal. Em vez disso, vinha com uma coisinha balançante. Tenho cômodos inteiros cheios de coisinhas balançantes e não quero mais nenhuma delas. Nem sei de qual das minhas engenhocas elas fazem parte. E, o que é pior, não sei onde estão as coisinhas balançantes das minhas engenhocas. Para me irritar mais ainda, uma enorme quantidade dessas coisinhas balançantes, incluindo a que chegou hoje de manhã, operam a 120 volts CA – a voltagem norte-americana, o que significa que não posso usá-las aqui em Outro País (código postal OP), mas preciso guardá-las para o caso de um dia eu querer levar a engenhoca à qual elas pertencem (desde que eu sabia quais sejam elas) para os EUA.

Que porcarias são essas de que eu estou falando?, você deve estar se perguntando.

As coisinhas balançantes a que me refiro (e elas não são, de forma alguma, a única espécie de coisinhas balançantes que infestam o mundo dos microeletrônicos) são os adaptadores de corrente externos de que laptops, palmtops, drives externos, gravadores de fitas cassete, secretárias eletrônicas, caixas de som e outros aparelhos incrivelmente úteis precisam para diminuir a alimentação de corrente alternada de 120 volts ou 240 volts para 6 volts CC. Ou 4,5 volts CC. Ou 9 volts CC. Ou 12 volts CC. A 500 miliampères. Ou 300 miliampères. Ou 1.200 miliampères. O plugue deles tem pontas positivas e centros negativos, a não ser que sejam do tipo que tem pontas negativas e centros positivos. Quando você multiplica todas essas variáveis diferentes, acaba por deparar com uma indústria de tamanho considerável que existe apenas para encher meus armários com coisinhas balançantes, sendo que não tenho a menor chance de identificar qual serve para quê sem antes brincar de jogo da memória

com as minhas engenhocas. Meu método para encontrar a coisinha balançante que combina com a engenhoca que quero usar consiste em sair para comprar outra delas, a um preço capaz de fisicamente expelir o ar dos seus pulmões.

Agora, por que tudo isso? Bem, existe uma teoria, que é a de que, assim como o verdadeiro negócio da Xerox é vender toners de impressora, o verdadeiro negócio da Sony é vender coisinhas balançantes na forma de fontes de alimentação.

Outro motivo possível é a mais completa idiotice. Mas não poderia ser isso, poderia? Será mesmo? É difícil imaginar que alguns dos cérebros mais poderosos do planeta, alimentados pelas melhores pizzas que o dinheiro pode comprar, não tenham pensando em algum momento: “Não seria mais fácil se todos nós estabelecêssemos um padrão único de fonte de alimentação?” Bem, não sou nenhum engenheiro eletricitista, então posso estar dizendo algo impossível de se executar. Talvez seja condição *sine qua non* para o funcionamento de um determinado leitor óptico ou walkman que ele receba 600 miliampères em vez de 500, ou que seu terminal negativo esteja na ponta e não no centro – e qualquer coisa ligeiramente diferente disso o fará chiar ou queimar em suas mãos. Mas tenho grandes suspeitas de que, se você trancar um engenheiro de hardware em um quarto por alguns dias e provocá-lo com o cheiro de pepperoni, ele provavelmente pensará em alguma maneira de fazer com que qualquer engenhoca (talvez até mesmo a Nova Engenharia Pro) que ele esteja projetando funcione com uma fonte de alimentação de baixa voltagem padrão.

Na verdade, já existe uma espécie de padrão, mas ele é bem estranho. Pouca gente fuma dentro de seus carros hoje em dia, e atualmente é mais provável que o buraco no painel que costumava conter o isqueiro sirva para alimentar um telefone celular, um tocador de CD, uma máquina de fax ou, de acordo com um recente e

bastante improvável comercial de TV, uma máquina de café instantâneo. Como a entrada foi feita para outra coisa, é do tamanho errado e está no lugar errado para o que queremos fazer com ela agora, então talvez seja hora de adaptá-la para a sua nova função.

A coisa mais importante que esse exemplo de pré-adaptação acidental nos deu é um possível padrão de alimentação de corrente contínua. Um padrão arbitrário, é claro, mas talvez devêssemos apenas estar gratos por ele ter sido projetado por um mecânico em uma tarde e não por um comitê de padronização da indústria de computadores ao longo de toda uma vida. É só manter o nível de voltagem, desenvolver um novo e pequeno plugue e pronto: temos um novo padrão.

A vantagem imediata de adotá-lo é que você só precisaria de uma fonte de alimentação! Pense só nisso! Bem, não exatamente uma só, talvez precise de uma dúzia, mas elas seriam idênticas! É só comprar uma caixa delas! Seriam apenas um produto como, hã, vejamos... eu ia dizer lâmpadas, mas existem lâmpadas de todos os tipos de voltagem e encaixe. O sensacional de ter um padrão para fontes de alimentação é que elas seriam muito melhores do que lâmpadas.

Além de nos livrar de uma confusão e de uma inconveniência sem fim, a chegada de um novo padrão incentivaria o surgimento de toda uma série de novos recursos. Pontos de recarga em lugares mais convenientes dentro dos carros. Assim como dentro de nossas casas e nossos escritórios e, o que é mais importante, nos descansos de braço dos assentos de avião...

Devo admitir que, por mais que eu adore meu PowerBook, que agora faz uns 97,8% do que eu costumava fazer em meus jurássicos e grandalhões desktops, eu desisti de usá-lo em aviões. Sim, sim, eu sei, existe toda uma variedade de estratégias de economia de energia que você pode usar para estender a vida da sua bateria – reduzir o brilho da tela, discos de RAM, modo de descanso, etc. –, mas a questão é

que não tenho saco para isso. Sou perfeitamente capaz de ler a revista de bordo se quiser me irritar. Porém, se houvesse uma fonte de alimentação no descanso de braço, eu poderia adiantar meu trabalho ou pelo menos matar o tempo com alguma coisa. Sei que as companhias aéreas provavelmente vão dizer “sim, mas se fizermos isso nossos aviões vão cair”, mas isso é o que elas sempre dizem. Eu sei também que às vezes os aviões delas caem de verdade, mas a questão é que não com tanta frequência quanto as companhias aéreas dizem que vão cair. Eu, por minha vez, estaria disposto a correr o risco. Na grande guerra contra as coisinhas balançantes, acredito que nenhum sacrifício seja demais.

Revista *MacUser*, setembro de 1996

Nós ficamos presos à tecnologia quando tudo o que queremos são coisas que funcionem. Como saber se algo ainda é tecnologia? Você consegue uma boa pista checando se a coisa em questão vem com um manual.



O que temos a perder?

Algumas das ideias mais revolucionárias surgem quando notamos que algo velho pode ser descartado em vez de pensarmos em algo novo para acrescentar a alguma coisa. O walkman da Sony, por exemplo, não acrescentava nada de significativamente novo ao tocador de fitas cassete, apenas retirava o amplificador e as caixas de som, criando assim uma nova maneira de ouvir música e toda uma

nova indústria. Em um lance de gênio, a nova filmadora portátil da Sony limou a função zoom, já que tudo o que o zoom faz é custar dinheiro, deixar o equipamento mais volumoso e tornar todo e qualquer vídeo caseiro já produzido impossível de se assistir. (Eles poderiam, aproveitando essa linha de raciocínio, lançar no mercado um videocassete que só faça reproduções, enquanto produtoras de vídeo poderiam lançar filmes que já são *gravados em fast-forward*.) Os microprocessadores RISC funcionam a partir do princípio genial de se encarregar das coisas mais fáceis e deixar todas as partes difíceis para outras pessoas resolverem. Um dry martini bem-feito se baseia no princípio genial de deixar o martini de fora da bebida.

Você também obtém avanços extraordinários quando percebe que pode excluir parte do *problema*. A álgebra, por exemplo (e, por extensão, toda a programação computacional), vem da percepção de que você pode se livrar de todos aqueles números confusos e intratáveis. O que nos leva ao novo e melhorado serviço de informações ao cidadão britânico. Uns dois anos atrás, houve uma mudança radical: antes, quando você discava 192, recebia uma resposta educada e prestativa, mas geralmente – e aí é que está o detalhe – fornecida com um sotaque escocês. Todas as operações, no entanto, foram transferidas para Aberdeen, na Escócia, que possuía um monte de pessoas educadas e prestativas que não precisavam receber compensações para morar em Londres. Alguma mente brilhante na British Telecom percebeu que o local onde os atendentes atendiam não fazia diferença, ou seja, o problema da distância poderia ser simplesmente eliminado da equação. Quase tudo relacionado à internet tem a ver com perceber quais coisas já podemos eliminar da equação, e a localidade – ou distância – é uma delas. Navegar pela internet é como viver em um mundo em que cada portal o transporta para partes completamente diferentes do universo. Na verdade, não é *como* isso; é *exatamente* isso. Tentar

descobrir todas as implicações disso é tão difícil quanto o era para os primeiros cineastas descobrirem todas as implicações de se poder *movimentar* a câmera. O que mais pode ser eliminado da equação?

Nos últimos anos, tenho sido constantemente encurralado por editores, radialistas, jornalistas e cineastas ansiosos que me perguntam se eu acho que os computadores irão afetar suas respectivas indústrias. Durante muito tempo, a maioria deles esperava desesperadamente por uma resposta que significasse, em linhas gerais, “não muito”. (“As pessoas gostam do *cheiro* dos livros/ elas gostam de pipocas/ gostam de ver programas de TV na mesma hora que seus vizinhos/ gostam de pelo menos *ter* um monte de artigos que não estão interessadas em ler”, etc.) Mas essa é uma pergunta difícil de responder porque se baseia em uma perspectiva equivocada. É como tentar explicar ao rio Amazonas, ao Mississippi, ao Congo ou ao Nilo como a vinda do oceano Atlântico irá afetá-los. A primeira coisa a entender é que as regras fluviais já não se aplicam.

Vamos pensar no que pode acontecer quando a publicação de revistas já não for um rio em si, mas apenas uma corrente no oceano digital. Revistas estão começando a surgir na web, mas como elas são apenas uma série de páginas interconectadas em um mundo de páginas interconectadas, as diferenças entre “revistas” e “não revistas” (ou melhor dizendo, entre “revista A” e “revista B”) são, do ponto de vista do navegador de internet, um tanto vagas. Se eliminarmos da equação a ideia de maços de polpa de madeira processados, encadernados e vendidos separadamente, o que nos resta? Algo de útil?

Do ponto de vista dos leitores, o que resta é tão útil quanto uma revista de papel: um apanhado do tipo de coisa que os interessa, de maneira fácil de localizar, com a vantagem adicional de poder direcionar você de forma descomplicada a todo um universo de

materiais relacionados, ao contrário da revista impressa. Até aí, tudo muito bem.

Mas e quanto aos editores de revistas? O que eles terão a vender? O que vão fazer quando não produzirem mais as pilhas de papel cuchê para que as pessoas desembolsem seu suado dinheirinho para comprar? Bem, isso depende de que tipo de negócio você acha que é o deles. Muita gente não está no ramo que você pensa. O negócio da Xerox, por exemplo, é vender toners de impressoras. Toda aquela história de desenvolver copiadoras e impressoras de ponta é apenas para criar um mercado de commodities para toners e cartuchos de tinta, que é onde está o lucro. O negócio dos canais de TV não é oferecer programas de televisão para o público, mas sim oferecer público para os seus anunciantes. Com as revistas é bem parecido: cada exemplar vendido na banca de jornal é em parte uma tentativa de pagar pelo custo ridiculamente alto de produzir aquela porcaria – mas também representa a extensão do público que o editor pode oferecer aos seus anunciantes.

Eu considero a publicidade em revistas um grande problema. Eu a odeio. Ela sufoca o texto, que geralmente fica reduzido a uma coisinha de nada que precisa se esforçar para sobressair em meio a páginas enormes e espalhafatosas, que mais parecem outdoors, todas gritando de modo a chamar sua atenção para coisas que você não quer. Além disso, a primeira coisa que você precisa fazer ao comprar uma revista é sacudi-la em cima de uma lixeira para se livrar de todos os cupons, saquinhos, pacotes, CDs e filhotes de labrador grátis que as deixam tão gordas e difíceis de carregar quanto o álbum de recortes da sua avó. E então, quando você *se interessa* em comprar algo, não consegue encontrar a informação que quer, pois ela estava na edição do mês anterior, que a essa altura você já jogou fora. Eu comprei uma câmera nova no mês passado, e para isso tive que comprar antes um monte de revistas de fotografia só para encontrar anúncios e resenhas

dos modelos que me interessavam. Ou seja, me irrita com 99% dos anúncios que vejo, mas às vezes quero vê-los a ponto de *comprar* as revistas. É uma conta desproporcional demais – algo que está pedindo para ser eliminado da equação.

Se você navegar por uma revista on-line, irá encontrar apenas alguns ícones de anunciantes pequenos e discretos aqui e ali nos quais você *escolhe* clicar ou não. Só vê o anúncio propriamente dito se estiver interessado nele, e o mesmo anúncio irá direcioná-lo a informações concretas e úteis sobre o produto. Como é óbvio, mais vale aos anunciantes alcançar um consumidor potencialmente interessado do que tirar do sério outros 99. Além disso, o anunciante recebe um feedback extraordinariamente preciso. Eles sabem com exatidão quantas pessoas escolhem examinar o anúncio e por quanto tempo, o que significa que anúncios indesejados para coisas que não interessam a ninguém logo irão desaparecer, ao passo que aqueles que chamam atenção das pessoas permanecerão. Os anunciantes pagam pela oportunidade de incluir links nas páginas mais populares da revista e – bem, já deu para entender como funciona. É um método bastante eficaz. O que é eliminado da equação é a ideia de que a publicidade precisa ser irritante e intrusiva.

Este é um dos modelos através dos quais as revistas on-line sobrevivem; e nem preciso dizer que é totalmente gratuito para os leitores. Existe outro, que provavelmente chegará assim que for possível movimentar dinheiro pela internet e cobrará aos leitores pequenas quantias pela oportunidade de ler os sites mais populares. Muito menos do que você normalmente gastaria, por exemplo, com jornais e revistas comuns, pois não estaria pagando por todas as árvores que precisam ser derrubadas, os caminhões que necessitam de combustível e funcionários de marketing cujo trabalho é lhe mostrar quanto eles são brilhantes. O dinheiro do leitor vai direto para os autores, com uma fatia para o editor da página de internet, e toda

madeira pode continuar nas florestas, o petróleo pode continuar debaixo da terra e todos os funcionários de marketing podem ficar bem longe dos restaurantes.

Por que todo o dinheiro não vai para o autor?, posso ouvir você (e eu mesmo) perguntar. Bem, talvez até vá se o autor em questão se contentar em jogar suas palavras no oceano digital na esperança de que alguém lá fora as encontre. Mas, como qualquer oceano, o digital possui fluxos, redemoinhos e correntes, e os editores logo terão a função de encontrar material de qualidade para puxá-los para os mares em que os leitores estarão nadando em busca das coisas que os interessam – o que é mais ou menos o que já fazem atualmente. A diferença estará na receptividade do mercado, na velocidade com que essas correntes mudarão e oscilarão e em como o poder e o controle irão passar para as mãos dos que de fato contribuam com algo de útil.

O que tiraremos da equação será, essencialmente, apenas um monte de árvores mortas.

In: *Wired*, edição britânica; nº 1, 1995



Viagem no tempo

Viagem no tempo? Acredito que existam pessoas vindas do futuro e interferindo em nossas vidas diariamente. É só prestar atenção à nossa volta. Estou falando sobre como, todas as vezes que vamos acionar um seguro, acabamos descobrindo que, misteriosamente, justo aquilo de que precisamos desapareceu da apólice.



Vira-casaca

Muitas vezes me perguntam se eu não sou um pouco vira-casaca. Vinte anos (socorro!) atrás, em *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, construí minha reputação tirando sarro da ciência e da tecnologia: robôs deprimidos, elevadores que se recusam a funcionar, portas com interfaces de usuário ridiculamente complexas (o que há de errado em simplesmente empurrá-las?) e assim por diante. Agora, pareço ter me tornado um dos maiores defensores da tecnologia, como fica claro em minha recente série de programas na Rádio 4, *The Hitchhiker's Guide to the Future* (O Guia do Mochileiro para o Futuro). (Eu preferiria que tivéssemos acabado escolhendo outro título, mas às vezes as coisas acontecem por conta própria.)

Duas coisas:

Primeiro, às vezes me pergunto se não temos comédias demais hoje em dia. Quando era criança, eu costumava me esconder debaixo das cobertas com um rádio antigo que havia comprado em um brechó e ouvir, fascinado, programas como *Beyond Our Ken*, *Hancock*, *The Navy Lark* e até *The Clitheroe Kid*, qualquer coisa que me fizesse rir. Eles eram como pancadas de chuva e arco-íris no deserto. Alguns anos depois, surgiu o *I'm Sorry I'll Read that Again* e o glorioso *Monty Python*. O que me fulminou nos *Pythons* foi perceber que a comédia era um meio através do qual pessoas inteligentes podiam expressar coisas que simplesmente não podiam ser expressas de outras formas. De onde eu estava, no meu internato nas profundezas de Essex, foi um empolgante raio de luz. É curioso que os *Pythons* tenham surgido na mesma época que aqueles outros grandes instigadores da imaginação da juventude, os Beatles, estavam desaparecendo. Havia

uma sensação de que o bastão estava sendo passado adiante. Acho que George Harrison chegou a dizer algo parecido uma vez.

Hoje, no entanto, todos são comediantes; até as garotas do tempo e os âncoras de jornal. Nós rimos de tudo. Não de forma inteligente, não com uma sensação repentina de espanto, surpresa ou compreensão, mas de forma incessante e sem sentido. Não existem mais pancadas de chuva no deserto, mas apenas lama e garoa por toda parte, vez por outra iluminadas pelo flash de um paparazzo.

O impulso criativo foi para outra parte – para a ciência e a tecnologia: novas maneiras de enxergarmos as coisas, novas formas de compreender o universo, novas e contínuas revelações sobre como a vida funciona, como pensamos, como percebemos a realidade, como nos comunicamos. Isso nos leva ao meu segundo argumento.

Enquanto, trinta anos atrás, montávamos bandas de rock, hoje em dia montamos empresas *startups* e experimentamos novas maneiras de nos comunicarmos e lidarmos com as informações que trocamos. E, quando uma ideia fracassa, outra melhor vem logo atrás dela, e depois outra e mais outra, com a mesma rapidez com que os álbuns eram lançados nos anos 1960.

Sempre chega um momento em que você começa a perder a paixão, seja por uma pessoa, uma ideia ou uma causa, mesmo que leve anos para reconhecer o que o levou a isso: uma bobagem qualquer, uma palavra errada, algo que lhe soou falso – e isso significa que, de certa forma, as coisas nunca mais serão as mesmas. Para mim, o momento de desencanto foi quando ouvi um comediante de *stand-up* fazer a seguinte observação: “Mas esses cientistas, hein? Como são burros! Sabem aquelas caixas-pretas que eles colocam dentro dos aviões? Aquele negócio que sempre fica intacto? *Por que não fazem o avião inteiro com o mesmo material?*”

A plateia gargalhava da estupidez dos cientistas, que não conseguiam resolver os problemas mais ridículos, enquanto eu ficava

sentado ali, constrangido. Será que eu estava apenas sendo pedante ao achar que a piada não funcionava, uma vez que sabia que caixas-pretas são feitas de titânio e que, se aviões fossem feitos desse material em vez de alumínio, eles seriam tão pesados que nem sequer sairiam do chão? Comecei a analisar melhor a piada. E se ela tivesse sido contada por Eric Morecambe? Será que então poderia ter graça? Bem, não exatamente, porque isso dependeria de a plateia entender que Eric estava sendo burro – em outras palavras, o público precisaria saber a diferença entre o titânio e o alumínio. Não havia maneira de desconstruir a piada (e se você acha que esse é um comportamento obsessivo, eu queria ver se tivesse que conviver com ele) de maneira que ela não dependesse de comediante e plateia conspirando para rirem juntos de alguém *que sabia mais do que eles*. Isso me causou arrepios, e ainda causa. Eu me senti traído pela comédia da mesma maneira que o gangsta rap agora faz eu me sentir traído pelo rock. Também comecei a me perguntar quantas das piadas que eu vinha fazendo eram apenas, bem, pura ignorância.

Minha guinada em direção à ciência se deu um belo dia por volta de 1985, quando estava andando por uma floresta em Madagascar. Eu estava na companhia do zoologista Mark Carwardine (com quem eu mais tarde escreveria o livro *Last Chance to See*) e perguntei a ele: “Pode me explicar o que há de tão especial nas florestas tropicais a ponto de termos que nos preocupar tanto com elas?”

Foi o que ele fez. Em menos de dois minutos, Mark me explicou a diferença entre as florestas temperadas e as florestas tropicais, e como esta última podia produzir sua espantosa diversidade biológica e ao mesmo tempo ser tão terrivelmente frágil. Fiquei calado por alguns instantes enquanto começava a perceber que aquele esclarecimento tão simples estava mudando a maneira como eu via o

mundo. Tinha recebido um único fio que agora poderia seguir até o novelo de um mundo extraordinariamente complexo. Nos anos que se seguiram, devorei tudo o que consegui encontrar sobre ciência evolucionária e percebi que nada do que havia aprendido a respeito dela na escola poderia ter me preparado para a enormidade do que agora se descortinava diante dos meus olhos. A questão sobre a evolução é a seguinte: se ela não virou seu cérebro do avesso é porque você ainda não a entendeu direito.

Então, para minha surpresa, descobri que isso andava de mãos dadas com meu interesse cada vez maior por computadores. Não havia nada de especialmente profundo nesse entusiasmo – é só que eu adoro brincar com *gadgets* e não tenho a menor vergonha disso. A ligação entre as duas coisas está na observação de que resultados complexos podem surgir de causas simples repetidas sucessivamente. Sejam quais forem as complexidades produzidas por um computador (simulações da turbulência do vento, balanços econômicos ou a luz brilhando no olho de um dinossauro virtual), tudo deriva de simples linhas de código que repetem uma determinada sequência de zeros e uns. Ser capaz de observar coisas tão complicadas surgirem dessa simplicidade primitiva é uma das grandes maravilhas da nossa era, maior até do que ver o homem andar na Lua.

É muito mais difícil ver isso acontecendo no caso da evolução da vida. A escala de tempo é vasta demais e nossa perspectiva fica muito prejudicada pelo fato de estarmos observando a nós mesmos. Mas a invenção do computador permitiu que tivéssemos pela primeira vez uma sensação real de como a vida funciona – assim como a invenção da bomba hidráulica nos permitiu entender melhor o funcionamento do coração e da circulação sanguínea.

É por isso que é impossível dissociar a ciência pura da tecnologia: elas alimentam e estimulam uma à outra. Assim, o mais recente software que transfere um arquivo mp3 de um computador para outro

é, a seu modo, tão interessante quanto uma célula que se replica, uma ideia que se forma no interior do cérebro ou um besouro que digere sua presa no coração da floresta Amazônica. É tudo parte do mesmo processo subjacente do qual nós também fazemos parte; é onde nossas energias criativas estão sendo empregadas e eu não trocaria isso por nenhum comediante, programa de TV ou partida de futebol do mundo.

Outubro de 2000

Entregue uma prancheta com um questionário para uma pessoa e ela vai mentir. Um amigo meu trabalhou no desenvolvimento de um questionário que seria usado em uma pesquisa on-line. Segundo ele, as informações que receberam de volta lhes davam uma visão incrivelmente encorajadora da situação mundial. Você sabia, por exemplo, que quase 90% da população é composta de CEOs de suas próprias companhias e possui um rendimento anual acima de um milhão de dólares?



Existe um Deus artificial?

Isto foi originalmente anunciado como um debate porque eu estava um pouco ansioso diante da ideia de vir até aqui. Achei que não teria tempo para preparar nada e, além disso, sendo um evento tão cheio de figuras ilustres, pensei: “O que eu, como mero leigo, poderia ter a dizer?” Então me pareceu melhor que fosse um debate. Mas, depois de passar dois dias aqui, percebi que vocês são só um

bando de caras como eu! Isto aqui tem fervilhado de ideias, e eu mesmo tive tantas enquanto conversava com as pessoas e ouvia o que elas tinham a dizer que acabei preferindo simplesmente subir aqui e ter uma conversa e um debate comigo mesmo. Vou falar durante um tempo e espero que seja suficiente para provocar e incitar opiniões de tal forma que cadeiras estejam sendo jogadas pelos ares no final.

Antes de entrar no assunto que pretendo explorar, deixem-me avisar logo que as coisas talvez fiquem um pouco confusas de vez em quando, porque acrescentei muita coisa em cima da hora, então, se por acaso eu começar a... eu estava contando a alguém mais cedo que tenho uma filha de 4 anos e que foi muito interessante observar seu rosto durante suas primeiras duas ou três semanas de vida e perceber de repente algo que ninguém poderia ter percebido em outra época: ela estava reinicializando.

E só quero mencionar uma coisa, que não tem nada a ver com nada, mas de que me orgulho bastante: eu nasci em Cambridge no ano de 1952 e minhas iniciais são DNA!

O tópico que gostaria de apresentar a vocês esta noite, tema do debate que estamos prestes a mais ou menos não ter, é ligeiramente jocoso (vocês ficarão surpresos ao ouvir qual é, mas vamos ver aonde isso vai dar): “Existe um Deus artificial?” Estou certo de que muitos dos presentes tenham uma opinião semelhante sobre o assunto, mas, mesmo que você seja um ateu de carteirinha, é impossível ignorar que a figura de um deus teve um impacto extremamente profundo na história humana durante muitos, muitos séculos. É bem interessante tentar descobrir de onde saiu essa ideia e o que ela significa neste mundo científico moderno em que, às vezes contra todas as provas em contrário, julgamos viver.

Eu estava pensando no assunto hoje mais cedo quando no final de palestra “O que é a vida” Larry Yaeger mencionou algo que eu não sabia sobre uma área específica do reconhecimento de caligrafias. O

seguinte pensamento estranho passou pela minha cabeça: tentar descobrir o que é ou não é vida e onde está a fronteira entre as duas coisas é curiosamente semelhante a reconhecer letras escritas. Quando nos vemos diante de algo, como um mofo dentro da geladeira, todos nós sabemos, por instinto, se é um organismo vivo ou não. Mas definir de forma exata o que é ou não é vida é extremamente difícil. Lembro-me de uma vez, não muito tempo atrás, em que precisei de uma definição de vida para uma palestra que iria fazer. Supondo que deveria haver alguma definição simples, fui procurar na internet. Fiquei pasmo diante da variedade de definições que encontrei. Se você parar para pensar, qualquer coisa que inclua a mosca-doméstica, Richard Dawkins e a Grande Barreira de Corais é um conjunto de elementos bem complicados de se comparar. Quando ainda estamos tentando descobrir quais regras buscar, tentar encontrar uma regra que seja incontestavelmente verdadeira se torna muito, muito difícil.

Comparem isso ao processo de determinar se algo é um *A*, um *B* ou um *C*. É mais ou menos a mesma coisa, mas é também muito, muito diferente, porque você pode dizer a respeito de algo que “não tem muita certeza se conta como vida ou não, está meio entre uma coisa e outra, não acha? É provavelmente um exemplo bem inferior do que você chamaria de vida, ou talvez esteja só quase vivo, ou nem isso”. Ou então talvez diga sobre um exemplo de vida digital: “Isso conta como organismo vivo?” É algo que vai fazer *squish* se você pisar em cima? Pensem na controversa hipótese de Gaia; há quem pergunte: “O planeta é um ser vivo?” ou “A ecosfera está viva ou não?”. No fim das contas, depende de como você define esses termos.

Agora, comparemos isso ao reconhecimento de caligrafia. No fim das contas, o que você está tentando determinar é: “Isto é um *A* ou um *B*?” As pessoas escrevem as letras *A* e *B* de várias formas diferentes, com floreios, garranchos e por aí vai. Não adianta dizer “Bem, parece um *A*, mas tem um pouco de *B* também”, porque você

não pode escrever “arroz” com uma letra dessas. Ou é um *A* ou é um *B*. Como julgar isso? Quando tenta reconhecer uma caligrafia, você não está tentando determinar quanto uma letra se parece mais com *A* ou *B*, mas sim a intenção da pessoa que a escreveu. No fim das contas, tudo se esclarece: é um *A* ou um *B*? Ah, é um *A*, porque a pessoa quis escrever “arroz”, e é claramente isto que está no papel. Então, na falta de um criador intencional, não se pode dizer o que é a vida, simplesmente porque isso depende de que conjunto de definições você inclui em sua definição geral. Sem um deus, a vida é apenas uma questão de opinião.

Eu gostaria de retomar alguns dos assuntos que foram abordados hoje. Fiquei fascinado com Larry (outra vez) quando ele falou sobre tautologia, porque uma vez fui confrontado com um argumento que simplesmente não consegui rebater. Fiquei tão intrigado com o desafio que não fui capaz de encontrar uma solução para ele. Um cara disse para mim: “Sim, mas toda a teoria da evolução é baseada numa tautologia: o que sobrevive sobrevive.” Esse é um argumento tautológico, redundante; portanto, não tem significado algum. Refleti um pouco sobre a questão e por fim me ocorreu que uma tautologia é algo que não significa nada; que não só não contém qualquer informação, como não gera consequência alguma. Mas talvez isso nos revele, sem querer, a resposta que tanto buscamos; esta é a única coisa, a única força, talvez a mais poderosa que conhecemos, que não precisa de nenhum outro aporte, que não precisa ser sustentada por nada; ela é autoexplicativa e, portanto, tautológica, mas ainda assim suas consequências são extraordinariamente poderosas. É tão difícil encontrar algo que se compare a isso que decidi colocá-lo na abertura de um dos meus livros. Eu reduzi a questão até o que me parece ser o básico do básico, chegando a algo bem parecido com as formulações que vocês apresentaram mais cedo, que é o seguinte: “Tudo o que acontece acontece. Tudo o que, ao acontecer, faz com que outra coisa

aconteça, faz com que outra coisa aconteça. Tudo o que, ao acontecer, faz com que ela mesma aconteça de novo, acontece de novo.” Na verdade, você nem precisaria das outras duas frases, porque elas vêm da primeira, que é autoexplicativa, não havendo necessidade de dizer mais nada; todo o resto parte dali. Então acredito que o que temos aqui é uma verdade fundamental e absoluta, impossível de contradizer. Ela foi identificada pelo mesmo cara que disse que isso é uma tautologia. Sim, é verdade, mas é uma tautologia especial, no sentido de que não contém nenhuma informação, mas gera uma quantidade infinita de informações como consequência. Portanto, acredito que ela possa ser a causa primária de tudo o que existe no universo. Essa é uma afirmação e tanto, mas sinto que estou falando para uma plateia bastante receptiva.

De onde vem a ideia de Deus? Bem, acho que nós temos uma perspectiva bastante distorcida sobre um monte de coisas, mas vamos tentar encontrar a origem dessa nossa perspectiva em especial. Imaginem o homem primitivo. Ele é uma criatura evoluída e vive em um mundo que o próprio homem já está começando a dominar um pouco; aprendeu a fazer ferramentas, a mudar o ambiente com as ferramentas que produz, e quando as produz é justamente com esse propósito de mudança em mente. Para dar um exemplo de como o homem se comporta em relação aos outros animais, pensemos na especiação, que tende a ocorrer quando pequenos grupos são separados do restante da manada por alguma mudança geológica, pressão populacional, escassez de alimentos ou qualquer outro motivo e se veem em um ambiente diferente do original. Um exemplo bem simples: um grupo de animais pode vir a se encontrar de repente em um local em que o clima é bem mais frio. Nós sabemos que, depois de algumas gerações, os genes que favorecem o surgimento de uma pelagem mais grossa virão à tona e os animais desenvolverão justamente esse tipo de pelagem. O homem primitivo, que é um

produtor de ferramentas, não precisa fazer isso: ele pode viver em uma variedade extraordinariamente ampla de habitats na Terra, desde a tundra até o deserto – ele consegue viver até em Nova York, para vocês terem uma ideia –, e o motivo é porque, ao chegar a um novo ambiente, ele não precisa esperar por várias gerações para se adaptar; quando chega a um clima mais frio e vê um animal que possui aqueles genes que favorecem uma pelagem mais grossa, ele diz: “Vou arrancar aquilo dele.” As ferramentas nos possibilitaram pensar de forma estratégica, fazer coisas e produzir coisas que tornam o mundo mais confortável para nós. Agora, imaginem um homem primitivo olhando à sua volta ao final de um dia de fabricação de ferramentas. Ele corre os olhos ao seu redor e o que vê é um mundo que o agrada imensamente: atrás dele, há montanhas com cavernas – montanhas são ótimas porque você pode se esconder nas cavernas, que o protegem da chuva e dos ursos. À sua frente, estende-se uma floresta – florestas são ótimas porque têm nozes, amoras e outras comidas deliciosas. Um córrego passa por ali, e por causa dele você tem abundância de água – a água é gostosa de beber, você pode colocar suas embarcações para flutuar nela e usá-la para um monte de outras coisas. E lá está o seu primo Ug, que acabou de apanhar um mamute – mamutes são excelentes, pois você pode comê-los, vestir a pelagem deles e usar seus ossos a fim de criar armas para caçar outros mamutes. Ora, este é um mundo *maravilhoso*. Mas o nosso homem primitivo reflete por um instante e se faz uma pergunta muito traiçoeira, que é totalmente sem sentido e falaciosa, mas que só lhe vem à mente porque essa é a sua natureza, essa é a natureza do tipo de pessoa que ele é e do tipo de pessoa que sobreviveu justamente por pensar dessa maneira. O homem, um criador, olha para o seu mundo e diz: “Mas, então, quem criou isso?” Quem criou isso? – vocês já devem ter percebido por que essa pergunta é tão traiçoeira. O homem primitivo pensa: “Ora, como só conheço um tipo de criatura que cria coisas, quem quer que tenha

criado tudo isto deve ser como eu, só que bem maior, muito mais poderoso e necessariamente invisível; e como normalmente eu sou o mais forte e faço tudo, ele deve ser macho.” E eis que surge a ideia de um Deus. Então, uma vez que criamos as coisas com a intenção de fazer algo com elas, o homem primitivo se pergunta ainda: “Pra *quê* ele criou tudo isso?” E é aí que o homem primitivo cai na verdadeira armadilha, pois ele está pensando: “Estou muito bem-acomodado neste mundo. Tenho este monte de coisas que me ajudam, me alimentam e me protegem; é, eu me encaixo muito bem aqui” e chega à conclusão inevitável de que quem quer que tenha criado o mundo o criou para ele.

Isso é o mesmo que imaginar uma poça acordando uma bela manhã e pensando: “Que mundo interessante este em que eu vivo – que *buraco* interessante este em que eu vivo –, estou muito bem-acomodada nele, não? Na verdade, me encaixo tão incrivelmente bem aqui que ele só pode ter sido feito para mim!” Esta é uma ideia tão poderosa que, mesmo enquanto o sol vai subindo no céu e o ar ficando cada vez mais quente, e mesmo enquanto a poça vai ficando menor e menor, ela ainda se agarra desesperadamente à noção de que tudo vai ficar bem, porque este mundo foi *feito* para que ela existisse, foi *criado* com esse propósito; e então acaba sendo pega de surpresa pelo momento em que enfim desaparece. Acho que isso é algo a que deveríamos ficar mais atentos. Todos sabemos que em algum momento do futuro o universo vai acabar; e, bem antes disso, em algum outro ponto, o sol vai explodir. Nós achamos que ainda temos muito tempo para nos preocuparmos com isso, mas, por outro lado, isso é algo muito perigoso de dizer. Olhem só o que supostamente vai acontecer no dia 1º de janeiro de 2000 – não venham me dizer que não tivemos nenhum aviso de que o século iria terminar! Acredito que precisamos ter uma perspectiva mais ampla de quem somos e o que estamos fazendo aqui se quisermos sobreviver por muito tempo.

Existem algumas coisas estranhas na perspectiva que adotamos para enxergar o mundo. O fato de vivermos nas profundezas de um poço gravitacional, na superfície de um planeta coberto de gases que gira em torno de uma bola de fogo nuclear a 150 milhões de quilômetros de distância, e ainda acharmos isso normal indica claramente quão distorcida nossa perspectiva pode ser; mas nós já fizemos várias coisas ao longo de nossa história intelectual para corrigir alguns de nossos erros de interpretação. Curiosamente, muitas delas vieram da areia, então vamos falar um pouco sobre as quatro idades da areia.

Da areia nós fizemos o vidro, do vidro fizemos as lentes e das lentes fizemos os telescópios. Quando os grandes precursores da astronomia, como Copérnico, Galileu e outros, voltaram seus telescópios para o céu e descobriram que o universo era um lugar espantosamente diferente do que esperavam; e que, longe de o nosso mundo ser a maior parte do universo, é apenas um minúsculo ponto girando em torno de uma pequena bola de fogo nuclear, que por sua vez é uma das milhões e milhões e milhões de outras que compõem esta galáxia; sendo que nossa galáxia é uma das milhões ou bilhões que compõem o universo, e que ainda precisamos lidar com a possibilidade de haver bilhões de universos; bem, isso corrigiu um pouquinho a perspectiva inicial de que o universo era nosso.

Esse é um conceito que me fascina, e, como comentei com alguém hoje mais cedo, gostei muito de um livro que li recentemente de David Deutsch, que é um defensor da teoria dos múltiplos universos, chamado *A essência da realidade*, no qual ele explora a noção, baseada na física quântica, de que existe não um só universo, mas multiversos. Ela surgiu da famosa dicotomia onda/partícula em relação ao comportamento da luz – a de que não é possível medi-la como onda quando ela se comporta como uma onda, tampouco como uma partícula quando ela se comporta como uma partícula. Como

isso pode ser possível? David Deutsch afirma que, se imaginarmos que nosso universo é simplesmente uma camada, e que existe uma multiplicidade infinita de universos paralelamente a ele em ambas as direções, isso não só resolve o problema como o faz desaparecer por completo. Esse é precisamente o comportamento que se espera da luz sob as mesmas circunstâncias. A mecânica quântica possui alguns conceitos que poderiam ser aplicados à ideia de que o universo se comporta como se existissem múltiplos universos, mas custa-nos crer que esse possa ser o caso.

Isso nos leva de volta a Galileu e ao Vaticano. Na verdade, o que o Vaticano disse a Galileu foi: “Nós não discordamos das suas observações, mas apenas da explicação que você dá para elas. Você pode dizer sem problemas que os planetas fazem esse negócio aí enquanto ficam rodando e que é como se nós fôssemos um planeta e todos esses outros, assim como nós, estivessem girando ao redor do sol; você pode dizer que é *como se* isso estivesse acontecendo, mas não pode dizer que é o que *está* acontecendo, porque nós temos controle total sobre as verdades universais e, além disso, simplesmente custa-nos crer que esse possa ser o caso.” Da mesma forma, acredito que custa-nos crer na ideia de que existam múltiplos universos, mas talvez esta seja apenas mais uma daquelas coisas difíceis de acreditar com as quais precisamos aprender a viver, assim como aprendemos a viver com um monte delas no passado.

O outro detalhe que essa visão do universo nos traz é que, no fim das contas, ele é composto quase inteiramente de nada, o que é um tanto preocupante. Para onde quer que olhe, você depara com nada, com um ou outro minúsculo grãozinho de rocha ou luz aqui e ali. Mesmo assim, ao observarmos esses grãozinhos em meio ao vasto nada, pudemos começar a estabelecer certos princípios, certas leis, como a gravidade e tudo mais. Então essa foi a visão macroscópica do universo que surgiu com a primeira Idade da Areia.

A próxima Idade da Areia é a microscópica. Nós colocamos as lentes de vidro nos microscópios e olhamos para baixo para analisar o universo microscopicamente. Então começamos a entender que, quando descemos ao nível subatômico, o mundo concreto em que vivemos também consiste, o que é novamente um tanto preocupante, em quase nada – e que sempre que encontramos algo ele acaba se mostrando não exatamente algo, mas apenas a probabilidade de que haja algo ali.

De um jeito ou de outro, esse tal de universo é bastante enganoso. Para onde quer que olhemos, ele começa a parecer extremamente alarmante e perturbador para a nossa ideia do que somos – criaturas grandes, fortes e tangíveis que vivem em um universo que existe quase só para nós –, o que simplesmente não é o caso. A essa altura, ainda estamos deduzindo a partir disso toda sorte de princípios fundamentais, descobrindo como a gravidade funciona, as leis que regem as forças nucleares fortes e fracas, reconhecendo a natureza da matéria, das partículas e assim por diante; porém, mesmo depois de entender esses fundamentos, ainda não conseguimos descobrir direito como funcionam, porque a matemática por trás deles é bastante complicada. Então, acabamos desenvolvendo uma visão quase rudimentar da maneira como tudo funciona, porque é o melhor que nossa matemática consegue fazer. Não pretendo de forma alguma desmerecer Newton, até porque acho que ele foi a primeira pessoa a notar que havia princípios em ação que eram diferentes daquilo que conseguíamos ver à nossa volta. Sua primeira lei do movimento – a de que algo continuará em repouso ou em movimento até outra força agir sobre ele – é algo que nenhum de nós, vivendo em plena gravidade, envolto por gases, já tenha visto, pois tudo o que colocamos em movimento alguma hora para. Foi somente através de observação e cálculos muito minuciosos e da dedução dos princípios subjacentes ao que todos podíamos ver acontecendo que ele surgiu com esses

princípios que todos conhecemos e reconhecemos como as leis do movimento; mas isso não deixa de ser, dentro dos parâmetros modernos, uma visão um tanto rudimentar do universo. Como disse, não quero dar nenhuma impressão de desmerecimento, pois esses avanços foram simplesmente monumentais, mas ainda não fazem muito sentido para nós.

Existe toda uma variedade de entidades de que também temos consciência, além de partículas, forças, mesas, cadeiras, rochas e assim por diante, mas que são quase invisíveis à ciência; quase invisíveis porque a ciência não tem praticamente nada a dizer sobre elas. Estou falando de cães, gatos, vacas e de nós mesmos. Nós, seres vivos, estamos muito longe de qualquer coisa que a ciência tenha a dizer, tão longe que mal nos reconhecemos como algo sobre o qual a ciência deveria ter alguma opinião.

Posso imaginar Newton sentando-se para elaborar as leis do movimento e para desvendar como o universo funciona enquanto um gato zanzava por perto. O motivo pelo qual não tínhamos a menor ideia de como os gatos funcionavam era porque, desde a época de Newton, nos baseávamos no princípio bem simples de que, essencialmente, para vermos como as coisas funcionam, era preciso desmontá-las. Mas, se você tentar desmontar um gato para ver como ele funciona, a primeira coisa que terá nas mãos é um gato que parou de funcionar. A vida possui um nível de complexidade que vai quase além da nossa compreensão; ela é tão avançada em relação a qualquer coisa sobre a qual temos algum tipo de entendimento que simplesmente pensávamos nela como um tipo diferente de objeto, um tipo diferente de matéria. A “vida”, algo cuja essência é por si só misteriosa, viria de Deus – e essa era a única explicação que tínhamos. A bomba é lançada em 1859, quando Darwin publica *A origem das espécies*. Demora bastante para sacarmos qual é a dessa obra e começarmos a entendê-la, porque ela não só nos parece

inacreditável e totalmente degradante em relação a nós mesmos, como representa um grande impacto em nosso sistema de crenças descobrirmos que não apenas não somos o centro do universo e não fomos criados a partir de nada – também viemos de alguma espécie de gosma e, para chegarmos até aqui, antes fomos macacos. Não soa muito bem aos ouvidos. E, para completar, não temos como ver nada disso acontecendo. De certa forma, Darwin foi como Newton, no sentido de que foi a primeira pessoa a enxergar princípios subjacentes que não eram nem um pouco óbvios no seu mundo cotidiano. Tivemos que fazer um grande esforço intelectual para compreender a natureza do que acontecia ao nosso redor e não tínhamos nenhum exemplo claro, óbvio e cotidiano da evolução para mostrar. Até hoje continua sendo um pouco complicado, quando você tenta convencer alguém que não acredita nessa coisa toda de evolução, mostrar um exemplo – eles são bem difíceis de encontrar em termos de observação cotidiana.

Isso nos leva à terceira Idade da Areia. Nesse ponto, descobrimos que era possível produzir mais uma coisa a partir dela: silício. Com isso, desenvolvemos o chip de silício – e, de repente, eis que se abre para nós um universo não de partículas e forças elementares, mas das coisas que nos dizem como elas funcionam; o que o chip de silício nos revelou foi o *processo*. Ele nos permite realizar cálculos matemáticos a uma velocidade alucinante, simular processos, muito simples no fim das contas, análogos à vida em sua simplicidade; repetição, looping, ramificação, retroalimentação, que é a base de tudo o que você faz em um computador e de tudo o que acontece na evolução. De repente, temos um protótipo com que trabalhar (embora as primeiras máquinas fossem terrivelmente lentas e desengonçadas), mas aos poucos vamos criando um protótipo dessa coisa que antes só podíamos adivinhar ou deduzir – e você precisava ter uma mente muito afiada e lúcida inclusive para deduzir o que

acontecia, uma vez que isso era nem um pouco óbvio e até contraintuitivo, especialmente para uma espécie tão orgulhosa quanto a nossa.

O computador estabelece uma terceira era de perspectiva, pois ele de repente nos permite ver como a vida funciona. Este é um momento de extraordinária importância, pois fica claro que a vida não vem de cima para baixo, mas de baixo para cima, e todo o conhecimento que um usuário de computadores possui agora passa a existir; isso, por sua vez, significa que a evolução não é algo específico, pois qualquer um que já tenha analisado a maneira como os programas de computador funcionam sabe que a repetição de linhas de código é muito simples.

Então, de repente, a evolução deixa de ser um bicho de sete cabeças. É mais ou menos como o seguinte cenário: numa bela terça-feira uma pessoa é vista em uma rua de Londres cometendo um crime. Dois detetives estão investigando o caso, tentando descobrir o que aconteceu. Um deles é um detetive do século XXI, enquanto o outro, por um milagre da ficção científica, vem do século XIX. O problema é o seguinte: a pessoa que foi claramente vista e identificada na rua londrina na terça-feira foi vista por outra pessoa, uma testemunha igualmente confiável, em uma rua de Santa Fé no mesmo dia. Como é possível? O detetive do século XIX só pode pensar que foi por conta de alguma intervenção mágica. Já o detetive do século XXI diz apenas: "O suspeito pegou um avião. Não sei qual foi o voo e pode ser um pouco complicado descobrir, mas isso não é por si só um mistério." Estamos habituados à ideia de viajar de avião. Não sabemos em que companhia aérea o criminoso viajou, mas sabemos, grosso modo, que ele fez isso. Acredito que, à medida que ficarmos mais familiarizados com o papel desempenhado pelo computador e com a maneira como ele simula o processo de elementos extremamente simples gerando resultados extremamente

complexos, a ideia de a vida ser um fenômeno emergente se tornará cada vez mais fácil de engolir. Talvez jamais cheguemos a saber quais exatamente foram os passos que a vida deu em seus estágios primordiais neste planeta, mas isso não configura por si só um mistério.

Então, o ponto a que chegamos – e embora a primeira onda de choque por essa chegada tenha sido em 1859, foi o advento do computador que nos demonstrou isso de forma indiscutível – pode ser resumido da seguinte forma: “Terá o universo se desenvolvido não de cima para baixo, mas sim de baixo para cima? Pode a complexidade surgir dos níveis mais inferiores de simplicidade?” Sempre me pareceu bizarro que a ideia de Deus como criador pudesse ser considerada explicação suficiente para o nível de complexidade que existe à nossa volta, porque isso simplesmente não explica de onde Ele veio. Se imaginamos que existe um criador, isso implica um plano de criação e que, assim sendo, cada coisa que ele cria ou possibilita que seja criada encontra-se em um nível mais simples do que ele próprio, o que por sua vez nos obriga a perguntar: “Qual é o nível acima do criador?” Há um modelo do universo que diz que ele é sustentado por um monte de tartarugas umas em cima das outras até o fundo, mas o que temos aqui são um monte de deuses uns em cima dos outros até o topo. Não é uma resposta muito boa – mas uma solução “de baixo para cima”, por outro lado, que se baseia naquela tautologia incrivelmente poderosa segundo a qual “tudo o que acontece acontece”, lhe dá uma resposta tão simples e convincente que não é necessária nenhuma outra explicação.

Mas tem outra coisa interessante. Eu falei que minha pergunta seria “existe um Deus artificial?” e agora quero abordar a questão de por que a ideia de Deus é tão persuasiva. Já expliquei qual, a meu ver, é a origem desse tipo de ilusão; ela vem de um equívoco de percepção da nossa parte, por não levarmos em conta que somos seres

que evoluíram para ocupar um determinado terreno, em um determinado ambiente, com um determinado conjunto de habilidades e visões de mundo que nos possibilitaram sobreviver e prosperar com bastante sucesso. Mas parece haver uma ideia ainda mais poderosa do que essa, e é esta ideia que eu gostaria de apresentar. Segundo ela, o posto no topo da pirâmide que antes dizíamos ser a fonte de tudo o que existe talvez não esteja necessariamente vago só porque agora afirmamos que a fonte não está ali.

Deixe-me explicar o que quero dizer com isso. Nós criamos um monte de coisas no mundo; nós o modificamos de todas as maneiras imagináveis. Isso é muito, muito claro. Construimos o auditório em que estamos, desenvolvemos toda sorte de equipamentos complexos, como computadores e tudo mais, mas também inventamos um sem-número de entidades fictícias extremamente poderosas. Será então que deveríamos dizer: “Foi uma péssima ideia, uma idiotice; vamos simplesmente nos livrar disso”? Bem, vou lhe dizer qual é a outra entidade fictícia: o dinheiro. O dinheiro é totalmente inventado, mas é muito poderoso em nosso mundo; todos temos carteiras, que possuem notas de dinheiro dentro, mas o que essas notas podem fazer? Não é possível colocá-las para cruzar, fritá-las ou viver dentro delas, não dá para fazer absolutamente nada de útil com elas, exceto trocá-las com outras pessoas – e, assim que fazemos isso, todo tipo de coisas extraordinárias acontece, porque essa é uma invenção em que todos concordamos em acreditar. Não achamos que seja certo ou errado, bom ou mau; mas a questão é que, se o dinheiro desaparecesse, toda a estrutura corporativa do mundo que conhecemos entraria em colapso. Mas se todos nós desaparecêssemos, o dinheiro desapareceria também. Ele não possui nenhum significado para além de nós mesmos; é algo que criamos e que tem o poder de moldar o mundo, porque é algo em que todos concordamos em acreditar.

Gostaria que alguém escrevesse uma história evolucionária da religião, pois a maneira como ela se desenvolveu me parece revelar toda uma série de estratégias evolucionárias. Pense na corrida armamentista que transcorre entre duas espécies que vivem em um mesmo ambiente – por exemplo, a corrida entre o peixe-boi amazônico e o tipo específico de junco que ele come. Quanto mais juncos o peixe-boi come, mais os juncos desenvolvem sílica em suas células para atacar os dentes do peixe-boi; e quanto mais sílica houver nos juncos, maiores e mais fortes ficam os dentes do peixe-boi. Um lado faz uma coisa, o outro contra-ataca. Como sabemos, ao longo da evolução e da História, corridas armamentistas impulsionam a evolução de forma extraordinária e no mundo das ideias você pode ver algo bem parecido acontecer.

Tenho certeza de que todos concordamos que a invenção do método científico e da ciência é o mais poderoso conceito intelectual que temos, a estrutura mais vigorosa para pensarmos, investigarmos, compreendermos e desafiarmos o mundo à nossa volta, e ele é sustentado pela premissa de que qualquer ideia está ali para ser atacada; se ela suportar o ataque, vive para lutar mais um dia, se não, sinto muito. A religião não parece funcionar assim; ela possui algumas ideias em seu cerne que chamamos de sagradas, divinas ou sei lá o quê. Essa é uma noção com a qual estamos tão familiarizados, quer concordemos com ela ou não, que é meio estranho pensar em qual é o seu verdadeiro sentido, porque o que ela realmente significa é: “Esta é uma ideia ou noção sobre a qual você não pode falar nada de mau; é simplesmente proibido. Por que não? Ora, porque não!” Se alguém votar em um partido político com o qual você não concorda, você tem a liberdade de argumentar contra isso se quiser; cada um tem sua própria opinião e ninguém fica ofendido por isso. Se alguém acha que os impostos devem aumentar ou diminuir, você está livre para debater o assunto, mas se, por outro lado, alguém disser “eu não devo acender

a luz aos sábados” você tem que dizer “está bem, eu respeito isso”. E o mais bizarro é que, enquanto dou esse exemplo, estou pensando “será que tem algum judeu ortodoxo na plateia se sentindo ofendido com o que acabei de falar?”. Mas não pensei “talvez tenha alguém de esquerda, de direita ou que concorda com este ou outro ponto de vista econômico na plateia” quando falei sobre as outras coisas. Entretanto, no momento em que digo algo relacionado às crenças – vou me arriscar aqui e dizer *irracionais* – de alguém, todos começamos a pisar em ovos, a entrar na defensiva e dizer: “Não, não podemos atacar isso; é uma crença irracional, mas temos que respeitá-la.”

É mais ou menos como, se pensarmos em termos de evolução animal, um animal que desenvolveu uma carapaça incrível à sua volta, como uma tartaruga, que não deixa nada atravessar seu “escudo” protetor. No caso de uma ideia, nós pensamos “esta é uma ideia sagrada ou divina, então é melhor não mexer com ela”, mas qual o sentido disso? Por que é perfeitamente legítimo defender o partido trabalhista ou o conservador, os republicanos ou os democratas, o modelo econômico “x” ou “y”, o Macintosh ou o Windows, mas é proibido ter uma opinião sobre como o universo teve início ou sobre quem o criou? Como assim? Por que levantamos esse muro em volta da questão, se não pelo simples motivo de que é o que estamos acostumados a fazer? Não há nenhuma outra razão para tanto, é só uma dessas coisas que vão acontecendo, acontecendo e, quando entram em loop, se tornam muito, muito poderosas. Então, estamos habituados a não contestar ideias religiosas. Porém, quando você analisa friamente a questão, não há motivo algum para essas ideias não serem tão abertas a debate quanto qualquer outra, exceto por termos mais ou menos concordado entre nós que não deveriam.

Tem um livro muito interessante chamado *Man on Earth* (O homem na Terra), escrito por um antropólogo que passou por

Cambridge, chamado John Reader, em que ele descreve a maneira como... bem, vou parar um pouco e lhes contar sobre o livro. Trata-se de uma série de estudos sobre diferentes culturas que surgiram no mundo em condições de relativo isolamento, em ilhas, vales ou seja lá onde for, de modo que é possível tratá-las, até certo ponto, como se fossem experimentos de laboratório. Portanto, você pode ver exatamente até onde o ambiente e suas circunstâncias afetaram a maneira como a cultura dessas populações surgiu. São estudos fascinantes. Aquele em que estou pensando agora diz respeito à cultura e à economia de Bali, que é uma ilha pequena e densamente povoada cujo meio de subsistência é o arroz. Ora, o arroz é um alimento incrivelmente eficaz e você pode cultivar uma quantidade imensa dele em um espaço relativamente pequeno, mas necessita de trabalho intensivo e de uma cooperação muito, muito afinada entre as pessoas que vivem no local, especialmente quando se trata de uma grande população em uma pequena ilha que depende da sua colheita. Quando olhamos hoje para a maneira como a agricultura do arroz funciona em Bali, ficamos um tanto intrigados, pois ela é totalmente pautada na religião. A sociedade em Bali é organizada de tal forma que a religião permeia todo e qualquer aspecto dela, e todos naquela cultura são definidos de maneira muito precisa em termos de quem são, qual seu status e qual sua função na vida. É tudo definido pela igreja; eles possuem calendários e um conjunto de costumes e rituais específicos e, por estranho que pareça, são extremamente eficientes. Nos anos 1970, estrangeiros chegaram e viram que a colheita era determinada pelo calendário do templo. Isso não lhes pareceu fazer o menor sentido, então eles disseram: “Livrem-se disso, podemos ajudá-los a tornar a colheita muito mais produtiva. Usem estes pesticidas, usem este calendário, façam isto, aquilo e aquilo outro.” Então eles começaram a fazer o que os estrangeiros mandaram. Durante dois ou três anos a produção de arroz aumentou drasticamente, mas o

equilíbrio ambiental ficou totalmente desregulado. Em pouco tempo, a produção de arroz voltou a despencar; então os balineses disseram “Que se dane, vamos voltar para o calendário do templo!”, reinstauraram o método antigo e tudo voltou a funcionar perfeitamente. Basear a colheita do arroz em algo tão irracional e sem sentido quanto uma religião é uma burrice – eles deveriam encontrar uma solução mais lógica do que essa. Mas, da mesma forma, eles também poderiam nos dizer: “A sua cultura e a sua sociedade funcionam à base de dinheiro, e isso é uma invenção, então por que não se livram dele e simplesmente começam a colaborar uns com os outros?” Nós sabemos que não vai dar certo!

Então, parece que criamos metassistemas que estão acima de nós para preencher o espaço que antes reservávamos a uma entidade que deveria ser o arquiteto de tudo, o criador; e justamente porque nós, como espécie, arquitetamos e criamos esse tipo de entidade e então nos permitimos acreditar que ela existe, um monte de coisas começa a acontecer que não aconteceria de outra forma.

Deixe-me tentar ilustrar o que estou dizendo. O que vou falar é muito especulativo porque não sei nada sobre o tema, então pensem nisso mais como um exercício mental do que como uma explicação ou coisa parecida. Quero falar sobre Feng Shui, que é algo que conheço muito pouco, mas que sempre vem à tona ultimamente quando o assunto é decidir como um edifício deve ser projetado, construído, situado, decorado, etc. Pelo que sei, temos que pensar que a construção é habitada por dragões e imaginar como um dragão se moveria dentro dela. Então, se um dragão não for ficar feliz na casa, você precisa colocar um aquário vermelho ali ou uma janela acolá. Isso parece um total e completo absurdo, pois qualquer coisa que envolva dragões só pode ser absurda – dragões não existem, portanto qualquer teoria baseada em como eles se comportam não faz sentido algum. Que tipo de idiota imagina que dragões podem nos

dizer como construir nossas casas? Ainda assim, me parece que, se você esquecer por um instante a explicação oferecida, pode haver algo de interessante nisso tudo, que é o seguinte: todos sabemos, por experiência própria, que alguns dos lugares em que moramos, trabalhamos, visitamos ou nos hospedamos são mais confortáveis, agradáveis e aconchegantes do que outros. Nunca houve uma maneira concreta de quantificar isto, mas durante este século vários arquitetos acharam que sabiam como fazê-lo; então surgiu o pavoroso conceito da casa como uma máquina para se viver dentro; tivemos Mies van der Rohe e outros erguendo retângulos de vidro e coisas de formato estranho que supostamente formam parte de alguma teoria. É tudo projetado de forma meticulosa, mas, mesmo assim, não é muito agradável viver nessas construções. Muita teoria já foi desenvolvida a respeito disso, mas, quando você se senta e começa a trabalhar com um arquiteto (e já passei por essa experiência estressante, assim como certamente muitos de vocês), o que quer é tentar descobrir como um determinado cômodo deveria funcionar, tentar juntar tudo o que diz respeito à iluminação, aos ângulos e a como as pessoas vão se mover e viver ali de forma integrada – e um monte de outras coisas sobre as quais você não faz ideia e que acabam ficando de fora. Você não sabe que importância dar a uma coisa ou outra; você tenta entender algo quando, na verdade, não sabe muito bem do que se trata, mas existem mil teorias e vertentes da engenharia e da arquitetura e você não sabe ao certo o que pensar de nada disso. Compare isso com alguém jogando uma bola de críquete na sua direção. Você pode se sentar, ficar olhando e dizer “ela está vindo formando um ângulo de 17 graus”, pegar um papel, começar a fazer cálculos, etc. e, mais ou menos uma semana depois de a bola passar voando por você, talvez descubra para onde ela estava indo e como apanhá-la. Por outro lado, você pode simplesmente esticar a mão e agarrar a bola, porque nós temos inúmeras aptidões inatas, capazes de calcular inúmeras variáveis

complexas de inúmeros fenômenos igualmente complexos, o que, por sua vez, nos permite dizer: “Olha, uma bola de críquete está vindo; pegue!”

O que estou querendo dizer é que o Feng Shui e um monte de outras coisas se enquadram exatamente nesse tipo de problema. Existem diversas coisas que sabemos *como* fazer, mas não necessariamente sabemos o *que* estamos fazendo, nós apenas fazemos. Voltemos para a questão de como descobrir de que forma uma sala ou uma casa deveria ser projetada. Em vez de tentar determinar os ângulos certos ou decidir quais princípios de arquitetura vai aproveitar e quais modismos arquitetônicos vai abandonar, apenas pergunte a si mesmo: “Como um dragão viveria aqui?” Estamos acostumados a pensar em termos de criaturas orgânicas; uma criatura orgânica pode consistir em uma vasta complexidade de milhares de variáveis diferentes que estão além da nossa capacidade de compreensão, mas nós sabemos *como* criaturas orgânicas vivem. Nós nunca vimos um dragão, mas todos temos uma ideia de como eles são, então podemos dizer: “Bem, se um dragão passasse por esta casa, ele ficaria preso ali e um pouco irritado deste lado, porque não conseguiria ver aquilo, daí balançaria o rabo e derrubaria aquele vaso.” Você descobre uma maneira de o dragão ficar feliz e, quando menos espera, tem um lugar que faz sentido para outras criaturas orgânicas, como nós, viverem.

Então, o que quero dizer é que, à medida que nos tornamos mais e mais esclarecidos cientificamente, é bom nos lembrarmos de que as invenções com as quais povoamos nosso mundo no passado talvez tenham alguma função cujos elementos fundamentais mereçam ser compreendidos e preservados, em vez de simplesmente jogarmos fora as partes boas junto com as ruínas; porque, embora possamos não aceitar os motivos apresentados para a sua existência, podem muito bem haver bons motivos práticos para elas, ou para algo parecido com elas, existirem. Imagino que, quanto mais formos avançando no

campo da vida digital ou artificial, mais e mais propriedades inesperadas começarão a surgir das coisas que vemos acontecer, e que isso forma uma analogia bastante precisa com as entidades que criarmos à nossa volta para moldar nossa vida e para que possamos todos trabalhar e viver juntos. Portanto, eu sustento que, embora não exista um Deus *de verdade*, existe um Deus *artificial* – e acredito que deveríamos ter isso em mente. Esse é o argumento que gostaria de trazer para o debate. Agora sintam-se à vontade para começar a atirar as cadeiras!

Pergunta: Qual é a quarta Idade da Areia?

Deixem-me voltar um pouco e falar sobre a maneira como nos comunicamos. Tradicionalmente, temos um monte de maneiras através das quais podemos nos comunicar. Uma delas é de “um para um”; falamos uns com os outros e travamos uma conversa. Outra é de “um para muitos”, que é o que estou fazendo agora com vocês, ou o que aconteceria se alguém se levantasse e cantasse uma canção ou anunciasse que precisamos ir para a guerra. Além disso, há a comunicação de “muitos para um”; quanto a essa, nós temos uma versão bastante fuleira, mambembe e que não funciona direito que chamamos de democracia, mas em um estado mais primitivo eu me levantaria e diria “Muito bem, nós vamos para a guerra” e talvez alguns gritassem de volta “Não, não vamos!” – daí teríamos uma comunicação de “muitos para muitos” na discussão que estouraria em seguida!

Neste século (e no anterior), simulamos a comunicação de “um para um” através do telefone, com o qual imagino que todos estejamos familiarizados. Temos também a comunicação de “um para muitos” – e esse é um tipo que existe a dar com o pau – rádio, mídia impressa, jornalismo etc. Recebemos uma enxurrada de informações

vindas de toda parte e elas podem ir parar em qualquer lugar, indiscriminadamente. É curioso, mas não precisamos voltar muito em nossa História para chegar a um ponto em que toda a informação que nos alcançava era relevante para nós; logo, tudo o que acontecia, qualquer notícia, fosse sobre algo que havia acontecido conosco, na casa ao lado ou na aldeia vizinha, ao nosso redor ou dentro do nosso horizonte, acontecia no nosso mundo – e, se reagíssemos a esse acontecimento, o mundo reagia de volta. Tudo era relevante para nós; portanto, se alguém sofresse um acidente grave, poderíamos nos reunir e realmente ajudar. Hoje em dia, por conta do excesso de comunicação do tipo “um para muitos”, se um avião cai na Índia, isso nos deixa nervosos, mas nosso nervosismo não tem impacto algum. Não somos muito capazes de distinguir uma tragédia que ocorreu do outro lado do mundo de algo que aconteceu ali na esquina. Já não conseguimos diferenciar as duas coisas e é por isso que podemos ficar transtornados com algo que ocorreu a alguém de um filme hollywoodiano, mas talvez nem tanto quando a mesma coisa acontece à nossa irmã. Hoje, estamos de tal forma distanciados e alienados que não é de espantar que nos sintamos tão angustiados e isolados no mundo, pois o mundo causa impacto em nós, mas nós não podemos causar impacto nele.

Há também a comunicação de “muitos para um”; nós temos isso, mas ainda não funciona muito bem e não existe muito dela por aí. No fundo, nossos sistemas democráticos são exemplo desse tipo de comunicação e, embora não sejam muitos bons, com o tempo eles irão melhorar drasticamente.

Mas o terceiro tipo de comunicação, de “muitos para muitos”, nem sequer existia antes do advento da internet, que, como todos sabemos, funciona através de fibras óticas. É a comunicação entre nós mesmos que forma a quarta Idade da Areia. Vejamos, por exemplo, o que eu disse antes sobre o mundo não reagir a nós quando reagimos a

ele. Eu me lembro da primeira vez que comecei a levar a internet a sério. Foi uma coisa muito boba. Tinha um cara, um estudante de computação na Carnegie Mellon, que gostava de beber o refrigerante Dr Pepper light. Havia uma máquina de bebidas a alguns andares de distância dele, e ele costumava ir até ela para comprar uma latinha. Só que o refrigerante muitas vezes estava em falta, então ele vivia indo até lá à toa. Depois de algum tempo, ele pensou: “Peraí, tem um chip dentro da máquina, tenho um computador e há uma rede conectando todo este prédio, então por que eu não coloco a máquina de refrigerante em rede para poder acessá-la a partir do meu terminal sempre que quiser para descobrir se iria até lá à toa ou não?” Então ele conectou a máquina à rede local, mas a rede local fazia parte da internet – então, de repente, qualquer pessoa no mundo poderia ver o que estava acontecendo naquela máquina de refrigerante. Ora, isso pode não ser uma informação fundamental, mas não deixa de ser uma curiosidade fascinante; todos podiam saber o que se passava na máquina de refrigerante. E a coisa evoluiu, porque o chip da máquina não dizia apenas “O slot que contém latinhas de Dr Pepper light está vazio”, mas dava também várias outras informações, como: “Há sete latinhas de Coca-Cola e três latinhas de Diet Coke, elas estão armazenadas a tal temperatura e a última vez que a máquina foi abastecida com elas foi no dia tal.” Havia um monte de informações ali e uma em especial era espetacular: se alguém tivesse inserido cinquenta centavos e deixado de pressionar o botão, ou seja, se a máquina estivesse “grávida”, então você poderia, a partir de qualquer computador do mundo, conectar-se à ela e fazer aquela latinha cair! Alguém poderia estar passando pelo corredor e, de repente, bum! – uma latinha de Coca-Cola! Como isso pôde acontecer? Bem, *obviamente*, foi porque alguém a 8 mil quilômetros de distância quis! Eu sei que esta é uma história muito boba, mas também fascinante, e o que ela me ensinou foi que esta é a primeira vez em que podemos

voltar a ter uma relação de ação e reação com o mundo. Talvez não seja tão importante podermos alcançar o corredor de uma universidade a 8 mil quilômetros de distância e fazer uma latinha de Coca-Cola cair, mas é o primeiro tiro na guerra que nos levará a toda uma nova maneira de nos comunicarmos. Então esta, a meu ver, é a quarta Idade da Areia.

Palestra improvisada na conferência anual de ciberbiologia
Digital Biota 2, Cambridge, setembro de 1998



Biscoitos

Isto realmente aconteceu com uma pessoa de verdade e esta pessoa sou eu. Eu tinha ido pegar um trem. Era abril de 1976, em Cambridge, Reino Unido. Cheguei um pouco adiantado à estação. Tinha visto o horário do trem errado. Comprei um café, um pacote de biscoitos e um jornal para fazer palavras-cruzadas. Sentei-me a uma mesa. Quero que você visualize a cena. É muito importante que você a tenha bem clara em sua mente. Aqui está a mesa, o jornal, um café e um pacote de biscoitos. Tem um cara sentado à minha frente, um sujeito perfeitamente normal de terno e gravata e com uma valise. Não parecia que ele fosse fazer nada de estranho. O que ele fez foi o seguinte: de repente, inclinou-se para a frente, apanhou o pacote de biscoitos, abriu, tirou um e comeu.

Preciso dizer o seguinte: esse é o tipo de situação com que nós, britânicos, temos muita dificuldade de lidar. Não há nada em nossas origens, em nossa criação ou em nossa educação que nos ensine a lidar

com alguém que roube seus biscoitos em plena luz do dia. Então fiz o que todo e qualquer inglês de sangue quente faria: ignorei o assunto. Olhei para o jornal, dei um gole no café, tentei resolver um enigma no jornal, não consegui fazer nada e pensei: *E agora?*

Acabei chegando à seguinte conclusão: *Não tem nada demais, vou simplesmente pegar o meu biscoito*, e me esforcei ao máximo para não notar o fato de que o pacote já estava misteriosamente aberto. Então, peguei um biscoito para mim. Pensei: *Agora ele vai ver*. Mas não adiantou, porque em questão de instantes o sujeito voltou a fazer a mesma coisa. Pegou outro biscoito. Por eu não ter falado nada na primeira vez, seria ainda mais difícil abordar o assunto na segunda. “Desculpe, mas não pude deixar de notar que...” Ora, não faria o menor sentido.

Comemos o pacote inteiro desse jeito. Quando digo o pacote inteiro, estou falando de uns oito biscoitos apenas, mas aquilo pareceu durar uma eternidade. Ele pegava um, eu pegava outro, ele pegava um, eu pegava outro. Finalmente, quando acabaram os biscoitos, ele se levantou e foi embora. Bem, nós chegamos a trocar olhares, mas ele se afastou e eu respirei aliviado e me recostei na cadeira.

Passados alguns instantes, o trem chegou à estação, então eu engoli o resto do café, me levantei, peguei o jornal e, debaixo dele, lá estava o pacote de biscoitos que eu tinha comprado, intacto. O que eu mais gosto nisso tudo é a sensação de que, em algum lugar da Inglaterra, há 25 anos um sujeito perfeitamente normal tem essa mesmíssima história para contar, mas sem o final surpresa.

Retirado de uma palestra à Embedded Systems, 2001



E TUDO MAIS *



Entrevista ao Onion A.V. Club

Acredito que a ideia da arte acaba com a criatividade.

Douglas Adams

ONION: Você está tocando vários projetos ao mesmo tempo. De qual deles gostaria de falar primeiro?

DOUGLAS ADAMS: Acho que existem dois principais. O primeiro é algo em que venho trabalhando há cerca de dois anos e que agora está em fase de finalização. É um CD chamado *Starship Titanic*. Deve ser lançado daqui a uns dois meses. O segundo é a venda dos direitos de *O Guia do Mochileiro das Galáxias* para a Disney. Então imagino que, ao longo dos próximos dois anos, vou estar trabalhando nisso.

O.: Fale mais sobre o *Starship Titanic*.

D.A.: Bem, é um jogo para computador, e o mais importante é que começou como um jogo para computador. Queriam que eu fizesse um jogo do *Guia do Mochileiro das Galáxias* e eu pensava “não, não”. Não queria simplesmente fazer uma espécie de engenharia reversa para criar outra coisa a partir de um livro que eu já havia escrito. Acredito que as mídias digitais sejam interessantes a ponto de

merecerem que algo original seja feito para elas. Porque, assim que você tem uma ideia, a segunda coisa que lhe vem à mente é a pergunta: “O que é isso? É um livro, é um filme, é isto, é aquilo, é um conto, é um cereal matinal?” A partir desse momento, a sua decisão sobre que tipo de coisa é a sua ideia determina como ela irá se desenvolver. Então, essa coisa será muito diferente se for desenvolvida como um jogo em vez de como um livro. Bem, na verdade, estou mentindo um pouco, porque a ideia em si, em sua versão de mais ou menos um parágrafo, já era o que era em *A vida, o Universo e Tudo Mais*, um dos livros da série do *Mochileiro*. Porque sempre que não sei para onde ir no enredo dos livros da série, invento uma ou duas tramas paralelas e as coloco para dialogar com o *Guia*. Então, havia uma pequena ideia parada ali e um monte de gente me dizia “Ah, você devia transformar isso em um livro”. Só que parecia uma ideia boa demais e eu costumo resistir a isso. Mas acabei descobrindo que havia um ótimo motivo para eu não estar interessado em desenvolver o *Starship Titanic* como livro, e era o fato de a história ser essencialmente sobre uma *coisa*. Eu simplesmente tive essa ideia e não havia nenhuma pessoa relacionada a ela, e só é possível contar histórias sobre pessoas. Então, mais tarde, enquanto pensava “muito bem, agora quero fazer um jogo para justificar todas as horas que eu passo brincando com computadores”, quis transformar a coisa em um trabalho sério, de gente grande. Daí me perguntei: O que poderia dar certo? Foi então que percebi que o problema de transformar o *Starship Titanic* em livro – o fato de ele ser sobre uma coisa, um lugar, uma nave – de repente passou a ser um trunfo. Quando você faz um jogo, acaba criando um lugar, um ambiente.

O.: E o usuário se torna o personagem.

D.A.: Exatamente. Assim que o lugar vai tomando corpo, você coloca personagens nele. Mas o foco não está nos personagens, e sim na nave. O que eu quis fazer em seguida foi algo... bem, foi desenvolver um motor de diálogo para o jogo. Anos atrás, criei um jogo baseado no *Mochileiro* com uma empresa chamada Infocom, que era excelente. Eles faziam jogos espirituosos, inteligentes, literários, baseados em textos. Como sabemos, há milhares de anos a cultura humana tem nos mostrado que é possível fazer muitas coisas com textos e acrescentar o elemento extra da interatividade deveria apenas aumentar as possibilidades. Você transforma o computador no contador de histórias e o jogador, na plateia – como no passado, quando o contador de histórias podia reagir aos ouvintes, em vez de apenas os ouvintes reagirem ao contador de histórias. Eu me diverti à beça trabalhando nesse projeto. Adorava elaborar essas conversas virtuais entre o jogador e a máquina. Então, achei que seria maravilhoso tentar expandir esse conceito e fazer mais coisas em um jogo com gráficos modernos. Eu queria saber se era possível pegar aquela velha tecnologia de diálogos e fazer os personagens falarem de verdade. Colocá-los no ambiente e ver até onde podíamos chegar. Então, começamos a tentar resolver essa questão de ser possível conversar com os personagens. É claro que tudo que você faça que envolva linguagem acaba se tornando um problema. No começo, queríamos que funcionasse por meio da conversão de texto para voz, o que tem a vantagem de dar mais flexibilidade para elaborar frases em tempo real. Mas, por outro lado, todos os personagens acabam soando como noruegueses que levaram uma pancada na cabeça, o que não me parecia muito bom. Então, no fim das contas, percebemos que teríamos que usar frases pré-gravadas. Pensei: “Vai ficar horrível, porque você fica limitado a certo número de respostas. Vai ser... ah, não sei se quero isso.” A maneira que encontramos de resolver esse problema, ou de contorná-lo gradualmente, foi disponibilizar cada

vez mais o material pré-gravado. Hoje pela manhã fizemos mais uma sessão de duas horas de gravação. Agora, já temos cerca de 16 horas de pequenos trechos de diálogo: frases curtas, sentenças, meias sentenças e todas as coisas que o computador reúne em tempo real em resposta ao que você digita. Durante um bom tempo, não deu muito certo. Mas nas últimas semanas as coisas começaram a se encaixar, ficou incrível. As pessoas achavam que não ia dar certo. Só que, quando faziam uma pergunta ao jogo, ficavam de queixo caído. É simplesmente maravilhoso. Elas passavam horas entretidas em conversas com os personagens. É bem impressionante quando funciona. De repente, você tem um mundo repleto de pessoas nas mãos. Um bando muito estranho de robôs defeituosos zanzando por ali, todos com uma ampla gama de opiniões, atitudes, ideias e histórias bizarras e que sabem coisas totalmente inusitadas. Você pode conversar com todos eles.

O.: Você não se preocupa com o fato de após todo esse trabalho as pessoas não tratarem o resultado com a mesma seriedade com que tratariam, por exemplo, um filme ou um livro? Não teme que o jogo não seja considerado uma forma de arte?

D.A.: Na verdade, torço para que isso aconteça. Eu me preocupo bastante com essa ideia de arte. Desde que me formei em literatura, venho tentando evitar a ideia de fazer arte. Acredito que a ideia da arte acaba com a criatividade. Esse foi um dos motivos que me levaram a querer fazer um jogo: já que ninguém vai levar a sério mesmo, você pode colocar um monte de coisas legais nele e sair impune. Acho que quando o romance surgiu grande parte do que se fazia era uma espécie de pornografia: ao que parece, a maioria das mídias foi considerada pornográfica no começo e depois evoluiu a partir daí. Mas aviso logo que o *Starship Titanic* não é um jogo

pornográfico. Antes de 1962, todos achavam que a música pop era um tipo de... Ninguém chegaria nem perto de chamá-la de arte, então surge alguém incrivelmente criativo, lança o *Sgt. Pepper's* e todo mundo começa a chamá-la de arte. Acho que o momento mais interessante de uma mídia é justamente antes de qualquer um considerá-la uma forma de arte, quando as pessoas ainda acham que ela é apenas um monte de lixo.

O.: Mas, digamos, daqui a vinte anos, você gostaria de ser reconhecido como um dos pioneiros do jogo de computador enquanto arte?

D.A.: Bem, eu já me daria por satisfeito se um monte de gente o comprasse. Primeiro, pelo motivo mais óbvio de todos. Mas, em segundo lugar, porque se o jogo fizer sucesso e muitos gostarem dele e se divertirem com ele terei a sensação de que fiz um trabalho bem-feito. E se alguém quiser vir e dizer “oh, isso é uma obra de arte”, ótimo. Não faz muita diferença para mim, para dizer a verdade. Mas acho que isso compete a outras pessoas decidirem depois. Não é algo que eu deveria estar tentando fazer. Não há nada pior do que se sentar para escrever um romance e dizer: “Muito bem, agora vou fazer algo de grande valor artístico.” É engraçado. Um dia desses, li por curiosidade *Chantagem atômica*, que é um dos livros de James Bond que eu adoraria ter lido quando tinha, sei lá, 14 anos, só para folheá-lo em busca das partes em que o espião coloca a mão esquerda no seio da mocinha e diz “Oh, meu Deus, que excitante”. James Bond se tornou um ícone tão emblemático da nossa cultura pop nos últimos 40 anos que seria interessante ver como ele era, afinal de contas. E o que me levou a fazer isso, além do fato de ter encontrado um exemplar por acaso, foi ter lido que Ian Fleming dizia que não tentava ser literário, mas sim legível. Há uma grande e crucial

diferença entre as duas coisas. Então pensei, bem, vamos ver se ele consegue. É interessante, porque o livro é mesmo muito bem-escrito. Ele sabia usar a linguagem, sabia fazê-la funcionar e escrevia bem. Mas, obviamente, ninguém chamaria de literatura. Por outro lado, acho que grande parte dos trabalhos mais interessantes que são feitos pertence a áreas em que as pessoas não acham que estão fazendo arte, mas apenas praticando um ofício e empenhando-se em serem boas no que fazem. Ser legível como escritor significa isso, significa conhecer o seu trabalho, saber como usar suas ferramentas de forma correta e não danificá-las no processo. Quando leio romances literários – você sabe, com L maiúsculo – fico com a impressão de que boa parte é bobagem. Se eu quiser descobrir algo de interessante sobre como os seres humanos funcionam, como eles se relacionam uns com os outros e como se comportam, posso listar um monte de escritoras de romances policiais que fazem isso melhor, como Ruth Rendell, por exemplo. Se eu quiser ler algo que realmente me oferece algo sério e fundamental para pensar sobre a condição humana, sobre o que estamos fazendo aqui ou o que está acontecendo de verdade, então é melhor ler algo escrito por um cientista da área de biologia, como Richard Dawkins. Tenho a impressão de que os melhores trabalhos sobre as questões importantes da vida saíram das mãos dos romancistas e passaram para as dos escritores científicos, pois eles sabiam mais sobre o assunto. Costumo desconfiar de qualquer coisa que se considere arte enquanto ainda está sendo criada. Quanto ao jogo, quero apenas fazer o melhor trabalho possível e ter o máximo de diversão durante o processo. Acho que está ficando muito bom. Tem sempre aquelas partes que deixam você encasquetado porque não estão perfeitas, mas, se você quiser, dá para ficar remoendo algo para sempre. Está ficando excelente.

O.: Há anos que ouvimos boatos sobre um filme do *Guia do Mochileiro das Galáxias*. Vai mesmo sair do papel?

D.A.: Ah, sim. Existiram duas fontes principais de boatos. A primeira surgiu quando eu vendi pela primeira vez os direitos do livro, há cerca de 15 anos, para Ivan Reitman. Acabou não dando certo, porque Ivan e eu tínhamos opiniões diferentes quanto ao filme. Na verdade, ele não tinha sequer lido o livro antes de comprar os direitos. Tinha visto apenas os números de vendas. Acho que não era bem a praia dele, então ele queria fazer algo bastante diferente do original. No fim das contas, concordamos em discordar e fomos cada um para o seu lado, e a essa altura os direitos já haviam sido transferidos para a Columbia e ele foi fazer um filme chamado *Os caça-fantasmas*. Você pode imaginar como fiquei contrariado. Os direitos ficaram com a Columbia por vários anos. Ivan Reitman arranhou outra pessoa para escrever um roteiro baseado no meu livro, e acho que foi o pior que já li na vida. Infelizmente, tinha o meu nome e o de outros roteiristas, embora eu não tenha contribuído com uma só vírgula. Apenas recentemente descobri que esse roteiro está parado há não sei quanto tempo, e todos acreditam que fui eu quem o escrevi e que, portanto, sou um péssimo roteirista – o que me incomoda bastante. Então, alguns anos atrás, fui apresentado a Michael Nesmith, que já fez várias coisas diferentes em sua carreira: além de ser produtor de cinema, fez parte da primeira formação dos Monkees. Ele me propôs que nos juntássemos para fazer o filme acontecer. Ele seria o produtor, eu escreveria o roteiro, etc. Nós nos divertimos bastante trabalhando nisso, mas acho que a essa altura Hollywood já estava achando a coisa toda velha demais. Já não queria ouvir mais falar no assunto. E, basicamente, o que me diziam o tempo todo era, em linhas gerais: “Comédia de ficção científica não

funciona no cinema. E o motivo é o seguinte: se funcionasse, alguém já teria feito.”

O.: Essa lógica me parece um pouco furada.

D.A.: Daí o que aconteceu foi que *M.I.B. – Homens de preto* foi lançado no ano passado, então, de repente, alguém já tinha feito. E o *Homens de preto* é... como posso colocar a coisa sem ser indelicado? Digamos que alguns elementos me soaram bastante familiares. E, de uma hora para outra, uma comédia de ficção científica basicamente na mesma linha que o *Mochileiro* se tornou um dos filmes mais bem-sucedidos de todos os tempos. Então, isso meio que mudou o jogo. De repente, as pessoas voltaram a se interessar pelo filme. O projeto que eu tinha junto com Michael acabou não indo para a frente, mas nos separamos como bons amigos. Espero que existam outros projetos em que possamos trabalhar juntos, porque gosto muito dele e nos damos muito bem. E, além disso, quanto mais tempo eu puder passar em Santa Fé, melhor. Agora o filme está com a Disney – mais especificamente com a Caravan, uma das maiores produtoras independentes do mercado, mas que é vinculada à Disney. Não ter conseguido fazê-lo ao longo de 15 anos foi meio frustrante; mas, por outro lado, estou bastante animado com o fato de poder fazer agora um filme muito melhor do que teria feito 15 anos atrás. É claro que a verdadeira qualidade de um filme está no roteiro, na atuação, na direção e tal, e essas habilidades não estão melhores nem piores do que no passado. Estou me referindo às questões técnicas. Essa área avançou muitíssimo, e hoje o filme pode ficar muito melhor visualmente.

O.: Jay Roach vai ser o diretor, não é isso?

D.A.: Exatamente. O que impulsionou isso tudo, em muitos sentidos, foi o momento em que conheci Jay Roach, porque me dei bem com ele logo de cara e pensei: “Este cara é muito esperto e inteligente.” Prova disso é o seguinte: ele quer que eu esteja envolvido com o filme. O que é algo que sempre faz um diretor cair nas graças de um escritor. Na verdade, quando eu estava fazendo a série de rádio original, nunca haviam feito o que eu fiz. Porque eu tinha acabado de escrever o material. Mas meio que fui me metendo no processo de produção. O produtor/diretor ficou surpreso com isso, mas no fim das contas aceitou muito bem. Portanto, eu tive muito a ver com a maneira como o programa saiu, e é exatamente isso que Jay quer que eu faça no filme. Então minha sensação foi: “Ótimo, essa é uma pessoa com quem eu posso trabalhar.” Obviamente, estou dizendo isso no começo de um processo que vai levar dois anos. Quem sabe o que pode acontecer? Tudo o que posso dizer é que, a esta altura, as coisas estão indo da melhor forma possível. Estou muito empolgado e otimista.

O.: Já se passaram quase vinte anos desde que o programa de rádio foi ao ar pela primeira vez. Qual o segredo da longevidade da série *O Mochileiro das Galáxias*?

D.A.: Bem, não sei. Só sei que trabalhei duro nela, esquentei a cabeça com ela e acho que tornei as coisas difíceis para mim mesmo no processo. Se em algum momento houvesse uma maneira fácil de fazer algo, eu encontrava uma maneira muito mais difícil de fazer a mesma coisa. E suspeito que a quantidade de carinho que as pessoas sentem pelo *Mochileiro* está de alguma forma relacionada à quantidade de trabalho que eu investi nele. Essa é uma resposta bem simplista, mas é a melhor que consigo encontrar.

O.: A ideia é que o filme cubra os acontecimentos do primeiro livro?

D.A.: Sim. Tenho visto na internet as pessoas dizendo coisas como: “Ele vai colocar todos os cinco livros no filme.” Elas não têm a menor ideia de como um livro se transforma em filme. Alguém já disse, e concordo plenamente, que o melhor material para o cinema é o conto. O que significa que, sim, vai ser o primeiro livro. Tendo dito isso, sempre que me sento para fazer outra versão do roteiro, ela contradiz totalmente qualquer versão anterior. O máximo que posso dizer a respeito do filme é que ele irá contradizer especificamente o primeiro livro.

O.: Qual é a sua versão preferida do *Mochileiro*?

D.A.: Dependendo do meu humor, eu diria o programa de rádio ou o livro, que são as duas restantes, então só pode ser uma ou outra, não? O que sinto por cada uma delas é diferente. Por um lado, a série de rádio foi onde ele teve origem; foi onde ele cresceu; onde foi plantada a semente. Além disso, foi lá que senti que eu e as pessoas que trabalhavam comigo – o produtor, a equipe técnica, os atores – criamos algo revolucionário para a época. Ou melhor, que dava a impressão de estarmos completamente loucos na época. Lembro-me de estar em um estúdio subterrâneo, por horas a fio, experimentando o som de uma baleia se chocando contra o chão a 500km/h, apenas para encontrar maneiras de aprimorar o efeito sonoro. Depois de algum tempo fazendo isso, dia após dia, você começa a questionar sua sanidade. É claro que você não faz a menor ideia se alguém vai ouvir o que você está fazendo. Mas, bem, nós tínhamos essa sensação de que ninguém havia feito nada parecido antes. E isso era ótimo; é o tipo de coisa que lhe dá uma enorme motivação. Por outro lado, o encanto do livro para mim é que ele é algo que eu fiz sozinho. Esse é

o grande encanto de um livro para qualquer escritor. É você e pronto. Não tem mais ninguém envolvido. Isso não é totalmente verdade, é claro, porque a coisa toda nasceu da série de rádio, em que várias pessoas contribuíram. Mas, ainda assim, um livro lhe dá essa sensação de isso-tudo-fui-eu-que-fiz. E eu gosto do resultado. Acho que o texto fluiu muito bem. Parece que foi fácil de escrever, mas eu sei quanto foi difícil chegar a esse ponto.

O.: Você nunca se cansou dele?

D.A.: Houve uma época em que fiquei totalmente farto do *Mochileiro*, não queria mais ouvir falar no assunto e quase gritava com quem viesse me falar a respeito dele. Então eu o deixei de lado e fui fazer outras coisas. Escrevi os livros da série Dirk Gently. Fiz a coisa que mais gostei de fazer na vida: dei a volta ao mundo com um zoologista amigo meu, saí em busca de várias espécies animais raras e sob risco de extinção e escrevi um livro sobre essa experiência, *Last Chance to See*, que é o meu preferido entre tudo o que escrevi. O *Mochileiro* agora é algo do passado que vejo com carinho; foi ótimo, foi maravilhoso e me rendeu muitas coisas boas. Eu tive uma conversa algum tempo atrás com Pete Townshend, o guitarrista do The Who, e acho que na época eu dizia: “Oh, meu Deus, espero que eu não seja lembrado apenas como o cara que escreveu *O Guia do Mochileiro das Galáxias*.” Ele me deu uma bronca e falou o seguinte: “Olhe, eu tenho o mesmo problema com *Tommy*, e houve uma época em que eu pensava assim. Mas a questão é que quando você tem uma coisa dessas na sua história, ela abre um monte de portas e permite que você faça um monte de outras coisas. As pessoas se lembram disso. Devemos nos sentir gratos por ela.” E acho que ele tinha razão.

O.: Você abandonou a série Dirk Gently?

D.A.: Bem, eu comecei a escrever outro livro da série, mas simplesmente perdi o fio da meada. Por algum motivo, não conseguia continuar, então tive que deixá-lo de lado. Não sabia o que fazer com ele. Voltei a dar uma olhada no material cerca de um ano depois e de repente me peguei pensando: “Na verdade, as ideias e os personagens não combinam. Tentei usar o tipo errado de ideias, ideias que na verdade se encaixariam muito melhor em um livro do *Mochileiro*, mas não quero escrever outro livro do *Mochileiro* no momento.” Então, meio que abandonei o projeto. Talvez algum dia escreva outro livro do *Mochileiro*, porque tenho um monte de material só esperando para ser aproveitado. Mas, voltando a falar de Dirk Gently, eu o larguei de mão. Tinha uma montagem de um grupo de teatro amador intitulada *Dirk Gently, detetive holístico* em cartaz em Oxford, uns dois ou três meses atrás, então fui vê-la. A trama é extremamente complexa... e parte da complexidade está lá para disfarçar que ela não funciona muito bem. Foi engraçado ver uma versão teatral, porque me peguei analisando a história outra vez e pensando: “Isso aqui eles resolveram bem, mas o que deveriam ter feito era isto e não aquilo.” É o tipo de coisa que coloca a sua cabeça para funcionar de novo. O que também foi interessante para mim foi que, enquanto eu estava sentado ali, sendo bem crítico em relação à montagem, fiquei pasmo ao ver quanto a plateia parecia estar gostando. Foi uma situação bastante peculiar. E me fez pensar no seguinte: “Eu adoraria ver essa história adaptada para o cinema, porque agora consigo visualizar, depois de refrescar minhas ideias dentro desse novo contexto, que tipo de filme ela poderia render. O resultado poderia ser ótimo.” Então, talvez, depois que o filme do *Mochileiro* me permitir dar atenção a outras coisas, eu tenha vontade de fazer isso. Com o primeiro filme já encaminhado, espero que outras portas do cinema se abram. Eu

adoraria fazer filmes, mas isso está vindo inocentemente de um homem que nunca fez nenhum na vida.

Entrevista conduzida por Keith Phipps, 1998



14 de abril de 1999

David Vogel

Walt Disney Pictures

Caro David,

já tentei entrar em contato com você por telefone várias vezes. Talvez devesse ter explicado por que estava ligando: passei alguns dias nos Estados Unidos e achei que talvez pudesse ser útil se eu fosse até L.A. para termos uma reunião. Não tive notícias suas, então peguei um avião de volta à Inglaterra, de onde digito esta mensagem.

Parece que chegamos ao ponto em que os problemas se tornaram maiores do que as oportunidades. Não sei se tenho razão em pensar assim, mas só possuo o seu silêncio para me basear, o que é sempre uma péssima fonte de informação.

A meu ver, ou podemos assumir os estereótipos habituais – você é o executivo do estúdio que tem um milhão de problemas com os quais se preocupar e eu sou o escritor interessado apenas em que sua visão se concretize, enquanto os outros assumem os riscos e as consequências –, ou podemos reconhecer que nós dois temos o mesmo objetivo: fazer com que o filme seja o mais bem-sucedido possível. O fato de que talvez tenhamos

perspectivas diferentes sobre a melhor maneira de fazer isso deveria ser um terreno fértil para debates e tentativas de resolver os problemas. Não me parece que “recados” de mão única intercalados por longos e terríveis períodos de silêncio sejam um bom substituto para isso.

Você tem bastante experiência em trazer filmes de sucesso ao mundo. Eu tenho bastante experiência em trazer O Guia do Mochileiro das Galáxias ao mundo em todas as mídias imagináveis, exceto o cinema. Estou certo de que você deve se sentir frustrado por eu aparentemente não entender a complexidade dos seus problemas, da mesma forma que eu me sinto frustrado por ainda não ter tido nenhuma conversa criativa com a Disney sobre este projeto até agora. Tenho uma sugestão: por que não nos encontramos para conversar?

Eu poderia ir a L.A. na segunda que vem (19/4) ou no começo da semana seguinte. Gostaria de pedir à Disney que arcasse com as despesas dessa viagem extra aos Estados Unidos. Envio abaixo uma lista de números de telefone através dos quais você pode me contatar. Se não conseguir falar comigo, vou saber que está se esforçando muito, mas muito mesmo, para não fazer isso.

*Cordialmente,
Douglas Adams*

E-mail: dna@tdv.com

Assistente (Sophie Astin) (e caixa postal): 555 171 555 1700 (entre as 10 da manhã e as 6 da tarde. Horário de verão britânico)

Fax comercial: 555 171 555 1701

Casa (sem caixa postal): 555 171 555 3632

Fax de casa: 555 171 555 5601

Celular do Reino Unido (sem caixa postal): 555 410 555 098

Celular dos EUA (sem caixa postal): (310) 555 555 6769

Segunda casa (França): 555 4 90 72 39 23

Jane Belson (esposa) (comercial): 555 171 555 4715

Agente cinematográfico (EUA) Bob Bookman: (310) 555 4545

Agente literário (RU) Ed Victor (comercial): 555 171 555 4100 (horário comercial RU)

Agente literário (RU) Ed Victor (comercial): 555 171 555 4112

Agente literário (RU) Ed Victor (residencial): 555 171 555 3030

Produtor Roger Birnbaum: (818) 555 2637

Diretor Jay Roach (Everyman Pictures): (323) 555 3585

Jay Roach (residencial): (310) 555 5903

Jay Roach (celular): (310) 555 0279

Shauna Robertson (Everyman Pictures): (323) 555 3585

Shauna Robertson (residencial): (310) 555 7352

Shauna Robertson (celular): 310 555 8357

Produtor executivo, Robbie Stamp (RU) (comercial): 555 171 555 1707

Produtor executivo, Robbie Stamp (RU) (residencial): 555 181 555 1672

Produtor executivo, Robbie Stamp (RU) (celular): 555 7885 55 8397

Jane Thrift (mãe) (RU): 555 19555 62527

Jane Garnier (irmã) (RU) (comercial): 555 1300 555 684

Jane Garnier (irmã) (RU) (residencial): 555 1305 555 034

Jakki Kelloway (babá da minha filha) (RU): 555 171 555 5602

Angus Deayton e Lise Meyer (vizinhos de porta que podem receber mensagens) (RU) (comercial): 555 (145) 555 0464; (residencial): 555 171 555 0855

Restaurantes em que posso estar:

The Ivy (RU): 555 171 555 4751

The Groucho Club (RU): 555 171 555 4685

Granita (RU): 555 171 555 3222

Sainsbury's (supermercado em que faço compras; eles têm o meu pager): 555 171 555 1789

Fórum da minha página na internet: www.douglasadams.com/forum

[Nota do editor: esta carta surtiu o efeito desejado. David Vogel entrou em contato, o que resultou em uma reunião produtiva na qual o filme foi adiado.]



Perfeitamente seguro

Uma grande aeronave movia-se rapidamente pela superfície de um mar de espantosa beleza. No meio da manhã, começou a navegar pra lá e pra cá descrevendo arcos cada vez mais abertos, até finalmente chamar atenção dos habitantes da ilha, um povo pacífico e amante de frutos do mar que se reuniu na praia e apertou os olhos em direção ao sol ofuscante, tentando enxergar o que era aquilo.

Qualquer pessoa sofisticada, instruída, que já tenha andado pelo mundo e visto algumas coisas, provavelmente teria comentado quanto a aeronave se parecia com um armário para arquivos – um grande e recém-arrombado armário deitado de costas, com as gavetas abertas e jogadas para o alto. Os habitantes da ilha, cuja experiência de vida era um pouco diferente, em vez disso ficaram impressionados ao verem que ela não se parecia em nada com uma lagosta.

Então puseram-se a conversar animadamente sobre ela não ter garras e ter costas retas e duras, em vez de encurvadas, e sobre sua aparente dificuldade de parar em terra firme. Essa última característica lhes soou realmente engraçada. O povo da ilha pulou para cima sem sair do lugar para mostrar que ficar em terra firme era a coisa mais fácil do mundo. Mas logo a brincadeira começou a perder a graça. Afinal de contas, estava mais do que claro que aquela coisa não era uma lagosta – e, como seu mundo era abençoado por uma grande quantidade de coisas que eram lagostas (agora mesmo, no mínimo meia dúzia delas vinham marchando, suculentas, na direção deles pela praia), eles não viam motivo para perder mais tempo com aquele negócio, preferindo se reunir imediatamente para ter um almoço tardio em que comeriam lagosta.

Neste exato momento, a aeronave parou em pleno ar, então se ergueu na vertical e mergulhou de ponta, fazendo uma barulheira ao espalhar água por todo lado, o que fez os habitantes da ilha fugirem aos berros para a floresta. Alguns minutos depois, quando voltaram à praia, ainda agitados, tudo o que puderam ver foi um círculo ligeiramente desenhado sobre as águas e algumas bolhas vindo à tona.

Que estranho, disseram uns para os outros com a boca cheia da melhor lagosta que se pode comer em qualquer parte da Borda Ocidental da Galáxia, é a segunda vez que isto acontece este ano.

A nave que não era uma lagosta mergulhou de uma vez só até 60 metros de profundidade, pairando ali sob o peso da imensidão azul, enquanto grandes massas de água ondulavam ao seu redor. Bem acima dela, onde a água era incrivelmente límpida, um reluzente cardume de peixes passava como um raio. Abaixo, onde a luz tinha dificuldade de alcançar, a água assumia um tom de azul escuro e selvagem.

Ali, a 60 metros de profundidade, um sol fraco atravessava a água. Um grande mamífero aquático de pele sedosa passou preguiçosamente, inspecionando a nave sem muito interesse, como se mais ou menos esperasse encontrar algo do tipo por ali, e então deslizou para cima, afastando-se em direção à luz ondulante.

A nave ficou uns dois minutos parada ali e então desceu mais 30 metros. A essa profundidade, já ficava bastante escuro. Em questão de instantes, as luzes internas da embarcação foram desligadas e, cerca de um segundo depois, um feixe de luz foi projetado para fora, onde a única coisa visível era uma pequena placa cor-de-rosa que dizia: **COMPANHIA DE RESGATE E PARADAS MUITO RADICAIS BEEBLEBROX.**

Então o enorme feixe de luz apontou para baixo, iluminando um grande cardume de peixes prateados que fugiram às pressas em um

pânico silencioso.

Na penumbra da sala de controle que se estendia em arco amplo a partir da proa da embarcação, quatro cabeças estavam reunidas em torno do monitor de um computador que analisava os sinais muito tênues e intermitentes que emanavam das profundezas do solo oceânico.

– Encontramos – disse, enfim, o dono de uma das cabeças.

– Está certo disso? – falou o dono de outra cabeça.

– Tenho cem por cento de certeza que sim – respondeu o dono da primeira cabeça.

– Você tem cem por cento de certeza de que a nave que está naufragada no fundo deste oceano é a nave que você disse que tinha cem por cento de certeza de que a probabilidade de que ela nunca iria cair era com certeza de cem por cento? – falou o dono das duas cabeças restantes. – Calma – ele ergueu duas de suas mãos –, estou só perguntando.

Os dois oficiais do Ministério de Segurança e Tranquilização Civil reagiram a esse comentário com olhares frios como gelo, mas o homem com duas cabeças nem se deu conta. Voltou a se afundar na cadeira do piloto, abriu duas cervejas – uma para ele e outra para ele também –, apoiou os pés sobre o painel e disse “Oi, fofura” através do ultravidro para um peixe que passava.

– Sr. Beeblebrox... – começou a falar em voz baixa o mais baixo e menos tranquilizador dos oficiais.

– Diga – falou Zaphod, pousando com força uma lata repentinamente vazia em alguns dos instrumentos mais sensíveis da embarcação. – Está pronto para mergulhar? Vamos nessa.

– Sr. Beeblebrox, vamos deixar uma coisa bem clara...

– Sim, vamos – interrompeu Zaphod. – Que tal começarmos pelo seguinte: por que simplesmente não me dizem o que há dentro desta nave?

– Nós já dissemos – falou o oficial. – Subprodutos.
Zaphod trocou olhares de desânimo consigo mesmo.

– Subprodutos – disse ele. – Subprodutos de quê?

– De processos – respondeu o oficial.

– Que processos?

– Processos perfeitamente seguros.

– Santa Zarquana Voostra! – exclamaram as duas cabeças de Zaphod em coro. – Tão seguros que vocês tiveram que construir um zárquon duma fortaleza espacial para levar esses subprodutos até o buraco negro mais próximo e jogá-los dentro dele! Só que eles nunca chegaram até lá porque o piloto resolveu dar um passeio antes, não foi, para apanhar umas lagostas? Ok, até que esse cara é legal, mas... admitam, agora é que a porca torce o rabo, que a cobra vai fumar, que a merda está prestes a ser jogada no ventilador, que... que... o vocabulário vai pra cucuia.

– Cale a boca! – disse a cabeça da direita para a cabeça da esquerda. – Estamos captando o sinal!

Ele deu um gole no que restava da sua lata de cerveja para se acalmar.

– Olhem só – voltou a falar depois de alguns instantes de paz e contemplação. Os dois oficiais continuaram calados. Àquela altura, conversar parecia estar fora de cogitação. – Só quero saber – insistiu Zaphod – no que vocês estão me metendo.

Ele cutucou com um dedo os códigos intermitentes que piscavam na tela do computador. Não significavam nada para ele, mas Zaphod não gostava nem um pouco da aparência deles. Eram retorcidos, com um monte de números e coisas compridas.

– Está rachando, não está? – gritou ele. – O porão de carga dela está cheio de bastões aorísticos emitindo radiação epsilônica ou coisa parecida que vai fritar toda esta seção espacial por zilhões de anos daqui pra trás e está rachando. É isso que está acontecendo? É isso

que nós vamos encontrar lá embaixo? E eu vou sair daqueles destroços com mais cabeças ainda?

– É impossível que a nave esteja em destroços, Sr. Beeblebrox – insistiu o oficial. – A única hipótese é que esteja perfeitamente segura. Ela é inquebrável.

– Então por que vocês querem tanto descer até lá para vê-la?

– Gostamos de olhar para coisas perfeitamente seguras.

– Aaaaaaaah!

– Sr. Beeblebrox – disse o oficial com toda a paciência –, permita-me lembrá-lo de que temos um trabalho a fazer.

– Sei, bem, talvez eu já não esteja tão a fim de fazer isso, no fim das contas. Você por acaso acha que eu sou totalmente desprovido de qualquer sei lá o quê moral? Como se chama mesmo aquele negócio que tem a ver com moral?

– Escrúpulos?

– Isso, escrúpulos. Vocês acham que eu não tenho escrúpulos?

Os dois oficiais aguardaram calmamente. Tossiram um pouco para passar o tempo.

Zaphod soltou um suspiro do tipo “aonde-esse-mundo-vai-parar” para se eximir de qualquer culpa e girou em sua cadeira.

– Nave? – chamou ele.

– Sim? – respondeu a nave.

– Faça o que eu faço.

A nave pensou por alguns milissegundos no que ele queria dizer e, depois de conferir os lacres em seus tabiques de alta resistência, começou a descer de forma lenta, porém inexorável, sob o brilho turvo de suas luzes, rumo às mais insondáveis profundezas.

Cento e cinquenta metros.

Trezentos.

Seiscentos.

Ali, a uma pressão de 70 atmosferas, nas profundezas gélidas que nenhuma luz consegue alcançar, é onde a natureza esconde seus delírios mais febris. Pesadelos de 60 centímetros de comprimento aproximavam-se furiosamente da luz ofuscante, bocejavam e desapareciam de volta na escuridão.

Setecentos e cinquenta metros.

Na penumbra ao redor das luzes da nave, segredos constrangedores passavam nadando com seus olhos na ponta das antenas.

Pouco a pouco, a topografia do solo oceânico que se aproximava surgia de forma mais clara nos monitores da nave, até finalmente ser possível notar um vulto que se destacava de tudo à sua volta. Era como uma enorme fortaleza, assimétrica e cilíndrica, que se alargava bruscamente a partir do meio para acomodar o ultrarrevestimento pesado no qual os porões de carga estavam envolvidos; os engenheiros supunham ter feito dela a espaçonave mais segura e impenetrável de todos os tempos. Antes do lançamento, a estrutura material daquela parte tinha sido sujeita a impactos, colisões, explosivos e todo tipo de ataques que os engenheiros sabiam que ela poderia suportar, justamente para demonstrar que ela poderia suportá-los.

O silêncio apreensivo no cockpit tornou-se ainda mais pesado quando ficou claro que justamente aquela parte tinha se partido em dois.

– Na verdade, ela está perfeitamente segura – disse um dos oficiais. – A nave foi projetada de tal forma que, mesmo que o casco se parta, os porões de carga não possam sofrer danos.

Mil cento e sessenta cinco metros.

Quatro roupas de mergulho inteligentes de alta pressão saíram lentamente da escotilha aberta da nave de resgate, atravessando os

feixes de luz em direção ao vulto monstruoso que se agigantava em meio ao escuro do oceano. As Hi-Presh-A SmartSuits, como se chamavam os trajes de mergulho especiais, permitiam que todos se movessem com uma graciosidade desajeitada, como se não tivessem peso, embora estivessem esmagados por uma quantidade colossal de água.

Com a cabeça da direita, Zaphod olhou em direção à imensidão negra acima dele e, por um instante, um rugido silencioso de horror ecoou em sua mente. Ao olhar para a esquerda, no entanto, notou com alívio que sua outra cabeça estava ocupada assistindo à transmissão de uma partida de ultracríquete broquiano na tela de seu capacete sem a menor preocupação. Um pouco atrás dele vinham os dois oficiais do Ministério de Segurança e Tranquilização Civil; logo à sua frente ia o traje vazio, que carregava suas ferramentas e testava o caminho para eles.

O grupo passou pela enorme fenda no casco partido da espaçonave *Arca Bilenar* e apontou suas lanternas para ela. Era possível ver mecanismos destroçados por entre as paredes rasgadas e retorcidas. Uma família de enguias transparentes vivia ali agora e parecia gostar bastante do local. O traje vazio seguia na frente deles ao longo do casco gigantesco e nebuloso da nave, testando as câmaras de compressão. A terceira a ser testada foi aberta com dificuldade. Eles se amontoaram em seu interior e esperaram por vários longos minutos enquanto os mecanismos de bombeamento lidavam com a enorme pressão exercida pelo oceano, substituindo-a por uma igualmente terrível pressão de ar e gases. Finalmente, a porta interna se abriu e eles tiveram acesso à escura área dos depósitos de carga da espaçonave *Arca Bilenar*.

Foi preciso atravessar mais algumas portas de titânio de alta segurança que foram abertas pelos oficiais por uma série de chaves quárkicas. Em pouco tempo, eles estavam tão embrenhados nas

profundezas dos perímetros de segurança máxima que a transmissão da partida de ultracríquete estava começando a falhar, e Zaphod teve que trocar para um dos canais de vídeos de rock, já que não havia nenhuma parte do universo que eles não conseguissem alcançar.

Uma última porta se abriu e eles adentraram um recinto amplo, sepulcral. Zaphod apontou sua lanterna em direção à parede oposta e o fecho de luz iluminou em cheio um rosto de olhos esbugalhados, que começou a gritar.

O próprio Zaphod soltou um gritinho agudo, largou a lanterna e caiu sentado no chão, ou melhor, caiu sentado em cima de um corpo que estava deitado ali sem que ninguém o perturbasse há cerca de seis meses e que reagiu ao fato explodindo com grande violência. Zaphod se perguntou o que fazer e após um breve, porém intenso, debate interno decidiu que desmaiar seria o mais adequado.

Ele despertou alguns minutos depois e fingiu não saber quem era, onde estava ou como tinha ido parar ali, mas não conseguiu convencer ninguém. Então fingiu que sua memória havia voltado de repente e que o choque o fizera desmaiar outra vez, mas foi ajudado a se levantar a contragosto pelo traje vazio – com o qual ele estava começando a antipatizar seriamente – e forçado a se conformar com a situação.

A situação, aliás, era desagradável em vários sentidos, o mais óbvio deles sendo o pitoresco conjunto de partes do falecido piloto da nave espalhado pelo chão, pelas paredes e pelo teto, e especialmente pela parte de baixo da roupa de mergulho de Zaphod. O efeito disso era tão nojento que não voltaremos a tocar no assunto em nenhum outro momento desta narrativa – a não ser para mencionar de passagem o fato de que isso fez Zaphod vomitar dentro do próprio traje, que ele então retirou e trocou. Infelizmente, o ar fétido do interior da nave, somado à visão de sua própria roupa zanzando por ali coberta de tripas apodrecidas, fez com que ele vomitasse também no segundo

traje, o que se tornou um problema com o qual os dois teriam simplesmente que aprender a viver.

Pronto. Acabou. Chega de nojeira.

Pelo menos desta nojeira em especial.

A essa altura, o dono do rosto que gritava já havia se acalmado um pouco e balbuciava de forma incoerente dentro de um grande tanque de líquido amarelo – um tanque de suspensão de emergência.

– Foi uma loucura – balbuciava ele –, uma loucura! Eu falei para ele que poderíamos experimentar as lagostas na volta, mas ele estava louco! Obcecado! Vocês ficam assim quando o assunto é lagostas? Porque eu não. Elas são borrachudas e dão trabalho para comer, e nem têm muito sabor. Gosto muito mais das vieiras, falei isso para ele. Por Zárquon, eu falei para ele!

Zaphod olhou para aquela aparição extraordinária, que se debatia dentro do seu tanque. O homem estava conectado a vários tipos de tubos de suporte de vida e sua voz borbulhava de alto-falantes que reverberavam por toda a nave, voltando na forma de ecos sinistros de corredores longos e distantes.

– Esse foi o meu erro – disse o homem. – Eu falei que preferia vieiras, daí ele disse que era porque eu ainda não tinha comido uma lagosta de verdade, como as lagostas que eram comidas no lugar de onde vinham seus ancestrais, que era aqui, e aí quis provar isso para mim. Ele falou que não tinha problema, que as lagostas já valeriam uma viagem inteira, quanto mais o pequeno desvio de rota que seria preciso para chegar até aqui. Ele jurou que conseguiria manobrar a espaçonave na atmosfera, mas era uma loucura, uma loucura! – exclamou ele, fazendo uma pausa enquanto revirava os olhos, como se a palavra tivesse feito algum tipo de sino tocar na sua mente. – A nave fugiu imediatamente de controle! Eu não conseguia acreditar no que estávamos fazendo, e ainda por cima só para provar algo sobre lagostas, que no fim das contas são uma comida superestimada! Vocês

me desculpem por eu estar falando tanto sobre lagostas, já vou tentar parar, mas não consegui tirá-las da cabeça durante todos os meses que passei neste tanque. Vocês não imaginam o que é ficar meses dentro de uma nave comendo mal junto com dois outros caras, enquanto um deles só sabe falar de lagostas, e depois passar seis meses flutuando sozinho em um tanque sem parar de pensar no assunto. Prometo que vou tentar parar de falar em lagostas, juro que vou. Não vou falar de lagostas. Chega de lagostas. Nada de lagostas. Acho que sou o único sobrevivente. Fui o único que conseguiu chegar a um tanque de emergência antes da queda. Enviei o SOS e então nós caímos. É um desastre, não é? Um desastre completo, e só porque aquele cara gostava de lagostas. Eu estou fazendo algum sentido? É muito difícil saber.

Ele os encarou com uma expressão suplicante e de repente sua mente pareceu aterrissar de volta, como uma folha caindo de uma árvore. O homem pestanejou e lançou um olhar curioso para eles, como um macaco examinando um peixe estranho.

Então, rabiscou com seus dedos enrugados na lateral de vidro do tanque. Bolhas amarelas minúsculas e espessas se soltavam de sua boca e de seu nariz, grudavam por um instante em seu cabelo ensopado e então continuavam a subir.

– Por Zárquon, oh, céus – balbuciou ele pateticamente para si mesmo. – Eu fui encontrado. Fui salvo...

– Bem – apressou-se a dizer um dos oficiais –, pelo menos encontrado você foi, sim. – Ele foi até o painel do computador no meio do recinto e começou a conferir rapidamente o monitor principal da nave em busca de relatórios de danos.

– As câmaras dos bastões aorísticos estão intactas – falou ele.

– Essa não! – rosnou Zaphod. – Existem bastões aorísticos a bordo!

Bastões aorísticos eram dispositivos usados em uma agora felizmente abandonada forma de produção de energia. Quando a

busca por novas fontes de energia chegou a um estágio particularmente frenético, um jovem brilhante teve um estalo e percebeu que, se havia um lugar em que não se tinha usado toda a energia à sua disposição, esse lugar era o passado. E, com o ímpeto desenfreado que esse tipo de insight costuma provocar, inventou uma maneira de extrair essa energia naquela mesma noite, de modo que em um ano enormes quantidades de energia vinham sendo sugadas do passado e estavam basicamente definhando. Aqueles que defendiam que deveríamos deixar o passado em paz foram acusados de se entregarem a uma forma muito onerosa de pieguice. O passado oferecia uma fonte barata, abundante e limpa de energia. Além disso, nada nos impedia de estabelecer algumas Reservas Naturais de Passado, desde que alguém estivesse disposto a pagar para sustentá-las. E quanto à afirmação de que drenar a energia do passado prejudicava o presente, bem, talvez isso fosse verdade até certo ponto, mas as vantagens eram incomensuráveis e era preciso manter um senso de proporção.

Só quando ficou claro que o presente estava sendo mesmo prejudicado – e o motivo disso era porque aqueles ladrões egoístas desgraçados do futuro estavam fazendo exatamente a mesma coisa – é que todos perceberam que os bastões aorísticos, e o terrível segredo de como eles eram produzidos, deveriam ser destruídos para sempre. Eles disseram que era pelo bem dos seus avós e netos, mas era, naturalmente, pelo bem dos netos de seus avós e dos avós de seus netos.

O oficial do Ministério de Segurança e Tranquilização Civil encolheu os ombros.

– Estão perfeitamente seguros – disse ele. Então, olhou para Zaphod e lhe disse com uma franqueza incomum: – Existe coisa pior a bordo. Pelo menos – acrescentou o oficial, cutucando uma das telas do computador – espero que esteja a bordo.

O outro oficial o censurou com rispidez.

– O que você pensa que está dizendo? – repreendeu ele.

O primeiro tornou a encolher os ombros.

– Não importa – falou, enfim. – Ele pode falar o que quiser.

Ninguém vai acreditar nele. Foi por isso que escolhemos usá-lo em vez de seguir qualquer via oficial, não foi? Quanto mais louca for a história que ele contar, mais ele vai soar como um maluco que está inventando tudo. E se ele disser que nós falamos isso vai parecer um paranoico. – Ele abriu um sorriso simpático para Zaphod, que estava fervendo de raiva em seu traje cheio de vômito. – Queira nos acompanhar – disse-lhe o oficial –, por gentileza.



– Está vendo? – disse o oficial, examinando os lacres externos de ultratitânio do depósito de carga dos bastões aorísticos. – Perfeitamente isolado, perfeitamente seguro.

E falou a mesma coisa quando eles passaram por depósitos que continham armas químicas tão poderosas que uma colher de chá delas poderia infectar mortalmente um planeta inteiro.

E a mesma coisa quando passaram por depósitos que continham compostos zeta-ativos tão poderosos que uma colher de chá deles poderia explodir um planeta inteiro.

E também quando passaram por depósitos que continham compostos teta-ativos tão poderosos que uma colher de chá deles poderia irradiar um planeta inteiro.

– Que bom que eu não sou um planeta – balbuciou Zaphod.

– Não precisa ter medo – tranquilizou-o o oficial do Ministério de Segurança e Tranquilização Civil. – Os planetas estão perfeitamente seguros. Desde que... – começou ele, interrompendo-se em seguida.

Eles estavam se aproximando do depósito mais próximo do local em que a *Arca Bilenar* havia se partido. O corredor ali estava retorcido e deformado, e o chão, úmido e pegajoso em algumas partes.

– Oh-oh – disse ele –, duas vezes oh-oh.

– O que tem nesse depósito?

– Subprodutos – disse o oficial, tornando a se calar.

– Subprodutos... – insistiu Zaphod, falando baixinho – de quê?

Nenhum dos dois oficiais respondeu. Em vez disso, examinaram a porta do depósito com muita cautela e viram que seus lacres tinham sido arrebatados pelas forças que haviam deformado todo o corredor. Um deles tocou de leve a porta, que se abriu. Estava escuro lá dentro, com apenas duas luzes amarelas bem fracas no fundo.

– De quê? – repetiu Zaphod.

O oficial que liderava a expedição se voltou para o outro.

– Existe uma cápsula de fuga – falou ele – que a tripulação deveria usar para abandonar a nave depois de lançá-la para dentro do buraco negro. Acho que seria bom descobrirmos se ela ainda está aqui. – O outro oficial assentiu e foi embora sem falar nada.

O primeiro oficial chamou Zaphod para dentro do depósito com um gesto silencioso. As grandes e fracas luzes amarelas brilhavam a mais ou menos 6 metros deles.

– O motivo – sussurrou ele – pelo qual tudo mais nesta nave está seguro é que ninguém é maluco o suficiente para usar o que tem aqui. Na verdade, ninguém é tão maluco para *chegar perto* do que tem aqui. Ninguém que tenha um alarme que soe quando um perigo se aproxima. As pessoas podem ser burras, mas não tão burras assim.

– Subprodutos... – tornou a sibilar Zaphod; ele precisava sibilar para não revelar que sua voz estava trêmula – de quê?

– Hã, de pessoas artificiais.

– O quê?

– A Companhia Cibernética Sirius recebeu uma polpuda bolsa de pesquisa para desenvolver e produzir personalidades sintéticas por encomenda. Os resultados foram uniformemente desastrosos. Todas as “pessoas” e “personalidades” acabaram se mostrando amálgamas de características que simplesmente não poderiam coexistir. A maioria era composta de pobres e patéticos desajustados, mas alguns eram muito, muito perigosos. Perigosos porque não faziam nenhum alarme disparar nas outras pessoas. As pessoas artificiais podiam atravessar situações da mesma forma que fantasmas atravessam paredes, porque ninguém conseguia notar o perigo.

O oficial fez uma pausa dramática, depois continuou:

– Os mais perigosos de todos eram três espécimes idênticos. Eles foram colocados neste depósito para serem despachados, junto com esta nave, para longe deste universo. Eles não são maus; na verdade, são bem simples e charmosos. Mas são as criaturas mais perigosas que já existiram, pois não há nada que não possam fazer se permitirmos e não há nada que não lhes permitiríamos fazer...

Zaphod olhou para as duas luzes amarelas e fracas. Quando seus olhos se acostumaram à penumbra, notou que elas iluminavam um terceiro espaço onde havia algo quebrado. Nódos molhadas e pegajosas refletiam um brilho turvo no chão.

Zaphod e o oficial se aproximaram com cautela das luzes. Nesse instante, três palavras se chocaram com estardalhaço nos fones dos capacetes deles, vindas do outro oficial:

– A cápsula sumiu – disse ele, curto e grosso.

– Trate de rastreá-la – falou o companheiro de Zaphod com rispidez. – Descubra exatamente para onde ela foi. Precisamos saber para onde ela foi!

Zaphod se aproximou dos dois tanques restantes. Um breve olhar lhe revelou que ambos continham corpos idênticos flutuando em seu interior. Examinou um deles com mais atenção. O corpo, que era de

um homem idoso, boiava em um líquido amarelo espesso. O homem tinha um rosto bondoso, com várias marcas de expressão agradáveis, como se sorrisse com frequência. Seus cabelos pareciam mais volumosos e negros do que o natural para alguém da sua idade e sua mão direita balançava continuamente para a frente e para trás, para cima e para baixo, como se estivesse apertando as mãos de uma interminável sucessão de fantasmas invisíveis. Ele sorria com simpatia, balbuciando e soltando bolhas pela boca feito um bebê semiadormecido e às vezes parecia se sacudir bem de leve com uma risadinha, como se tivesse acabado de contar a si mesmo uma piada que nunca tinha ouvido antes ou da qual não se lembrava direito. Balançando-se, sorrindo, dando curtas risadas, com pequenas bolhas amarelas brotando dos lábios, ele parecia viver em um mundo distante, com sonhos simples.

Outra mensagem curta e grossa soou de repente nos fones do seu capacete. O planeta em direção ao qual a cápsula de fuga tinha seguido já havia sido identificado. Ele ficava na Seção Galáctica ZZ9 Plural Z Alfa.

Zaphod encontrou um pequeno alto-falante ao lado do tanque e o ligou. O homem no líquido amarelo falava em um tom de voz suave sobre uma cidade reluzente no topo de uma colina.

Ele também ouviu o oficial do Ministério de Segurança e Tranquilização Civil transmitir instruções no sentido de que a cápsula de fuga perdida continha um “Reagan” e que o planeta na seção ZZ9 Plural Z Alfa deveria ser isolado até estar “perfeitamente seguro”.

In: *The Utterly Utterly Merry Comic Relief Christmas Book*, 1986



Trecho de uma entrevista conduzida por Matt Newsome

D.A.: O problema com Dirk Gently é que comecei a achar que tinha perdido contato com o personagem, que não poderia tornar o livro viável, e por isso eu disse: “Ok, vamos partir para outra e fazer algo diferente.” Então, quando voltei a olhar para as ideias que estavam em *O salmão da dúvida*, percebi o que havia de errado: essencialmente, essas ideias tinham muito mais a ver com o *Mochileiro* do que com o Dirk Gently.

Então, vai chegar algum momento no futuro em que irei escrever um sexto livro do *Mochileiro*. Mas me sinto meio estranho em relação a isso porque as pessoas disseram, com bastante razão, que *Praticamente Inofensiva* é um livro muito deprimente. E é mesmo. O motivo é muito simples: eu estava tendo um péssimo ano, por vários motivos pessoais sobre os quais não quero falar agora; foi um ano simplesmente muito ruim e eu tentei escrever um livro no meio disso tudo. E, adivinhem só, saiu um livro muito deprimente!

Eu adoraria concluir a série do *Mochileiro* com um tom um pouco mais otimista. Além disso, cinco parece ser um tipo de número errado, seis é bem melhor. Muitas das coisas que estavam originalmente em *O salmão da dúvida*, que eu tentei colocar em *O salmão da dúvida*, não estavam funcionando muito bem nele, então acho que podem ser tiradas de volta e reorganizadas junto com algumas novas ideias.

M.N.: Algumas pessoas já ouviram dizer que *O salmão da dúvida* seria um novo livro da série do *Mochileiro*.

D.A.: Bem, de certa forma, sim, porque vou resgatar algumas ideias que não consegui fazer funcionar dentro da estrutura de um romance da série Dirk Gently e colocá-las na estrutura da série do *Mochileiro*,

fazendo as devidas adaptações. E, pelos velhos tempos, talvez o livro até se chame *O salmão da dúvida*. Talvez; quem sabe!



Fax

Para: Sue Freestone

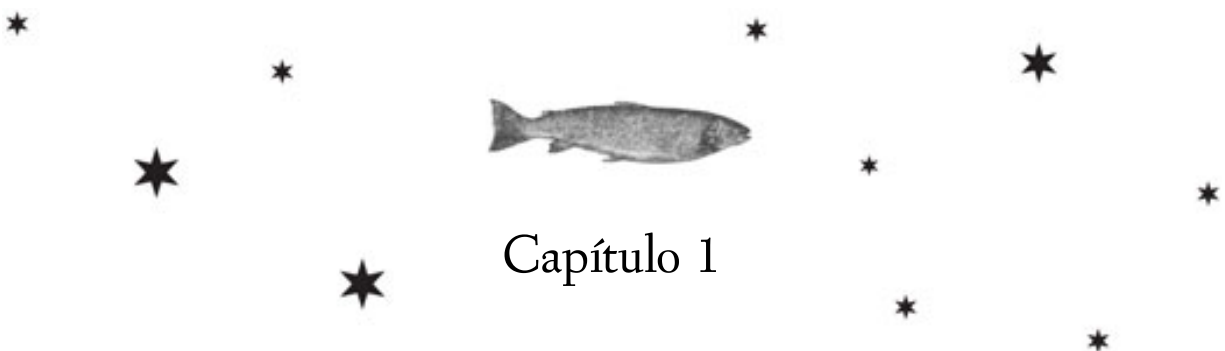
De: Douglas Adams

Assunto: sinopse de *O salmão da dúvida*

Dirk Gently é contratado por alguém que ele nunca chega a conhecer para fazer um trabalho que nunca é especificado, então começa a seguir pessoas aleatoriamente. Suas investigações o conduzem a Los Angeles, através das mucosas nasais de um rinoceronte, até um futuro distante dominado por agentes estatais e cangurus fortemente armados. Piadas, peixes ligeiramente cozidos e as propriedades emergentes de sistemas complexos formam o pano de fundo do mais desconcertante e incompreensível caso de Dirk Gently.



[Nota do editor: A versão de O salmão da dívida apresentada aqui foi reunida a partir de várias versões desta obra inacabada. Leia a Nota do editor no início deste livro para uma descrição detalhada de como o material foi reunido. Na página anterior, incluí o fax que Douglas enviou para sua editora em Londres, descrevendo sua ideia geral para o romance e dando-nos um vislumbre do rumo que a história poderia ter tomado a partir daqui.]



Quase todas as manhãs bem cedo, Dave subia até aquele ponto isolado da colina carregando pequenas oferendas para deixar no templo de St. Clive, o santo padroeiro dos corretores de imóveis. Hoje, o que ele havia trazido era, até onde conseguia identificar, parte de um limpador automático de piscinas, uma coisa de plástico grande, aspiradora, que mais parecia uma lagosta.

Ele largou o negócio no chão com cuidado e se afastou para admirar o efeito.

Para dizer a verdade, o templo era apenas um montinho de pedras, com um pequeno conjunto de coisas que haviam sido desencavadas ao longo do tempo. Havia um controle remoto de garagem, algo que devia ser parte de um espremedor de frutas e um pequeno Caco, o sapo dos Muppets. A coisa de limpar piscinas que parecia uma lagosta era um ótimo acréscimo e ele a dispôs de modo que seus 60 centímetros de tubos de plástico quebrados pendessem de cima do Caco como uma tromba de elefante.

Ele fazia aquelas visitas matinais ao templo meio que só para se distrair, mas também era uma desculpa para refletir um pouco. Aquele lugar tinha começado como um espaço onde ele poderia se divertir sozinho, mas logo se tornara algo maior do que ele pretendia, e Dave precisava de um local para onde pudesse fugir para pensar na vida. Às vezes, ficava um pouco angustiado com isso. Sempre que se sentia assim, ele começava a dar risadinhas, mas, quando ficava realmente angustiado, punha-se a cantarolar velhas canções dos Carpenters até a angústia passar.

Mas hoje ele não iria se angustiar. Hoje ele iria se divertir. Tirou a mochila que havia trazido e a largou no chão por alguns instantes.

Lá de cima, a vista era espetacular. Uma floresta verdejante cercava DaveLand por todos os lados, com suas extraordinárias riqueza e diversidade, repleta de vida e cores. O rio Dave serpenteava por ela, atravessando em seguida as colinas até desembocar, a 800 quilômetros de distância dali, no imenso oceano que, até pouco tempo atrás, ele chamava de oceano Dave, mas que então, em um ataque de constrangimento e modéstia, tinha rebatizado de oceano Karen. Sempre achara Pacífico um nome muito idiota. Tinha estado nele. Não era nem um pouco Pacífico. Então, decidiu consertar isso.

Vista daquela altura, DaveLand era algo bem impressionante. Era espantosa, na verdade, se você parasse para pensar. Ele correu a mão por seus cabelos escorridos e olhou para ela, contendo uma risadinha muito, muito discreta.

DaveLand tinha cerca de 360 mil metros quadrados de encosta, com novos afloramentos já começando a surgir nas colinas mais próximas. As casas eram lindas. Muito mais bonitas do que qualquer uma que seu St. Clive imaginário teria vendido. Nada daquelas coisas horríveis de vários andares, daquelas casas de fazenda, com áreas de convívio idiotas em que qualquer pessoa com meio cérebro preferiria

se matar a “conviver”. As casas de Dave não tinham nada a ver com isso.

Para começar, eram casas inteligentes – nos aspectos mais simples, como estar voltadas para o lado certo. Tinham vidro nos lugares certos, pedra nos lugares certos, água nos lugares certos, plantas nos lugares certos, de modo que o ar se deslocasse por elas de maneira adequada e o ambiente estivesse quente quando você quisesse e fresco quando você desejasse. Era uma questão de física. A maioria dos arquitetos não entendia nada sobre física, concluiu ele. Só sabiam coisas inúteis. Nas casas de Dave, prismas e fibras direcionavam a luz do sol para onde você preferisse. Permutadores de calor transferiam o calor da comida na geladeira para a comida no forno. Simples assim. As pessoas entravam nas casas de Dave e diziam: “Nossa! Que legal! Por que as outras pessoas não constroem casas assim?” A resposta? Porque elas são burras.

E havia os telefones. Dave oferecia às pessoas dali telefones muito mais legais, mais inteligentes e mais fabulosos do que qualquer um que elas houvessem tido antes. Agora elas também queriam televisões, o que ele achava uma idiotice para início de conversa, e uma monumental idiotice dadas as circunstâncias; mas isso, por sua vez, se mostrou um problema bem interessante, então Dave, é lógico, o resolveu. Mas Dave tinha resolvido tantos problemas que, sem querer, acabara criando outro. DaveLand transformou-se em uma comunidade de quase mil pessoas, o que o tornava meio que menos responsável por elas. Não tinha esperado ser responsável por ninguém.

Ele arrancou um punhado de mato alto e se pôs a brandi-lo de um lado para outro com irritação. O sol das primeiras horas da manhã refletia da Casa de Dave. A Casa de Dave era de longe a maior e mais linda construção de... bem, de todo o mundo. Ela cercava o topo da colina oposta com amplos e elegantes muros de pedra branca e o que pareciam milhares de metros quadrados de vidro. O cume em si tinha

sido projetado como um jardim japonês. Riachos surgiam lá de cima, atravessando a casa.

Logo abaixo da Casa de Dave, na mesma encosta e no interior do mesmo complexo de segurança (ele não conseguia acreditar que precisava de coisas como complexos de segurança agora; e quarenta – quarenta! – dos mais de 900 habitantes de DaveLand eram advogados), ficava O Caminho da Narina.

O Caminho da Narina era provavelmente a ideia mais brilhante que Dave já havia tido. Até ele, que achava a maioria das coisas que a maioria das pessoas considerava brilhantes uma idiotice, achava aquilo genial. Era o único motivo para tudo aquilo estar ali e havia se tornado a única coisa que fazia Dave cantarolar velhas canções dos Carpenters – talvez com exceção dos advogados.

O sol brilhava forte sobre DaveLand. Era um espetáculo, Dave era obrigado a admitir; mas também era obrigado a admitir que gostava quando DaveLand era apenas o seu próprio e exclusivo lugar idiota, porque só ele era inteligente o bastante para chegar até ali. Mas uma coisa tinha levado à outra e, por fim, levava até tudo aquilo. E lá estava ele, com apenas 25 anos, e já começando a se sentir como se tivesse quase 30.

Bem, para o diabo com tudo isso. Hoje ele iria se divertir um pouco. Pegou de volta sua grande mochila e tornou a colocá-la nas costas. Sam teria um ataque. Os advogados ficariam malucos. Ótimo. Ele se virou e continuou a subir a colina, que se chamava Topo do Mundo em homenagem à canção “Top of the World”, dos Carpenters. Uma das melhores coisas de se ter o seu próprio mundo é que você pode gostar dos Carpenters em paz nele.

A colina ficava bastante pedregosa e escarpada nas partes mais altas, e Dave teve que engatinhar um pouco pelas rochas para chegar aonde queria.

Vinte minutos depois, ele estava com bastante calor e um pouco suado, mas tinha chegado ao topo – ou pelo menos à última parte plana de tamanho considerável, uma placa sólida de pedra bastante sulcada em que ele se sentou e largou a mochila. Ele levou alguns instantes para recuperar o fôlego e começou a tirar as coisas de dentro da mochila: hastes de alumínio, cordões cor de laranja, pequenas placas roxas de Kevlar.

Após cerca de 10 minutos de montagem, a coisa estava pronta: uma geringonça larga que parecia um inseto de asas finas e leves. Os pedaços de Kevlar amarrados nas hastes da estrutura eram surpreendentemente pequenos e de formato estranho. Dave havia deduzido que a maior parte dos tecidos usados nas asas-deltas convencionais era redundante, então se livrou deles.

Examinou minuciosamente a estrutura montada e ficou satisfeito ao ver que ela estava como deveria, dentro do Padrão Dave de Qualidade.

Olhou para a frente com apreensão, mas apenas por um instante. Iria fazer aquilo de qualquer maneira, então era burrice ficar apreensivo. Apanhando com cuidado a asa-delta, ele a carregou até a beirada da rocha, até estar parado em uma saliência que dava vista para toda a extensão de DaveLand. Notou, satisfeito, que embora sua asa-delta parecesse apenas uma espécie de varal de roupas, era muito rígida e difícil de ser movida no ar.

Dali, a Casa de Dave ficava a cerca de 1,5km na horizontal, e a uns 60 metros na vertical. Dava para ver, brilhando sob a luz do sol, sua grande piscina azul, bem isolada dentro do jardim japonês no topo da Colina de Dave. A distância e o ângulo do sol ofuscavam um pouco os detalhes, mas Dave estava certo de que Sam estaria esperando por ele ali, à beira da piscina. Pelos seus cálculos, ele conseguiria aterrissar de forma bastante precisa. Conferiu o relógio.

Acabava de passar das oito da manhã, e a reunião estava marcada para as oito. Sam estaria lá.

Sam achava que muitos dos planos e estratégias de Dave eram inconsequentes, loucos, irresponsáveis e às vezes beiravam a mais pura burrice. Ele iria se arrepender por pensar assim. Aterrissar na piscina não era uma coisa que um burro poderia fazer.

Dave conferiu a direção do vento, colocou o cinto de segurança, o apertou, prendeu o cinto à asa-delta, passou as mãos através de duas argolas, agarrou as hastes principais e estava pronto.

Tudo o que precisava fazer agora era se jogar no vazio.

Uau. Ok. Vamos lá.

Nada de enrolação. Nada de burrices. Com o coração leve, ele se atirou para a frente e zarpou em direção ao espaço vazio. O ar o sustentou imediatamente, com uma pequena turbulência. Ele se apoiou na estrutura, tentou relaxar um pouco, e depois um pouco mais, procurando uma posição que o deixasse em equilíbrio mas que o permitisse manobrar a coisa. Conseguiu. Estava em pleno ar. Estava voando. Era apenas um pássaro como qualquer outro.

Ei, a sensação era gostosa. O ar vazio era uma espécie de choque, mas do tipo agradável, como nadar em uma piscina de madrugada. E o ar não parecia vazio. Era como cair em cima de enormes travesseiros invisíveis, com dedos que surgiam para puxar e empurrar você, despenteando seus cabelos, sacudindo sua camisa. À medida que seu cérebro se habituava à imensidão do espaço aberto ao seu redor, ele se sentia como um pequeno brinquedo na ponta de um móvel gigantesco que girava lentamente ao redor do Mundo de Dave. Ele estava descrevendo um grande arco, um pouco para a direita, e então, em resposta ao reposicionamento do seu peso, um pouco para a esquerda. A impressão era de estar se movendo como um arco dentro de um arco, uma roda dentro de uma roda. O mundo, o seu mundo, girava devagar debaixo dele, verde, fértil, viçoso e vívido.

Havia cerca de 1,2 milhão de anos que a raça humana tinha sido subitamente extinta e o mundo se revigorara bastante nesse meio-tempo. Em termos geológicos, isso não passava de um breve instante, mas de uma hora para a outra as forças da evolução tiveram espaço de sobra para brincar, enormes lacunas para preencher e tudo começou a prosperar alucinadamente. Todo mundo vivia falando em salvar o mundo – e, bem, Dave tinha conseguido. Isso era mesmo ótimo. Estava tudo uma verdadeira maravilha agora. O Mundo de Dave. Que legal.

Dave estava voando com bastante desenvoltura agora, não lutando contra o ar, mas fluindo junto com ele. Só que também estava começando a ter a impressão de que aterrissar em sua própria piscina talvez fosse um pouco mais difícil do que o esperado. Mas era assim que ele gostava que fossem as coisas – um pouco mais difíceis do que o esperado.

Talvez fosse, inclusive, *bem* mais difícil, começou a perceber. Uma coisa era permanecer confortavelmente em pleno voo, acompanhando as correntes de ar, descendo aos poucos; outra muito diferente era manobrar de uma forma mais decisiva. Quando tentava fazer uma curva muito brusca, a estrutura delicada à sua volta começava a chacoalhar e estalar de forma um tanto alarmante.



Capítulo 2

– Não trabalho com gatos – falou Dirk Gently.

Seu tom de voz era ríspido. Ele sentia que havia subido na vida. Não tinha nenhuma prova concreta para sustentar esse ponto de vista, só achava que estava mais do que na hora. Também achava que estava com azia, mas isso não tinha nada a ver com o assunto.

A mulher – como ela se chamava mesmo? Melinda alguma coisa. Dirk tinha anotado em um pedaço de papel, mas não sabia mais onde o papel estava. Provavelmente debaixo da pilha de extratos bancários ainda fechados – estava de pé em frente à sua mesa com a sobrancelha esquerda erguida de indignação.

– O seu anúncio diz que...

– O anúncio está desatualizado – retrucou Dirk, sem paciência. – Não trabalho com gatos. – Ele a despachou com um gesto e fingiu estar ocupado com alguns papéis.

– Então com o que você trabalha? – insistiu a mulher.

Dirk ergueu os olhos, contrariado. Tinha antipatizado com aquela mulher desde que ela chegara. Não só ela o havia pegado totalmente desprevenido como também era irritantemente bonita. Não gostava de mulheres bonitas. Elas o perturbavam com sua elegância, seu charme, seu jeito totalmente adorável e sua eterna recusa aos seus convites para jantar. Ele pôde notar, no instante em que a tal Melinda entrou em seu escritório, que ela não aceitaria sair para jantar nem que ele fosse o último homem da face da Terra e tivesse um Cadillac

conversível cor-de-rosa, então decidiu se precaver. Já que eles não iriam sair juntos, a conversa seria nos termos dele.

– Não é da sua conta – respondeu, grosseiro. Seu estômago gorgolejou dolorosamente.

Ela ergueu a outra sobrancelha.

– Eu marquei com você em uma hora ruim?

“Exatamente”, pensou Dirk. Não se lembrava de ter tido um mês pior do que aquele. O serviço estava devagar, mas não só devagar. O fluxo de trabalho, que geralmente já era escasso, primeiro rareou mais ainda até secar por completo. Nada. Ninguém. Nem um serviço sequer, a não ser que você contasse a velha maluca que veio por causa de um cachorro cujo nome não conseguia se lembrar. Ela havia sofrido, em suas próprias palavras, uma leve pancada na cabeça e esquecera qual era o nome do seu cão, portanto ele não vinha quando ela o chamava. Será que Dirk não poderia descobrir qual era o nome dele? Normalmente ela perguntaria ao marido, explicou a velha, mas ele tinha morrido há poucos anos durante um salto de bungee-jump, coisa que não deveria ter feito na sua idade, mas era seu aniversário de 70 anos e ele disse que iria fazer o que queria mesmo que acabasse morrendo, o que naturalmente foi o que aconteceu, e embora ela tivesse tentando contatá-lo através de uma médium para perguntar o nome do cachorro, a única mensagem que recebeu foi que ele não acreditava em nenhuma dessas baboseiras espíritas e que era tudo uma maldita enganação, o que ela achou muito grosseiro da parte dele e, sem dúvida, muito constrangedor para a médium. E assim por diante.

Ele aceitou o trabalho. Para se ter uma ideia do ponto a que havia chegado.

Dirk não contou nada disso, é óbvio. Apenas encarou com frieza a tal Melinda e disse:

– Esta é uma agência de investigação respeitável. Eu...

– Respeitável – falou a mulher – ou respeitada?

– Como assim? – Dirk geralmente produzia respostas muito mais afiadas do que esta, mas, como a própria mulher tinha dito, aquela era uma má hora. Após uma semana dominada por tentativas frustradas de identificar um cão, ontem não tinha acontecido nada, exceto por uma coisa que havia causado uma reviravolta muito desagradável e feito com que ele se perguntasse se não estava ficando maluco.

– Há uma grande diferença – prosseguiu a tal Melinda. – Como a diferença entre algo que é supostamente inflável e algo que está de fato inflado. Entre algo supostamente inquebrável e algo que vai de fato continuar inteiro depois de ser atirado contra a parede.

– Hã? – falou Dirk.

– Estou dizendo que, por mais respeitável que sua agência possa ser, se ela fosse mesmo respeitada, você provavelmente teria dinheiro para comprar um carpete, pintar as paredes e talvez até colocar outra cadeira aqui para seus clientes se sentarem.

Dirk não fazia ideia do que tinha acontecido com a outra cadeira do escritório, mas certamente não estava disposto a admitir isso.

– Você não precisa de cadeira nenhuma – disse ele. – Na verdade, acho que veio parar aqui por engano. Não temos nada para conversar. Tenha um bom dia, minha cara dama, não vou procurar seu gato perdido.

– Não falei que tinha perdido meu gato.

– Como é que é? – falou Dirk. – Você disse claramente...

– Eu disse que tinha meio que perdido o meu gato. Ele está meio perdido.

Dirk a fitou com um olhar inexpressivo. Além de ser extremamente bonita, com seus cabelos louros e seu corpo esguio, ela estava bem-vestida em um estilo “não estou nem aí, vou vestir qualquer coisa velha que esteja largada pela casa”, que consiste basicamente em prestar muita atenção ao que você deixa largado pela casa. Estava claro que era muito inteligente e devia ter um ótimo

emprego, como gerente de alguma grande companhia têxtil ou de telecomunicações, embora não aparentasse ter mais de 32 anos. Em outras palavras, era exatamente o tipo de pessoa que não perdia gatos e que sem dúvida não sairia correndo para pequenas agências de investigação decadentes se fosse o caso. Ele se sentiu desconfortável.

– Tente fazer sentido, por favor – falou ele, ríspido. – Meu tempo é valioso.

– Ah, sim. E qual é o valor dele?

Ela correu um olhar irônico pelo escritório. Ele era obrigado a admitir para si mesmo que era uma visão desanimadora, mas nem sonhando iria ficar sentado ali e engolir aquilo. Só porque precisava do trabalho, precisava do dinheiro e não tinha nada melhor para fazer com seu tempo, isso não era motivo para ninguém pensar que ele estava à disposição de qualquer mulher bonita que entrasse em sua agência se oferecendo a pagar pelos seus serviços. Dirk se sentiu humilhado.

– Não estou falando da minha remuneração, por mais que ela seja extraordinária. Estava apenas pensando no tempo. Um tempo que nunca mais voltará. – Ele se inclinou para a frente de forma bastante incisiva. – O tempo é algo finito, sabia? Só faltam uns quatro bilhões de anos até o Sol explodir. Sei que parece muito tempo agora, mas vai passar rápido se nós o desperdiçarmos com frivolidades sem sentido e conversa fiada.

– Conversa fiada? É de metade do meu gato que nós estamos falando!

– Minha senhora, não sei a que “nós” você está se referindo, mas...

– Apenas me escute. Depois de ouvir os detalhes do caso, você pode escolher não aceitá-lo, porque admito que ele é um pouco estranho. Mas eu marquei uma hora para vir até aqui com base no que estava escrito no seu anúncio, ou seja, que você procura gatos perdidos. E se a sua única justificativa para não me atender for que

não procura gatos perdidos, então eu devo lembrá-lo de que existe uma coisa chamada Lei da Descrição de Serviços. Não me lembro exatamente o que está escrito nela, mas aposto cinco libras que ela diz que você não pode fazer isso.

Dirk bufou. Ele apanhou um lápis e puxou um bloco de anotações.

– Está bem – disse ele. – Vou anotar os detalhes do caso.

– Obrigada.

– E depois vou me recusar a aceitá-lo.

– Problema seu.

– O que estou tentando dizer – falou Dirk – é que não é problema meu. Então. Qual o nome do seu gato?

– Gusty.

– Gusty.

– Isso. Forma reduzida de Gusty Winds, ventos fortes.

Dirk a encarou.

– Não vou perguntar – disse ele.

– Vai se arrepender disso.

– Isso sou eu quem decido.

Ela encolheu os ombros.

– Então ele é macho? – perguntou Dirk.

– Sim, macho.

– Idade?

– Quatro anos.

– Descrição?

– Hã, bem. Aí complica um pouco.

– O que tem de difícil nessa pergunta? Ele é o quê, preto? Branco? Laranja? Malhado?

– Ah. Siamês.

– Muito bem – falou Dirk, anotando a palavra “siamês”. – E quando foi a última vez que você o viu?

– Cerca de três minutos atrás.

Dirk largou seu lápis e voltou a encará-la.

– Talvez quatro, na verdade – acrescentou ela.

– Deixe-me ver se eu entendi – falou Dirk. – Você está dizendo que perdeu seu gato, hã, Gusty, enquanto estava em pé aqui falando comigo?

– Não, eu o perdi, quer dizer, meio que o perdi, ou perdi metade dele duas semanas atrás. Mas o vi pela última vez, que é o que você perguntou, logo antes de entrar no seu escritório. Só dei uma conferida para ver se ele estava bem. E ele estava. Quer dizer, meio que sim. Se é que se pode chamar aquilo de bem.

– E... hã, onde ele estava, exatamente, quando você foi dar essa conferida para ver se ele estava bem?

– Na caixinha dele. Quer que o traga aqui? Ele está lá fora.

Ela saiu do escritório e voltou com uma caixa de transporte de gatos de vime, de tamanho médio, e largou-a sobre a mesa de Dirk. Seu conteúdo soltou um miado preguiçoso.

Dirk franziu as sobrancelhas.

– Desculpe se estou sendo meio lerdo – disse ele, olhando através da caixa em direção à mulher. – Mas me explique a parte disso que eu não estou entendendo. Parece que você está me perguntando se posso aplicar minhas habilidades profissionais para procurar e, se possível, encontrar e devolver a você um gato...

– Exato.

– ... que você já trouxe até aqui em uma caixa?

– Bem, você tem razão até certo ponto.

– E que ponto seria esse?

– Veja com seus próprios olhos.

A mulher soltou o pino de metal que mantinha a tampa fechada, enfiou a mão dentro da caixa, tirou o gato lá de dentro e o pousou na mesa de Dirk, ao lado da caixa.

Dirk olhou para o gato.

Gusty lhe devolveu o olhar.

Gatos siameses têm um jeito especialmente desdenhoso de olhar para você. Qualquer pessoa que já tenha topado com a Rainha da Inglaterra limpando os dentes sabe de que tipo de sensação estou falando.

Gusty olhou para Dirk e claramente o achou censurável em algum sentido. Virou a cabeça para outro lado, bocejou, coçou-se, alisou os bigodes por alguns instantes, lambeu um pequeno tufo de pelo desgrenhado, então saltou da mesa e começou a examinar uma rachadura no assoalho de madeira, que parecia muito mais interessante do que Dirk.

Dirk ficou olhando para o gato, sem palavras.

Até certo ponto, Gusty parecia um gato siamês perfeitamente normal. Até certo ponto. O ponto em que Gusty deixava de parecer um gato siamês normal era a sua cintura, que era marcada por uma faixa cinzenta estreita e nebulosa.

– A metade da frente parece muito bem – sussurrou Melinda sei-lá-o-quê. – O pelo dele está liso e macio e ele parece bem saudável, na verdade.

– E a metade de trás? – perguntou Dirk.

– É isso que eu quero que você procure.

Depois da faixa cinzenta e nebulosa não havia nada. O corpo do gato simplesmente deixava de existir em pleno ar. Tudo abaixo mais ou menos da nona costela estava faltando.

O mais estranho é que o gato não parecia muito afetado por isso. Isso não quer dizer que ele tivesse aprendido a viver com sua triste condição ou que estava, em um exemplo de coragem, tirando o melhor que podia do que lhe aconteceu. Não. Aquilo simplesmente não o afetava. Ele não parecia notar. Não satisfeito em ignorar as exigências habituais da biologia, o gato também estava claramente

quebrando as leis da física. Ele se movia, saltava, passeava e sentava-se da mesmíssima maneira que o faria se a sua metade de trás estivesse presente.

– Ela não está invisível – falou Melinda, apanhando o gato do chão, meio sem jeito. – Sumiu de verdade. – Ela correu a mão de um lado para outro através do ar vazio, onde a traseira do gato deveria estar. O gato se contorcia nas mãos dela, miando de irritação, então saltou com agilidade de volta para o chão e ficou zanzando por ali, ofendido.

– Ora, ora – falou Dirk, fazendo um triângulo com os dedos debaixo do queixo. – Que estranho.

– Vai aceitar o caso?

– Não – respondeu ele, afastando o bloco de papel de si sobre a mesa. – Sinto muito, mas não posso fazer esse tipo de coisa. Se existe algo que quero menos fazer do que procurar um gato é procurar meio gato. Vamos supor que eu tenha o azar de encontrá-lo. Como vou fazer para colocar a parte de trás de volta? Desculpe, mas quero distância de gatos e definitivamente quero distância de qualquer coisa que sequer lembre eventos sobrenaturais ou paranormais. Sou uma criatura racional e... com licença. – O telefone estava tocando. Dirk o atendeu. Ele bufou. Era Thor, o antigo Deus do Trovão nórdico. Dirk soube na mesma hora que era ele por conta do longo e agourento silêncio e dos resmungos exasperados seguidos por gritos distantes. Thor não entendia muito bem como funcionavam os telefones. Ele geralmente ficava parado a uns 3 metros de distância e gritava ordens divinas para o aparelho. Isso funcionava surpreendentemente bem no que dizia respeito a fazer a conexão entre as duas linhas, mas tornava a conversa em si praticamente impossível.

Thor tinha ido morar com uma garota americana que Dirk conhecia. Pelas estranhas proclamações em islandês que ecoavam pela

linha telefônica, Dirk conseguiu entender que deveria ir à casa dos dois para tomar um chá naquela tarde.

Dirk respondeu que sim, que chegaria por volta das cinco, que estava louco para ir e que o veria mais tarde; mas Thor, é claro, não ouviu nada disso e já estava começando a ficar nervoso e a gritar bastante do outro lado da linha.

Dirk acabou desistindo e colocou o fone de volta no gancho, hesitante, esperando que Thor não fizesse muito estrago no pequeno apartamento de Kate. Já sabia que ela havia conseguido convencer o enorme deus a esmagar saquinhos de batata frita durante seus ataques de fúria em vez de sofás e motocicletas, mas, às vezes, quando ele não conseguia entender de jeito nenhum o que estava acontecendo, a coisa ficava perigosa.

Dirk se sentiu oprimido. Ergueu os olhos. Ah, sim.

– Não – falou ele. – Vá embora. Não posso lidar com mais nada disso.

– Mas, Sr. Gently, fiquei sabendo que você tem uma certa reputação nesta área.

– E é exatamente dela que estou tentando me livrar. Então, por favor, saia daqui e leve seu felino bipartido com você.

– Bem, se é assim...

Ela pegou a caixa e foi embora rebolando. O meio gato também se esforçou ao máximo para rebolar enquanto saía.

Dirk ficou sentado em sua cadeira, fervendo de raiva por uns dois minutos e se perguntando por que estava tão mal-humorado hoje. Olhando pela janela, viu a cliente extremamente atraente e intrigante que havia acabado de recusar de forma grosseira por pura rabugice. Ela parecia especialmente linda e sedutora enquanto atravessava a rua às pressas em direção a um táxi preto londrino.

Ele correu até a janela e a empurrou para cima com força. Debruçou-se para fora.

- Imagino que você nem cogitaria sair para jantar comigo, então?
- gritou ele.



Capítulo 3

– Pena que Thor acabou de sair – disse Kate Schechter. – Ele teve um ataque de ira nórdica de repente, sabe-se lá por quê.

Ela gesticulou vagamente para o buraco quebrado na janela que dava vista para Primrose Hill.

– Deve ter ido ao zoológico de novo, ficar olhando para os alces. Ele vai voltar daqui a algumas horas, cheio de cerveja e remorso na cabeça e com uma vidraça enorme que não vai caber na janela. Daí vai ficar furioso com isso e quebrar outra coisa.

– Acho que não nos entendemos muito bem ao telefone – explicou Dirk. – Mas também não sei como evitar isso.

– É impossível – disse Kate. – Ele não é um deus feliz. Este não é o mundo dele. Nunca vai ser, aliás.

– Então o que você vai fazer?

– Ah, tenho muito o que fazer. Só consertar as coisas que ele quebra já me mantém ocupada o suficiente.

Não foi isso que Dirk quis dizer, mas ele percebeu que ela sabia disso e não quis ser enxerido. De todo modo, a essa altura ela já havia ido à cozinha para pegar chá. Ele se afundou em uma poltrona muito antiga e correu os olhos pelo pequeno apartamento. Notou que agora havia uma coleção bem impressionante de livros sobre mitologia nórdica empilhada na mesa de Kate, todos com vários marcadores de livros e fichas com anotações saltando para fora. Era óbvio que ela estava se esforçando para dominar a situação. Mas um livro, enterrado

uns 10 centímetros na parede, claramente atirado ali com força sobre-humana, dava uma ideia do tipo de dificuldade que Kate precisava enfrentar.

– Nem pergunte – falou ela quando voltou trazendo o chá. – Em vez disso, me conte o que anda fazendo da vida.

– Eu fiz uma coisa hoje à tarde – disse ele, mexendo o chá ralo e se lembrando de repente de que os americanos não faziam a menor ideia de como preparar a bebida – que foi incrivelmente idiota.

– Bem que achei você meio mal-humorado.

– Acho que essa foi a causa, não o efeito. Tive uma semana terrível e estava com azia, e acho que isso me deixou um pouco...

– Não precisa continuar. Você conheceu uma mulher muito atraente e desejável e foi ridiculamente grosseiro e esnobe com ela.

Dirk se limitou a encará-la.

– Como você sabe disso? – perguntou ele, enfim.

– Você faz isso o tempo todo. Fez a mesma coisa comigo.

– Não fiz nada! – protestou Dirk.

– É claro que fez!

– Não, não, não.

– Pode acreditar, você...

– Espere um instante – falou Dirk, interrompendo-a. – Estou lembrando. Hum. Interessante. E você está me dizendo que eu faço isso o tempo todo?

– Talvez não o tempo todo. Imagino que precise dormir de vez em quando.

– Mas está dizendo que normalmente sou grosseiro e esnobe com mulheres atraentes?

Ele se levantou com dificuldade da poltrona e remexeu dentro de seu bolso para apanhar um bloco de anotações.

– Também não era para você levar tão a sério, não é nenhuma grande... bem, pensando melhor, acho que é uma grande falha de

caráter sim. O que está fazendo?

– Ah, só uma anotação. Essa é a parte estranha de ser um detetive: você passa todo o seu tempo descobrindo pequenas coisas sobre outras pessoas que ninguém mais sabe, mas então descobre que tem um monte de coisas que todo mundo sabe a seu respeito, mas você, não. Por exemplo, você sabia que eu ando de um jeito engraçado? Como um pato desengonçado, como alguém descreveu uma vez.

– Claro que sim. Todo mundo que conhece você sabe disso.

– Menos eu, está vendo? – falou Dirk. – Agora que sei, fico tentando me enxergar fazendo isso quando passo por alguma vitrine. É claro que não dá certo. Tudo o que vejo sou eu mesmo parando no meio de um passo com um pé no ar e a boca aberta feito um peixe. Enfim, estou fazendo uma pequena lista sobre mim mesmo, na qual acabei de acrescentar o seguinte: “Sou sempre extremamente grosseiro e esnobe com mulheres atraentes.”

Dirk ficou olhando para a anotação por alguns segundos.

– Sabe – disse ele, pensativo –, isso poderia explicar um monte de coisas.

– Ah, por favor – falou Kate. – Você está levando isso ao pé da letra. Só quis dizer que já percebi que, quando você não está se sentindo bem, ou quando se sente acuado por algum motivo, você tende a ficar na defensiva e é aí que você... Ei, você está anotando isso tudo também?

– É claro. Tudo isso é muito útil. Quem sabe eu não monto uma investigação completa sobre mim? Não tenho mais nada para fazer mesmo...

– Nenhum trabalho?

– Nenhum – falou Dirk, taciturno.

Kate tentou encará-lo com um olhar sagaz, mas ele estava olhando pela janela.

– E você não ter nenhum trabalho está de alguma forma relacionado com o fato de ter sido grosseiro com uma mulher atraente?

– Ela apareceu assim, do nada... – balbuciou Dirk, um tanto para si mesmo.

– Não me diga – disse Kate. – Ela queria que você procurasse seu gato perdido.

– Ah, não – falou Dirk. – Nada tão espetacular quanto isso. Lá se foram os dias em que eu costumava ter gatos inteiros para procurar.

– Oi?

Dirk descreveu o caso.

– Está vendo o tipo de coisa com que eu tenho que lidar? – acrescentou ele.

Kate o fitou nos olhos.

– Você está falando sério?

– Estou – respondeu ele.

– Meio gato?

– Isso. Só a metade de trás.

– Achei que você tinha dito a metade da frente...

– Não, essa parte ela trouxe. Estava lá, inteirinha. Ela só queria que eu procurasse a parte de trás. – Ele olhou pensativo para Londres por sobre a beirada erguida da sua xícara de porcelana de chá.

Kate olhou para ele, desconfiada.

– Mas isso não é... – disse ela – ... muito, muito estranho?

Dirk se virou para encará-la.

– Eu diria – declarou ele – que foi o fenômeno mais estranho e extraordinário que testemunhei em uma vida inteira testemunhando fenômenos estranhos e extraordinários. Infelizmente – acrescentou ele, tornando a virar a cabeça para a janela – , eu não estava no clima.

– Do que está falando?

– Eu estava com azia. Fico mal-humorado quando estou com azia.

– E só por causa disso você...

– Foi mais do que isso. Eu tinha perdido o papel também.

– Que papel?

– O que eu usei para anotar o horário que tinha marcado com ela.

Acabou que estava debaixo de uma pilha de extratos bancários.

– Que você nunca abriu para olhar.

Dirk franziu as sobrancelhas e tornou a abrir seu bloco de anotações.

– “Nunca... abro... extratos bancários” – escreveu ele, pensativo. Depois guardou o bloco de volta no bolso e prosseguiu. – Então, quando ela chegou, eu não estava esperando, então me vi sem o controle da situação. O que significa que...

Ele fisgou o bloco outra vez e começou a escrever novamente.

– O que está acrescentando agora? – perguntou Kate.

– Mania de controle – falou Dirk. – Meu primeiro impulso foi mandá-la se sentar, então fingi me ocupar de outra coisa enquanto me recompunha.

– E depois?

– Olhei à minha volta e notei que não havia nenhuma cadeira. Só Deus sabe onde ela foi parar. O que significa que ela teve que ficar de pé na minha frente enquanto eu ficava sentado. O que eu também detesto. Foi aí que eu comecei a ser realmente desagradável. – Ele tornou a olhar para o seu bloco de anotações e se pôs a folheá-lo. – Estranha convergência de acontecimentos insignificantes, você não acha?

– Como assim?

– Bem, ali estava um caso dos mais extraordinários. Uma mulher linda, inteligente e claramente bem de vida chega e se oferece a me pagar para que eu investigue um fenômeno que desafia os próprios fundamentos de tudo o que sabemos sobre física e biologia, e eu... me recuso a aceitá-lo. É espantoso. Normalmente, você teria que me

pregar no chão para que eu não aceitasse um caso desses. A não ser...
– acrescentou ele, pensativo, abanando seu bloco lentamente no ar –
... a não ser que você me conhecesse tão bem assim.

– O que está sugerindo?

– Bem, sei lá. Toda a sequência de pequenos obstáculos teria passado totalmente despercebida se não fosse por um detalhe. Quando, enfim, encontrei o pedaço de papel em que havia escrito as informações sobre ela, notei que ele estava sem o número de telefone dela. A parte de baixo da folha de papel tinha sido rasgada. Então não faço a menor ideia de como encontrá-la.

– Ora, por que não telefona para o auxílio à lista e pergunta? Qual o sobrenome dela?

– Smith. É inútil. Mas você não acha estranho que o número tenha sido rasgado?

– Não, até que não, para ser sincera. A gente vive rasgando pedaços de papel. Estou vendo que você está a fim de elaborar uma enorme teoria conspiratória de distorção espaço-temporal a partir disso, mas desconfio de que tenha apenas rasgado o pedaço de papel para limpar as orelhas.

– Você estaria preocupada com questões espaço-temporais se tivesse visto o gato.

– Talvez você só precise dar uma lavada nas suas lentes de contato.

– Eu não uso lentes de contato.

– Então talvez esteja na hora de começar a usar.

Dirk bufou.

– Sei que às vezes deixo minha imaginação fugir um pouco de controle – admitiu ele. – É que tenho tido pouca coisa para fazer ultimamente. O trabalho anda tão devagar, já cheguei a ponto até de conferir as Páginas Amarelas para ver se eles colocaram meu número certo e então ligar para mim mesmo só para conferir se o telefone estava funcionando. Kate...?

– Sim, Dirk?

– Você me diria se achasse que eu estou enlouquecendo ou coisa parecida, não diria?

– É para isso que servem os amigos.

– Será? – ponderou Dirk. – Será mesmo? Sabe, já pensei muito nisso. E só estou perguntando porque quando telefonei para mim mesmo...

– O que tem?

– Eu mesmo atendi.

– Dirk, meu velho amigo – disse Kate –, você precisa de um descanso.

– Descansar é a única coisa que eu tenho feito – resmungou ele.

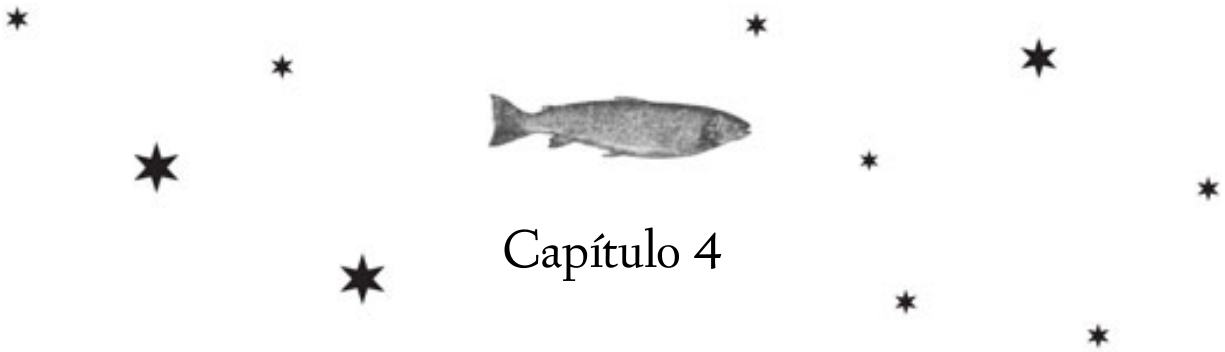
– Sendo assim, você precisa arranjar o que fazer.

– É – falou Dirk. – Mas o quê?

Kate bufou.

– Não posso lhe dizer o que fazer, Dirk. Ninguém nunca pode lhe dizer nada. As únicas coisas em que você acredita são naquelas que consegue descobrir sozinho.

– Humm – fez Dirk, tornando a abrir seu bloco de anotações. – Essa é bem interessante.



Capítulo 4

– Josh – disse uma voz numa mistura de sotaque sueco com irlandês.

Dirk a ignorou. Ele descarregou o conteúdo da pequena bolsa de compras em sua cozinha terrivelmente desfigurada. As compras consistiam basicamente em pizzas congeladas, então foi basicamente tudo para o seu pequeno freezer, que estava basicamente cheio de coisas tão velhas, embranquecidas e grudadas umas às outras que ele tinha até medo de tentar identificar o que era o quê.

– Jude – falou a voz sueco-irlandesa.

– Don't make it bad... – cantarolou Dirk para si mesmo. Ele ligou o rádio para ouvir o noticiário das seis. As notícias eram em sua maioria deprimentes. Poluição, guerra civil, fome, etc. e, como bônus, uma especulação sobre se a Terra seria ou não atingida por um cometa gigante.

– Julian – disse a voz sueco-irlandesa com um som metálico.

Dirk balançou a cabeça. De jeito nenhum.

Mais sobre a história do cometa: havia uma variada seleção de opiniões sobre o que exatamente iria acontecer. Algumas autoridades diziam que ele iria cair na cidade de Sheridan, no Wyoming, no dia 17 de junho. Cientistas da NASA diziam que ele iria se consumir em chamas nas partes mais elevadas da atmosfera e não chegaria à superfície do planeta. Uma equipe de astrônomos indianos dizia que ele iria passar a milhões de quilômetros de distância da Terra e por

fim mergulhar no Sol. As autoridades britânicas disseram que ele iria fazer qualquer coisa que os americanos dissessem que ele faria.

– Julio – disse a voz. Nenhuma reação.

Dirk não ouviu a próxima coisa que o rádio disse por causa do barulho de sua parede da frente sacudindo. No momento, sua parede da frente era composta de folhas grandes e grossas de polietileno, graças a um incidente ocorrido algumas semanas antes quando um avião de caça saiu arrebentando a parte da frente da sua casa até cair zunindo no distrito de Finsbury.

Havia, é claro, uma explicação perfeitamente lógica para isso, que Dirk estava cansado de dar. O motivo pelo qual ele tinha um avião de caça Tornado em seu hall de entrada era que ele não sabia que aquilo era um avião de caça Tornado. É óbvio que não. Até onde Dirk sabia, era apenas uma águia grande e mal-humorada que ele havia prendido em seu hall da mesma maneira que qualquer um faria para evitar que ela ficasse dando rasantes em cima dele o tempo todo. O fato de um enorme avião de caça Tornado ter assumido, por um breve período, a forma de uma águia se devia a um infeliz encontro aéreo com o lendário Thor, o Deus do Trovão, e...

Era nessa parte da história que Dirk geralmente tinha um pouco de dificuldade em manter a atenção dos seus pacientes ouvintes, cuja paciência, caso eles continuassem prestando atenção, ele testaria ainda mais ao explicar que Thor tinha se arrependido de seu ataque de raiva e decidido consertar as coisas devolvendo o Tornado à sua forma original. Infelizmente, Thor, por ser um deus, estava preocupado com coisas mais importantes e não havia telefonado com antecedência, como qualquer mero mortal teria feito, para conferir se aquela era uma boa hora. Simplesmente decretou que iria transformá-lo de volta e bum.

Devastação.

E, além disso, teve o calvário infernal com o seguro. As companhias de seguro envolvidas afirmaram que aquilo era, com base em qualquer critério racional, um desastre natural, um ato de Deus, por assim dizer. Mas, argumentou Dirk, que Deus? A Grã-Bretanha era constitucionalmente um Estado monoteísta cristão, e portanto qualquer “ato de Deus” definido em um documento legal deve se referir àquele camarada anglicano nos vitrais e não a algum brutamontes politeísta da Noruega. E assim por diante.

Enquanto isso, a casa de Dirk – que já não era nenhum palácio para começo de conversa – estava sustentada por andaimes e tapada com folhas de polietileno, e ele não fazia ideia de quando seria capaz de consertá-la. Se a companhia de seguros não pagasse pelos danos, Dirk teria que... bem, ele nem sabia direito o que teria que fazer. Não tinha dinheiro. Não dinheiro próprio, pelo menos. Tinha algum dinheiro no banco, mas não sabia quanto.

– Justin – entoou a vizinha. Não houve resposta alguma.

Dirk largou os extratos bancários fechados sobre a mesa da cozinha, fitando-os com repulsa. Ele teve a ligeira impressão de que os envelopes estavam vibrando um pouco e que o tempo e o espaço começavam a se revolver lentamente e a serem sugados para dentro de seu horizonte de eventos, mas devia ser só imaginação sua.

– Karl. – Nada. – Karel. Keir. – Nada. Nada.

Dirk preparou um café, dando a volta na cozinha pelo trajeto mais longo para evitar chegar perto demais dos extratos bancários, agora que os havia deixado ali. Sob certo aspecto, toda a estrutura de sua vida adulta podia ser considerada uma maneira de evitar abrir extratos bancários. Já os extratos bancários de outras pessoas – aí era bem diferente. Pouca coisa o deixava mais feliz do que analisar os extratos bancários alheios: sempre os considerava muito interessantes e repletos de possibilidades narrativas, especialmente se precisasse

segurá-los sobre o vapor para abri-los. Mas a perspectiva de abrir os seus próprios lhe dava arrepios.

– Keith – disse a voz nasalada, esperançosa. Nada. – Kelvin. – Não.

Dirk serviu seu café o mais lentamente possível, pois sabia que havia chegado a hora. Ele precisava abrir os extratos e encarar os fatos, por piores que fossem. Escolheu a maior faca que conseguiu encontrar e avançou na direção deles, ameaçador.

– Kendall. – Silêncio.

Abriu-os quase com indiferença, rasgando-os com um breve e sádico movimento cortante. Chegou até a gostar daquilo, para dizer a verdade, sentindo-se elegantemente cruel. Em questão de segundos, os quatro envelopes – seu histórico financeiro dos últimos quatro meses – estavam abertos. Dirk dispôs seus conteúdos à sua frente.

– Kendrick. – Nada.

– Kennedy.

A vozinha metálica estava começando a dar nos nervos de Dirk. Ele olhou para o canto da cozinha. Dois olhos angustiados o fitavam com silenciosa perplexidade.

Quando Dirk finalmente olhou para os números da última folha de papel, foi tomado por uma espécie de vertigem. Ficou ofegante. A mesa começou a se entortar e oscilar. Era como se as mãos do destino tivessem começado a massagear seus ombros. Já havia imaginado que a situação estava ruim – na verdade, quase não tinha feito outra coisa durante as últimas semanas –, mas mesmo em suas piores suposições não tinha imaginado que estivesse tão terrível assim.

Sentiu algo de pegajoso em sua garganta. Não era possível, não havia hipótese, que estivesse devendo 22 mil libras ao banco. Ele afastou a cadeira para trás e por alguns instantes ficou apenas sentado ali, sua cabeça latejando. Vinte e duas mil libras...

A palavra “Kenneth” flutuou pela cozinha, como se zombasse dele.

À medida que repassava em sua mente o que conseguia se lembrar dos seus gastos ao longo das últimas semanas – uma camisa comprada por impulso aqui, um lanche imprevisto ali, um fim de semana de gastança na ilha de Wight –, percebeu que só podia ter razão. Era impossível que estivesse devendo tanto dinheiro.

Dirk respirou fundo e tornou a olhar para os números.

Lá estavam eles novamente: 22.347,43 libras.

Devia haver algum engano. Algum engano terrível. O mais provável, é claro, era que o engano fosse dele. E, enquanto olhava para o papel, Dirk percebeu que estava enganado quanto ao tipo de engano que havia ocorrido.

Ele estava esperando encontrar um número negativo e, portanto, supôs que era isso que estava vendo. Na verdade, o extrato mostrava 22.347,43 libras. De crédito.

Nunca tinha visto coisa parecida. Nem sabia como era. Então, quando viu, não conseguiu reconhecer. Devagar, com cuidado, quase como se os números fossem cair da página e se perder no chão, ele folheou as páginas uma a uma para tentar descobrir de onde todo aquele dinheiro tinha saído. Nem sequer chegou a ouvir as palavras “Kenny”, “Kentigern” e “Kermit”.

Ficou imediatamente claro que quantias vinham sendo depositadas uma vez por semana. Sete remessas, até o momento. A mais recente havia batido em sua conta na sexta-feira retrasada, que era até onde aqueles extratos chegavam. O estranho era que, embora os depósitos fossem regulares, eles eram de quantias diferentes, mas não exatamente as mesmas. A da sexta-feira anterior tinha sido de 3.267,34 libras. A da quinta-feira antes dessa última (as remessas tinham sido creditadas sempre no final da semana, três na quinta, quatro na sexta) tinha sido de 3.232,57 libras. A da semana anterior era no valor de 3.319,14 libras. E assim por diante.

Dirk se levantou e respirou fundo. Que droga era aquela? Ele teve a sensação de que o mundo inteiro estava girando bem devagar e, até onde ele podia perceber, em sentido anti-horário. Isso desencadeou uma vaga lembrança de que da última vez que ele havia tomado tequila a bebida tinha feito o mundo girar devagar em sentido horário. Obviamente, então era disso que ele precisava se quisesse pensar naquilo tudo com clareza. Revirou às pressas um armário repleto de garrafas quase vazias e empoeiradas e encontrou o que queria. Meia garrafa de mescal. Serviu-se de um dedo da bebida em uma xícara de chá e voltou imediatamente aos extratos bancários, sentindo um pânico repentino de que os números tivessem desaparecido enquanto ele não estava olhando.

Mas eles continuavam ali. Grandes somas irregulares de dinheiro depositadas regularmente. Sua cabeça começou a rodar outra vez. O que era aquilo? Pagamentos de juros creditados por acidente na conta errada? Se fossem juros, isso poderia explicar a variação das quantias. Mas ainda não fazia sentido, pelo simples motivo de que juros de mais de três mil libras por semana representariam rendimentos em função de dois ou três milhões de libras e isso não era o tipo de coisa que o dono de uma quantia tão grande de dinheiro permitiria que fosse creditado na conta de outra pessoa, quanto mais por sete semanas seguidas. Tomou outro gole de mescal. A bebida marchou pela sua boca brandindo os punhos, aguardou alguns instantes e então começou a esmurrar o seu cérebro.

Ele não estava pensando naquilo racionalmente, percebeu. O problema era que aquela era sua própria conta bancária, e ele estava habituado a analisar as contas de outras pessoas. Como desta vez era a sua, ele poderia simplesmente telefonar para o banco e perguntar. Só que, naturalmente, o banco estava fechado àquela hora. E ele tinha uma sensação terrível de que, se telefonasse para lá, a resposta do gerente seria “Ops, desculpe, conta errada. Obrigado por chamar

nossa atenção para este erro. Que idiotice a nossa achar que esse dinheiro poderia ser seu”. Estava bem claro que ele precisava descobrir de onde vinha aquela grana antes de perguntar ao banco. Na verdade, precisava tirar o dinheiro do banco antes de perguntar a eles. Talvez precisasse ir para as ilhas Fiji ou para algum lugar parecido antes de fazer isso. Se bem que... e se o dinheiro continuasse a entrar?

Tornando a voltar sua atenção para os papéis, Dirty percebeu outra coisa que teria lhe saltado aos olhos imediatamente se ele não tivesse ficado tão transtornado. Havia um código ao lado de cada remessa, como era de se esperar. O propósito do código era informar que tipo de remessas eram aquelas. Fácil. Era só pesquisar o significado dos códigos. Todos os pagamentos haviam sido creditados em sua conta através de uma transferência internacional.

Humm.

Isso também explicaria a flutuação nos valores. Taxas de câmbio internacionais. Se a mesma quantia em moeda estrangeira fosse transferida todas as semanas, a variação nas taxas de câmbio resultaria no crédito de um valor ligeiramente diferente em cada ocasião. Isso também explicaria por que o dinheiro não batia na conta no mesmo dia todas as semanas. Embora uma transferência internacional demorasse menos de um segundo para ser feita por meios eletrônicos, os bancos gostavam de atrasar o processo o máximo possível para que os fundos ficassem dando lucro em seus sistemas por algum tempo.

Mas de que país aquelas remessas estavam vindo? E por quê?

– Kevin – disse a voz sueco-irlandesa. – Kieran.

– Ah, cale a boca! – gritou Dirk de repente.

Isso provocou uma reação. O pequeno border terrier que estava deitado em um cesto no canto da cozinha ergueu a cabeça com empolgação e latiu de prazer. Ele não tinha reagido a nenhum dos nomes que o velho computador vinha recitando de um arquivo de

texto de nomes de bebês, mas a criatura obviamente gostava de que lhe mandassem calar a boca e estava louca para ouvir aquilo de novo.

– Kimberly – disse o computador.

Nada. O cachorro sem nome parecia desapontado.

– Kirby. Kirk.

O cãozinho acomodou-se de volta em seu cesto de jornais velhos e voltou à sua postura anterior de aflição desnorteada.

Jornais velhos. Era disso que Dirk precisava.

Cerca de duas horas depois ele tinha a resposta, ou pelo menos uma espécie de resposta. Nada que chegasse a fazer algum sentido, mas o suficiente para que Dirk sentisse uma encorajadora onda de entusiasmo: ele tinha conseguido desvendar uma parte do mistério. Qual era o tamanho dessa parte, ainda não sabia. Até então, ele não fazia ideia da extensão do mistério com que estava lidando. Nem de longe.

Havia recolhido uma amostragem considerável dos jornais da semana anterior debaixo do cachorro, debaixo do sofá, debaixo da cama, espalhados pelo banheiro e, o que era mais importante, conseguira recuperar dois exemplares úmidos, porém fundamentais, do *Financial Times* de um velho mendigo em troca de um cobertor, um pouco de cidra e uma cópia do livro *A origem da consciência no colapso da mente bicameral*. Um pedido estranho, pensou ele enquanto voltava do pequeno parque, mas talvez não mais estranho do que o dele. Dirk era constantemente lembrado de como o mundo parecia diferente se você andasse um metro para a esquerda e o observasse dessa nova posição.

Usando a cotação publicada nos jornais, ele conseguiu construir um mapa da oscilação no câmbio das principais moedas do mundo durante as últimas semanas e ver como elas se comparavam com as

flutuações dos valores que haviam sido transferidos para a sua conta semanalmente. Em questão de instantes, a resposta ficou clara. Dólares americanos. Cinco mil, para ser exato. Se 5 mil dólares tivessem sido transferidos dos Estados Unidos para o Reino Unido todas as semanas, eles teriam chegado ao seu destino em quantias muito parecidas às que vinham aparecendo em sua conta bancária. Eureka. Hora de assaltar a geladeira para comemorar.

Dirk se afundou em frente à TV com três fatias de pizza fria e uma lata de cerveja, ligou o rádio também e colocou ainda um CD do ZZ Top. Precisava pensar.

Alguém estava lhe pagando 5 mil dólares por semana e vinha fazendo isso há sete semanas. Essa era uma notícia chocante. Ruminou um pedaço de pizza. Para completar, estava sendo pago por alguém nos Estados Unidos. Deu outra mordida na fatia coberta de queijo, pepperoni, carne moída picante, anchovas e ovo. Dirk nunca havia passado muito tempo nos Estados Unidos e não conhecia ninguém lá – nem em qualquer parte da face da Terra, por sinal – que pudesse estar disposto a enchê-lo de dinheiro a troco de nada.

Outro pensamento brotou em sua cabeça, mas desta vez não foi sobre dinheiro. Uma canção do ZZ Top sobre comida congelada o fez pensar por alguns instantes em sua pizza, que ele encarou com uma expressão intrigada. Queijo, pepperoni, carne moída picante, anchovas e ovo. Não era de espantar que tivesse ficado com azia hoje. As outras três fatias tinham sido seu café da manhã. Aquela era uma combinação na qual Dirk – e talvez mais ninguém em todo o mundo – era viciado, embora tivesse dado um tempo dela há alguns meses porque seu estômago não aguentava mais. Porém, não tinha pensado duas vezes ao topar com ela na geladeira naquela manhã, porque era exatamente o tipo de coisa que qualquer um gostaria de encontrar na

geladeira. Nem lhe passou pela cabeça questionar quem a havia colocado ali. Não tinha sido ele.

Lentamente, morrendo de nojo, tirou o pedaço meio mastigado da boca. Não acreditava na fada das pizzas.

Jogou fora os restos babados e meio mastigados e então pôs-se a examinar as duas fatias restantes. Não havia nada de incomum ou suspeito nelas. Era exatamente a pizza que costumava comer antes de se obrigar a parar com isso. Dirk telefonou para a pizzaria e perguntou se mais alguém tinha pedido uma pizza com aquela combinação específica de ingredientes.

– Ah, então você é o cara que pede a *gastriciana*? – disse o pizzaiolo.

– A o quê?

– É como nós a chamamos. Não, colega, ninguém nunca pediu esta combinação maravilhosa além de você, acredite.

Dirk não ficou muito satisfeito com o teor daquela conversa, mas preferiu deixar pra lá. Desligou o telefone, pensativo. Sentia que algo muito estranho estava acontecendo, mas não sabia o quê.

– Ninguém sabe nada.

As palavras chamaram sua atenção e ele olhou para a TV. Um californiano animado vestido com uma camisa havaiana estava respondendo perguntas sobre um meteoro que se aproximava. Ele chamava o meteoro de Até Loguinho.

– Até Loguinho? – perguntou o repórter, correspondente da BBC na Califórnia.

– Isso. Nós o chamamos de Até Loguinho porque você pode dizer adeus a qualquer coisa que ele atinja – disse o californiano sorridente.

– Então você está dizendo que ele vai nos atingir?

– Estou dizendo que não sei. Ninguém sabe.

– Bem, os cientistas da NASA estão falando que...

– A NASA – interrompeu o californiano com simpatia – está falando merda. Eles não sabem nada. Se nós não sabemos, posso garantir que eles também não. Aqui na Similarity Engines temos os mais poderosos computadores da Terra, então, quando digo que não sabemos, sei do que estou falando. Nós sabemos que não sabemos, e sabemos por que não sabemos. A NASA nem isso sabe.

A próxima matéria do noticiário também se passava na Califórnia e era sobre um grupo chamado Brotos Verdes, que estava conseguindo bastante apoio. Sua visão, que calava fundo na psique cansada de guerra de muitos americanos, era que o mundo era capaz de tomar conta de si mesmo, então não fazia sentido nos preocuparmos tanto com isso ou tentarmos controlar nossos impulsos naturais. “Não se preocupe, seja feliz” era o slogan do grupo, citando o título da famosa canção “Don’t Worry, Be Happy”.

“Grandes bolas de fogo”, pensou Dirk com seus botões, citando por sua vez a canção “Great Balls of Fire”.

– Cientistas na Austrália – falou alguém no rádio – estão tentando ensinar cangurus a falar. – Dirk decidiu que o que ele mais precisava era de uma boa noite de sono.

Pela manhã, de repente as coisas parecerem maravilhosamente claras e simples. Ele não tinha respostas para nada, mas sabia o que fazer a respeito disso. Alguns telefonemas para o banco haviam determinado que traçar a origem do dinheiro seria muito difícil – em parte porque essa já era uma tarefa complicada por si só, em parte porque quem quer que estivesse lhe pagando havia se dado o trabalho de cobrir seus rastros, mas principalmente porque o funcionário do setor de transferências estrangeiras tinha lábio leporino.

A vida era curta demais, o tempo estava muito bom e o mundo era repleto de perigos interessantes e empolgantes. Dirk iria velejar.

A vida, como ele gostava de dizer a si mesmo, era como um oceano. Você poderia atravessá-lo contra a maré, como se fosse um

barco a motor, ou poderia seguir a direção do vento e das correntes – em outras palavras, velejar. Ele tinha o vento: estava sendo pago por alguém. Supostamente, esse alguém estava lhe pagando para fazer algo, mas não lhe dissera o quê. Bem, isso era direito do cliente. Mas Dirk tinha a sensação de que deveria retribuir esse impulso generoso fazendo algo. Mas o quê? Bem, ele era um detetive particular, e o que detetives particulares fazem quando estão sendo pagos é basicamente seguir outras pessoas.

Então era simples. Dirk iria seguir alguém.

O que significava que só lhe restava encontrar uma boa corrente: alguém para seguir. Bem, para isso servia a janela do seu escritório, com um mundo inteiro passando do lado de fora – ou algumas pessoas, pelo menos. Ele escolheria uma. Começou a ficar empolgado ao perceber que sua investigação estava finalmente começando, ou começaria em breve, assim que a próxima pessoa – não, a próxima pessoa não, a... quinta próxima pessoa – dobrasse a esquina que ele podia ver do outro lado da rua.

Ficou feliz por se permitir um breve período de preparação mental. Quase imediatamente, uma mulher gigantesca dobrou a esquina, acompanhada a contragosto por seus dois filhos, a quem ela enchia de broncas e reprimendas a cada passo. Dirk suspirou de alívio por não ser ela quem ele iria seguir.

Continuou parado à janela, em uma expectativa silenciosa. Durante alguns minutos, ninguém mais dobrou a esquina. Dirk ficou observando a mulher enorme obrigar seus dois filhos a entrarem com ela na banca de jornal do outro lado da rua, apesar de estarem berrando que queriam ir para casa ver TV. Uns dois minutos depois, ela os arrastou de volta para o sol apesar de estarem berrando que queriam tomar sorvete e comprar gibis.

Ela seguiu pela rua acima puxando-os atrás de si e o silêncio voltou a cair sobre a cena.

Dirk tinha se mudado recentemente para o seu novo escritório – novo para ele; o prédio em si era velho, depredado e continuava de pé mais por uma questão de hábito do que de integridade estrutural – e o achava muito melhor do que o anterior, que ficava a quilômetros de qualquer outro lugar. No seu antigo escritório, ele poderia ter ficado a semana inteira esperando cinco pessoas dobrarem a esquina.

O número quatro apareceu.

O número quatro era um carteiro. Uma gota de suor brotou na testa de Dirk enquanto ele começava a perceber quanto seu plano podia dar errado.

E lá estava o número cinco.

O número cinco chegou de supetão. Devia ter uns 20 e tantos anos, um pouco alto, com cabelo ruivo e jaqueta de couro preta. Depois de dobrar a esquina, parou e ficou alguns instantes ali. Olhou ao redor como se esperasse encontrar alguém. Dirk começou a se mover, quando de repente o número seis dobrou a esquina.

O número seis era outra coisa bem diferente: uma mulher apetitosa de calça jeans, com cabelos negros curtos e cheios. Dirk esbravejou mentalmente e se perguntou se não tinha querido dizer seis, em vez de cinco. Mas não. Trabalho era trabalho, e ele estava recebendo uma grana preta para fazer aquilo. Era seu dever para com quem quer que estivesse lhe pagando cumprir qualquer que fosse o acordo que eles nunca tinham firmado. Mas o número cinco continuava parado ali, fazendo hora na esquina, e Dirk desceu correndo até o térreo para começar a segui-lo.

Ao abrir a porta da frente rachada, deparou com o número quatro, o carteiro, que lhe entregou um maço de cartas. Dirk as enfiou no bolso e saiu correndo em direção à rua e ao sol de primavera.

Fazia algum tempo que não seguia ninguém e descobriu que tinha perdido o jeito. Saiu tão empolgado no encalço de seu alvo que estava andando rápido demais e teria que passar direto por ele. Foi o

que fez, detendo-se por alguns segundos antes de se virar para trás e voltar pelo mesmo caminho, o que fez com que trombasse de frente com o homem que estava seguindo. Dirk ficou tão desnortado ao ver que tinha dado um encontrão na pessoa que deveria seguir sorratamente que, para acabar com qualquer desconfiança, saltou para dentro de um ônibus que passava.

Aquele não parecia ter sido um bom começo. Ficou sentado no ônibus por alguns instantes, totalmente pasmo com sua própria trapalhada. Estava recebendo 5 mil dólares por semana para fazer aquilo. Bem, de certa forma. Foi então que percebeu que as pessoas estavam olhando para ele de um jeito meio estranho. Olhariam mais estranho ainda se tivessem a mínima ideia do que ele estava fazendo, pensou Dirk.

Ele se virou para trás em seu banco e apertou os olhos de volta para a rua, perguntando-se o que poderia fazer em seguida. Normalmente, quando você está seguindo alguém, é um problema se a pessoa entra num ônibus de repente, mas, se você mesmo faz isso, é um problema maior ainda. Talvez fosse melhor descer e tentar recuperar o rastro do sujeito, mas nem imaginava como conseguiria fazer isso sem parecer óbvio. Assim que o ônibus parou no ponto seguinte, ele saltou e voltou para a Rosebery Avenue. Antes que pudesse chegar muito longe, percebeu que seu alvo vinha andando em sua direção. Dirk refletiu que tinha escolhido um alvo extraordinariamente prestativo e compreensivo, melhor do que ele merecia. Era hora de tomar tenência e ser um pouco mais discreto. Como estava quase em frente à porta de um pequeno café, aproveitou para entrar ali. Parou diante do balcão, onde pretendia fingir estar indeciso quanto aos sanduíches até ver seu alvo passar.

Mas ele não passou. Em vez disso, entrou no café e parou atrás de Dirk diante do balcão. Em pânico, Dirk pediu um rolinho de atum e milho, que ele detestava, e um cappuccino, que não combinava nem

um pouco com peixe, e sentou-se às pressas a uma das pequenas mesas. Queria enfiar a cara em um jornal, mas não tinha nenhum, então teve que se contentar com suas correspondências. Começou a analisá-las com atenção. Várias contas, como sempre absurdas e ridiculamente otimistas quanto a serem pagas. Várias malas-diretas do tipo que detetives particulares costumam receber – catálogos cheios de engenhocas eletrônicas, anúncios de kits de coleta de impressões digitais ou novas e revolucionárias tiras de plástico ultrafinas. Dirk não tinha o menor interesse em nada daquilo, embora tenha se detido por alguns instantes em um folheto com o anúncio de um novo livro sobre técnicas avançadas de vigilância. Depois amassou-o com raiva, jogando-o no chão.

O último envelope era outro extrato bancário. Fazia um tempo que o banco havia criado o hábito de enviá-los para ele toda a semana, só por descargo de consciência, na verdade. Ainda não tinham se habituado à sua nova saúde financeira, ou não confiavam nela. Ou talvez nem tivessem notado. Ele abriu o extrato, ainda mal acreditando naquilo.

Sim.

Mais 3.253,29 libras. Sexta-feira passada. Incrível. Inexplicável. Mas estava lá.

Só que também havia algo estranho desta vez. Dirk demorou um pouco para notar, pois estava mantendo um olho em seu alvo, que estava comprando um café e um donut e correndo os dedos por um maço de notas de vinte para pagar.

O último lançamento no extrato de Dirk era um saque realizado com seu cartão de débito: quinhentas libras. Ontem. O extrato obviamente tinha sido enviado depois do expediente bancário do dia anterior, de modo que as transações estavam atualizadas. Isso era tudo muito bonito, eficiente e um ótimo exemplo da eficácia da tecnologia computacional moderna, é claro, mas o fato era que Dirk não havia

sacado dinheiro algum ontem ou em qualquer outro dia, por sinal. Seu cartão só podia ter sido roubado. Desesperado, fisciou sua carteira.

Seus cartões estavam ali. Em segurança.

Não conseguia imaginar como um fraudador conseguiria fazer um saque sem o cartão propriamente dito. De repente, um pensamento terrível lhe deu um soco no estômago. Aqueles extratos eram seus mesmo, não eram? Alarmado, conferiu as informações no papel. Sim. Seu nome, seu endereço, seu número de conta. Também havia conferido várias vezes os outros extratos na noite passada. Definitivamente, eram seus. Aquelas apenas não pareciam ser as suas transações financeiras, só isso.

Hora de se concentrar no trabalho. Dirk levantou a cabeça. Seu alvo estava sentado a duas mesas de distância, mastigando pacientemente seu lanche e olhando para o nada.

Em questão de instantes, ele se levantou, espanou algumas migalhas da jaqueta de couro, virou-se e se encaminhou para a porta. Parou ali por alguns momentos, como se tentasse decidir para onde ir, então continuou seguindo o mesmo caminho de antes a passos lentos. Dirk enfiou suas correspondências no bolso e foi em seu encaço discretamente.

Ele logo percebeu que tinha escolhido um bom alvo. Seus cabelos ruivos brilhavam como um farol sob a luz do sol, então, sempre que o sujeito era engolido pela multidão, Dirk só precisava esperar alguns segundos para tornar a vê-lo, andando distraidamente pela rua.

Dirk se perguntou o que ele fazia da vida. Não muita coisa, ao que parecia – ou pelo menos não hoje. Após uma agradável caminhada por Holborn em direção ao West End, entrou em duas livrarias, onde passou cerca de meia hora (Dirk anotou os títulos dos livros que seu alvo folheou); depois, parou para tomar (outro) café em uma lanchonete italiana e dar uma olhada no jornal especializado em teatro *The Stage* (o que provavelmente explicava por que ele

tinha tanto tempo livre para zanzar por livrarias e lanchonetes italianas); para terminar, fez um longo e vagaroso passeio pelo Regent's Park, passando em seguida por Camden e então voltando para Islington. Dirk estava começando a achar que aquela coisa de seguir as pessoas era muito saudável. Ar fresco, exercício – ele estava tão bem disposto ao final do dia que, assim que voltou para casa e atravessou a porta de entrada (ou melhor, a folha de polietileno de entrada), ficou imediatamente claro que o nome do cachorro era Kierkegaard.



Capítulo 5

As soluções sempre vêm de onde você menos espera, o que significa que não adianta ficar olhando para lá, porque não é dessa direção que elas virão.

Essa era uma observação que Dirk vivia fazendo para as pessoas e ele tornou a fazê-la para Kate naquela noite, quando telefonou para ela.

– Calma lá, calma lá – disse ela, tentando encaixar uma frase no monólogo de Dirk. – Você está me dizendo que...

– Estou dizendo que o falecido marido da velha que esqueceu o nome do cachorro era um biógrafo.

– Mas...

– E imagino que você saiba que biógrafos têm o hábito de homenagear seus biografados quando escolhem o nome de seus animais de estimação.

– Não, não sabia. Eu...

– É para eles terem alguém com quem gritar quando ficam de saco cheio. Você passa horas chafurdando nas ideias de um sujeito sobre a suspensão teológica da ética ou sei lá o quê e chega um momento que simplesmente precisa poder gritar: “Ah, cala a boca, Kierkegaard, pelo amor de Deus.” Daí o nome do cachorro.

– Dirk...

– Alguns biógrafos usam um pequeno objeto de madeira ou uma planta, mas a maioria prefere algo que dê uns bons latidos. É uma

questão de feedback, entende? Por falar nisso, por acaso você tem alguma observação a fazer?

– Dirk, você está me dizendo que passou o dia inteiro seguindo um completo estranho?

– Exatamente. E pretendo fazer a mesma coisa amanhã. Vou ficar escondido em frente à casa dele desde que o sol raiar. Bem, desde um pouco depois. Não preciso chegar tão cedo. Ele é ator.

– Você pode ser preso por isso!

– Ossos do ofício. Kate, estão me pagando 5 mil dólares por semana. Tenho que estar preparado para...

– Mas não para seguir um completo estranho!

– Quem quer que esteja contratando meus serviços conhece meus métodos. E eu somente os estou aplicando.

– Você não sabe nada sobre a pessoa que contratou seus serviços.

– Pelo contrário, sei muita coisa.

– Está bem, como ela se chama?

– Frank.

– Frank do quê?

– Não faço ideia. Olhe, eu não sei se a pessoa se chama Frank. O nome dele, ou dela, não faz a menor diferença. A questão é que essa pessoa tem um problema. O problema é grave, ou então ela não estaria me pagando uma quantia considerável para resolvê-lo. E o problema é inefável, ou então ela teria me dito qual é ele. Seja quem for essa pessoa, ela sabe quem eu sou, onde estou e qual a melhor forma de me contatar.

– Ou talvez o banco tenha apenas cometido um erro. É difícil de acreditar, eu sei, mas...

– Kate, você acha que eu estou falando uma maluquice, mas não estou. Preste atenção. No passado, as pessoas ficavam olhando para o fogo por horas e horas quando queriam pensar. Ou para o mar. A dança da natureza, as formas e os padrões, penetra mais fundo em

nossa mente do que conseguiriam a razão e a lógica. A questão é que a lógica só consegue trabalhar a partir de premissas e suposições que já tenhamos feito, então ficamos rodando em círculos sem parar, como carrinhos de brinquedo. Precisamos das forças dançantes para nos tirar desse círculo vicioso, mas elas são cada vez mais raras hoje em dia. Não se pode ficar olhando para um radiador. Não se pode mais olhar para o mar. Quer dizer, poder você pode, mas ele está cheio de garrafas de plástico e camisinhas usadas, então o máximo que você consegue é ficar sentado ali de mau humor. Tudo o que temos para ficar observando é o ruído branco. Essa coisa que às vezes chamamos de informação, mas que na verdade não passa de tagarelice flutuando pelo ar.

– Mas sem a lógica...

– A lógica vem depois. É como nós refazemos nossos passos. É ser sensato depois do ocorrido. Antes do ocorrido, você tem que ser muito idiota.

– Ah. Então é isso que você está fazendo.

– Exato. Bem, já serviu para solucionar um problema. Não sei quanto tempo teria levado para desvendar sozinho que o nome daquele maldito cachorro era Kierkegaard. Foi só pelo mais feliz dos acasos que o sujeito que eu estava perseguindo calhou de pegar justamente uma biografia de Kierkegaard, que eu então descobri, quando fui olhá-la, que tinha sido escrita pelo homem que depois pularia de um guindaste com um elástico preso nas pernas só por diversão.

– Mas os dois casos não têm nada a ver um com o outro.

– Já não mencionei que acredito que tudo está fundamentalmente interconectado? Acho que sim.

– Já.

– É por isso que agora eu preciso investigar alguns dos outros livros em que meu alvo estava interessado antes de me preparar para a

expedição de amanhã.

– ...

– Consigo ouvir você balançando a cabeça de tristeza e perplexidade. Não se preocupe. Tudo está ficando perfeitamente fora de controle.

– Se você diz, Dirk. Ah, e, por sinal, o que significa “inefável”?

– Não sei – falou ele, lacônico –, mas pretendo descobrir.



Capítulo 6

Na manhã seguinte, o tempo estava tão feio que mal merecia ser chamado de tempo, então Dirk resolveu chamá-lo de Stanley.

Stanley não era um pé-d'água. Não há nada de errado com um belo pé-d'água para dar uma limpada no ar. Stanley, na verdade, era o tipo de coisa que precisava ser limpada do ar por um belo pé-d'água. Stanley era abafado, desagradável e opressivo, como um gordo suado imprensando você no vagão do metrô. Stanley não chovia, mas de vez em quando babava em cima de você.

Dirk estava parado na rua debaixo de Stanley.

O ator já o havia feito esperar por mais de uma hora, e Dirk estava começando a desejar ter se mantido firme em sua opinião de que atores nunca se levantam cedo. Mas apareceu empolgado em frente ao apartamento do ator por volta de oito e meia da manhã e passou uma hora atrás de uma árvore.

Quase uma hora e meia agora. Houve um breve momento de adrenalina quando um motoboy chegou para entregar uma pequena encomenda, mas isso foi tudo.

O Incidente da Chegada do Motoboy o surpreendeu um pouco. O ator não parecia ser dos mais bem-sucedidos. Sua carreira parecia estar mais no ponto ainda-batendo-à-porta-dos-outros do que no ponto um-motoboy-vem-entregar-roteiros-na-minha-casa.

O tempo se arrastava. Dirk já havia lido e relido a pequena coleção de jornais que havia trazido consigo e conferido várias vezes

o conteúdo de sua carteira e seus bolsos: o habitual conjunto de cartões de visita de pessoas que não se lembrava de ter encontrado, números de telefone impossíveis de identificar em pedaços de papel, cartões de crédito, talão de cheques, seu passaporte (ele havia se lembrado de repente de que o deixara no bolso de outro paletó quando seu alvo tinha parado por algum tempo em frente à vitrine de uma agência de viagens no dia anterior), sua escova de dentes (Dirk nunca saía sem a sua escova de dentes, o que significava que àquela altura ela estava inutilizável) e seu bloco de anotações.

Ele chegou até a consultar o horóscopo em um dos jornais, que era escrito por um infame amigo seu que trabalhava sem o menor escrúpulo sob a alcunha de O Grande Zaganza. Primeiro, correu os olhos pelos textos de outros signos, só para ter uma ideia do tipo de humor de GZ no momento. Favorável, a princípio. “A sua habilidade de enxergar mais à frente o ajudará a enfrentar algumas das pequenas dificuldades que encontrará quando Mercúrio...”; “As últimas semanas vêm testando sua paciência, mas novas possibilidades começarão a surgir à medida que o Sol...”; “Não deixe que as outras pessoas se aproveitem da sua boa índole. Você precisará de mais determinação do que nunca quando...”. Uma chatice só. Ele leu a previsão do próprio signo: “Hoje você vai encontrar um rinoceronte de três toneladas chamado Desmond.”

Dirk fechou o jornal com irritação e, neste exato momento, a porta se abriu de repente. O ator saiu com um ar determinado. Carregava uma pequena mala de mão, uma bolsa a tiracolo e um casaco. Algo estava acontecendo. Dirk conferiu seu relógio. Dez e três. Ele fez uma rápida anotação em seu bloco. Seu pulso acelerou.

Um táxi desceu a rua na direção deles. O ator fez sinal. Droga! Por conta de um detalhe tão simples, ele iria escapar. O ator entrou no táxi, que seguiu pela rua, passando por Dirk, que percebeu o homem olhando para ele pela janela traseira. Dirk ficou observando,

impotente, e então olhou de um lado para outro da rua na vã esperança de que...

Quase por milagre, um segundo táxi apareceu, vindo em sua direção. Dirk esticou um braço e o veículo parou à sua frente.

– Siga aquele táxi! – exclamou Dirk, enfiando-se no banco de trás.

– Há vinte anos que eu sou taxista – falou o motorista enquanto voltava a pegar o tráfego. – E esta é a primeira vez que alguém me diz isso.

Dirk se empoleirou na ponta do banco, vigiando o táxi da frente enquanto ele seguia pelo lento e angustiante congestionamento londrino.

– Agora, isso pode não significar nada para você, mas é interessante, não é?

– O quê? – perguntou Dirk.

– Quando você vê qualquer coisa na TV em que alguém entra em um táxi, a pessoa sempre diz “Siga aquele táxi”, não diz?

– É? Nunca percebi – falou Dirk.

– Bem, claro que não – disse o taxista. – Você não é do ramo. O que percebe ou não depende do que você é. Se é taxista, então o que mais percebe quando está vendo TV são taxistas. Fica de olho no que os colegas estão fazendo. Entende?

– Hã, entendo – respondeu Dirk.

– Mas na televisão você nunca vê exatamente os taxistas, não é? Só a pessoa que está no banco de trás. É como se o taxista não tivesse nenhuma importância.

– É, acho que sim. Hum, você ainda está vendo o táxi que deveríamos estar seguindo?

– Ah, sim, pode ficar tranquilo. Então, as únicas vezes em que você vê o taxista é quando o passageiro fala alguma coisa com ele. E, quando um passageiro diz alguma coisa para um taxista na TV, sabe o que é, todas as vezes?

– Deixe-me adivinhar – falou Dirk. – “Siga aquele táxi!”

– Exatamente. Então, se formos acreditar no que a TV mostra, a única coisa que os taxistas fazem é seguir outros taxistas.

– Humm – fez Dirk, não muito convencido.

– O que me deixa em uma posição muito estranha, por ser o único taxista a quem ninguém pede para seguir outro taxista. O que por sua vez me leva à conclusão incontornável de que devo ser o taxista que todos os outros taxistas estão seguindo...

Dirk olhou pela janela, apertando os olhos para tentar ver se havia algum outro táxi que pudesse pegar.

– Agora, não estou dizendo que é isso que realmente acontece, mas dá para entender que alguém possa pensar assim, não dá? É o poder da mídia!

– Teve uma série de TV que era só sobre taxistas – comentou Dirk. – Ela se chamava, se bem me lembro, *Taxi*.

– Sei, mas não é disso que eu estou falando – disse o taxista, inflexível. – Estou falando sobre o poder que a mídia tem de distorcer a realidade ao seu bel-prazer. É disso que estou falando. Até porque, se você parar para pensar, todos nós vivemos em nossa própria realidade diferente, não é não? Digo, se você parar mesmo para pensar.

– Bem, sim, acho que você tem razão – concordou Dirk, um tanto desconfortável.

– Ora, veja só aqueles cangurus que eles estão tentando ensinar a falar. O que as pessoas acham que nós vamos ter para falar com eles? O que vamos dizer, hã? “E então... como é essa vida de pular por aí?” “Ah, vai indo. Não posso reclamar. Mas essa bolsa na minha frente é meio chata, está sempre cheia de sujeirinhas e clipes de papel.” Não vai ser assim. Aqueles cangurus têm cérebros do tamanho de uma noz. O mundo deles não é igual ao nosso, entende? Está me acompanhando?

– Você ainda está vendo o táxi que estamos seguindo?

– Perfeitamente. Devo chegar antes dele, inclusive.

Dick fechou a cara.

– Deve chegar antes dele aonde?

– No aeroporto Heathrow.

– E como você sabe que ele está indo para o Heathrow?

– Qualquer taxista sabe dizer quando um colega está indo para o Heathrow.

– Como assim?

– É só ficar atento aos sinais. Está bem, tem algumas coisas óbvias, como o passageiro estar carregando bagagem. E tem também a rota que o colega está pegando. Isso é moleza. Mas daí você me pergunta: “E se ele estiver apenas indo passar uns dias na casa de amigos em Hammersmith?” Tudo o que posso dizer é que o passageiro não entrou no táxi do jeito que alguém entraria se estivesse indo passar uns dias na casa de amigos em Hammersmith. Então, quais são as outras pistas? Bem, é aí que você precisa ser um taxista para saber. A rotina de um taxista é uma coisinha aqui, outra ali, sempre na correria. Você não sabe o que vai acontecer de um minuto para o outro, que tipo de corrida vai pegar, como vai ser o seu dia. Fica rodando pela cidade, meio inquieto. Mas, quando pega um passageiro para o Heathrow, você está feito. Já garantiu uma bela corrida, daí é só esperar mais ou menos uma hora na fila para garantir outra bela corrida de volta para a cidade. Pronto, sua manhã inteira está resolvida. Você dirige de um jeito totalmente diferente. Segue mais à frente na estrada, faz melhor as curvas. Vai que é uma beleza. Tem um destino certo. Nós chamamos isso de a Dança do Heathrow. Qualquer taxista sabe reconhecer.

– Hum – falou Dirk. – Que incrível.

– O que você percebe depende do que você é.

– Você não saberia dizer que voo ele vai pegar, saberia? –
perguntou Dirk.

– O que você pensa que eu sou, parceiro? Um detetive particular,
por acaso?

Dirk se recostou no banco e pôs-se a olhar pela janela, pensativo.



Capítulo 7

Deve haver algum tipo de doença que faz com que as pessoas falem desse jeito, e o nome dela deve ser algo como Síndrome da Acentuação Tônica Aeronáutica. É um mal que parece ocorrer cerca de 3 mil metros acima do nível do mar e que vai se tornando cada vez mais acentuado – se é que esta é a palavra apropriada neste contexto – quanto maior a altitude, até se estabilizar em um patamar totalmente absurdo por volta dos 10 mil metros. Ele faz pessoas normalmente racionais começarem a dizer coisas como “O capitão acaba de desligar o sinal do cinto de segurança” – como se houvesse alguém no cockpit tentando negar que o capitão tenha feito tal coisa, que ele é de fato o capitão e não um impostor e que não há um monte de sinais de cinto de segurança inferiores em que ele talvez não tivesse mexido.

Outra coisa que fez Dirk refletir enquanto se recostava no assento foi a curiosa coincidência de que não só o exterior das aeronaves costumava parecer a parte de fora de um aspirador de pó, como também o interior delas costumava cheirar como a parte de dentro de um aspirador de pó.

Ele aceitou uma taça de champanhe oferecida pelo comissário de bordo. Dirk imaginava que a maioria das palavras que a tripulação usava, ou melhor, a maioria das frases em que elas eram combinadas, tinha sido explorada até a morte. As estranhas acentuações tônicas que o pessoal de bordo insistia em aplicar nelas eram como os

choques elétricos aplicados em vítimas de ataques cardíacos para tentar reanimá-los.

Enfim.

Aquela uma hora e meia tinha sido estranha e complicada. Dirk ainda não estava nem um pouco convencido de que algo não havia saído terrivelmente errado e sentia-se tentado, agora que o sinal do cinto de segurança tinha sido desligado pelo capitão, a se levantar e dar um passeio pela aeronave para dar uma conferida em seu alvo. Mas ninguém iria sair do avião ou entrar nele durante um bom tempo, então talvez fosse mais sensato se segurar por mais uma hora. Ou até mais. Afinal de contas, aquele era um voo de onze horas de duração para Los Angeles.

A princípio, Dirk não tinha planos de ir a Chicago no dia de hoje, e a visão de seu alvo entrando na fila para o balcão de check-in do voo das 13h30 para esta cidade o fez tremer nas bases. Mas ele era um homem de palavra, então depois de uma breve pausa para se certificar de que seu alvo não tinha ido ao balcão de check-in apenas para perguntar onde ficava a loja de gravatas, Dirk se encaminhou meio zonzinho para o balcão de vendas de bilhetes e desembolsou a grana.

Empolgado com a repentina boa saúde financeira, comprou um bilhete para a classe executiva. Seu empregador anônimo era obviamente alguém de recursos, que não iria criar caso por conta de alguns pequenos gastos extras. Além do mais, e se o seu alvo estivesse viajando de classe executiva? Dirk não poderia ficar de olho nele de um assento nos fundos da aeronave. Era quase possível defender a necessidade de viajar de primeira classe, mas não, admitiu Dirk para si mesmo com relutância.

Só que agora, uma hora e meia depois de o avião ter decolado, Dirk começava a ter suas dúvidas. Como passageiro da classe executiva, ele não tinha acesso ao setor da primeira classe bem na ponta do avião, mas, fora isso, podia vagar livremente por onde bem

entendesse. Já havia subido e descido todos os corredores três vezes e vigiado sorrateiramente cada uma das portas de banheiro, mas mesmo assim não tinha visto seu alvo em lugar algum. Ou ele estava na cabine de primeira classe, ou estava fora do avião.

Primeira classe? Não parecia ser o caso. Só o preço da passagem pagaria alguns meses de aluguel do seu alvo. Mas quem sabe? Talvez ele tivesse chamado atenção de algum olheiro de Hollywood que o havia colocado em um avião para fazer um teste nos Estados Unidos. Entrar na cabine de primeira classe para dar uma rápida olhada seria fácil, mas não sem chamar atenção.

Ele estaria fora do avião? Dirk o havia visto seguir em direção ao controle de passaportes, mas houve um momento em que o sujeito olhou em volta de repente e Dirk se escondera às pressas em uma livraria.

Alguns segundos depois, quando Dirk voltou a erguer a cabeça, seu alvo havia sumido – por ter entrado, supôs ele, na área de embarque. Dirk tinha passado algum tempo enrolando na livraria, comprado alguns jornais e livros, e então seguido o mesmo caminho.

Não havia ficado especialmente surpreso por não ter visto seu alvo em nenhuma parte: a área de embarque era um labirinto ofuscante de lojas, cafés e áreas de espera inúteis, e Dirk achou que não fazia sentido algum ficar dando voltas por ali atrás dele. Eles seriam afunilados na mesma direção, de qualquer forma. Pegariam o mesmo voo.

Será que ele não estava no avião? Dirk ficou petrificado em seu assento. Pensando melhor, ele precisava admitir que a última vez que tinha visto seu alvo em carne e osso tinha sido antes de ele passar pelo controle de passaportes e que todo o resto se baseava na suposição de que ele iria fazer exatamente o que Dirk havia decidido que ele faria. E essa, como ele percebia agora, era uma suposição e tanto.

Ontem, ele havia saltado para dentro de um ônibus como um amador enquanto perseguia aquele homem. Hoje, ao que parecia, tinha embarcado por descuido em um avião para Chicago. Ele levou a mão à testa e se perguntou, com toda a sinceridade, se era mesmo um bom detetive.

Chamou um comissário de bordo, pediu um copo de uísque e pôs-se a bebericá-lo bem devagar. Depois de um tempo, enfiou a mão na sacola de plástico com os livros e jornais que comprara. Já que estava ali, o melhor que podia fazer era matar o tempo. Bufando resignado, retirou da sacola algo que não se lembrava de ter colocado ali.

Era um pacote de envio de uma empresa de courier, que já havia sido aberto. Enquanto franzia a testa lentamente, Dirk retirou seu conteúdo: um exemplar do livro *Técnicas avançadas de vigilância*. Dirk o reconheceu. No dia anterior, havia recebido um folheto pelo correio a respeito dele, mas tinha amassado e jogado no chão. Dobrado entre duas páginas do livro estava o mesmíssimo folheto, desamassado e alisado de volta. Com uma terrível sensação de mau agouro, Dirk o desdobrou devagar. Ali, escritas com uma caneta hidrográfica numa caligrafia estranhamente familiar, estavam as palavras “Bon Voyage!”. O comissário de bordo se inclinou diante dele:

– Gostaria de mais uma bebida, senhor? – perguntou.



Capítulo 8

O sol estava bem alto acima do Pacífico distante. O dia estava claro, o céu, azul e límpido, e o ar, se você gostasse do cheiro de carpetes queimados, perfeito. Los Angeles. Uma cidade que eu nunca visitei.

Um carro conversível azul, reluzente e desejável vinha em alta velocidade do oeste de Beverly Hills ao longo das graciosas curvas da Sunset Boulevard. Qualquer um que visse um carro daqueles o cobiçaria. Ele era feito para ser cobiçado. Se as pessoas começassem a não cobiçá-lo tanto assim, os engenheiros o remodelariam até elas o cobiçarem outra vez. O mundo de hoje é repleto de coisas como essa, e é por isso que todos estão em um estado de perpétua insatisfação tão grande.

Quem o conduzia era uma mulher, e posso dizer sem medo de errar que ela era linda. Tinha cabelos pretos cortados na altura dos ombros e os fios perfeitamente lisos balançavam em meio à brisa quente. Eu poderia falar sobre o que ela vestia, mas sou péssimo com roupas e, se começasse a dizer que ela usava um não sei o quê Armani ou algo da grife fulana de tal, você saberia na mesma hora que estou fingindo mas, como está se dando o trabalho de ler o que eu escrevi, pretendo tratá-lo com respeito, mesmo que às vezes, da forma mais amigável e bem-intencionada possível, eu acabe mentindo para você. Então, direi apenas que as roupas que ela vestia eram exatamente do tipo que alguém que entende muito mais de roupas do que eu admira

bastante, e eram azuis. Palmeiras impossivelmente altas se erguiam acima dela e mexicanos silenciosos transitavam por gramados impossivelmente perfeitos.

Avistei os portões de Bel Air na estrada – e, atrás deles, casas perfeitas estavam aninhadas em meio a buquês de arbustos perfeitos. Já tinha visto aquelas mesmíssimas casas na TV; e quando as via até eu, apesar de todo o meu ceticismo e meu sarcasmo, ficava com muita, muita vontade de ter uma para mim. Por sorte, o tipo de coisa que as pessoas que vivem em casas como aquelas dizem me faz rir até botar chá pelo nariz, então acabo me esquecendo do assunto.

O reluzente e desejável conversível azul seguia pela estrada. Existe um semáforo no limite entre Bel Air e Brentwood e quando o carro se aproximou dele o sinal ficou vermelho. O carro parou. A mulher sacudiu os cabelos e ajustou seus óculos de sol no espelho. Enquanto o fazia, vislumbrou um movimento no espelho à medida que um vulto pequeno e de cabelos pretos emergia discretamente das sombras do acostamento e contornava a traseira do veículo. No instante seguinte, ele estava inclinado bem do seu lado, apontando um pequeno revólver para o seu rosto. Eu sei sobre revólveres ainda menos do que sei sobre roupas. Estaria totalmente perdido em Los Angeles. Ririam da minha cara o tempo todo por conta da minha falta de senso estético, mas também por conta da minha lamentável incapacidade de diferenciar uma Magnum .38 de uma Walther PPK ou até, acredite se quiser, de uma derringer. Eu sei, no entanto, que a arma também era azul, ou no mínimo azul bem escuro, e que a mulher quase perdeu o juízo ao vê-la apontada para o seu olho esquerdo a uma distância de poucos centímetros. O assaltante lhe deu a entender que seria um excelente momento para sair do carro e, não, não devia tirar a chave da ignição nem sequer tentar pegar sua bolsa, que estava largada no banco do carona, mas apenas ficar muito

tranquila, mover-se devagar, sem gestos bruscos, e simplesmente cair fora dali.

A mulher tentou ficar muito tranquila, mover-se bem devagar, sem movimentos bruscos, mas foi prejudicada pelo fato de estar tremendo devido a um medo incontrolável enquanto a arma pairava a poucos centímetros do seu rosto como uma libélula no verão. Ela conseguiu, no entanto, simplesmente cair fora dali. Ficou tremendo no meio da estrada enquanto o ladrão saltava para dentro do carro e ocupava seu lugar, dando partida no motor, que soltou um breve rugido triunfal e saiu batido pela Sunset Boulevard, dobrando uma curva e sumindo de vista. Ela deu meia-volta sem sair do lugar, impotente e em estado de choque. Seu mundo tinha sido virado de ponta-cabeça, atirando-a para longe – e agora ela era, de forma repentina e inesperada, a pessoa mais desamparada de Los Angeles, uma pedestre.

A mulher tentou fazer sinal para alguns carros que passavam pela estrada, mas eles educadamente desviaram dela. Um deles era um Mustang com a capota baixada e o rádio tocando nas alturas. Eu adoraria poder dizer que ele estava sintonizado em uma rádio de sucessos das antigas e que o verso “How does it feeeeel? How does it feeeeel” pôde ser ouvido neste momento, perguntando ironicamente como ela se sentia, mas há limites até mesmo para a ficção. Era uma rádio de sucessos das antigas, mas a canção que estava tocando era “Sunday Girl”, do Blondie, o que não era nem um pouco apropriado, já que era uma quinta-feira. O que ela iria fazer?

Outro crime perfeito. Outro dia perfeito na Cidade dos Anjos. E apenas uma pequena e insignificante mentira.

Perdoe-me.



Capítulo 9

Se existe um edifício mais feio na Inglaterra do que o Ranting Manor eu nunca o vi. Ele deve estar escondido em algum lugar e não, como o Ranting Manor, cravado bem no meio dos 400 mil metros quadrados de um vasto parque. A propriedade original consistia em outros muitos milhares de metros quadrados que eram o orgulho de Oxfordshire, mas gerações e gerações da mais completa idiotice a haviam reduzido ao seu atual estado decrépito – um amontoado malcuidado de bosques, campos e jardins entulhados com as consequências de várias tentativas fracassadas de fazer dinheiro de qualquer forma que parecesse uma boa ideia no momento: um parque de diversões abandonado, um zoológico que já havia abrigado diversas espécies de animais e, mais recentemente, um pequeno polo de empresas de alta tecnologia. Mesmo que fosse encontrada uma jazida de petróleo com potencial para produzir um bilhão de barris no terreno do Ranting Manor, você poderia garantir que em dois anos ela estaria operando no vermelho e seria necessário vender as reservas da família para ela continuar na ativa. A herança da família já tinha ido para a cucuia havia muito tempo, assim como grande parte da família em si.

Quanto de história você gostaria de saber? Que tal só um pouquinho? O solar remonta ao século XIII, ou pelos menos algumas pequenas partes dele. Essas pequenas partes são tudo o que resta do monastério original, habitado durante um ou dois séculos por uma

devota ordem de calígrafos e pederastas. Então, Henrique VIII colocou suas patas nele e o deu para um verme da corte chamado John Ranting, em pagamento por algum espetacular gesto repugnante de lealdade qualquer. Ele derrubou o edifício e o reconstruiu como bem lhe agradava. Tendo em vista que os arquitetos do período dos Tudors sabiam o que estavam fazendo, provavelmente lhe agradou bastante mesmo: vigas sólidas, reboco bem-feito e janelas chumbadas, ou seja, tudo aquilo a que hoje em dia damos imenso valor, o que infelizmente não era o caso dos descendentes de John Ranting – especialmente do magnata da borracha Sir Percy Ranting, que, na década de 1860, derrubou boa parte da estrutura para reconstruí-la como uma estalagem de caça. Essas “estalagens de caça” vitorianas eram construídas porque os comerciantes podres de ricos da época não podiam exhibir seus pintos em público, então, em vez disso, amplas extensões de belas e inocentes áreas rurais britânicas precisavam ser castigadas com suas ereções. Construções enormes, intumescidas e vermelhonas com salões de baile gigantescos, escadarias imponentes e angulosas, e torres e ameias no lugar de camisinhas.

O século XIX foi, esteticamente falando, desastroso o suficiente para o Ranting Manor, mas é claro que logo depois dele veio, como um tapa na cara, o século XX, com todas as suas teorias arquitetônicas e seus vidros duplos. Os principais acréscimos durante esse período foram, na década de 1930, uma espécie de salão de bilhar nazista e, nos anos 1960, uma piscina interna, com azulejos cor de laranja e roxos, que agora conta com a adição de vários grupos de fungos multicoloridos.

O que une todos esses estilos diferentes é uma atmosfera generalizada de umidade e decadência e uma sensação de que, se um cidadão com espírito de dever cívico tentasse atear fogo na propriedade, ele se apagaria sozinho bem antes de os bombeiros chegarem. O que mais? Ah, sim. Ela é assombrada.

Chega de falar deste lugar abominável.

Por volta das dez e meia da noite, mais ou menos à mesma hora em que o carro estava sendo roubado na Sunset Boulevard, um pequeno portão de uma propriedade particular se abria com um rangido. Os portões principais dela ficavam trancados à noite, mas o portão lateral geralmente não. Sua reputação de lugar perigoso e agourento costumava bastar para impedir a entrada de intrusos. Uma velha placa no portão de entrada dizia CUIDADO COM O CACHORRO, abaixo da qual alguém havia pichado: “Por que escolher este cachorro em especial?”

Os vultos de um cachorro grande e um homem pequeno atravessaram o portão lateral. Ambos mancavam visivelmente. O cachorro mancava com a perna esquerda e o homem, com a perna direita, ou, para ser mais exato, não com a perna direita, porque ela lhe faltava. Abaixo do joelho não havia nada. Em vez disso, o homem mancava com uma perna de madeira que era uns 2,5cm mais longa do que a esquerda, o que tornava andar não apenas difícil, mas um verdadeiro suplício.

A noite estava escura. A lua estava no céu, ou ao menos metade dela, mas passava a maior parte do tempo encoberta pelas nuvens. Os dois vultos indistintos seguiram mancando em uníssono pelo caminho de entrada, fazendo lembrar, de longe, um brinquedo de puxar com duas rodas fora dos eixos. Estavam indo em direção à casa pelo caminho mais longo. Essa rota descrevia um trajeto sinuoso pela propriedade, passando diante de alguns de seus negócios fracassados ou à beira da falência.

O cachorro ganiu e resmungou um pouco até seu dono se agachar com dificuldade e soltá-lo de sua coleira, o que o fez dar um latido rouco de prazer, correr por uns dois passos e então voltar a andar do

seu jeito penoso e coxo, mas agora uns dois metros à frente de seu dono. De vez em quando olhava para trás a fim de conferir se ele ainda estava ali, se tudo estava bem e se nada iria saltar da escuridão para mordê-los.

Dessa forma, eles contornaram a longa curva no caminho de entrada. Depois de alguns minutos, passaram pela entrada do zoológico que tanto havia sugado os já limitados recursos da propriedade. Poucos eram os animais que restavam: uma cabra, um bode, uma galinha e uma capivara, o maior roedor do mundo. Havia também um convidado especial no zoológico, temporariamente hospedado ali enquanto seu verdadeiro lar estava sendo reformado. Fazia apenas duas semanas que Desmond estava na propriedade, mas sua presença, como era de se esperar, havia causado certa comoção no vilarejo de Little Ranting.

Ao passarem pela entrada do zoológico, homem e cachorro se detiveram por alguns instantes. O portão de madeira baixo, que deveria estar trancado àquela hora da noite, estava aberto. O cachorro ganiu e cheirou o chão, que parecia ter sido pisoteado e remexido. O homem se aproximou do portão aberto e fitou a escuridão que se estendia para além dele. O breu era total entre o aglomerado de construções baixas, com exceção de uma luz fraca que vinha da cabana onde Roy Harrison, o cuidador de Desmond, estava hospedado. Nada fora do comum. Nenhum sinal de movimento. Então por que o portão estava aberto? Provavelmente não significava nada. Mesmo assim, o homem chamou o cão e atravessou mancando o portão, contrariado, fechando-o em seguida. Com a dificuldade padrão, eles seguiram pelo caminho de cascalho até a morada temporária de Roy.

A cabana parecia silenciosa.

O homem bateu com força à porta e ficou ouvindo. Nenhuma resposta. Tornou a bater. Nada. Abriu a porta. Não estava trancada,

mas também não havia motivo para estar. Enquanto cruzava o hall de entrada, um cheiro estranho o fez franzir o nariz. Alojamentos de cuidadores de animais eram justamente o tipo de lugar em você esperaria sentir vários tipos de odores estranhos, mas não necessariamente aquele cheiro doce e enjoativo em especial. Humpf. O cachorro soltou um latido muito baixinho.

Do lado direito do hall havia uma porta de onde vinha tanto a luz quanto o cheiro. Mas ainda não se ouvia nada. O homem abriu a porta com cuidado.

À primeira vista, achou que o vulto curvado sobre a mesa da cozinha pudesse estar morto, mas, após um prolongado instante de silêncio, ele emitiu um leve e oscilante ronco.

O cachorro tornou a ganir, cheirando o chão com nervosismo. Aquele cachorro sempre parecera curiosamente agitado para o seu tamanho e não parava de olhar para o seu dono em busca de consolo. Na verdade, era um cão esquisito em todos os sentidos e era realmente impossível definir sua raça (ou raças). Era grande e preto, mas sua pelagem era cheia de tufos, seu corpo magricela e desajeitado, e seu temperamento assustadiço, ansioso, quase neurótico. Sempre que parava por alguns instantes, era uma tremenda dificuldade voltar a entrar em movimento, como se não conseguisse se lembrar de onde havia deixado suas patas.

O cuidador adormecido continuava a roncar. Ao seu lado havia várias latas de cerveja amassadas, uma garrafa de uísque pela metade e dois copos. No cinzeiro, jaziam as pontas de três baseados e, espalhados ao redor dele, tiras de um maço de cigarros rasgado, uma embalagem de papel de seda e um pedaço de papel-alumínio enrolado da maneira tradicional. A fonte do cheiro. Roy havia claramente tido uma noite e tanto com alguém – e esse alguém claramente tinha dado o fora. O homem tentou acordá-lo, sacudindo de leve seu ombro, mas não adiantou. Tentou novamente, mas desta

vez o cuidador escorregou devagar para o lado e caiu desconjuntado e babando no chão. O cachorro levou um susto tão grande que saiu correndo para se esconder atrás do sofá. Para o seu azar, o cão era maior e mais pesado do que o móvel, que caiu para trás na hora que o cão saltou por cima dele. O cachorro ganiu novamente, patinou pelo piso da cabana e então saltou para tentar se esconder atrás da mesinha de centro, quebrando-a no processo. Sem mais lugar algum para se esconder, encolheu-se num canto, tremendo de pavor.

O homem se contentou com o fato de Roy estar apenas em um estado temporário de desequilíbrio químico e não em verdadeiro perigo. Então, convencendo seu cão a acompanhá-lo com algumas palavras tranquilizadoras, saiu dali. Juntos, eles voltaram em direção ao portão, retomando o mesmo trajeto de antes e mancando rumo à casa. Algo pesado havia deixado marcas no chão pelo caminho.

Desmond se sentiu repentinamente desnorteado. Em questão de instantes, todos os cheiros a que estava habituado tinham ficado confusos. Havia luzes piscando ao seu redor, mas isso não fazia diferença. Luzes não tinham importância para ele. Elas só piscam. E daí? Mas aquilo era muito estranho. Se conhecesse a palavra, talvez dissesse que era uma alucinação. Mas ele não a conhecia – ou nenhuma outra, na verdade. Nem mesmo sabia que seu nome era Desmond, mas, novamente, esse não era o tipo de coisa que fizesse diferença para ele. Um nome é apenas um som que você ouve e não tem aquele aroma rico, inebriante, de algo que existe de verdade. Um som não subia pela sua cabeça e fazia *pluft* bem dentro dela do que jeito que um cheiro fazia. Cheiros eram reais, você podia confiar neles.

Ou pelo menos era o que Desmond achava até o momento. Mas, agora, parecia que o mundo inteiro estava balançando acima da sua

cabeça – e ele não conseguia deixar de achar que isso era uma coisa muito preocupante para o mundo fazer.

Desmond inspirou fundo para tentar estabilizar seu corpanzil. Sugou bilhões de deliciosas moléculas até elas chegarem às mucosas sensíveis de suas narinas. Não muito deliciosas, para dizer a verdade. Os cheiros que havia ali estavam bem ruins – desagradáveis, rançosos e amargos, com um travo de algo fedorento sendo queimado. Nada parecido com os aromas pungentes de um dia quente na relva que povoavam sua imaginação, mas pelo menos aqueles míseros cheiros deveriam ajudá-lo a recuperar o equilíbrio e fincar os pés no chão.

Não fizeram isso.

Hhrrfrraaag! Agora parecia haver dois mundos diferentes e completamente contraditórios dentro da sua cabeça. Graaarfff! O que estava acontecendo? Onde tinha ido parar o horizonte?

Era isso. Era por isso que o mundo parecia estar balançado acima da sua cabeça. Onde antes costumava ficar um horizonte perfeitamente normal não existia mais nada parecido. O que havia em seu lugar era *mais mundo*. Muito mais. Ele parecia não ter fim, perdendo-se na distância estranha e nebulosa. Desmond sentiu um medo enorme brotar dentro dele. Teve um impulso repentino de sair em disparada para cima de algo, mas não era possível disparar para cima de uma incerteza preocupante. Quase tropeçou e caiu.

Tornou a respirar fundo. Piscou, bem devagar.

Aaaargh! O novo pedaço do mundo tinha sumido! Onde estava ele? Para onde tinha ido? Lá estava ele outra vez! Havia voltado ao lugar, desdobrando-se como um borrão, e ele teve a sensação de que estava emborcando de novo, mas desta vez conseguiu se endireitar mais rápido. Luzinhas idiotas. Por que não paravam de piscar? Aquele novo pedaço do mundo – o que era aquilo? Ele olhou para a frente para tentar identificá-lo, deixando que sua narina mental percorresse seus caminhos. Aquelas luzes estavam começando a distraí-lo. Ele

fechou os olhos para se concentrar na exploração, mas, quando fez isso, o novo mundo desapareceu! De novo! Ele se perguntou por um instante se não havia alguma conexão entre as duas coisas, mas fazer conexões lógicas entre as coisas não era exatamente um de seus fortes. Deixou pra lá. Quando tornou a abrir seus olhinhos enrugados, o novo e misterioso mundo se descortinou devagar em sua mente. Ele tornou a encará-lo.

Era um mundo mais selvagem do que aquele ao qual Desmond estava habituado, um mundo de trilhas e colinas. As trilhas se bifurcavam, se dividiam, mergulhavam pelos vales abaixo, cadeias de montanhas se erguiam para além de morros altos. O horizonte era totalmente recortado por cordilheiras maciças e cânions profundos envoltos em neblina. Ele ficou muito apreensivo. Se fazer conexões lógicas entre as coisas não era o seu forte, montanhismo também não era.

O caminho mais plano e amplo estava bem à sua frente, mas, quando Desmond voltou sua atenção para ele, algumas coisas preocupantes começaram a ficar claras.

Havia algo terrível ao longo daquele caminho. Algo grande e terrível. Maior e mais terrível do que ele mesmo. Tornou a piscar e para sua irritação tudo aquilo desapareceu outra vez. Quando a cena se recompôs novamente em sua narina mental, um ou dois segundos mais tarde, a sensação de tragédia iminente lhe pareceu mais forte.

Aquilo era um trovão?

Desmond geralmente não se incomodava com trovões e mal notava relâmpagos, mas aquele trovão o incomodou. Não tinha havido nenhum redemoinho de ar pesado dançando, apenas explosões fortes e estrondosas de escuridão. Desmond sentiu muito medo. Seu corpanzil começou a tremer e sacudir e de repente ele pôs-se a correr. O estranho novo mundo se estilhaçou e desapareceu. Ele correu como um caminhão. Atravessou um turbilhão de luzinhas pequenas e débeis

e fez um monte de coisas que ele não sabia o que era cair pesadamente ao seu redor. As coisas se despedaçaram ruidosamente e cintilaram um pouco, mas Desmond passou direto. Ele saiu dali, fugindo como uma locomotiva, derrubando uma porta frágil, talvez até uma parede – dava tudo na mesma para ele. Irrompeu no ar noturno, marretando o chão com suas patas enormes.

Coisas se espalhavam ao seu redor. Coisas gritavam. Exclamações distantes e angustiadas de alarme e desespero vinham à tona por onde ele passava, mas Desmond não se importava. Ele só queria um pouco de ar noturno em seus pulmões. Mesmo aquele ar noturno, por mais fedorento e acre que fosse, era bom. Era fresco e soprava à sua volta e entrava nele enquanto corria. Havia concreto duro sob suas patas, depois grama áspera e mirrada.

Ele estava perto do topo de uma colina baixa. Uma colina real, feita de terra, não de alguma alucinação apavorante que se erguia em sua mente como a proximidade da morte. Apenas uma colina, cercada de outras colinas baixas e íngremes. O céu estava sem nuvens, porém nebuloso e turvo. Desmond não tinha interesse nas estrelas. Você não podia dar uma boa cheirada numa estrela, mas aqui mal dava para vê-las também. Ele não se importava, estava ganhando velocidade ao descer aquela colina, despertando alguns músculos adormecidos e colocando-os para trabalhar. Corre! Dispara! Ataca! Crash! Bang! Parecia haver alguns pedaços de cerca em volta do seu pescoço e de repente seu avanço ficou menos desimpedido do que antes e um monte de coisas atravancava seus movimentos. Ele seguiu em frente com certa dificuldade. De repente, se viu em um mar de criaturas que se espalhavam, gritando, à medida que seu corpanzil passava no meio delas. O ar estava cheio do som de gritos, urros e coisas se quebrando. Cheiros desconcertantes dançavam ao seu redor – um aroma repentino de carne queimada, lufadas atordoantes de uma substância entorpecente, punhaladas de almíscar terrivelmente adocicado. Ele

estava confuso e tentava se concentrar nas coisas com a sua visão. Não confiava muito na visão, ela nunca lhe dizia muito. Só conseguia determinar se as coisas estavam piscando, escondendo-se ou correndo de um lado para outro. Tentou se fixar nas formas que berravam e fugiam, então viu um grande e nebuloso retângulo de luz. Isso já era alguma coisa. Desmond se virou e foi correndo na direção dele.

Crash!

De repente, sensações dolorosas, penetrantes como uma coceira, por todo o seu flanco. Ele não gostava daquilo. Tropeçou ao entrar em um recinto amplo e foi imediatamente assaltado por uma explosão de cheiros, barulhos estridentes e luzes ofuscantes. Correu para cima de um amontoado de criaturas aos berros, que urraram e guincharam e então ficaram desconjuntadas e moles. Uma delas ficou presa nele e Desmond teve que sacudir a cabeça para se livrar dela. À sua frente, agora havia outro retângulo grande e reluzente, e um pouco além dele uma luz azul fraca brilhava no chão. Desmond tornou a sair em disparada. Houve outro estampido, outro jorro de dor aguda e preocupante. Ele se lançou para frente e saiu em direção ao ar livre outra vez.

A luz no chão era uma estranha poça-d'água, com coisas que gritavam dentro dela. Ele nunca tinha visto água brilhar daquele jeito. E então havia mais algumas luzes piscantes à sua frente. Não prestou atenção alguma às luzinhas, nem mesmo aos estampidos que acompanhavam cada lampejo. Bang, bang, e daí? Mas o que chamou sua atenção foi o cheiro acre repentino e as flores de dor que começaram a brotar em seu corpo. Uma flor foi plantada em seu ombro, e depois outra. Sua perna começou a se mexer de um jeito estranho. Uma flor estava plantada em seu flanco, o que lhe pareceu muito estranho e preocupante. Outra flor foi plantada em sua cabeça e, pouco a pouco, o mundo todo começou a parecer cada vez mais distante. O mundo começou a rugir. Ele sentiu que estava caindo para

a frente com uma enorme lentidão e se viu envolvido por grandes ondas de um azul quente e radiante.

À medida que o mundo se afastava dele, Desmond ouvia uma voz histérica e tagarela emitir sons que não lhe faziam o menor sentido, mas que soavam assim:

“Chamem os paramédicos! Chamem a polícia! Agora! Peçam para eles mandarem um helicóptero para cá! Temos mortos e feridos! E digam a eles... não sei como vão lidar com isso, mas digam a eles que temos um rinoceronte morto na piscina.”



Capítulo 10

Embora agora estivesse claro para Dirk que somente ele – e não o seu alvo – estava a bordo do avião e que ele havia sido despistado por 6.500 quilômetros (além de ter morrido em cerca de duas mil libras) por conta de um truque tão simples que chegava a ser infantil, ele ainda estava determinado a se certificar disso uma última vez. Posicionou-se bem ao lado da saída quando todos desembarcaram do avião no aeroporto O'Hare. Ele estava observando os passageiros com tanta atenção que quase não ouviu seu próprio nome ser chamado pelo sistema de som da aeronave, avisando que ele deveria se dirigir ao balcão de informações da companhia aérea.

– Sr. Gently? – disse a mulher sentada ao balcão, animada.

– Sim... – falou Dirk, desconfiado.

– Posso ver o seu passaporte, senhor?

Ele o entregou. Apoiou-se na ponta dos calcanhares, esperando problemas.

– Sua passagem para Albuquerque, senhor.

– Minha...?

– Passagem para Albuquerque, senhor.

– Minha passagem para...?

– Albuquerque, senhor.

– Albuquerque?

– Albuquerque, Novo México, senhor.

Dirk olhou para a passagem que a atendente lhe oferecia como se ela fosse um pedaço de ruibarbo.

– De onde saiu isso? – exigiu saber ele. Dirk a apanhou e conferiu os detalhes do voo.

A mulher abriu um largo sorriso e encolheu os ombros, tudo no melhor estilo atendente de companhia aérea.

– Desta máquina aqui, me parece. É o que ela faz, imprime estes bilhetes.

– O que diz o seu computador?

– Aqui diz apenas: bilhete pré-pago para o Sr. Dirk Gently com destino a Albuquerque, Novo México, retirada no balcão. O senhor não esperava ir para Albuquerque hoje?

– Eu esperava que fosse parar em algum lugar inesperado, só não esperava que fosse Albuquerque.

– Mas me parece um excelente destino para o senhor, Sr. Gently. Aproveite sua viagem.



Ele aproveitou. Ficou sentado ali, remoendo em silêncio os acontecimentos dos últimos dias, organizando-os em sua mente não de maneira que fizessem sentido, mas em pequenos conjuntos de informações. Um meteoro aqui, meio gato ali, rastros eletrônicos de dólares invisíveis e passagens de avião inesperadas que os interligavam. Antes de aterrissar em Chicago, sua autoestima estava em frangalhos, mas agora ele sentia um revigorante arrepio de entusiasmo. Havia estabelecido contato com algo ou alguém lá fora, algo que só ele havia encontrado e em direção ao qual estava sendo atraído. O fato de ainda não fazer ideia de quem estava por trás ou de o que era isso já não o angustiava. Algo ou alguém estava lá, Dirk o

havia encontrado e sido encontrado por ele. Ele havia sentido sua pulsação. Seu rosto e seu nome viriam à tona no momento adequado.

No aeroporto de Albuquerque, ele ficou parado em silêncio por alguns instantes. Respirou fundo. Sentia-se calmo e bem, capaz de enfrentar as improbabilidades ferozes e indomáveis que se escondem um átomo abaixo da superfície banal do mundo conhecido. Seguiu sem pressa rumo às escadas rolantes, deslizando lentamente para baixo como um rei invisível.

O homem que tinha vindo encontrar estava à sua espera.

Ele o reconheceu imediatamente – outro ponto imóvel no burburinho do aeroporto. Era um homem grande, gordo e suarento, com um terno preto que lhe caía mal e um rosto meio sem simetria. Estava a poucos metros do pé da escada rolante, olhando escada acima com uma expressão inerte, porém complexa. Foi bom que Dirk estivesse atento a ele, caso contrário, o cartaz que o homem segurava, que dizia D. JENTTRY, teria passado despercebido.

Dirk se apresentou. O homem disse que seu nome era Joe e que ele iria pegar o carro. E isso, embora Dirk tenha ficado com uma sensação de anticlímax, foi tudo.

O carro, uma limusine Cadillac preta que já havia visto dias melhores, parou no acostamento, emitindo um brilho fosco sob as luzes do aeroporto. Dirk a fitou com satisfação, entrou no veículo e acomodou-se no banco de trás com um pequeno gemido de prazer.

– Bem que o cliente falou que o senhor ia gostar – falou Joe do banco do motorista enquanto dirigia em direção à saída do aeroporto.

Dirk olhou à sua volta para o estofamento de veludilho azul surrado e puído e para o filme plástico fumê que descascava das janelas. A TV só pegava estática e o ar-condicionado soprava um vento com cheiro de mofo.

O cliente tinha acertado em cheio.

– O cliente – falou Dirk, enquanto a coisa enorme e chacoalhante pegava a autoestrada mal iluminada que cruzava a cidade. – Quem exatamente é o cliente?

– Um cavalheiro australiano, pelo que me pareceu – disse Joe. Seu tom de voz era um tanto agudo e lamuriento.

– Australiano? – falou Dirk, surpreso.

– Isso mesmo, australiano, como o senhor.

Dirk fechou a cara.

– Eu sou inglês – esclareceu ele.

– Mas da Austrália, não?

– Por que eu seria australiano?

– Por causa do sotaque.

– Bem, não mesmo.

– Como é o nome daquele lugar?

– Que lugar? – perguntou Dirk.

– Nova Zelândia – disse Joe. – A Austrália fica na Nova Zelândia, não fica?

– Não exatamente, mas já estou entendendo aonde você... Hã, eu ia dizer que já estava entendendo aonde você quer chegar, mas tenho minhas dúvidas.

– Então, de que parte da Nova Zelândia o senhor é?

– Eu sou mais da Inglaterra, para dizer a verdade.

– Isso fica na Nova Zelândia?

– Até certo ponto – falou Dirk.

O carro seguia na direção norte pela autoestrada, rumo a Santa Fé. O luar se espalhava magicamente pelo deserto. O ar noturno estava límpido.

– Já esteve em Santa Fé antes? – perguntou Joe com sua voz nasalada.

– Não – respondeu Dirk. Já havia desistido de tentar travar qualquer conversa inteligível com o motorista e começava a se perguntar se ele não teria sido escolhido justamente por sua incapacidade de comunicação. Dirk estava tentando ao máximo ficar imerso em pensamentos, mas Joe não parava de puxá-lo de volta para a superfície.

– Lindo lugar – falou Joe. – Lindo. Quer dizer, isso enquanto todos aqueles californianos que vão morar lá não acabarem com ele. Californização, é como eles chamam esse fenômeno. Rá, rá. Sabe como eles chamam esse fenômeno?

– Californização? – arriscou Dirk.

– Fanta Sé – disse Joe. – Todos aqueles tipinhos de Hollywood se mudando para lá. Acabando com o lugar. Especialmente depois do terremoto. O senhor ouviu falar do terremoto?

– Ouvi, sim – falou Dirk. – Deu no noticiário. Bastante.

– Pois é, foi um baita terremoto. E agora todos os californianos decidiram se mudar para lá. Para Santa Fé. Estão acabando com o lugar. Os californianos. Sabe como eles chamam esse fenômeno?

Dirk sentia que a conversa estava completando um círculo e voltando para ele. Tentou mudar de assunto.

– Você sempre morou em Santa Fé? – perguntou ele, inseguro.

– Ah, sim – respondeu Joe. – Bem, quase. Já faz mais de um ano agora. Parece que é desde sempre.

– Então onde morava antes?

– Na Califórnia – disse Joe. – Me mudei de lá depois que minha irmã levou um tiro no meio da rua. Vocês têm esse tipo de coisa na Nova Zelândia?

– Não – respondeu Dirk. – Não na Nova Zelândia, até onde eu saiba. Nem em Londres ainda, que é onde eu moro. Olhe, sinto

muito pela sua irmã.

– É. Ela estava parada em uma esquina da Melrose, dois caras chegaram numa Mercedes, um daqueles modelos mais recentes, sabe, com vidro duplo, e blam, deitaram chumbo nela. Era uma 500 SEL, se não me engano. Azul-marinho. Coisa fina. Devem ter roubado. Vocês têm disso lá?

– Disso o quê?

– Alguém chegar e roubar seu carro.

– Não, mas obrigado por perguntar. Às vezes alguém vem limpar seu para-brisa contra a sua vontade, mas, hã...

Joe bufou, sarcástico.

– A questão é – explicou Dirk – que em Londres você certamente poderia parar do lado de uma pessoa e roubar o carro dela, mas não conseguiria fugir com o veículo.

– Por causa de um daqueles dispositivos modernos?

– Não, por causa do trânsito – falou Dirk. – Mas, hã... sua irmã – perguntou ele, nervoso. – Ela está bem?

– Se ela está bem? – berrou Joe. – Se você atirar em alguém com uma Kalashnikov e ela continuar bem é melhor pedir seu dinheiro de volta. Rá, rá.

Dirk tentou soltar algum grunhido compassivo, mas não conseguiu fazer nenhum barulho parecido com a garganta. O carro estava desacelerando, então ele baixou a janela descascada para admirar a noite do deserto.

Uma placa de trânsito foi iluminada pelos faróis do carro.

– Pare o carro! – exclamou Dirk de repente.

Ele se debruçou para fora da janela do veículo, esticando-se para olhar para trás enquanto o carro parava aos poucos. Ao longe, a silhueta indistinta de uma placa de trânsito estava recortada ao luar.

– Pode voltar um pouco? – pediu Dirk, agitado.

– Isto é uma autoestrada – protestou Joe.

– Eu sei, eu sei. Mas não tem ninguém atrás de nós. A estrada está vazia. São só alguns metros.

Resmungando, Joe engatou a marcha a ré e fez o monstro de quatro rodas voltar lentamente.

– É isso que eles fazem na Nova Zelândia, não é? – queixou-se o motorista.

– Isso o quê?

– Dirigem ao contrário.

– Não – falou Dirk. – Mas já sei no que você está pensando. Assim como os ingleses, eles dirigem do outro lado da estrada.

– Imagino que seja mais seguro assim – disse Joe –, se todo mundo estiver dirigindo ao contrário.

– É – falou Dirk. – É muito mais seguro.

Dirk saltou do carro assim que o veículo parou.

Destacando-se sob o brilho dos faróis da limusine, a 8 mil quilômetros do escritório caindo aos pedaços de Dirk, havia uma placa de trânsito amarela que dizia, em letras garrafais, GUSTY WINDS e, em letras menores, logo abaixo, MAY EXIST. Ventos fortes podem ocorrer. A lua pairava bem alto no céu acima dela.

– Joe! – gritou Dirk para o motorista. – Quem colocou isto aqui?

– Isto o quê?

– A placa!

– Você quer dizer esta placa? – perguntou Joe.

– Sim! – tornou a gritar Dirk. – “Ventos fortes podem ocorrer.”

– Bem, imagino que o Departamento Estadual de Trânsito.

– Hein? – falou Dirk, novamente perplexo.

– O Departamento Estadual de Trânsito – falou Joe, confuso. – Elas estão por toda parte.

– “Ventos fortes podem ocorrer”? – repetiu Dirk. – Você quer dizer que esta é uma placa de trânsito comum?

– Bem, é – falou Joe. – Quer dizer apenas que venta um pouco aqui. O vento vem do deserto, sabe? Pode soprar bem forte. Especialmente numa belezinha destas aqui.

Dirk pestanejou. De repente, sentiu-se um tanto idiota. Havia imaginado, insanamente, que alguém tinha pintado o nome de um gato dividido em dois em uma placa de trânsito numa estrada do Novo México apenas para que ele visse. Isso era absurdo. O nome do gato em questão vinha de uma placa perfeitamente comum nos Estados Unidos. A paranoia, lembrou Dirk a si mesmo, era um subproduto típico da mistura de jet lag com uísque.

Constrangido, caminhou de volta para o carro. Então parou e pensou por um instante. Foi até a janela de Joe e olhou para dentro.

– Joe – disse ele. – Você desacelerou o carro assim que estávamos nos aproximando da placa. Fez isso de propósito para que eu a visse? – Ele esperava que isso não fosse apenas o uísque e o jet lag falando.

– Ah, não – respondeu Joe. – Eu desacelerei por causa do rinoceronte.



Capítulo 11

– Deve ser só o jet lag – falou Dirk. – Mas achei por um instante que você falou rinoceronte.

– É – disse Joe, contrariado. – Já fiquei preso atrás dele mais cedo. Quando ele estava saindo do aeroporto.

Dirk tentou pensar melhor antes de dizer qualquer coisa que pudesse fazê-lo passar ridículo. Devia haver algum time de futebol americano ou alguma banda de rock na região chamada Rinocerontes ou coisa parecida. Só podia ser isso. Vindo do aeroporto? Seguindo para Santa Fé? Ele teria que perguntar.

– De que tipo de rinocerontes estamos falando? – perguntou.

– Não sei. Não sou tão bom com raças de rinocerontes quanto sou com sotaques. Se fosse um sotaque, eu poderia lhe dizer exatamente de que tipo é, mas, como é um rinoceronte, só posso lhe dizer que é daqueles grandes e cinzas, sabe, com um chifre na frente. Que vêm de Irkutsk ou algum outro lugar desses. Você sabe, de Portugal, ou sei lá de onde.

– Você quer dizer da África.

– É, África, pode ser.

– E está dizendo que ele está bem aqui, à nossa frente, na estrada?

– Isso.

– Então vamos atrás dele. Rápido.

Dirk entrou de volta no carro e Joe pegou a autoestrada. Ele se curvou sobre o ombro de Joe enquanto eles atravessavam o deserto

em alta velocidade. Em poucos minutos, o vulto de um caminhão grande surgiu à frente, iluminado pelos faróis do Cadillac. Era uma carreta plataforma com uma enorme caixa de ripas de madeira amarrada a ela.

– Então quer dizer que você se interessa por rinocerontes – disse Joe, jogando conversa fora.

– Não especialmente – falou Dirk. – Não até ler o meu horóscopo hoje pela manhã.

– É mesmo? Eu mesmo não acredito nessas coisas. Sabe o que o meu dizia hoje de manhã? Que eu deveria repensar minhas perspectivas pessoais e financeiras. Basicamente a mesma coisa de ontem. É claro é que mais ou menos isso que eu faço todos os dias, enquanto fico dirigindo por aí. Então imagino que faça algum sentido. O que o seu dizia?

– Que eu iria encontrar um rinoceronte de três toneladas chamado Desmond.

– Imagino que as estrelas que vocês veem na Nova Zelândia sejam de um tipo diferente – falou Joe. – É um substituto. Pelo que me disseram – comentou ele.

– Um substituto?

– Isso.

– Substituto de quê?

– Do rinoceronte anterior.

– Bem, está certo, dificilmente seria um substituto para uma lâmpada – falou Dirk. – Mas me diga, o que aconteceu com o, hã, rinoceronte anterior?

– Ele morreu.

– Que tragédia. Onde? No zoológico?

– Numa festa.

– Numa festa?

– Foi.

Dirk sugou o próprio lábio, pensativo. Havia um princípio que ele gostava de colocar em prática sempre que se lembrava, que era o de nunca fazer uma pergunta a não ser que tivesse certeza de que iria gostar da resposta. Ele sugou seu outro lábio.

– Acho que vou lá conferir com meus próprios olhos – disse ele, saindo do carro.

O grande caminhão verde-escuro estava parado no acostamento. As laterais do veículo tinham cerca de 1,20m de altura, e uma lona pesada estava amarrada sobre uma caixa gigantesca. O motorista estava recostado na porta da cabine, fumando um cigarro. Ele claramente achava que estar encarregado de um rinoceronte de três toneladas significaria que ninguém iria se meter com ele, mas estava enganado. A quantidade de xingamentos que precisava ouvir dos motoristas que ultrapassavam seu caminhão era impressionante.

– Filhos da mãe! – balbuciou o motorista para si mesmo enquanto Dirk se aproximava dele como quem não queria nada e acendia ele mesmo um cigarro para lhe fazer companhia. Estava tentando largar, mas costumava manter um maço no bolso para fins estratégicos.

– Sabe o que eu mais odeio? – falou Dirk para o motorista do caminhão. – Aquelas plaquinhas nos táxis que dizem “Obrigado por não fumar”. Não me importo que digam “Por favor, não fume” ou um curto e grosso “Proibido fumar”. Mas detesto aquelas plaquinhas metidas a besta de “Obrigado por não fumar”. Dá vontade de acender um cigarro na mesma hora e dizer “Não precisa me agradecer, eu não ia não fumar”.

O motorista riu.

– Está levando este camarada aí para longe? – perguntou Dirk, em um tom de experiente entregador de rinocerontes trocando figurinhas com outro. Ele avaliou o caminhão com o olhar.

– Lá para os lados de Malibu – respondeu o motorista. – Subindo o Topanga Canyon.

Dirk soltou uma risadinha cúmplice, como se dissesse “Não venha me falar de Topanga Canyon, uma vez tive que levar uma manada inteira de gnus até Cardiff em um micro-ônibus. Você acha que tem um problema? Aquilo sim foi um problema”. Ele deu uma longa tragada em seu cigarro.

– Deve ter sido uma festa e tanto – comentou ele.

– Festa? – falou o motorista.

– Sempre achei que convidar um rinoceronte para uma festa seria uma péssima ideia – disse Dirk. – Você pode tentar, se quiser, mas é bom estar preparado. – Dirk acreditava que fazer perguntas diretas deixava as pessoas desconfiadas. Era mais eficaz falar as mais completas besteiras e deixar que elas corrigissem você.

– Como assim, “festa”? – perguntou o motorista, confuso.

– A festa a que o outro rinoceronte foi convidado – falou Dirk, cutucando o lado do nariz –, quando ele morreu.

– Convidado? – disse o motorista, fechando a cara. – Eu não diria que ele foi exatamente convidado para a festa.

Dirk arqueou uma sobrancelha de forma encorajadora.

– Ele veio descendo as colinas a toda velocidade, arrebentou a grade de proteção, atravessou os janelões de vidro da casa, deu umas duas voltas pela sala, onde feriu dezessete pessoas, saiu correndo de volta para o jardim onde alguém atirou nele, até que tombou em uma piscina cheia de roteiristas pelados, levando 50 quilos de guacamole e de uma espécie de salada de frutas polinésia junto com ele.

Dirk precisou de alguns instantes para digerir essa informação. Por fim, perguntou:

– De quem era a casa?

– De um pessoal de cinema. Parece que na semana passada o Bruce Willis tinha aparecido por lá. E agora isto.

– Não deve ter sido nada fácil para o velho rinoceronte também – falou Dirk. – E agora lá vai mais outro.



Entrevista para o *Daily Nexus*

Como Douglas Adams chegaria para o café? Se ele fosse como os clientes habituais do Pierre Lafond's, apareceria em um utilitário esportivo, em um carro de luxo ou em um utilitário esportivo de luxo. A xícara de café mais simples do Pierre Lafond's custa uma pequena fortuna e eles o chamam de "café orgânico de origem francesa". É idêntico ao café do McDonald's ou a qualquer óleo de motor orgânico, mas as pessoas que chegam em utilitários esportivos não parecem se importar.

Eu não esperava que Adams aparecesse num utilitário esportivo. Queria vê-lo saltar de uma espaçonave, se materializar na minha frente ou até simplesmente vir andando. Estamos falando do cara que escreveu *O Guia do Mochileiro das Galáxias* e conseguiu tornar a vida, o universo e tudo mais muito mais divertidos do que antes. Então, eu me perguntava, como ele iria chegar?

De Mercedes preta.

Adams tem 1,98m de altura, olhos amendoados e intensos. Não vinha tendo um bom dia. Sua filha estava doente e o croissant que estava comendo às cinco da tarde era o seu almoço. Mas a vida não tem sido ruim para ele, agora com 49 anos. Ele viaja por todo o mundo, seus nove livros venderam mais de 15 milhões de cópias e o tão adiado filme do *Mochileiro* agora está sendo produzido pela Disney e ficará a cargo do diretor de *Austin Powers*.

"O eterno filme, que vem estado prestes a sair do papel há vinte anos, está mais prestes a sair do papel agora", falou Adams. "Mas vamos ver. Quem me dera se eu nunca tivesse pensando em

transformá-lo em um filme. Ganharia uns dez anos da minha vida de volta.”

Pela primeira vez em mais de uma década, Adams está trabalhando em um livro.

“Chegou uma hora em que fiquei simplesmente de saco cheio disso. Meus livros tendem a sugar ideias a um ritmo alucinante”, disse ele. “Nunca pretendi ser um romancista, para começo de conversa. Então decidi me aventurar a fazer um monte de outras coisas... A consequência disso é que agora tenho um enorme acúmulo de ideias para histórias e o pânico que estou sentindo é do tipo: ‘Será que consigo aproveitar todas elas no que resta da minha carreira, considerando a velocidade com que elas estão surgindo?’ O outro pânico, naturalmente, é o eterno problema de qualquer escritor: dedicar-se a escrever. Acho que tenho mais medo de escrever do que a maioria dos escritores”, confessa.

O novo livro não fará parte da série do *Mochileiro* nem é mais uma aventura do detetive Dirk Gently, mas “qualquer um que conheça esses livros reconhecerá o estilo”, ele afirma.

Adams conta que nesse meio-tempo já surgiram diversos enredos diferentes, que estão só esperando para serem transformados em livros. “Um deles devo chamar de *O salmão da dúvida*, mas ainda não sei qual”, adianta.

Em 1990, Adams escreveu, junto com o zoólogo Mark Carwardine, *Last Chance to See*, um de seus livros favoritos. O projeto *Last Chance to See* começou como um artigo para a revista do World Wildlife Fund. Essa organização enviou Adams para Madagascar, para escrever sobre uma espécie de lêmure – que parece um cruzamento de um morcego, um macaco e um bebê muito assustado – que estava ameaçada de extinção.

“Na época do artigo, acreditava-se que existiam apenas uns quinze deles. Encontraram mais alguns exemplares, então agora ele não está

tão ameaçado, só muito, muito, muito ameaçado”, disse Adams. “A coisa toda foi totalmente mágica.”

Tão mágica que Adams e Carwardine passaram o ano seguinte viajando pelo mundo atrás de animais sob risco de extinção, como o papagaio-mocho da Nova Zelândia e o golfinho-lacustre-chinês. Os últimos vinte golfinhos restantes dessa espécie serão extintos quando o governo chinês concluir a construção da Barragem das Três Gargantas e destruir seu hábitat.

“É desesperador, não só porque outra espécie irá se perder, o que já é uma tragédia por si só, mas porque não faz sentido continuarmos construindo essas malditas barragens”, disse Adams com surpreendente contundência. “Elas não apenas causam devastação ambiental e social, como fracassam no que deveriam fazer. E qual é a reação dos governos a isso? Construir mais oitenta delas. É uma estupidez sem tamanho. Nós devemos ter genes de castor ou coisa parecida. Temos esse desejo incontrolável de construir barragens e talvez isso devesse ser estudado e extirpado da natureza humana. Talvez o Projeto Genoma consiga localizar o gene do castor/construtor de barragens e eliminá-lo de vez.”

Em *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, escavadeiras destroem a Terra e a humanidade. Um tipo bem diferente de escavadeira destruiu a mais bem-sucedida espécie que o planeta já conheceu: 65 milhões de anos atrás, um asteroide de 10 quilômetros de largura caiu na península de Yucatán, gerando uma cratera de 160 quilômetros e lançando uma nuvem de vapor e poeira escaldantes na atmosfera. Esse foi o fim da linha para os dinossauros. “Sou obcecado com a ideia desse cometa ter vindo do espaço e ser responsável pela nossa existência”, disse Adams. “Pode-se dizer que ele foi a coisa mais dramática que já ocorreu no mundo e certamente foi o acontecimento mais dramático da nossa vida, uma vez que cimentou o caminho para a nossa existência e ninguém estava aqui para vê-lo.”

Rochas assassinas de dinossauros são física clássica. A física recente é um pouco diferente para Adams, o homem que escreveu que a resposta para a Vida, o Universo e Tudo Mais é 42. Um computador gerou essa resposta e, segundo Adams, os computadores irão mudar tudo.

“Nós inventamos os computadores; primeiro os fizemos do tamanho de salas inteiras, depois eles passaram a caber em cima de nossas mesas, depois em nossas pastas e daí em nossos bolsos. Daqui a pouco, eles serão tão onipresentes quanto poeira – você poderá salpicar computadores por toda parte. Pouco a pouco, todo o nosso ambiente se tornará muito mais interativo e inteligente, e viveremos de uma maneira que seria muito difícil para quem está vivendo nesse momento compreender”, disse Adams. “Acho que vai ser mais fácil para a minha filha de 6 anos.”

Ele já fez de tudo: rádio, televisão, até jogos de computador. Nem tudo deu certo.

“São pequenos aprendizados da vida”, disse ele. “Sabe o que é um aprendizado? Um aprendizado é uma daquelas coisas que dizem para você: ‘Sabe isso que você acabou de fazer? Não faça de novo.’”

Adams conta que seu processo de criação é lento e doloso: “As pessoas imaginam que você se senta em um quarto, faz cara de pensador e escreve grande reflexões. Mas durante a maior parte do tempo você se senta em um quarto com cara de pânico, torcendo para ainda não terem colocado um guarda em frente à sua porta.”

No entanto, ele provavelmente continuará escrevendo pelos próximos anos, até sua filha crescer um pouco mais.

“Acho que é isso o que vou fazer. Tem havido umas conversas sobre eu fazer uma longa série de documentários para TV, então vou esperar até os hormônios dela virem à tona, daí vou sair correndo o mais rápido possível”, disse ele. “Vou fazer os documentários e voltar quando ela estiver mais civilizada.”

A entrevista terminou quando o celular de Adams tocou dentro do seu bolso. Em seu outro bolso havia um paninho de algodão, bordado de vermelho com um girafa estampada. Parecia ser da sua filha. Ela e a esposa de Adams deveriam ter embarcado em um voo para Londres naquela noite, mas a menina havia desenvolvido uma infecção no ouvido. “Das graves, para dizer a verdade.”

Estava na hora de Adams entrar em sua Mercedes preta e voltar para casa para vê-la.

E foi o que ele fez.

Por Brendan Buhler, em
5 de abril de 2000

Epílogo

Um lamento por Douglas Adams, mais conhecido como o autor de *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, que faleceu no sábado, aos 49 anos, de ataque cardíaco.

Este não é um obituário; haverá tempo suficiente para eles. Não é um tributo, tampouco uma avaliação criteriosa de uma vida brilhante ou um discurso solene em seu louvor. É um lamento fúnebre, escrito muito cedo para ser ponderado, cedo demais para ser fruto de uma reflexão detida. Douglas, você não podia estar morto.

Uma manhã ensolarada de sexta-feira em maio, às 7h10, eu saio da cama, acesso meu e-mail como de hábito. As linhas de assunto em negrito vão se amontoando umas sobre as outras, algumas esperadas, a maioria lixo, e meu olhar vai seguindo distraído pela página abaixo. O nome Douglas Adams chama minha atenção e sorrio. Aquele e-mail, pelo menos, seria engraçado.

O que a linha do assunto estava dizendo? Douglas Adams morreu de ataque cardíaco poucas horas atrás. As palavras pareceram ficar maiores diante dos meus olhos.

Deve ser parte da piada. Só pode ser outro Douglas Adams. Isto é ridículo demais para ser verdade. Ainda devo estar dormindo. Abro a mensagem, enviada por um famoso programador de software alemão. Não é uma piada e estou totalmente desperto. E é o Douglas Adams certo – ou melhor, o errado. Um ataque cardíaco fulminante, em

Santa Barbara. Ele era um grande, grande homem. Do alto dos seus 1,98m, era um homem gigantesco, espadaúdo, mas que não se encurvava como alguns homens muito altos que parecem desconfortáveis com a própria altura. Mas também não andava de peito estufado, com aquela assertividade viril e intimidadora dos homens muito grandes. Nunca pedia desculpas pela sua altura, mas também nunca se gabava dela. Fazia parte de sua piada contra si mesmo.

Uma das grandes mentes de nosso tempo, tinha um humor sofisticado que se baseava em um profundo e indissociável conhecimento da literatura e da ciência, duas das minhas grandes paixões. E ele me apresentou à minha esposa – em seu aniversário de 40 anos.

Ele tinha exatamente a idade da minha mulher e os dois haviam trabalhado juntos na série de TV *Doctor Who*. Será que devo dar a notícia a ela agora ou deixá-la dormir um pouco mais antes de estragar seu dia? Ele iniciou nossa união e foi parte importante da nossa vida juntos. Acho melhor contar agora.

Conheci Douglas porque lhe enviei espontaneamente uma carta de fã – acho que foi a única que escrevi na vida. Eu tinha adorado *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, depois li *Dirk Gently's Holistic Detective Agency*.

Assim que terminei o livro, voltei à primeira página e comecei a relê-lo. Nunca tinha feito coisa parecida e escrevi a carta para lhe contar isso. Ele me respondeu dizendo que adorava os meus livros e me convidou para visitar sua casa em Londres. Poucas vezes conheci alguém tão gentil. Obviamente, eu sabia que ele seria engraçado. O que não sabia era quanto ele já havia lido sobre ciência. Deveria ter imaginado, pois você não consegue entender muitas das piadas do *Mochileiro* se não tiver uma boa noção de ciência. E ele era um verdadeiro especialista em tecnologia eletrônica moderna.

Conversávamos muito sobre ciência, tanto em particular quanto em público, em festas literárias, no rádio ou na TV. E ele se tornou meu guru no que dizia respeito a todo e qualquer problema técnico. Em vez de ficar brigando com algum manual mal-escrito e incompreensível, eu mandava um e-mail para Douglas. Ele respondia, geralmente em questão de minutos, quer estivesse em Londres, em Santa Barbara ou em um hotel em alguma parte do mundo. Ao contrário da maioria dos funcionários da área de informática, Douglas entendia perfeitamente meu problema, sabia exatamente por que ele me incomodava e sempre tinha uma solução, que explicava de forma divertida. Nossas frequentes trocas de e-mails eram repletas de piadas literárias e científicas e pequenos apartes carinhosamente mordazes. Sua tecnofilia era evidente, tal como seu precioso senso de absurdo. Para ele, o mundo inteiro era um grande esquete do Monty Python, e as tolices da humanidade eram tão cômicas nos vales do Silício quanto em qualquer outra parte do mundo.

Ele ria de si mesmo com igual bom humor. Como, por exemplo, por causa de seus épicos bloqueios criativos (“Adoro prazos. Adoro o barulho de vento que eles fazem quando os dias vão passando.”), quando, reza a lenda, seu editor o trancava em um quarto de hotel, sem telefone e nada que pudesse distraí-lo, deixando-o sair apenas para passeios supervisionados. Quando se deixava levar pelo entusiasmo e propunha alguma teoria biológica excêntrica demais para o meu gosto, ele mais caçoava de sua própria maluquice do que ficava chateado. E depois tentava me empurrar a ideia outra vez.

Ele ria de suas próprias piadas, algo que bons comediantes não deveriam fazer, mas o fazia com tanto charme que as piadas ficavam ainda mais engraçadas. Tinha uma maneira gentil de zombar de você sem magoá-lo e seu humor não atacava indivíduos, mas sim suas ideias absurdas. Para ilustrar o conceito presunçoso de que o universo deve ter sido feito especialmente para nós, uma vez que ele nos cai tão

bem, Douglas fazia uma imitação hilariante de uma poça-d'água que se encaixava de forma perfeita no chão, o buraco sendo extraordinariamente do mesmo formato que a poça. Ou então ele contava com enorme entusiasmo a seguinte parábola, deixando você com a sensação de ter levado um soco no estômago: um homem não entendia como os televisores funcionavam e estava convencido de que havia um monte de homenzinhos dentro daquelas caixas, manipulando imagens em alta velocidade. Um engenheiro lhe explica sobre modulações de alta frequência do espectro eletromagnético, transmissores e receptores, amplificadores e tubos de raios catódicos, linhas de varredura correndo nos sentidos vertical e horizontal por uma tela fosforescente. O homem escuta o que o engenheiro tem a dizer com toda a atenção, assentindo com a cabeça durante cada etapa da explicação. No fim, diz que está satisfeito com o que ouviu. Agora sim sabia como os televisores funcionavam. “Mas deve haver pelo menos alguns homenzinhos lá dentro, não?”

A ciência perdeu um amigo; a literatura, um luminar; o gorila das montanhas e os rinocerontes perderam um intrépido defensor (certa vez ele escalou o Kilimanjaro vestindo uma fantasia de rinoceronte para angariar fundos para combater o repugnante comércio de chifres desse animal); a Apple perdeu seu mais eloquente apologista. E eu perdi um insubstituível companheiro intelectual e um dos homens mais gentis e engraçados que conheci na vida. No dia em que Douglas morreu, recebi uma notícia que o teria deixado encantado. Não pude contá-la a ninguém durante as semanas em que ela ainda era confidencial e agora que posso é tarde demais.

O sol está brilhando, a vida deve continuar, aproveite o momento e todos esses clichês.

Plantemos uma árvore no dia de hoje: um pinheiro Douglas, alto, firme, sempre verde. É a época do ano errada, mas vamos fazer o nosso melhor.

Todos para o jardim botânico.

Richard Dawkins, in: *The Guardian*, 14 de maio de 2001
(Richard Dawkins é etólogo, geneticista e escritor)

Outro epílogo

Em 1979, pouco depois de *O Guia do Mochileiro das Galáxias* ser publicado, Douglas Adams foi convidado a autografar exemplares em uma pequena livraria especializada em ficção científica no Soho. A caminho do local, uma espécie de passeata atrasou sua chegada. “O trânsito estava engarrafado e multidões se aglomeravam por toda parte”, recorda ele. Somente depois de entrar aos empurrões na livraria é que Adams percebeu que todas aquelas pessoas estavam ali por sua causa. No dia seguinte, seu editor lhe telefonou dizendo que o livro estava no topo da lista de mais vendidos do jornal londrino *Sunday Times*. Sua vida nunca mais seria a mesma. “Foi como ser levado de helicóptero para o topo do Everest”, disse ele, “ou ter um orgasmo sem preliminares.”

O *Mochileiro* já era um cultuado programa de rádio e tinha sido adaptado tanto para a TV quanto para o teatro. Deu origem a mais quatro livros que venderam mais de 15 milhões de exemplares em todo o mundo. Gerou discos, jogos de computador e, após flertar durante vinte anos com Hollywood, está mais perto do que nunca de se tornar um longa-metragem. ***

A história em si começa na Terra, com o pacato morador do subúrbio Arthur Dent tentando impedir que sua casa seja demolida pela prefeitura para que seja construído um desvio em seu lugar. A

ação em seguida se transfere para o espaço, quando seu amigo Ford Prefect – que alguns consideram uma espécie de Virgílio para Dent, que seria Dante – revela ser um extraterrestre vindo de um planeta próximo a Betelgeuse e informa a Arthur que a própria Terra está prestes a ser demolida para dar lugar a uma via expressa hiperespacial. Eles então pegam carona em uma espaçonave vogon e começam a usar o *Guia do Mochileiro das Galáxias* do título – uma compilação geralmente confiável de todo o conhecimento disponível sobre a vida, o universo e tudo mais.

A criatividade e o idiossincrático humor intergaláctico de Adams tiveram uma profunda influência cultural. A expressão “guia do mochileiro” logo se tornou um jargão e inúmeras imitações e paródias foram produzidas na forma de livros de ficção científica e séries de TV. Por exemplo, seu peixe-babel (um pequeno peixe que você pode colocar no ouvido para traduzir qualquer idioma para sua própria língua) foi usado como nome de uma ferramenta de tradução em um mecanismo de busca na internet. Após o sucesso do primeiro livro, seguiram-se vários outros romances, assim como um programa de TV, um livro e um CD-ROM sobre espécies animais em extinção. Ele fundou uma empresa pontocom, a H2G2, que recentemente tornou realidade a ideia do Guia, lançando um serviço que promete enviar diretamente para o seu celular informações sobre a vida, o universo e tudo mais.

Adams parece ter gastado grande parte de sua fortuna alimentando sua paixão pela tecnologia, embora nunca tenha feito o gênero “nerd fissurado em ficção científica”. Dono de um corpanzil de quase dois metros de altura, é descontraído e sociável. Na verdade, tem o ar de um daqueles rapazes ingleses que saíram da escola para se tornar astros de rock nos anos 1970; inclusive, certa vez subiu ao palco para tocar guitarra com seus amigos do Pink Floyd. Adams é assim. Para mostrar sua filha Polly, em vez de tirar uma fotografia dela da carteira,

abre seu laptop espantosamente poderoso e, depois de fuçar um pouco nele, faz aparecer a garota de 5 anos de idade estrelando uma paródia de um videoclipe, que conta com a participação especial de John Cleese.

Então foi nisso que sua vida se transformou: dinheiro, amigos famosos e brinquedos caros. Se olharmos apenas para seu currículo – internato, companhia de teatro amador Cambridge Footlights e BBC –, a princípio nada disso causa surpresa. Mas a trajetória de Adams não foi uma jornada totalmente sem desvios ao longo dos velhos e batidos caminhos do *establishment*.

Douglas Noel Adams nasceu em Cambridge em 1952. Uma de suas muitas piadas prontas é que ele já era DNA nove meses antes de Crick e Watson descobrirem o DNA humano. Sua mãe, Janet, era enfermeira no hospital de Addenbrooke e seu pai, Christopher, um professor que se tornaria pós-graduando em teologia, agente de condicional e, por fim, consultor administrativo, o que foi “uma decisão muito, muito estranha”, afirma Adams. “Qualquer pessoa que conhecesse meu pai lhe diria que administração não era exatamente o seu forte.”

A família passou por sérias dificuldades financeiras e trocou Cambridge, seis meses depois de Douglas nascer, por East London, mudando-se de casa de tempos em tempos. Quando tinha 5 anos, seus pais se divorciaram. “A capacidade que as crianças têm de encarar a própria vida com normalidade é impressionante”, diz ele. “Mas é claro que foi difícil. Meus pais se separaram numa época em que isso não era nem de longe tão comum quanto hoje e, para ser franco, tenho poucas lembranças de qualquer coisa que tenha ocorrido antes dos meus 5 anos. De todo modo, não me parece que tenha sido um bom período.”

Após a separação, Douglas e sua irmã mais nova se mudaram com a mãe para Brentwood, em Essex, onde ela dirigiu um abrigo para

animais doentes. Ele passava os fins de semana com seu pai, então comparativamente bem de vida, e essas visitas se tornaram uma fonte de confusão e tensão. Para complicar ainda mais as coisas, vários meios-irmãos surgiam à medida que seus pais voltavam a se casar. Adams afirma que, embora até certo ponto tenha aceitado tudo isso como normal, nem assim deixou de “se comportar de maneira estranha” e lembra-se de ter sido uma criança irrequieta e um tanto esquisita. Durante algum tempo, seus professores acharam que ele tivesse algum tipo de deficiência intelectual, porém, na época em que foi admitido na escola preparatória de Brentwood, sua inteligência já era considerada muito acima da média.

Quando Adams tinha 13 anos, sua mãe se casou novamente e eles se mudaram para Dorset. Adams então deixou de “estudar de dia” para ser matriculado em um internato. A experiência parece ter sido totalmente benéfica. “Sempre que eu saía da escola às quatro da tarde, ficava olhando para os alunos do internato com certa inveja”, diz ele. “Eles pareciam estar se divertindo e a verdade é que eu me dei muito bem no internato. Às vezes, gosto de me imaginar como um espírito rebelde e inconformista. Mas, para ser mais exato, prefiro ter uma boa e aconchegante instituição na qual possa me acomodar um pouco. Não há nada melhor do que algumas restrições contra as quais você possa se rebelar com todo o conforto.”

Adams atribui a qualidade da sua educação ao fato de ter tido como professores “pessoas muito boas, comprometidas, obsessivas e carismáticas”. Frank Halford foi diretor da escola e se lembra de Adams como “muito alto e popular. Ele escreveu uma peça de fim de período quando o seriado *Doctor Who* tinha acabado de estreiar na TV. Chamou-a de ‘Doctor Which’.” Muitos anos depois, Adams escreveria roteiros para *Doctor Who*. Adams descreve Halford como um professor inspirador que o ajuda até hoje. “Ele me deu nota dez em uma redação e essa foi a única ocasião em que fez isso em toda sua

longa carreira. Mesmo agora, quando me vejo chafurdando na noite escura da alma como escritor e acho que não sou mais capaz de fazer isto, minha boia salva-vidas não é o fato de eu ter escrito best-sellers ou obtido grandes conquistas, mas sim o fato de Frank Halford ter me dado uma nota dez. Isso significa que, em algum nível fundamental, eu devo ser capaz.”

Ao que parece, desde muito cedo Adams tinha facilidade para fazer dinheiro com o que escrevia. Vendeu algumas histórias bem curtas, “quase do tamanho de haicais”, para a revista em quadrinhos *Eagle* e recebeu 10 shillings como pagamento. “Na época, dava para comprar praticamente um iate com 10 shillings”, brinca ele. Mas sua verdadeira paixão era a música. Aprendeu a tocar guitarra copiando nota por nota os complexos dedilhados de um dos primeiros álbuns de Paul Simon. Hoje, possui uma enorme coleção de guitarras para canhotos, mas admite que “no fundo, seu coração pertence à música folk”. Mesmo quando estava no palco com o Pink Floyd, tocou um trecho de guitarra muito simples de “Brain Damage”, que era dedilhado.

Adams cresceu na década de 1960, e os Beatles “plantaram uma semente na minha cabeça que a fez explodir. A cada nove meses havia um novo álbum que se mostraria um avanço estrondoso em relação ao que tinham feito antes. Ficamos tão obcecados por eles que quando ‘Penny Lane’ foi lançada e nós ainda não a havíamos escutado na rádio demos uma sova em um garoto que tinha ouvido a música até ele cantarolar a melodia para nós. As pessoas hoje em dia perguntam se o Oasis é tão bom quanto os Beatles. Não acho que eles sejam nem sequer tão bons quanto os Rutles.” ****

Outra influência fundamental foi o Monty Python. Tendo ouvido os principais programas de rádio cômicos britânicos da década de 1950, Douglas Adams descreve como um momento de “epifania” a descoberta de que o humor podia ser uma maneira de as pessoas

inteligentes se expressarem – “sem deixarem de ser muito idiotas ao mesmo tempo”.

Dessa forma, fazia todo o sentido ir para a Universidade de Cambridge, “pois eu queria entrar para a Footlights, a companhia de teatro amador de lá”, diz ele. “Queria ser ator e roteirista como os Pythons. Na verdade, queria ser John Cleese, mas demorei um pouco para perceber que essa vaga já estava ocupada.”

Uma vez na universidade, logo abandonou a carreira de ator – “eu não era confiável o suficiente” – e começou a escrever esquetes confessionais ao estilo Monty Python. Ele se lembra de um sobre um agente ferroviário que deixa todos os desvios da estrada de ferro abertos para defender seu ponto de vista em relação ao existencialismo e de outro sobre as dificuldades de se organizar o congresso anual da Sociedade Paranoide de Crawley.

A curadora de arte Mary Allen, cujo currículo inclui o Arts Council e a Royal Opera House, estudou com Adams em Cambridge e os dois continuam amigos até hoje. Ela atuou em esquetes escritos por Adams e recorda que ele “sempre chamava atenção, mesmo em grupos de pessoas muito talentosas. O material de Douglas era muito individualista. Você precisava estar em sintonia com ele, e ele precisava estar em sintonia com você. Mesmo nos roteiros mais curtos, Douglas criava mundos muito peculiares”.

Adams disse: “Eu sentia um pouco de culpa por estar estudando Letras. Achava que, em vez disso, deveria estar me dedicando a algo útil e desafiador. Mas, embora reclamasse, também gostava da oportunidade de não fazer muita coisa.” Até os ensaios que escrevia eram repletos de piadas. “Se soubesse o que sei agora, teria feito Biologia ou Zoologia. Na época, não fazia ideia de que esse podia ser um assunto interessante, mas agora me parece o assunto mais interessante do mundo.”

Outros contemporâneos de Adams incluem o advogado e apresentador de TV Clive Anderson e o secretário da Cultura Chris Smith, que na época era do grêmio estudantil. Adams costumava participar das rodadas de debates, mas não por se interessar em política: “Eu só estava atrás de qualquer oportunidade de fazer graça. É muito estranho ver que agora essas pessoas se tornaram figuras públicas. Meus contemporâneos já estão começando a ganhar prêmios pelo conjunto da obra, o que obviamente deixaria qualquer um apreensivo.”

Logo que saiu da universidade, Adams teve a chance de trabalhar com um de seus ídolos. Graham Chapman, membro do Monty Python, ficou impressionado com alguns dos esquetes apresentados na Footlights e entrou em contato com Adams. Quando se encontraram, Chapman lhe pediu que o ajudasse com um roteiro que precisava finalizar naquela mesma tarde. “Acabamos trabalhando juntos durante cerca de um ano. Basicamente em um projeto de série para a TV que nunca foi além do episódio piloto.” Nessa época, Chapman estava “mamando umas duas garrafas de gim por dia, o que obviamente atrapalhava um pouco.” Mas Adams o considerava muitíssimo talentoso. “É claro que ele fazia parte de uma equipe e precisava da disciplina de outras pessoas para que sua genialidade funcionasse. Seu ponto forte era acrescentar algo à mistura que virava tudo de pernas para o ar.”

Depois que se separou de Chapman, a carreira de Adams estagnou. Ele continuou a escrever esquetes, mas não conseguia se manter com isso. “No fim das contas, eu não era tão bom nisso. Era incapaz de escrever sob encomenda ou preparar material sobre temas específicos. Mas, de vez em quando, tinha alguma ideia ótima do nada.”

George Perkins, diretor de comédia do canal de televisão BBC, foi o produtor da versão para o rádio de *O Guia do Mochileiro das*

Galáxias e conheceu Adams quando estava dirigindo um espetáculo para a Footlights: “Um dos membros do elenco estava discutindo com ele, que afundou em uma cadeira. Da outra vez que o vi, ele estava tentando escrever esquetes para o programa de rádio *Weekending*, considerado na época uma ótima escola para roteiristas. Douglas foi um dos escritores que erraram tremendamente em esperar chegar a algum lugar com aquele programa. Os produtores valorizavam roteiristas capazes de escrever algo que durasse 30 segundos, enquanto Adams era incapaz de escrever uma só frase que durasse menos do que isso.”

À medida que seus sonhos de se tornar roteirista desmoronavam, Adams arranjava uma série de empregos bizarros, incluindo limpador de galinheiro e segurança da família de um governante do Catar. “A empresa de segurança devia estar desesperada. Consegui o emprego através de um anúncio no jornal.” (O ator Griff Rhys Jones assumiu o mesmo cargo por um tempo graças a uma recomendação de Adams.) Ele se lembra de ficar cada vez mais deprimido ao passar noite após noite sentado diante da porta de quartos de hotel. “Não conseguia parar de pensar que não era assim que as coisas deveriam ter saído.” Foi passar o Natal na casa da mãe e acabou ficando por lá durante o ano seguinte.

Adams recorda que, durante esse período, a família se mostrou bastante preocupada com o que ele iria fazer da vida. Embora ainda enviasse um ou outro esquete para programas de rádio, é o primeiro a admitir que sua confiança estava extremamente abalada. Apesar do sucesso e da riqueza que viria a alcançar no futuro, nunca conseguiria se livrar dessa propensão à baixa autoestima. “Tenho períodos terríveis em que meu amor-próprio despenca”, explica ele. “Nessas horas, simplesmente não acredito que vou conseguir fazer alguma coisa e nada é capaz de tirar isso da minha cabeça. Fiz terapia durante um tempo, mas logo percebi que no meu caso era como se eu fosse um

fazendeiro reclamando do clima. Não dá para consertar o clima – a única coisa a fazer é aceitar e esperar passar.” E essa tática tem ajudado? “Não necessariamente”, confessa ele, encolhendo os ombros.

O *Guia do Mochileiro das Galáxias* seria sua última cartada, mas, olhando para trás, o timing não poderia ter sido melhor. *Guerra nas estrelas* havia colocado a ficção científica na moda e sua experiência com o Monty Python mostrava que, embora um programa de esquetes no rádio estivesse fora de questão, ainda havia espaço para tentar algo dentro do mesmo estilo cômico.

Terry Jones, do Monty Python, ouviu as fitas antes de elas irem ao ar e recorda ter ficado espantado com Adams e sua “abordagem intelectual e suas poderosas ideias conceituais. Você sente que as coisas que ele escreve vêm de uma crítica da vida, como diria Matthew Arnold. Elas possuem uma base moral e crítica que é sustentada por uma mente vigorosa. John Cleese, por exemplo, tem uma mente vigorosa, porém é mais lógico e analítico. Douglas, por sua vez, é mais absurdo e analítico”. Geoffrey Perkins concorda, mas lembra-se de não haver nenhum plano geral por trás do projeto: “Douglas veio com um monte de ideias, mas sem muita noção de como seria a história. Estava escrevendo em um estilo à la Dickens, como os episódios semanais de um folhetim, sem saber direito como terminaria.”

Quando a série foi ao ar, em 1978, Adams havia dedicado cerca de nove meses ininterruptos ao projeto e recebido mil libras pelo trabalho. “Parecia ter ainda muito chão pela frente até conseguir equilibrar minhas finanças”, disse ele. Portanto, aceitou uma vaga de produtor na BBC. Mas pediu demissão seis meses depois, quando se viu ao mesmo tempo escrevendo uma segunda série, um romance, uma série de TV e episódios do seriado *Doctor Who*. Apesar dessa extraordinária carga de trabalho, ele já vinha construindo sua lendária

reputação de não escrever. “Adoro prazos”, disse certa vez. “Adoro o barulho de vento que eles fazem quando os dias vão passando.”

O sucesso só serviu para apurar sua capacidade de procrastinação. Sua editora, Sue Freestone, logo percebeu que ele tratava o processo de escrita como arte performática, então transferiu seu escritório para a sala de jantar de Adams. “Ele precisa de uma plateia instantânea com a qual possa interagir, mas às vezes o tiro pode sair bizarramente pela culatra.”

“Havia uma cena bem no começo de um dos livros em que ele falava sobre uns pratos que tinham apenas uma banana em cada. Isso deveria significar alguma coisa, então pedi que me explicasse. Mas, como Douglas gostava de provocar sua plateia, ele me disse que explicaria outra hora. Quando chegamos ao fim do livro, tornei a perguntar: ‘Ok, Douglas, qual o sentido daquelas bananas?’ Ele me encarou como se não fizesse ideia do que eu estava falando. Tinha se esquecido completamente das bananas. De vez em quando ainda pergunto se ele já lembrou, mas pelo jeito não.”

O escritor e produtor John Lloyd, seu amigo e colaborador desde antes do *Mochileiro*, lembra-se “da indecisão e do pânico angustiantes” em que Adams mergulhava quando estava escrevendo. “Estávamos passando férias na ilha de Corfu com três amigos na época em que ele estava finalizando um livro e Douglas acabou tomando conta da casa inteira. Ele tinha um quarto para escrever, um quarto para dormir, um quarto para ir quando não conseguia dormir e assim por diante. Não lhe ocorreu que outras pessoas talvez também quisessem ter uma boa noite de sono. Ele tem o cérebro do tamanho de um planeta e muitas vezes parece estar vivendo em um mundo diferente. Não é má pessoa, mas quando está entregue ao pânico e não consegue terminar um livro, todo o resto se torna insignificante.”

Apesar dos atrasos, seu trabalho fazia um extraordinário sucesso. Todos os seus livros se tornaram best-sellers, e Adams recebeu um

adiantamento de mais de dois milhões de dólares por parte de seus editores nos Estados Unidos. Escreveu uma hilariante paródia de dicionário em parceria com John Lloyd, chamado *The Meaning of Liff*, em que conceitos que todos conhecemos muito bem, como a sensação de chegar às quatro da tarde sem ter conseguido fazer tudo o que você precisava, recebem nomes de cidades – Farnham sendo a escolha perfeita para esta forma branda de depressão. Ao final da década de 1980, ele já havia terminado dois romances policiais protagonizados pelo detetive Dirk Gently.

Sue Freestone diz ficar comovida com a profundidade da conexão que Adams estabeleceu com alguns de seus leitores através de sua obra, apesar do humor que a permeia. “Em *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, tudo que você precisa fazer para se manter seguro é carregar uma toalha consigo”, explica ela. “Soube da história de uma senhora que estava morrendo em um asilo, mas sentia que tudo iria ficar bem, pois estava com a sua toalha. Ela havia buscado essa referência no universo de Douglas e incorporado ao seu próprio. Ele ficou muito constrangido ao saber disso. Mas, para ela, a toalha foi literalmente um símbolo de segurança quando estava prestes a embarcar em sua jornada rumo ao desconhecido.”

A obra de Adams também lida com temas sérios. O segundo romance da série Dirk Gently pode ser lido como um livro sobre pessoas desabrigadas, sem-teto, excluídas da sociedade. “A imaginação dele não se limita à mera espirituosidade; vai muito além disso”, afirma a editora Freestone. “A crítica social é geralmente soterrada pelo humor, mas está lá se você quiser achá-la.”

Tendo passado por um longo período de vacas magras, Adams trabalhou sem parar até meados da década de 1990, quando tomou a decisão consciente de pisar no freio. “Eu simplesmente travei no meio de um livro e, embora possa soar ingrato da minha parte, ter que

enfrentar intermináveis noites de autógrafos me fazia entrar em crises de depressão que me deixavam bastante agressivo.”

Adams conta que pensava em si mesmo como um roteirista e que se viu sem querer no papel de romancista. “Pode parecer absurdo, mas parte de mim se sentia enganada e tinha a sensação de estar enganando as pessoas. E tem a coisa do círculo vicioso do dinheiro. Você ganha um monte de dinheiro, mas não está feliz. Então a primeira coisa que faz é comprar coisas de que não precisa – e daí precisa de mais dinheiro.”

Sua vida financeira entrou em parafuso na década de 1980. Ele não gosta de entrar em detalhes, mas diz que o baque foi considerável, de modo que todos pensavam que ele era mais rico do que era de fato. É possível acompanhar essa trajetória até mesmo se compararmos a primeira e a segunda temporada do seu programa de rádio. Na primeira havia um monte de piadas sobre pubs e falta de dinheiro. A segunda trazia mais piadas sobre restaurantes caros e contadores.

“Eu me sentia como um rato em uma roda”, diz ele. “Chegou um momento em que não havia mais prazer algum no processo de escrever. Não demora muito para o seu tanque começar a esvaziar.”

Sua resposta para essa falta de combustível foi tentar uma espécie de “rotação criativa de culturas”. Mais especificamente, seu interesse por tecnologia deslanchou, assim como sua fervorosa paixão por questões ambientais. Em 1990, escreveu o livro *Last Chance to See*. “Como sempre acontece nesses casos, foi meu livro que menos vendeu, mas ainda é a coisa que mais me orgulho de ter feito.”

A ideia para o livro surgiu quando Douglas foi enviado a Madagascar por uma revista para encontrar uma espécie rara de lêmure. Ele achou que seria uma experiência interessante, mas ela se tornou uma verdadeira revelação. Seu fascínio pela ecologia o levou a um interesse pela evolução das espécies. “Era como se tivessem me

dado um fio para puxar e, quando comecei a seguir a meada, fui descortinando uma série de questões que me deixaram completamente fascinado.” Um link na assinatura dos seus e-mails agora direciona você ao Dian Fossey Gorilla Fund, que trabalha com a preservação de gorilas, e à outra entidade do gênero, a Save the Rhino, dedicada à proteção dos rinocerontes. Adams também é signatário do Great Ape Project, que defende uma mudança no status moral dos grandes símios, reconhecendo seus direitos à “vida, à liberdade e a uma existência livre de torturas”.

Embora tenha sido um dos membros fundadores da entidade filantrópica Comic Relief, nunca foi um ativista dos mais radicais. As festas que organizava em sua casa em Islington contavam com apresentações musicais de várias lendas do rock e eram frequentadas pela aristocracia da mídia e por bilionários do setor de tecnologia. De forma não muito ortodoxa – para um ateu fervoroso, quase evangelizador –, também organizava cerimônias natalinas todos os anos.

“Quando criança, eu era um cristão praticante. Adorava o coro da escola e lembro que as missas de Natal eram sempre muito emocionantes.” Ele inclui Bach em seu panteão de influências, junto com os Beatles e o Monty Python, mas como conciliar isso com seu profundo ateísmo? “A vida é cheia de coisas que comovem ou afetam você de uma forma ou de outra”, explica. “O fato de eu achar que Bach estava enganado não altera o fato de considerar a ‘Missa em si menor’ uma das maiores façanhas da humanidade. Até hoje ela é capaz de me levar às lágrimas. Acho a religião uma coisa muito interessante. Mas muito me espanta que pessoas tão inteligentes consigam levá-la a sério.”

Esse apego a estruturas tradicionais, se não a crenças tradicionais, se comprova no fato de sua filha, Polly, nascida em 1994, ter quatro padrinhos. Uma das madrinhas é Mary Allen, que foi quem

apresentou Adams à sua esposa, a advogada Jane Belson. Segundo Allen, “no começo da década de 1980, Douglas estava passando por uma crise como escritor e me telefonava todos os dias. Depois de um tempo, perguntei se ele estava se sentindo sozinho. Parecia que sim, então decidimos que ele precisava de alguém para lhe fazer companhia em seu apartamento enorme. Então Jane se mudou para lá”. Eles se casaram em 1991.

Adams diz que, no começo, a mudança foi mais difícil do que ele esperava. “Só fui entender quanto minha mulher era contra a mudança pouco tempo atrás.” Agora, no entanto, recomendaria a qualquer um “nas profundezas da meia-idade a fazer as malas e se mudar para um lugar diferente. Você reinventa sua vida e recomeça do zero. É revigorante”.

Seu papel na empresa pontocom que fundou tem tudo a ver com essa noção de revigoramento. O cargo que ocupa é o de “idealista-chefe”. “Jamais me considerei um autor de ficção científica profética e nunca fui um aspirante a Arthur C. Clarke. O *Mochileiro* foi um recurso narrativo para absorver todas as ideias que vão surgindo, mas acabou se revelando ele próprio uma ótima ideia. Mas isso é só começo”, alerta. “Ainda estamos nadando em uma piscina, enquanto há todo um oceano lá fora.”

Outros novos projetos são um romance – oito anos atrasado –, uma possível adaptação para o cinema da série *Dirk Gently*, o site *H2G2* e um romance a ser lançando por meios eletrônicos. “Venho falando há algum tempo que os livros eletrônicos estão chegando e que eles serão importantes; então de repente Stephen King vai lá e publica um. Fico me sentindo um idiota, pois deveria ter sido eu.”

O projeto do filme tem sido como “vinte anos de prisão de ventre”. Adams compara as negociações com Hollywood a “tentar fritar um bife fazendo com que um monte de gente venha soprá-lo

uma atrás da outra”. Entretanto, ele parece estar entusiasmado com essa forma de arte supostamente arcaica.

“Com tecnologias novas e mais imaturas, há sempre o risco de nos empolgarmos com todas as maneiras como você pode explorar seus limites às custas do que quer dizer. Portanto, é recompensador trabalhar com uma mídia em que não é preciso lidar com esse tipo de problema.”

Depois de um hiato tão longo, ele assinala de forma bastante sensata que muitos desses projetos e ideias acabarão sendo abandonados. “Mas há muitos anos que não escrevo romances e estou afastado desse meio, e precisava mesmo desse intervalo. Tenho pensado muito sobre um monte de outras coisas que não têm nada a ver com romances. Em vez de estar quase sem combustível, minha sensação é de que o tanque está cheio novamente.”

Nicholas Wroe, para o jornal *The Guardian*.
Sábado, 3 de junho de 2000

*** Nota da Editora: Ainda demorou um pouco, mas, de fato, *O Guia do Mochileiro das Galáxias* ganhou uma versão cinematográfica em 2005, sob a direção de Garth Jennings.

**** O The Rutles era uma paródia dos Beatles criada pelo grupo de comédia Monty Python.

Nome: *Douglas Noel Adams.*

Nascimento: *11 de março de 1952, Cambridge.*

Educação: *Brentwood School, Essex; St. John's College, Cambridge.*

Casamento: *Jane Belson, em 1991 (uma filha, Polly, nascida em 1994).*

Experiência profissional: *roteirista de rádio e TV (1974-78); produtor da rádio BBC (1978).*

Principais roteiros: *O Guia do Mochileiro das Galáxias, 1978 e 1980 (rádio), 1981 (TV).*

Jogos: *The Hitchhiker's Guide to the Galaxy, 1984; Bureaucracy, 1987; Starship Titanic, 1997.*

Livros: *O Guia do Mochileiro das Galáxias, 1979; O Restaurante no Fim do Universo, 1980; A Vida, o Universo e Tudo Mais, 1982; The Meaning of Liff (com John Lloyd), 1983; Até Mais, e Obrigado pelos Peixes!, 1984; Dirk Gently's Holistic Detective Agency, 1987; The Long Dark Tea-Time of the Soul, 1988; Last Chance to See, 1990; The Deeper Meaning of Liff (com John Lloyd), 1990; Praticamente Inofensiva, 1992.*

Agradecimentos do editor

A Douglas, sem o qual não estaríamos dividindo com o mundo a abundância de prazeres encontrada nestas páginas. Sinto sua falta.

A Jane Belson, a amada esposa de Douglas; sua crença neste livro e seu apoio ofereceram a base em que ele se sustenta;

A Ed Victor, agente de longa data e amigo de confiança de Douglas, cujo comprometimento com este projeto afastou todos os obstáculos possíveis do caminho;

A Sophie Astin, inestimável assistente de Douglas, cujas inteligência, dedicação e contribuição direta se mostraram fundamentais;

A Chris Ogle, um dos amigos mais próximos de Douglas, cuja habilidade com computadores e cujo conhecimento do processo de raciocínio dele e do seu sistema de arquivamento possibilitaram que reuníssemos todo o trabalho de Douglas, sem o qual este livro não existiria;

A Robbie Stamp, amigo e sócio de Douglas, que me lembrou que ele já havia elaborado a estrutura deste livro;

A Shaye Areheart e Linda Loewenthal, da Harmony Books, que me convidaram para este projeto, e a Bruce Harris, Chip Gibson, Andrew Martin, Hilary Bass e Tina Constable, que publicaram e amaram Douglas; a Peter Strauss e Nicky Hursell, do Reino Unido, por suas valiosas sugestões editoriais;

A Mike J. Simpson, ex-presidente do ZZ9, o fã-clube oficial de Douglas Adams, cuja generosidade e cujo conhecimento enciclopédico da vida e da obra de Douglas foram uma fonte inestimável de informações;

A Patrick Hunnicutt, por seu auxílio em Chapel Hill, Carolina do Norte, e a Lizzy Kremer, Maggie Philips e Linda Van no escritório de Ed Victor;

Aos vários jornais, revistas, escritores e amigos de Douglas que permitiram generosamente a reprodução de seus trabalhos aqui;

A Isabel, minha parceira na vida;

Aos meus filhos, Sam e William, que, como todos das gerações mais novas tendem a fazer, devoraram os livros de Douglas;

A todos os leitores de Douglas Adams: como vocês sabem, o amor era (e ainda é) recíproco.

Agradecemos aos seguintes veículos, editoras e indivíduos pela permissão para reimprimirmos materiais previamente publicados: **American Atheist Press:** “Interview with Douglas Adams”. *American Atheist*, v. 40, n. 1 (Inverno 2001-02). Reimpresso por permissão da American Atheist Press. **Byron Press Visual Publications:** “Introduction.” In: *The Hitchhiker’s Guide to the Galaxy (Collected Edition)*, DC Comics, v. 1 (maio de 1997). Reimpresso por permissão da Byron Press Visual Publications. **Daily Nexus:** “Entrevista para o Daily Nexus”, de Brendan Buhler, Daily Nexus, Universidade da Califórnia, Santa Barbara, *Artsweek* (5 de abril de 2001). **Richard Dawkins:** “A Lament for Douglas Adams”, de Richard Dawkins, *The Guardian* (14 de maio de 2001). Reimpresso por permissão do autor. **Matt Newsome:** “Entrevista com Douglas Adams”, de Matt Newsome. Copyright © 1998, 2002 by Matt Newsome. Reimpresso por permissão do autor. **The Onion A.V. Club:** “Entrevista com Douglas Adams”, de Keith Phipps, *The Onion A.V. Club* (janeiro de 1998). Reimpresso por permissão de The Onion A.V. Club. **Pan Macmillan:** Trechos de *Original Hitchhiker Radio Scripts*, de Douglas Adams & G. Perkins (ed.). Copyright © 1995 by Serious Productions Ltd. Reimpresso por permissão da Pan Books, um selo da Pan Macmillan. **Robson Books:** “Maggie and Trudie.” In: *Animal Passions*, de Alan Coven. Reimpresso por permissão da Robson Books. **Virgin Net Limited:** “Entrevista para a Virgin.net, Ltd.”, conduzida por Claire Smith (22 de setembro de 1999). Reimpresso por permissão da Virgin Net Limited. **Nicholas Wroe:** “The Biography of Douglas

Adams”, de Nicolas Wroe, *The Guardian* (3 de junho de 2000).
Reimpresso por permissão do autor.

Sobre o autor



DOUGLAS ADAMS é autor da série *O Mochileiro das Galáxias*, cujos títulos incluem *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, *O Restaurante no Fim do Universo*, *A vida, o Universo e Tudo Mais*, *Até Mais*, e *Obrigado pelos Peixes!* e *Praticamente Inofensiva*, todos publicados pela Arqueiro. Adams nasceu em Cambridge, Inglaterra, em 1952 e morreu em 2001.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS
DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento e À primeira vista, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br, e curta nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta cadastrar-se diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[NOTA DO EDITOR](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[A VIDA](#)

[O UNIVERSO](#)

[E TUDO MAIS](#)

[EPÍLOGO](#)

[OUTRO EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS DO EDITOR](#)

[SOBRE O AUTOR](#)